

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Wanda Rogéria Campos Lima Assis

Ressignificando a prática e a teoria: uma experiência de complementação no
Programa Saúde da Família

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Wanda Rogéria Campos Lima Assis

Ressignificando a prática e a teoria: uma experiência de complementação no
Programa Saúde da Família

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Tese apresentada à Banca Examinadora como
requisito parcial para obtenção do título de
Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, sob a
orientação da Profa. Doutora Ceneide Maria de
Oliveira Cerveny

SÃO PAULO
2012

Banca Examinadora

Dedicatória

Dedico essa tese a meus queridos pais José Campos Lima (in memoriam) e Vanda Campos Lima, pensando na continuidade de um longo processo no caminhar da vida. Foram pessoas que em seus encontros e desencontros, muitas vezes árduos, tão bem souberam educar e cuidar da educação e da saúde de seus 8 filhos, dando o melhor de si em termos de amor, conhecimento, e sabedoria nas trocas de experiências.

Ninguém melhor que ambos para transmitir os valores que toda criança precisa para se constituir em um ser humano integro e diferenciado, pois ao mesmo tempo em que nos educaram dentro de moldes conservadores e comunais, deram-nos condições para sermos respeitados em nossa singularidade.

Uma simples homenagem como uma dedicatória é um tributo muito pequeno quando se pensa nos momentos difíceis de sua época, que tiveram de enfrentar. Como filha, reconheço-os como bons pais, mas que isso, reconheço-os como pessoas que deram seu melhor na criação dos filhos, deixando-nos como modelo o amor incondicional do cuidador desinteressado.

Minha dedicatória vai além de reconhecer seus méritos, vai ao encontro de pessoas que se permitiram e se mobilizaram para concretizar seus sonhos. O primeiro desses sonhos, o de ter uma filha doutora, concretizou-se por meio de mim, como algo muito importante para uma família interiorana mineira.

Mal sabiam eles, que não importava o tempo para que esse sonho se concretizasse, e sim o que foi transmitido como mensagem para nós, os filhos, sobre a importância da persistência, da paciência e da “garra” ao enfrentar as dificuldades da vida, o que me tornou resiliente o suficiente para chegar até aqui, independente da idade e do tempo para aprender. Agora, nada mais justo do que compartilhar com ambos este ganho.

Enfim, a meu saudoso pai e à minha amada mãe dedico esse caminho acadêmico de busca da compreensão do conviver e do relacionar, o que na prática já havia tão bem aprendido com eles.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado ao longo de três anos, porém esteve em minha mente por outros longos anos, até que pude com persistência e encontros relacionais, realizá-lo, porém nunca me distanciei de seu sentido: o de unir, interconectar e pensar sobre as emoções e as relações. Como em todo sonho que se realiza, agora chegou o momento de agradecer a conquista desse objetivo.

Quero agradecer principalmente o aprendizado do compartilhamento de trocas, de estar com várias pessoas nesse presente recente, ou no passado, que de qualquer maneira também estiveram interconectadas comigo pela objetividade ou pela intersubjetividade nessa pesquisa de ordem relacional.

Meus agradecimentos a todos os professores do Curso de Pós-Graduação da PUC/SP e às aulas de Intergeracionalidade, e em especialmente à minha banca, os quais oportunizaram mais uma vez a revisão de meu projeto de doutorado e a reorganização de minha história pessoal em coerência com a minha escolha profissional em diferentes momentos.

Todo este tempo tive o prazer de trabalhar com pessoas muito capazes que me guiaram para este melhor que pude co-construir nessa tese. Entre elas, esteve comigo ao longo de doze anos minha querida, leal, amiga e mestre Profa. Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cerveny, à qual agradeço o modelo de ser humano e profissional. Agradeço de modo especial o incentivo, e à força para que eu continuasse, pois nunca me deixou desistir, embora muitas vezes eu o quisesse. Foi a primeira pessoa quem acreditou realmente em meu potencial cognitivo e emocional, ajudou a reconstruir meu profissional, a co-construir este caminho de afeto relacional e de conhecimento, encaminhando-me para a pesquisa acadêmica e para uma carreira diferenciada de psicóloga enriquecida com o olhar intergeracional e relacional.

Outras pessoas também apoiadoras estiveram comigo por menor tempo, porém não foram menos importante, pois me ajudaram a refletir e refletir seriamente sobre co-responsabilidade social, sobre os relacionamentos dentro da perspectiva da Psicologia.

Ao longo de meu processo de doutorado tive o privilégio de conviver com profissionais admiráveis por suas carreiras e produção científica. A todas, meu muito

obrigada, Marilene Grandesso, Rosa Maria Stefanini de Macedo, Adriana Leônidas de Oliveira, dentre outras.

Alguns autores foram de extrema importância na mudança de propósitos e maneira de pensar a Pós-Modernidade, meus eternos agradecimentos a Harlene Anderson, Kenneth Gergen, John Shotter e Sheila McNamee.

Agradeço também à disponibilidade e contribuição de Dra. Jaqueline Brandão Guerreiro Maroti e Dra. Claudete Ribeiro de Lima.

Certas pessoas foram imprescindíveis e estiveram comigo em muitas horas de angústia, cansaço e dificuldades quando iam além do esperado. Gostaria muito de agradecê-las do fundo de meu coração o carinho de compartilhar comigo de todos os esforços para a construção deste trabalho, do qual eu fui a maior beneficiada em meu crescimento enquanto ser humano, que foi grande e ultrapassou o imaginável. Em tempo real elas participaram simultaneamente à execução de meu trabalho de uma construção de sentido, e trouxeram o importante significado da generosidade na convivência do cotidiano com sua paciência, tolerância, compreensão e, principalmente, por ajudarem a me sentir menos sozinha em um momento tão solitário quanto a da produção científica, mas compreendida e apoiada. Estas pessoas queridas são Ana Márcia Batista Chaves da Silva, Teresinha Elisete Coiahy Rocha de Macêdo e Maria Auxiliadora Coiahy Rocha.

Em especial quero agradecer ao grupo de participantes de meu estudo, meus queridos colaboradores da Unidade Básica de Saúde de Delfim Moreira pela oportunidade única dessa troca de conhecimentos, experiências e histórias de vidas lindas, que levo em meu ouvir e guardo em meu coração para sempre. Em especial o carinho da Gestora de Saúde dessa cidade, Maria Goretti Ferreira Parada de Oliveira por ser tão humana, solidária e responsiva nesta função maravilhosa co-construindo a realidade de integração na área de saúde, em minha querida Minas Gerais.

À minha querida família de origem e atual, agradeço a compreensão, paciência e tolerância por conviver com alguém em meio a seus livros e sem o menor tempo para um maior convívio dos prazeres que se pode ter junto a uma família e para trocas de outra natureza tão ou mais importantes que as acadêmicas. Aos meus queridos e amados netos Getúlio e Victor, agradeço o compartilhar das brincadeiras, historinhas em vídeo e a oportunidade da leveza do convívio, que só me trouxeram alívio nestes três últimos anos. Agradeço-os pelas horas em que

junto a eles podia descansar do pensar e podia brincar e entrar no mundo do sentir, em trocas de sentimentos inocentes e do amor incondicional. Eles não têm ideia do quanto foram importantes para eu pensar no sentido da transmissão do conhecimento às novas gerações e sobre a importância da Intergeracionalidade.

Este foi mais um trabalho realizado em torno das relações, mas que comprovou como se sobrevive em vários papéis com o apoio e compartilhamentos relacionais e o quanto eles são fundamentais para que vislumbremos, realizemos sonhos, principalmente quando podemos estar próximos de pessoas sensíveis, acolhedoras, interconectadas e sensível ao relacional humano e não só à sua individualidade ou à do sistema.

Em geral agradeço a todos que oportunizaram o aprendizado desse trabalho que me trouxe um valor inestimável sobre a compreensão de nós mesmos, da maneira como interagimos e o quanto precisamos muito ainda de nos conhecer e de nos estudar em convivência, usando nossas lentes para nos rever e nos reinventar a cada dia.

RESUMO

“Ressignificando a prática e a teoria: uma experiência de complementação no Programa Saúde da Família”

Esse estudo foi realizado em Delfim Moreira (MG), na área de saúde e trata-se de uma pesquisa de campo, de caráter exploratório-descritiva, abordada sob a forma de pesquisa qualitativa dentro de uma visão do Construcionismo Social. O objetivo maior desse estudo foi analisar a contribuição do Programa de Ressignificação da Família de Origem do Profissional de Saúde (PRORFOPS) na complementação teórica e ressignificação da prática de profissionais da saúde pertencentes à equipe multidisciplinar da Unidade Básica de Saúde (UBS). Participaram desse projeto 15 profissionais dando-se ênfase aos aspectos intergeracionais das interações familiares e comunicação afetiva. Seus objetivos específicos foram: a compreensão das famílias atendidas enquanto sistemas interconectados, a Intergeracionalidade, a comunicação afetiva; o processo de individuação ampliando a percepção do “si mesmo” em construção relacional, as potencialidades do grupo de trabalho e seu fortalecimento; a pertinência dos temas trabalhados, segundo a visão desses profissionais. Utilizou-se dos seguintes instrumentos: Histórias de Vida, Genograma, Livreto de Memórias e Questionários. Os dados obtidos foram analisados com ferramentas qualitativas de Análise de Conteúdo. Essa análise apontou para uma integração do discurso individual com o dos sistemas interligados, e um deslocamento deste mesmo discurso para uma compreensão do eu relacional, sensibilizando o participante para a co-responsabilidade relacional, familiar, social.

Palavras Chave: PRORFOPS, Intergeracionalidade, construção relacional, comunicação afetiva, complementação de estudos.

ABSTRACT

"Redefines the meaning of the theory and practice: an experience to complement the Family Health Program"

This study was conducted in Delfim Moreira (MG) in the area of healthcare, done in an exploratory and descriptive manner, addressed in the form of qualitative research through a vision of social constructionism. The main objective of this study was to analyze the contribution of Program: Re-defining Family Origins of the Healthcare Professional (PRORFOPS) in the theoretical aggregation and the redefinition of professional healthcare practices belonging to the multidisciplinary team from Basic Health Unit (UBS). A total of 15 professionals participated in this project with an emphasis on the intergenerational aspects of family interactions and affective communication. Its specific objectives were: to gain an understanding of families in their interconnected systems, the intergenerational relationships, the affective communication; the process of individualism expanding one's perception of "self" in a relational construct, the potential of the group and their own strengthening; the relevance of themes discussed in the view of these professionals. The following instruments were used: Life Stories, Genograms, Memory Booklets and Questionnaires. The data was analyzed using qualitative tools for Content Analysis, indicating an integration of individual speech within the interconnected systems, and a shift of this same speech towards a relational understanding of self, sensitizing the participants to co-responsibility in familial and social relations.

Keywords: PRORFOPS, intergenerational relationships, relationship construction, affective communication.

RÉSUMÉ

“Donner un nouveau sens à la théorie et la pratique: une expérience pour compléter le Programme de santé familiale”

Cette étude a été réalisée à Delfim Moreira dans l'état de Minas-Gerais, dans la branche de Santé. Il s'agit d'une recherche du domaine, d'un caractère exploratif-descriptif, abordé sous la forme d'une recherche de qualité dans une vision de Constructionisme Social. Le plus grand objectif de cette étude a été d'analyser la contribution du Programme de la Resignification a la Famille d'origine du Professionnel de la Sante (PRORFOPS), dans la complementation théorique et la resignification de la pratique des professionnels de la santé, appartenant à l'équipe muti-disciplinaire de la Unité de Santé de base (UBS). 15 Professionnels ont participés de ce projet en donnant une emphase aux aspects intergerationnels dans les interactions de famille et la communication affective. Ses objectifs spécifiques ont été: la compréhension des familles assistées, tandis que des systèmes interconnectés, la intergerationnalité, la communication affective, le processus individualiste ampliant la perception de soi même dans la construction relationnelle, les potentialités de groupe de travail et son renfort: la pertinence des thèmes travaillés, en accord avec la vision de ses professionnels. On utilise les instruments suivants: Les histoires de la vie, Genogramme, Le livret des mémoires et les questionnaires. Les données obtenues ont été analysées comme outil de qualité de l'Analyse du Contenu. Cette Analyse montre une intégration du discours individuel avec les systèmes interliés et un déplacement de ce même discours pour une compréhension du Moi Relationnel qui sensibilise le participant pour la co-responsabilité relationnelle de famille et du social.

Mots-Clés: PRORFOPS, Intergerationnalité, construction relationnelle, communication affective, complementation d'étude

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Aplicação do Genograma.....	193
Figura 2: Aplicação do Genograma.....	194
Figura 3: Localização do município de Delfim Moreira (MG).....	214
Figura 4: Cidade de Delfim Moreira.....	214
Figura 5: Unidade Básica de Saúde de Delfim Moreira (MG).....	216
Figura 6: Diagrama - Fenômeno 1	236
Figura 7: Diagrama - Fenômeno 2	246
Figura 8: Diagrama - Fenômeno 3	271
Figura 9: Diagrama - Fenômeno 4	307
Figura 10: Diagrama - Fenômeno 5	329
Figura 11: Diagrama - Fenômeno 6	342
Figura 12: Diagrama - Fenômeno 7	355
Figura 13: Diagrama - Fenômeno 8	364
Figura 14: Diagrama 9.....	374

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Novas configurações familiares.....	52
Quadro 2: Caracterização da Escala de Diferenciação do <i>Self</i>	74
Quadro 3: Modalidades do fluxo de ansiedade na família.....	78
Quadro 4: Caracterização de alguns processos emocionais conceituados por Bowen.....	83
Quadro 5: Breve descrição da pesquisa	213
Quadro 6: Perfil sócio-cultural dos participantes	218
Quadro 7: Identificação da amostra do Grupo 1.....	219
Quadro 8: Identificação da amostra do Grupo 2.....	219
Quadro 9: Cronograma de realização das oficinas de complementação de estudos.....	226
Quadro 10: Fenômeno 1 “Construindo Sentido Relacional”.....	237
Quadro 11: Fenômeno 2 - Experienciando Transformações Nas Relações Internas	247
Quadro 12: Fenômeno 3 - Cristalizando A Construção Da Linguagem Intergeracional.....	272
Quadro 13: Fenômeno 4 - A Comunicação Influenciando o Pensamento e o Sentimento Afetando as Relações	308
Quadro 14: Co-Construindo Realidades com as Palavras que Usamos	330
Quadro 15: Descobrindo o Sentido das Relações.....	343
Quadro 16: Compreendendo a Importância das Relações	346
Quadro 17: Trabalhando com a Multidisciplinaridade	349
Quadro 18: Interconectando-se com o Valor da Própria História	356
Quadro 19: Percebendo-se Interconectado com o Todo.....	359
Quadro 20: Fazendo Parte e Agindo.....	361
Quadro 21: Trocando Experiências.....	365
Quadro 22: Surpreendendo-se com o Desconhecido	367
Quadro 23: Posicionando-se em Prol da Ação.....	370

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
ABSTRACT	9
RÉSUMÉ	10
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 - REVENDO AUTORES, TEORIAS E PRÁTICAS DO SABER PENSANDO EM RELAÇÕES FAMILIARES E SOCIAIS	26
1.1 O pensamento sistêmico e a compreensão da família contemporânea	27
1.2 O pensamento pós-moderno: nova perspectiva para a Ciência.....	33
1.2.1 Ser pesquisador numa visão pós-moderna	40
1.2.2 Quando o olhar para as relações une terapeuta e pesquisador.....	42
1.3 A visão da pesquisadora e a construção epistemológica da pesquisa.....	46
CAPÍTULO 2 - CONTRIBUIÇÃO DO OLHAR INTERGERACIONAL PARA PENSAR AS RELAÇÕES	61
2.1 Algumas reflexões sobre a Intergeracionalidade e o Genograma enquanto mapa relacional	61
2.2 O modelo de Bowen (1954/1959) sobre o desenvolvimento emocional da família e as interconexões com a leitura intergeracional.....	68
2.3 Temas intergeracionais explorados sob o foco das relações	84
2.4 Afetividade.....	92
CAPÍTULO 3 - COMPREENDENDO O POTENCIAL DAS RELAÇÕES	101
3.1 Tecendo considerações sobre relacionamentos	102
3.2 Elementos que permeiam as relações	105
3.2.1 O Afeto	106
3.2.2 A comunicação.....	108
3.2.2.1 Conversações transformadoras	111
3.2.2.2 Conversações transformadoras uma reflexão sobre as ideias de McNamee e Grandesso	119
3.3 Linguagem.....	121
3.3.1 A função social da linguagem nos processos de interação	125
3.4 A visão da terapia familiar na Abordagem Narrativa	128
3.5 A visão da terapia familiar na Abordagem Colaborativa.....	132
3.6 A leitura dos discursos como ferramenta de auto-conhecimento	137
3.7 Algumas outras contribuições que se somam à da pesquisadora.....	139
CAPÍTULO 4 - SISTEMA DE SAÚDE BRASILEIRO E PROGRAMAS DE COMPLEMENTAÇÃO DE ESTUDOS.....	145

4.1. As políticas de atenção à saúde no Brasil numa perspectiva histórica	146
4.2 A Estratégia Programa Saúde da Família	151
4.2.1 Os princípios norteadores do Programa Saúde da Família.....	152
4.2.2 A operacionalização do Programa Saúde da Família	153
4.2.3 Fatores coadjuvantes na implantação do PSF	157
4.2.4 O Programa Saúde da Família no fiel da balança.....	158
4.2.5 Os desafios do Programa Saúde da Família como processo de reorientação do modelo assistencial	160
4.3 Panorama da saúde no Estado de Minas Gerais	163
4.3.1 Considerações sobre a implantação de políticas sociais na área da saúde em Minas Gerais	166
4.4 Programas de complementação de estudos no contexto da capacitação.....	167
4.4.1 Etapas a vencer quando se pensa em capacitação	172
4.4.2 Novos enfoques educativos: capacitação no contexto da Educação Permanente.....	174
4.4.3 Avaliando a experiência da Educação Permanente	176
4.5 O respaldo da epistemologia sistêmica à atenção básica à saúde	178
4.5.1 Imprimindo uma visão sistêmica ao programa de complementação de estudos elaborado.....	181
CAPÍTULO 5 - PROGRAMA DE RESSIGNIFICAÇÃO DA FAMÍLIA DE ORIGEM DO PROFISSIONAL DE SAÚDE (PRORFOPS)	187
CAPÍTULO 6 - MÉTODO.....	210
6.1 Descrição sumária da pesquisa	212
6.2 Participantes.....	218
6.3 Instrumentos de Pesquisa	219
6.3.1 Histórias de vida	219
6.3.2 Genograma	221
6.3.3 Questionário	224
6.3.4 Livreto de Memórias	225
6.4 Procedimento	225
6.5 Questões éticas.....	231
6.6 Analise dos dados e Discussão dos Resultados	232
6.6.1 Procedimentos analíticos	232
6.6.2 Construindo Sentido Relacional	235
6.6.3 Experienciando Transformações Nas Relações Internas.....	245
6.6.4 Cristalizando As Construções Da Linguagem Intergeracional.....	270

6.6.5 A Comunicação Influenciando o Pensamento e o Sentimento Afetando as Relações.....	305
6.6.6 Co-Construindo Realidades com as Palavras que Usamos	328
6.6.7 Descobrindo o Sentido das Relações	340
6.6.8 Interconectando-se com o Eu e com o Sistema.....	354
6.7 Discussão de Resultados	375
CONSIDERAÇÕES FINAIS	383
REFERÊNCIAS.....	390

PROGRAMA DE RESSIGNIFICAÇÃO DA FAMÍLIA DE ORIGEM DO PROFISSIONAL DE SAÚDE (PRORFOPS)

INTRODUÇÃO

Enfrentando desafios

G1/P2: A família, pai e mãe, têm gar-
medo do filho arriscar e se machu-
car...

G1/ P3: Você já fica com medo de
sair daquele padrão e depois a con-
sequência que você vai ter que le-
var. Eu vou dar um passo na minha
vida, como eu já tive oportunidade,

mas meu pai não aceitou aquele
passo que eu vou dar, a minha fa-
mília não aceitou. Então eu fiquei
paradinha naquele lugar... Eu não
consegui romper isso. Eu não con-

G1/ P3: Eu sou muito insegura.
Acho que já deu para todos perce-
berem. Estou tentando romper os
meus limites. Eu sei disso.

G1/ P3: É interessante, que eu tam-
bém tentei ser diferente, eu mudei
até de religião..., mas devido ao
meu pai que a gente sempre teve

G1/ P3: Buscar outro caminho?
Quando você não quer viver algu-
ma coisa, você busca outro cami-
nho. Quando a gente vai aprender a
cuidar da gente? Quando a gente
olhar pra gente mesmo. Quando a
gente enxergar a gente mesmo.

G1/P6: O sistema não gosta de
mudanças...

G1/P6: Porque é mais fácil a gente
viver aquilo que já está certinho,
arrumadinho do que ficar mudando.

G1/P7: Sei lá... eu achei interessan-
te que apesar da gente achar que o
melhor pra gente é sair, buscar ou-
tro rumo, a gente se apega muito no
que os outros vão pensar, na opini-
ão... a gente tem a da gente, mas se
preocupa muito com a opinião dos
outros.

G1/P7: É comigo. Com que os
outros vão pensar de mim... sei lá.
Minha família é muito religiosa...
eu fui a diferente...

Percebendo maiores relevâncias que as próprias

P2/G9:... por exemplo, eu vou cui-
dar do paciente, fazer um procedi-
mento invasivo, eu vejo antes que é
um ser humano.... Eu sei que é um
ser humano que está ali, mas agora,

P1/G1: ... a gente amadurece... hoje
eu ouço muito a minha mãe, as mi-
nhas irmãs, os meus filhos e até
mesmo para a parte de história, de
mitos, crenças...

P2/G10: Agora eu estou conse-
guindo ver as reações das pessoas
mas queixas, eu vejo que emocio-
nalmente tem muitas coisas atrás.

G1/P1: A gente começa a compre-
ender muita coisa quando passa a
de maneira diferente, e estou conse-
guindo trabalhar bem isso... a gente

INTRODUÇÃO

Para mim, constitui-se em um desafio iniciar qualquer trabalho acadêmico, dado o caráter de síntese e ao mesmo tempo abrangência que se espera de uma introdução. Depois de muitas idas e vindas pensei: por que não recorrer ao pensamento de alguém, cuja experiência e conhecimento pudessem traduzir o que eu mesma gostaria de dizer? Nessa busca deparei-me com o pensamento de Macedo (2011) que me auxiliou a balizar o caminho para introduzir esse estudo. De fato, a preocupação com o olhar do profissional cuidador e sua autopercepção como um ser em relação construcional deve ser considerada, especialmente quando se investe numa proposta de cuidados com profissionais de saúde.

Pensando então na terapia familiar, cabe perguntar-nos até que ponto, em que medida, enfim de que maneiras, nós todos terapeutas familiares, bem como aqueles que estamos formando, compartilhamos dessas construções. Quais são as nossas lentes? Quais seriam as diretrizes para uma reflexão crítica de nossas posições em relação a esses vieses culturais? (2011 p.XIV).

A esse rol de perguntas, eu acrescentaria: Estamos caminhando para intervenções que preveem a família enquanto sujeito de direitos? Para a socialização das informações, para a auto-organização, autonomia e ação colaborativa? E para a responsabilidade compartilhada?

Essa reflexão ampliou minha percepção sobre o olhar do terapeuta, agora transpondo-a para o do pesquisador. Até que ponto nossa visão crítica de terapeuta familiar também se agrega à do pesquisador? As práticas se entrelaçariam com as teorias? Essa pesquisa também busca compreender como ampliamos estes olhares co-construídos em sistemas amplos interconectados com o do pesquisador, compartilhando com mais esta preocupação de Macedo sobre nossas lentes e a utilização das mesmas envolvendo construções relacionais pessoais, familiares e sociais.

A ideia de trabalhar a visão psicológica intergeracional e relacional, em políticas públicas de saúde, passa por um sonho antigo desde o início de minha trajetória enquanto terapeuta familiar e de comunidade, porém após trabalhar o tema de minha tese, em estudos intergeracionais, penso que, talvez, isso tenha ocorrido antes mesmo de minha escolha profissional.

Como trabalhar com as narrativas das histórias de vida relacional das pessoas e não falar na história de vida de quem cuida? Seria esta uma das diferenças para se iniciar cuidados em quem escolhe cuidar?

Durante essa busca em meu caminho evolutivo, trabalhar “o si mesmo em construção relacional” já fazia parte de minha herança intergeracional e da cultura comunal mineira. Algo bem cobrado hierarquicamente em discursos de famílias tradicionais em conversações do cotidiano familiar. Porém, os reflexos da época moderna incentivavam também o discurso individualista, do “eu posso”, “eu faço”, “eu tenho”, “se vira”: um paradoxo com as tradições! Penso que essa nova visão sobre a maneira de se construir relações, afetou nossos vínculos, a confiança nos outros, nos valores morais, ou até mesmo sobre nosso olhar desqualificativo, romântico e inocente para as relações, misturado ao de nossa cultura. E o que isto tem a ver com nosso olhar relacional de hoje? E com nosso olhar de pesquisador?

“Passo do eu para o nós quando conto a minha/nossa historia”, Anderson, H. (2009, prefácio, p. XIX). Portanto, minha escolha pessoal pela Ciência Social e Psicologia foi uma ampliação desta busca de significados para conhecer o “si mesmo” em relação com o “nós”, um caminho relacional desenvolvido por muitos autores, e hoje evidenciado pela visão do Construcionismo Social em estudos colaborativos do “eu”, do “nós” e do “entre” e “com” como nos aponta Grandesso (2011), nos sistemas e indivíduos. Hoje sinto-me mais preparada para refletir com mais propriedade sobre essas questões relacionais sociais com as novas e diversas formas de olhar para nós e a saúde, e como nos construímos em processo de linguagem e relações.

Destacam-se aqui marcantes diferenças culturais onde o conceito de individualidade se diferencia de uma cultura comunal e os ensinamentos de Waldegrave se fez presente em minhas reflexões.

[...] para as pessoas que vêm de culturas comunais ou de famílias ampliadas, as questões de auto exposição e auto-affirmação são frequentemente confusas e até mesmo perturbadoras. [...] As perguntas relacionadas ao self em geral perturbam as pessoas das culturas comunais e de famílias ampliadas; elas chocam terrivelmente sua sensibilidade. Nas culturas baseadas no indivíduo, essas perguntas podem ser bastante apropriadas. Fora destas culturas, no entanto, as perguntas são frequentemente experimentadas como invasivas e rudes. (2003, p.466).

Um cuidado que tive nestes estudos e na busca por uma abordagem foi o de não invadir a cultura do outro. Iniciando as conversações, investigando, fazendo

perguntas sobre a cultura mineira, sobre a família ampliada com muitos filhos, observei que era necessário ter um cuidado para não invadir os indivíduos pelas relações, e que a abordagem intergeracional daria margem que isso ocorresse sem ferir as pessoas.

Justificativa

Em função de minha trajetória de vida, busquei elaborar meu doutorado aproveitando a oportunidade de desenvolver um trabalho de pesquisa com os profissionais do Programa Saúde da Família (PSF) da cidade de Delfim Moreira (MG). Minha observação de trabalhos antes executados em terapia comunitária no sul de Minas Gerais, de que tais profissionais ansiavam por subsídios para a melhora de seu desempenho, veio ao encontro do desejo da Secretaria Municipal de Saúde dessa mesma cidade, no sentido de proporcionar oficinas de estudos, para complementar o conhecimento na área familiar com um olhar psicológico intergeracional.

Esse estudo exigiu que eu assumisse uma postura responsiva e cuidadora no sentido de cuidar de quem cuida e ao mesmo tempo levar em consideração cada um dos sistemas em interconexão: o sistema de saúde local, o sistema educacional da PUC, meu sistema pessoal como profissional e o da equipe pesquisada. Essas interconexões alcançam ainda os sistemas dos usuários de saúde da comunidade e, os dos alunos da PUC, entre outros que por ventura venham a ler essa tese. Neste estudo esteve sempre presente o olhar sistêmico para sistemas amplos, cujas interconexões poderiam muito bem ser representadas pela metáfora de um rizoma, ou as sinapses de um cérebro.

A interconexão destes sistemas envolve a pessoa do terapeuta/pesquisador como co-construtor das realidades com as quais trabalha, portanto de uma visão de dentro do processo, de sistemas interligados, participante e atuante. Assim, o pesquisador fica mobilizado nos campos prático e teórico pensando criticamente e vivenciando com o outro a realidade dos sistemas amplos em que se atua.

Um fator relevante para a efetivação dessa pesquisa foi a escassez de trabalhos orientados para o profissional da saúde, em termos de um olhar psicológico mais específico para a família intergeracional e as relações envolvendo os vínculos, os afetos, a comunicação e as influências sofridas por quem cuida de

quem cuida, considerando-se inclusive a Síndrome de Burnout, como possibilidade de investigação sugerida pela própria gestora de saúde dessa cidade, preocupada com o estresse sofrido por seus profissionais na execução de suas atividades. O que acredito e percebo hoje, pensando em termos de políticas públicas em saúde?

Pensando em efeitos como o da mundialização, do olhar sistêmico, preocupei-me com a saúde e com todas as influências que estamos vivendo socialmente e o quanto isto afeta nossas relações, vínculos, portanto algo que afeta o psicossocial. Então me pergunto: como fica nossa prática profissional diante dessa percepção para uma mobilização em processo recursivo? É impossível não perceber em relatos, nas pessoas, na mídia, que os tratamentos precisam ser revistos em prol de uma visão mais ampla, como por exemplo, o acréscimo do olhar singular e relacional dos membros de uma equipe multidisciplinar dentro das políticas públicas de saúde. Não se trata só do cuidar das dores físicas, morais, emocionais, tanto próprias quanto dos outros, trata-se de algo mais profundo, interligado ao sofrimento, a um cultivo empobrecido dos vínculos relacionais, percepções minhas sobre a importância do convívio e do relacionar. Nossa qualidade de vida e cuidados com a saúde física e emocional, não passa só pela prevenção ou promoção de saúde com um olhar apreciativo. Vai além, passa pelos diferentes aspectos e necessidades da vida das pessoas em diferentes regiões, cultura, histórias de vida, significados e vínculos relacionais co-construídos na família e sociedade e que vêm de muitas gerações, portanto um processo a ser revisto e considerado como se “olha sobre” ou “para isso”.

Por isso, pensei que um olhar ampliado do profissional de saúde de Delfim Moreira poderia vir de uma releitura de sua própria história familiar, instigando-o à ressignificação do conhecimento do si mesmo em construção relacional familiar e social pela autonarrativa. Inicialmente pensei em complementar os conhecimentos sobre família em interação e intergeracionalidade colocando-os dentro de oficinas. Num segundo momento, considerei trabalhar em nível preventivo e de promoção da saúde, buscando o que há de melhor nas pessoas, pensando em habilidades, competências e em suas percepções e conexões, ao invés de buscar as melhores pessoas, imprimindo um estilo colaborativo e apreciativo nas conversações, ampliando o olhar do melhor com o outro em parceria com os colegas da saúde.

No fluir desses pensamentos, novamente me perguntei: Será que estamos fortificando nossos vínculos humanizadores quando compreendemos a nós e ao

outro em meio a esses sistemas interconectados em construção relacional? Ou ainda, refletindo sobre a linguagem co-construída nas relações de cuidadores?

A resposta não poderia deixar de ser outra a não ser o sim, pois se humanizam as relações na medida em que se vê o outro igual como ser humano e com iguais necessidades afetivas, porém com suas diferenças singulares, enquanto pessoa íntegra e integrada a uma cultura de tradições envolvida em sistemas amplos.

Pensando sistematicamente investi, primeiramente, nesses profissionais da área de saúde em equipe multidisciplinar, questionando as mudanças sociais e os sistemas amplos, sob o olhar sistêmico, da Abordagem Intergeracional e das práticas terapêuticas pós-modernas. Acreditei que com a junção dessas visões fosse possível ampliar percepções, suscitar interconexões internas com a realidade, multiplicar compreensões nas trocas do grupo, auxiliando-os a enriquecer sua prática com a aquisição de novos conhecimentos agregados aos que já possuíam sobre a dinâmica das relações familiares.

Outro foco que também se apresentou no caminho dessa tese foi a forma de se co-construir seu método de trabalho, método esse que partiu da união e encontro de minha prática dentro de estudos de família e sua articulação com a comunidade delfinense, que permitiram repensar os sistemas em um fluir das relações com a intenção de trabalhar esses profissionais em processos multiplicadores dentro dessa comunidade, considerando sua própria linguagem cultural mineira e com significados específicos, pensando em prevenção, e talvez sendo mais arrojada na promoção de saúde na família por meio das relações e transmissões.

Para tanto, fiz o planejamento de um programa de complementação de estudos familiares sistematizado e aplicado em forma de oficinas, supondo-se que pudesse responder à minha inquietação inicial, traduzida da seguinte forma:

Problema

Quais as contribuições de um programa de complementação, que trabalhasse temas da abordagem intergeracional e questões relacionais para profissionais que atuam no Programa Saúde da Família, segundo a visão desses mesmos profissionais?

A partir dessa problematização, sistematizei um programa de complementação em uma oficina, que denominei Programa de Ressignificação da Família de Origem para Profissionais de Saúde (PRORFOPS), voltado para os profissionais de saúde da cidade de Delfim Moreira (MG).

Tendo em vista o fato desse estudo estar direcionado para o planejamento, aplicação e análise dos resultados de um programa de complementação, estabeleci meus objetivos.

Objetivo Geral

- analisar a contribuição do PRORFOPS para a complementação de estudos intergeracionais entre os profissionais que atuam no Programa de Saúde da Família na cidade de Delfim Moreira.

Objetivos Específicos

- apresentar esse programa, seus objetivos, estrutura e dinâmica de funcionamento.

- analisar, segundo a visão desses profissionais, as contribuições desse Programa, quanto aos seguintes aspectos:

a) compreensão das famílias atendidas enquanto sistema, seus elementos e dinâmica,

b) compreensão do papel da Intergeracionalidade, da comunicação afetiva e conversação em sua formação pessoal e atuação profissional,

c) compreensão do processo de individuação ampliando a percepção do “si mesmo” em construção relacional com os sistemas, e com a diferenciação do sistema da família de origem e sua influência na atuação profissional,

d) conhecimento dos limites e potencialidades do grupo de trabalho e seu fortalecimento.

e) analisar a pertinência e relevância dos temas trabalhados, segundo a visão dos profissionais.

Para finalizar gostaria de salientar que para esse trabalho de pesquisa calcada em um enfoque do “si mesmo em construção relacional” desenvolvi os seguintes capítulos.

No primeiro capítulo uma reconstrução do saber e do que se sabe hoje sobre estudos da visão sistêmica, do Construcionismo Social, Pós-Modernidade e a família em transição. Discorri sobre as influências da sociedade nesta cultura de não valorizar os vínculos nas relações, as pessoas e a família adoecendo por meio dessa cultura de relações desqualificativas, individualistas e consumistas de nós mesmos.

No segundo os estudos intergeracionais, incluindo estudos do ciclo vital familiar com um breve cenário da família brasileira. Sempre que vamos falar de algo pós-moderno resgatamos o antigo ou tradicional para fazermos analogia, saber como pensávamos antes, sobre valores, vínculos e como está se pensando ou construindo hoje. Neste caso rever a família, sua cultura e tradições foi indispensável.

No terceiro capítulo trabalhei dentro de um olhar relacional a relevância da comunicação afetiva, vínculos e das conversações transformadoras dando relevância para a fala, para a escuta diferenciada e a seletividade do profissional com conhecimentos das práticas terapêuticas pós-modernas, nos processos relacionais dentro da visão das abordagens narrativas, colaborativas. Abordei as diferenças do ontem para o hoje e também da sensibilidade para se perceber o outro e suas necessidades comunicacionais, conversacionais, o foco nas relações vem pela mudança de linguagem em coerência com a emoção, compreensão, pela mensagem verbal e não verbal e também pelo cuidado com o que se coloca e a forma. Pensar dessa forma muda o estilo profissional de rever as doenças, saúde considerando o respeito às diferenças humanas e às diversidades.

No quarto capítulo discorri sobre o Sistema de Saúde Brasileiro, fazendo uma breve retrospectiva sobre as políticas que antecederam as atuais estratégias de saúde, destacando-se a abertura das atuais políticas no sentido de incentivar a formação de vínculos, permanente e mediante ela, programas de complementação como o que foi proposto para esse estudo em trocas de experiências de oficinas. Abordei a linguagem da saúde ampliada com as práticas alternativas, as novas percepções sistêmicas relacionais, como a necessidade dos vínculos, relações, cuidados e revisão de valores, relacionais.

No quinto capítulo apresentei o programa PRORFOPS visando a um espaço de reflexão e conversações temáticas: sistemas, família e sua temática, intergeracionalidade, relacionamentos, como abertura para se iniciar conversações sobre as diferenças pessoais de seus membros, subsistemas, necessidades, diferenças geracionais, valores, quebra de vínculos e apegos em transformação da época ou contexto, mudanças, em transformação social. No sexto capítulo desenvolvi o método de pesquisa, a análise dos dados e discussão dos resultados baseada nos relatos dos participantes. Finalizando, discorri sobre minhas considerações finais.

CAPÍTULO 1 - REVENDO AUTORES, TEORIAS E PRÁTICAS DO SABER PENSANDO EM RELAÇÕES FAMILIARES E SOCIAIS

Identificando-se numa cultura comunal

Readaptando-se

G1/ P3: Os irmãos do meu pai faziam uma mulher que ela dava Eucaristia, culia da Eucaristia porque era só quem esse trabalho, mas é mais na que ela chegava, ela dava banho, ela aquilo que ela conseguia engolir. E parte religiosa, da vila vicentina; organizava a mulher pra ela dar aquilo pra mim, eu não amei confor-
eles estão sempre ajudando nessa Eucaristia. E ela tinha uma doença, mava, com aquela mulher muito
parte. **G1/ P4:** Minha mãe não falou mais acho que era esclerose, que ela era seca, muito magra na cama. Eu che-
nada; ela me disse só que esse era o particular da Eucaristia era numa falar nada. Foram sete visitas e a
meu castigo. E eu lembro que tinha colher minúscula de água e a partí- **G1/ P5:** ultima foi dela...

CAPÍTULO 1 - REVENDO AUTORES, TEORIAS E PRÁTICAS DO SABER PENSANDO EM RELAÇÕES FAMILIARES E SOCIAIS

Na minha vida pessoal aconteceram algumas coisas e isso vai me ajudar a trabalhar no profissional. Tive algumas dificuldades na minha família, esclareceram algumas coisas e outras me deixaram em dúvida mesmo (G2/An.)

É meio doloroso porque fala em perdas, e tem a ver com a minha também, porque a gente fica como centro da história, ela teve que trazer todo mundo pra perto dela e ao mesmo tempo que ela tem a família dela, ela cuida da família dela e ela teve que ajudar a mãe e os irmãos e isso mexeu comigo (G2/T.)

Quando iniciei a revisão de literatura teórica que daria respaldo a esse estudo, simultaneamente iniciou também meu dilema, minha angústia diante do construir e desconstruir ideias e das certezas e incertezas do conhecimento que daí advinham. Aos poucos fui me conscientizando que estava diante de algo que ainda não havia observado em minha prática: uma mudança de visão! Para mim, nada pode ser mais desafiador do que ler algo e tomá-lo como verdade teórica e organizadora, acreditar que faça sentido e que seja compatível com minhas ideias, colocá-lo de forma linear para escrevê-lo, e depois ter que repensar e reescrever tudo novamente, com outra visão de não verdade, baseando-me em um pressuposto, uma hipótese. Além disso, foi fundamental nesse processo que eu me mantivesse atenta para os cuidados com a fala e com as palavras de cada uma das possíveis teorias e abordagens a serem utilizadas. Mal sabia eu, que esse movimento desorganizador e reflexivo seria o maior aprendizado dessa tese, com tudo de novo que trouxe para mim, como a inovação das ideias construcionistas da Pós-Modernidade. Meu olhar de pesquisadora modificou-se e ficou mais crítico em relação às mudanças de paradigmas, sendo que essa criticidade reproduziu-se ao longo de toda a tese, portanto, sem o perceber eu estava sendo pós-moderna o tempo todo ao longo desse meu estudo.

O que mais me chamava atenção e, ao mesmo tempo me deixava desconsolada era quando acreditava que tinha entendido algo nesse diálogo com os autores, e logo apareciam novas palavras, novos termos e conceitos de áreas distintas e que me levavam à curiosidade de ir buscá-los, descortinando estes novos conhecimentos. Mais uma vez, deparava-me com uma das características da Pós-Modernidade que é a velocidade com que se produzem novos conhecimentos.

Nesse processo, sentia-me arrebatada pela curiosidade genuína, pela busca pelo saber como uma legitima “especula de rodinha” (ASSIS, 2011, p.101): Porque será que estão falando sobre isso ou sobre aquilo, naquele contexto? De onde vinham estas ideias e esses conhecimentos e como eles tinham nos chegado sob esta formulação? Como interconectá-los com outros já aprendidos?

Resolvi parar tudo, voltar no tempo e me organizar linear e literalmente na história do conhecimento antes de continuar pensando na união da prática com a teoria fundamental à minha tese.

Em uma dessas buscas deparei-me com um material que veio ao encontro desse repensar. Em 2005 foi implantado em São Paulo o “Programa Ação Família - viver em comunidade”, para o enfrentamento da pobreza, voltado para o social. Esse programa preocupou-se com a capacitação técnico-profissional, pensando em alternativas. Após 4 anos de sua implantação, foi lançado em balanço dos resultados e da riqueza dessa experiência. Esse memorial técnico foi prefaciado por Macedo (2008), cujas palavras me fizeram refletir tanto sobre essas ações quanto sobre as possibilidades para implantação de novas ações, criadas dentro de minha cultura mineira e interiorana, envolvendo os profissionais de saúde, porque isso passa pelo entendimento e cuidados com o outro em suas diferenças culturais e psicossociais, entre outras.

Respaldando-me nessas palavras, conscientizei-me de que para o estabelecimento de um programa voltado para a área de saúde seria preciso uma mudança na maneira de ver a doença, a saúde, a prevenção, o cuidado com o outro e suas diferenças dentro dos sistemas. Enfim, acreditei que haveria mudanças em toda uma forma de se construir esse conhecimento, sendo que, inevitavelmente, isso passaria pela experiencião da construção do cuidado com o próprio eu relacional.

1.1 O pensamento sistêmico e a compreensão da família contemporânea

Escolhi abordar essa pesquisa sobre o ponto de vista do pensamento sistêmico desde que compreendi as diferenças de ver o mundo por meio desta lente. Muitos pontos foram se esclarecendo à medida que estudava a teoria dos sistemas na visão da terapia familiar sistêmica, e não só da cibernetica de primeira ou segunda ordem. Minha escolha se viu fortalecida quando pensei no termo “sistêmico” em sentido mais amplo como pensar as pessoas em seu contexto

cultural e em suas interações com outras pessoas e com todo um sistema conversacional dos participantes em uma interação. O que não tinha percebido ainda era como escrever sistematicamente essa tese, uma vez que havia adotado também para ela a visão sistêmica e isto, para mim, ficava dicotomizado.

O pensamento sistêmico aplicado aos estudos de família teve sua origem nos pressupostos da Teoria Geral dos Sistemas. Essa teoria foi desenvolvida por Bertalanffy, a partir de 1947, pressupondo que um sistema é definido a partir de um complexo de elementos em interação, sendo que necessariamente tais elementos são tidos como subsistemas, não podendo ser decompostos (MIERMONT, 1994, p.305).

Partindo desse princípio, Nichols e Schwartz (2007) apontam que foi possível estender também à família alguns de seus pressupostos. A família passou a ser vista como um sistema de regras e organização específicas em funcionamento, cuja função seria a de reger as relações entre seus membros. Muito embora, o próprio Bertalanffy não tenha tido contato direto com os pioneiros da Terapia Familiar Sistema, muitas de suas concepções puderam ser aplicadas ao sistema familiar e muitas de suas proposições ainda moldam os estudos sobre família.

A importância dos pressupostos de Bertalanffy quanto a sistemas foi importante para os estudos de família, que passaram a ser compreendidos não mais como a soma de suas partes, e sim por principalmente, direcionar a atenção de estudiosos para o padrão de relacionamentos dentro do sistema e não mais sobre suas partes. Pioneiramente, pensou-se em um entrelaçamento das partes.

De acordo com o pensamento sistêmico em psicoterapias não se busca o sintoma a partir de uma perspectiva de causa e efeito, ou seja, numa causalidade linear. Nesse último modelo, a etiologia é atribuída a acontecimentos anteriores, que possivelmente ocasionaram os distúrbios do presente. Sob a perspectiva do pensamento sistêmico, essa causalidade é circular e retroalimentada continuamente pelos relacionamentos e comunicações familiares. Nesse sentido, os eventos familiares se conectam por uma série de elos interativos, sendo que estes ocorrem a partir de uma comunicação que pode ser verbal ou não, porém sempre chega na forma de mensagem.

Ao se conceber a família como um sistema que se caracteriza por ser aberto, vivo e dinâmico pode-se também pressupô-lo como um jogo de partes interdependentes, no qual cada um de seus membros tanto pode ser afetado quanto

afetar os demais membros desse mesmo sistema. Podemos expandir isto também para se pensar nas interações que ocorrem no plano social, no movimento e na transitoriedade.

Nichols e Schwartz (2007) afirmam que uma das maiores contribuições que poderia ser atribuída à Terapia Familiar Sistêmica é seu pressuposto de que o comportamento de cada indivíduo é influenciado pelo contexto em que vive. Anteriormente a essa importante contribuição, os eventos ocorridos na vida de um indivíduo eram analisados de forma isolada, sem que se considerasse sua rede de relacionamentos familiares ou sociais. Eu complementaria esse pensamento, apontando a necessidade de se considerar que até mesmo as migrações e as fronteiras que se tornam mais flexíveis.

Ao retomar Macedo prefaciando “Ação Família – viver em comunidade / Metodologia inovadora de trabalho com famílias, comunidades e redes” outra questão, a do lugar social, tornou-se, para mim, instigadora:

[...] De acordo com a tal visão sistêmica, o público alvo do Programa Ação Família: viver em comunidade – famílias pobres em situação de risco e vulnerabilidade extrema – não são pobres porque lhe faltam bens materiais. A pobreza é um fenômeno complexo, decorrente da falta de materiais, mas também da falta de um lugar social, de uma identidade cidadã com direitos de participar dos bens sociais como educação, saúde, esporte e lazer, de ser ouvida em suas necessidades e de ser atendida em suas emergências; enfim o indivíduo pobre carece de estar socialmente integrado, como alguém que tem um lugar onde é reconhecido como alguém que importa, lugar conquistado por meio de convivência e participação social na comunidade em que vive. (2008, p.XV).

Esse pensamento auxiliou-se ainda a refletir: A mudança social afetaria os relacionamentos? Acredito que sim e também compartilho dessa maneira de olhar o outro em uma visão sistêmica e em sua condição humana, não como social ou economicamente desfavorecido, sempre em déficit, ou em falta, ou menos íntegro. O problema, que acredito que também seja de muitos, seria como praticar essa visão cotidianamente em um país que traz um legado de história cultural de desqualificação e pobreza como algo financeiro. E mais: praticar no dia-a-dia no processo de convivência a igualdade humana de valores e direitos em uma sociedade que hierarquiza, desvaloriza, desqualifica a si e ao outro nas mensagens do convívio diário, deixando-o sempre com o sentimento de menor capacidade, habilidade, integridade e um outro tanto de adjetivações. Diante desse contexto, como equalizar essa cultura de olhar negativo para uma mais positiva, apreciativa

para as relações. Outra questão seria como ver as relações, os vínculos como algo fundamental tanto para a saúde quanto para o convívio social, uma necessidade humana de sobrevivência e convívio.

Investir em profissionais para reverem o si mesmo e o si mesmo do outro dentro de sistemas e de relações que repassam mensagens e constroem novo tipo de linguagem poderia ser talvez, o início de um processo de humanização revisto por nossas heranças culturais relacionais.

Quando se pensa em transição social e, especificamente, na família brasileira, refletimos sobre as relações e sobre as mudanças que vêm ocorrendo e o quanto isto afeta os vínculos e a afetividade na família. Nas novas configurações familiares ou na família que se reinventa todo dia, como por exemplo, em casais homossexuais, já se percebe diferenças como o desejo, como a necessidade de casar ou a vontade de ter filhos e uma família, paradoxalmente tida como tradicional, convencional. Antes eles queriam ser diferentes e, agora, querem ser convencionais, mudou a vontade, emergiu a necessidade de ter família. Hoje, fala-se mais em afetividade e vínculos, e em relações duradoras.

Continuo minha reflexão sobre o pensamento sistêmico refletindo sobre nosso olhar ocidental de família, e me pergunto: Será que em todos os países as famílias são assim? Será que essas reflexões de olhar o outro de maneira diferente aparecem com a mundialização, com a globalização? Nossa história cultural de família patriarcal, na qual os limites, as regras, as leis, as ordens, enfim, o poder solidificado na figura do homem mostra certa similaridade ao menos no que se refere ao continente americano. Esse modelo hegemônico masculino nos influenciou principalmente nas questões de hierarquia, obediência e regras, modelo que a família brasileira assimilou e aprendeu a desenvolver, advinda de um sistema colonial e escravocrata associado a uma cultura e às histórias relacionais de migrantes.

Nesse processo de mudança a influência da globalização, da tecnologia, da aglomeração das pessoas em cidades, da migração do meio rural para cidades alterou a forma de se perceber a vida e as necessidades e modificou as configurações familiares, por exemplo, na questão do gênero feminino e na conquista das mulheres em relação à escolaridade e a aquisição de novos conhecimentos. Ao adentrar no mercado de trabalho, a mulher acabou por influenciar na formação das famílias. Hoje as famílias são menores ou sem filhos,

muitas são chefiadas por mulheres. Com a mudança do sistema patriarcal na família para outro, com a mulher ajudando a desbancar este patriarcado, as famílias se tornam mais horizontalizadas equilibrando mais as relações, abrindo espaço para que o afeto pudesse ser expresso tanto pelo homem quanto pela mulher. Hoje se fala mais de homens afetivos que vinculam e que expressam verbalmente seus sentimentos e emoções, que negociam e mediam as relações, dialogando e melhorando a comunicação com as parceiras, com os filhos e amigos.

Antes a família vista convencional, traduzida pelo conceito clássico, mantinha a tradição de ter pais e ter filhos exercendo a função da reprodução, agora as famílias são reinventadas a todo instante, com a atual tecnologia da reprodução assistida, coexistem vários tipos de famílias como as nucleares, como famílias homossexuais, famílias reconstituídas, agrupamentos de pessoas, entre outros arranjos familiares.

Nesse processo de refletir sobre a família contemporânea, novamente fui arrebatada por várias indagações. Esses novos arranjos afetariam a forma de se ver a família? E de se viver em família? Como fica a transmissão do legado patriarcal numa família de relações mais horizontalizadas com o poder inclusive nas mãos dos filhos? E as mensagens intersubjetivas, estariam confusas? Essas novas configurações familiares precisariam de outras normatizações com novas leis e diretrizes do governo? Quando se convive com mais pessoas nas grandes cidades em aglomerações, como ficam nossos sentimentos e emoções? Sentimo-nos invadidos, estressados, contidos? E como isto afeta nossas relações? Seriam as mesmas inquietações quando tínhamos que conviver com muitos filhos e parentes morando sob o mesmo teto?

Nichols e Schuartz (2007), ao refletirem sobre o que Bowen (1954/1959) propôs sobre o processo de individuação, apontam sobre o que se percebe é que todos continuam querendo ter família, diferenciar-se dela e constituir outra família. Ainda hoje observa-se esse desejo haja vista a incidência de divórios e recasamentos no Brasil nos anos de 2010 e 2011. Observa-se também que existe uma revalorização para os laços, vínculos, afetos e que as relações estão sendo revistas e reinventadas de acordo com as novas necessidades.

Em nosso país tornaram-se marcantes nas últimas décadas as mudanças ocorridas com as famílias, para isso se tem buscado ampliar possibilidades na área

da saúde por profissionais, instituições, governo, mudando denominações, valores e formas de convívio, vendo o outro em sua integridade. Se antes a família detinha o conhecimento mediante um poder hierárquico, hoje o poder está mais horizontalizado e reforçado pela mídia falada, livros, Internet, entre outros. Em síntese, como já nos apontou Macedo (2008), todos estão buscando um lugar de ser e de ser diferente. Percebe-se uma nova necessidade de integrar essa dualidade do querer ser individualizado e ao mesmo tempo estar vinculado ao sistema, sendo que propostas de ressignificações, integrações, de quem somos e do que estamos fazendo no mundo, neste contexto relacional e social no século XXI, podem possibilitar a construção de novas realidades mais reflexivas e conscientes.

Quando se pensa sistematicamente não se fica restrito a apontar somente um caso aqui e outro ali. O pensamento sistêmico nos leva a refletir nos sistemas de forma interligada e globalizada refletindo sobre as civilizações e a Humanidade. No caso de minha pesquisa: torna-se necessário pensar no sistema do pesquisador, no da universidade, nos sistemas dos participantes e de sua cultura, no social, nos sistemas de saúde, enfim, em todas essas redes interligadas possíveis de se perceber. Além dessa preocupação, coexiste outra relacionada ao presente e ao futuro sem deixar de pensar no passado e em como chegamos até aqui para entender este processo social de convívio. Porém, essas são questões complexas e diferentes para se pensar e entender a teoria sistêmica e praticar as relações sistematicamente dentro do cotidiano.

Outra questão ainda mais complexa foi a de escrever esta pesquisa não apenas linearmente, e sim também sistematicamente. Ao desenvolver meu projeto de pesquisa, experenciei também na escrita o pensamento circular, o que conferiu a ela um olhar inovador no sentido de vivenciar uma prática e ao mesmo tempo fazer uma reflexão crítica ao escrevê-la, revendo pontos que poderiam ter sido feitos de outra forma, ou que se evidenciaram no exato momento de executar ou descrevê-lo.

Essa percepção acarretou em toda uma mudança na maneira de pensar sistematicamente, agregando esse pensamento também na escrita, mesmo sabendo que ela é linear e está em forma de relato. Tentei fazer isto pela primeira vez, dialogando com estes sistemas interligados no processo de escrita, revendo a tese e me revendo o tempo inteiro uma vez que na prática já ocorreu assim.

Ao considerar que os mais importantes valores, as principais identificações e objetivos das pessoas estão intrinsecamente associados ao que aconteceu ou ao

que está acontecendo no seio de sua família e no conflito transgeracional, pode-se também considerar que a família se encontra no ponto central de transformações. Em sua essência a família atua como interlocutora entre o sujeito e o meio em que vive, traduzindo-se em um micro-sistema no interior de um macro-sistema que é a sociedade.

1.2 O pensamento pós-moderno: nova perspectiva para a Ciência

Ao pensar em sociedade, novas indagações me ocorreram. Como passamos do pensamento moderno para o pós-moderno? Como as famílias percebem isto? Ou melhor, como elas sentem isto? Ou só percebem que alguma coisa mudou que algo está diferente?

Autores como Kenneth Gergen e Mary Gergen ofereceram-me algunsclareamentos quando colocaram a visão do pesquisador e sua prática dentro da visão do Construcionismo Social. Outros, além do dialogo teórico que travamos na leitura de suas obras, colaboraram pessoalmente com minhas reflexões para essa visão pós-moderna e do Construcionismo Social, levando-me para outros lugares e novos caminhos da Ciência, da clínica, da pesquisa, questionando as práticas terapêuticas tradicionais e de pesquisadora. Esses autores foram Harlene Anderson, Tom Andersen, John Shotter, Sílvia London, Sheila MacNamee. Outros, brasileiros a quem muito admiro, foram além da teoria e inovações nas convivências, e me ajudaram a experienciar e a me emocionar no exercício da própria prática em encontro com a teoria, como: Marilene Grandesso, Adriana Leônidas de Oliveira, Ceneide Maria de Oliveira Cerveny, Rosa Maria Stefanini de Macedo, Emerson Rasera, Carla Guanaes e Mariza Japur.

Retomo agora esse caminho de conhecimento que me foi tão fundamental, Grandesso contribuiu com mais essa reflexão para que eu pudesse pensar em como se faz ou como se pensa, como se aprende, e ainda como se internaliza a ciência na Pós-Modernidade. Para tanto, refere-se ao pensamento de Bakhtin (1992, p.403) no qual esse autor afirma:

As ciências exatas são uma forma monológica de conhecimento: o intelecto contempla uma coisa e pronuncia-se sobre ela. Há um único sujeito: aquele que pratica o ato de cognição (de contemplação) e fala (pronuncia-se). Diante dele, há a coisa muda. Qualquer objeto do conhecimento (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido a título de coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado a título de coisa porque, como sujeito, não pode, permanecendo sujeito, ficar mudo; consequentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico. (GRANDESSO, 2008, p. 1).

Concordo com Grandesso e autores como Gergen e Anderson quando apontam que sempre que se fala de Pós-Modernidade e novas mudanças, é preciso examinar os desenvolvimentos históricos. Isto aconteceu na história da terapia individual para a familiar e também em outras áreas. Portanto, hoje em dia, eu diria que é quase consenso o processo de se rever, de se retomar para saber o que existia antes, e como está o agora, ou mesmo como estão ocorrendo estas mudanças.

De acordo com a visão pós-moderna, pode-se olhar para o outro, na prática clínica de duas maneiras: a primeira que enfatiza o como se conversa e o que isso pode influenciar na linguagem, na comunicação específica de cada cultura e de cada contexto, e uma segunda maneira introduzida por Anderson (2009) que enfatiza um olhar para a relação por meio da linguagem e do diálogo co-construído. Partindo-se daquilo que não é conhecido, as relações são co-construídas de acordo com o diálogo nos temas de necessidades que vem do olhar do "já dito" que se refere as usuais narrativas e convenções culturais e o outro "do ainda não dito" que se refere a tudo aquilo que ainda está por vir, introduzida pelo diálogo nas relações.

[...] são delineados dois caminhos pós-modernos, embora não totalmente separados, claro. Um leva ao panorama do "já dito" - a existência e o impacto dos discursos, narrativas e convenções culturais. O outro leva ao que "ainda não foi dito" - a novidade por vir em diálogo. Até o momento é este o último panorama - as premissas pós-modernas da hermenêutica contemporânea e do construtivismo social, com sua ênfase na natureza relacional interrelacionada do conhecimento e a noção do *self* como sendo linguisticamente construída e transformada por meio do diálogo – que serve de ponto central de seus suportes conceituais e oferece os matizes predominantes em uma abordagem de *sistemas da linguagem colaborativa*. Esses matizes tornam minha experiência inteligível, correspondem às minhas experiências e inevitavelmente moldaram minha experiência. Atualmente meus pensamentos e ações como terapeuta e as questões que tenho a respeito da terapia, que são influenciadas pela última experiência, centram-se na terapia como um processo de conversa com dialogo externo e interno. (ANDERSON, 2009, p.38).

Neste trabalho, além de pensar de maneira sistêmica nas interações do individuo na família e no social, procurei também pensar na maneira como fazê-lo sistemicamente interligando os sistemas envolvidos. Escolhi voltar e rever como era antes por meio de perguntas intergeracionais sobre as famílias e sobre suas interações no instrumento Genograma, baseando-me em algumas questões: O que será que se entende hoje por legados, transmissões e as novas configurações familiares? Estamos confusos para entender estas mudanças na prática das relações?

Gergen (2006) nos deixa um legado dessa construção histórica romântica, moderna e pós-moderna nos estudos do *self* e das mudanças por meio de sua obra “O eu saturado”, na qual acentua a questão da mudança por meio da história da comunicação e das relações humanas e comportamentos. Nesse particular, faço coro aos dizeres de Anderson (2009) sobre a percepção de que os paradigmas moldam os problemas e os problemas moldam os paradigmas:

[...] o pós-modernismo transfere o individuo e o relacionamento para a linha de frente embora conceituados de maneira diferente do Modernismo. As suposições pós-modernas enfatizam primordialmente a criação social ou relacional ou a assimilação da realidade; por exemplo, significados, padrões, categorias, diagnósticos e histórias são os subprodutos dos relacionamentos humanos e das interações comunicativas. E esta ênfase no social e no relacional acarreta uma reconsideração importante na noção de *self* ou do individuo (seja o objeto da indagação um único *self* central ou múltiplos *selfs* coletivos): Auto-construção, auto identidade, o *self* no relacionamentos e a conexão do eu com você. Repensar a noção do indivíduo no relacionamento consigo mesmo (ou com seus vários *selfs*), com os outros e com seu mundo histórico, cultural, político e ambiental, transcende as dicotomias relacionais, individuais inerentes a essas estruturas de sistemas sociais em camadas de indivíduo e família e família e terapia, comportamento coletivo e comportamento individual ou biológico e mental. (ANDERSON, 2009, p.24,25).

Portanto, minha visão destas construções pelas relações, do individuo com seus múltiplos *selfs* coletivos, sua identidade em construção, o eu e o nós, é algo relevante para se pensar dentro da visão construcionista e pós-moderna, sendo que isto supõe antes de tudo complexidade e molda nossa maneira de ver e ter uma postura.

Sobre essa complexidade, Macedo nos chama a atenção olhando para as famílias e para a área de saúde:

Complexidade é uma palavra chave quando se pretende conhecer e intervir nos fenômenos da vida humana. Como explicar a situação das famílias a que nos referimos sem considerar a multiplicidade de fatores que concorreram para moldá-la? Essa pergunta básica nos indica que o paradigma simplista de um mundo binário e segmentável em componentes desarticulados entre si, utilizado de forma geral pelas ciências sociais, políticas e econômicas para tentar resolver a questão das diferenças sociais, não tem sido eficaz. Afinal, hoje sabemos que não basta conhecer a estrutura de um dado elemento ou fenômeno; é preciso desvendar sua dinâmica de funcionamento, a forma com que se dão as intrincadas relações entre os elementos, processos e fenômenos que consubstanciam o objeto da análise. É preciso, portanto, adotar um novo paradigma, um paradigma que propõe uma visão ampliada, aprofundada e atenta no que se refere ao complexo de inter-relações entre todas as coisas: uma visão sistêmica, portanto. (MACEDO, 2008, p.XIV).

Anderson, numa visão pós-moderna nos exorta sobre a família e a forma de vê-la, afirmando que sob seu ponto de vista não existe tal coisa como a família. Não existe uma família, a família não existe em um mundo social expandido. De acordo com o modo como ela a vê, a comunicação é fundamental para a existência de uma família. Em decorrência desse raciocínio existem tantas famílias quantos os membros que estão dentro desse sistema. Ao considerar que a família esteja estreitamente ligada com a comunicação, nesse sentido, o próprio terapeuta deverá fazer parte desse contexto. Com esse pensamento, de forma alguma essa pesquisadora sugere uma desvalorização da família tanto em seu sentido restrito quanto mais amplo. Em suas reflexões, Anderson (2009) continua:

É importante para todos nós - para nossa própria existência e identidade. É o contexto íntimo em que vivemos. Mais propriamente, eu quero enfatizar que os membros têm experiências únicas com a família, descrições e explicações únicas sobre ela, incluindo seu papel e razão para estar nela. (ANDERSON, 2009, p.68).

A perspectiva construcionista social surge no campo das ciências humanas e sociais como alternativa às formas empiricistas de se conhecer a ciência e os processos de produção de conhecimento. O Construcionismo Social baseia-se, sobretudo, em concepções críticas às noções de objetividade, verdade e racionalidade, rompendo os preceitos gerais das teorias modernas, abrindo possibilidades para novas reflexões no campo científico. Apontando o entrelaçamento entre realidade e discurso, Anderson, ao longo de sua obra, privilegia a compreensão do modo como as pessoas, por meio de sua participação em práticas discursivas, constroem sentidos sobre o mundo e sobre o si mesmas. O foco de investigação recai, então, sobre os jogos de linguagem em que tais sentidos

emergem e sobre as implicações de seu uso para a construção de determinadas práticas sociais e formas de vida.

Antes de dar continuidade a esse capítulo que se refere às práticas do saber pensando as relações familiares e sociais, gostaria de tecer algumas considerações compartilhadas com alguns autores sobre o “self” e o “*si mesmo*”, porém é preciso retornar a compreensão sobre a identidade .

Macedo (2005) nos ajuda a clarear como vemos nossa identidade em uma visão pós-moderna. Esta visão, com a qual compartilho, tem a ver com a linguagem, valores, cultura, co-construção social nas interações relacionais. Segundo essa mesma autora, o processo de constituição de nossa identidade, trata-se de algo muito discutido em Psicologia, por várias correntes, em paradigmas científicos que em muitas ocasiões se contrapõem. Destaco a seguir um trecho do pensamento de Macedo que discorre sobre os elementos constitutivos da linguagem:

Nessa construção da linguagem, também socialmente construída através de consensos sobre significados nesse mesmo contexto, tem um papel fundamental. Pode-se dizer que a pessoa se legitima como pessoa na linguagem que conhecemos “*a linguagem faz o homem que a fez assim como fez a cultura que o produziu*” (MORIN, 199, p.147). O que estou dizendo é que a única forma de nossas experiências alcançarem sentido é sendo trazidas à linguagem. Assim fazendo, fundamos nossa identidade, pois tal atividade permite às pessoas se instituírem como sujeitos conscientes, testemunhos e autores de suas próprias experiências. Dessa forma, as pessoas se compreendem ao mesmo tempo que se constroem. (MACEDO, 2005, p.166).

A mesma autora complementa:

Assim ele se conhece e conhece o outro, com o outro e pelo outro. Esse conhecimento jamais cessa. Por isso nossa identidade não é fixa, não traduz nenhuma essência. Se pensarmos então nas crenças nos mitos, nos hábitos, e costumes de uma sociedade numa dada cultura, veremos que constituem o conhecimento acumulado em séculos de construção social e formam o conteúdo do processo de conhecimento de cada um através da educação formal e informal, da mídia, das tradições, dos rituais. (MACEDO, 2005, p.164,165)

Respaldando-me ainda no pensamento de Macedo (2005), pergunto-me se podemos pensar na construção da identidade mediante o uso da linguagem nas relações e até mesmo no desenvolvimento de uma linguagem do si mesmo quando conseguimos nos ver diferenciados e compartilhando dessa linguagem.

Anderson (2009) sobre o como a pessoa se conhece explica, o pensamento pós-moderno segue em direção ao conhecimento como uma prática discursiva, uma

pluralidade de narrativas que são mais locais, contextuais e fluídas; segue em direção à multiplicidade das abordagens às análises de temas como o conhecimento, a verdade, a linguagem, a história, o *self* e o poder. Ele enfatiza a natureza relacional do conhecimento e a natureza produtiva da linguagem. O pós moderno vê o conhecimento como socialmente construído, o conhecimento e o conhedor como interdependentes - pressupondo o inter-relacionamento do contexto, da cultura, da linguagem, da experiência e do entendimento. (LYOTARD, 1984; MADISON, 1988).

Não podemos ter conhecimento direto do mundo, o que podemos fazer é conhecê-lo por meio de nossas experiências. Assim, continuamente interpretamos nossas experiências e interpretamos nossas interpretações. “*E como resultado, o conhecimento está se desenvolvendo e continuamente se ampliando*” (ANDERSON, 2009, p.31).

Isto nos leva a pensar sobre: Como seria olhar para o si mesmo? E nossa identidade, nossos *selfs* como se dariam essas construções? A primeira vez que li sobre o si mesmo foi em Macedo (2005, p.163) quando essa autora refletia sobre o si mesmo e a identidade da mulher, posteriormente, acresci a esse olhar as reflexões de Anderson (2009), que pensava a família como sendo composta por indivíduos em sua singularidades interagindo com o sistema, comunicando por meio de seus relacionamentos e, portanto, agindo num sistema mais amplo composto por “n” individualidades. Essa crença é reforçada quando em terapia as pessoas ao falaram sobre si mesmas referem-se a questões sobre esse sistema interligado. Nessa nova perspectiva, nosso olhar volta-se para o individuo e suas necessidades e sobre como o sistema relaciona-se com isso, diferente do olhar anterior que era tratar o individuo e seu inconsciente para conhecer sua estrutura mental e emocional, sem vê-lo dentro de um sistema. Hoje, nosso olhar volta-se também para o indivíduo, no entanto, solicita que ele reflita sobre sua participação no sistema, considerando-se como a pessoa mais indicada para observar suas próprias reações, podendo se ver e pensar sobre si mesmo em seu processo de individuação interconectado com outros sistemas que por sua vez também estão interligados.

Novamente Anderson (2009) nos auxilia nessa reflexão:

Fazer a pergunta “o que é *self*?” nos deixa rendidos e no atoleiro da objetividade fundacionalista e reducionista ocidental tradicional: a noção do *self* como autônomo, determinado e passível de ser descoberto. De um ponto de vista pós-moderno, a realidade objetiva desaparece como um conceito organizador, portanto a pergunta, no sentido de descobrir o *self* e sua essência, torna-se uma não pergunta. O pós-modernismo desafia a ideia de um *self* central fixo e único que podemos revelar, se retirarmos as camadas. Ao invés disso, ele convida a passar de um entendimento lógico modernista (realidade verificável) do *self* para um entendimento social narrativo (realidade construída) do *self* – convida a passar de um enfoque nas determinações universais não questionadas, como *self* e *autoidentidade* como coisas em si mesmas, para um enfoque no entendimento de como essas determinações, esses significados, emergem do entendimento humano. Nessa perspectiva linguística, o *self* torna-se um *self* narrativo e as identidades existem em relação a uma perspectiva, a um ponto de vista que está relacionado aos nossos propósitos. O pós-modernismo não sugere que desistamos de tentar entender o *self*, mas que ele possa ser descrito e entendido de uma variedade infinita de maneiras. (2009, p.177,178).

Como se pode observar, o *self*, o narrador, são muitos “eus” que ocupam muitas posições e tem muitas vozes.

Anderson (1999) respaldando-se no pensamento de Charon (1993) sobre o *self* narrativo afirma:

Falar sobre o si mesmo em um ambiente terapêutico, seja medico ou psicoterapêutico, implica um *self* que *fala* e um *self* de quem se fala, o contar terapêutico [como qualquer contar] gerando um autor implícito e um personagem... Embora os relatos dos pacientes sobre o si mesmos baseiam em eventos *verdadeiros* pela natureza da situação narrativa os pacientes produzirão uma determinada versão dos eventos verdadeiros [ênfase adicionada]... múltiplas vozes contraditórias precisam ser ouvidas e reconhecidas [que] juntas compõem a pessoa que sofre. (ANDERSON, 1999, p. 189).

Para fechar esse breve parêntese sobre *self* e si mesmo, gostaria ainda de recorrer a Anderson:

Relatos narrativos estão inseridos na ação social. Os acontecimentos são tornados socialmente visíveis... e são tipicamente usados para estabelecer expectativas para acontecimentos futuros... Narrativas do *self* não são fundamentalmente posses do individuo; estão mais próximas de serem produtos de intercambio social – posses do *socius*. (ANDERSON, 1999, p.190)

Sob esse ponto de vista, uma narrativa nunca representa uma voz única. Sempre somos tantos *selfs* e *selfs* potenciais quantos estão incutidos em nossas conversações e relacionamentos. Essas auto-identidades, quem somos e quem acreditamos ser, como a noção de *self*, traduz-se pela distinção feita por Gergen

“Não são impulsos pessoais, tornados sociais, mas processos sociais rebaixados no terreno do pessoal” (1994, p.210).

Em minha opinião, ao se desenvolver um estudo para ampliar a percepção do si mesmo, ou compartilharmos a co-construção de uma linguagem do eu relacional, automaticamente já estamos influenciando a construção da singularidade por meio da linguagem e das relações. Essa construção da singularidade reflete-se na auto-percepção da auto-história, da auto-narrativa, da auto-competência, do auto-gerenciamento, auxiliando a pessoa a se diferenciar e fortalecer uma inteligibilidade para o si mesmo, ampliando sua estrutura emocional. Portanto, a visão do si mesmo passa por um entendimento do eu relacional e das relações interligadas permeadas pela linguagem. Tal visão também passa pela compreensão de que quando uma pessoa aprende a se diferenciar dentro do sistema em seu processo de individuação, ela já está adquirindo um olhar para si mesma, mediante a conquista de uma linguagem na primeira pessoa. Não se trata de um si mesmo centrado no individualismo, e sim de algo de maior complexidade e integridade que é o si mesmo baseado em reflexões co-responsivas sobre seus próprios pensamentos, sentimentos e ações relacionais.

1.2.1 Ser pesquisador numa visão pós-moderna

Realizar a prática e depois escrever sobre ela são coisas bem diferentes e que mudam nossa maneira de entender, pois ampliam possibilidades. Andersen (1999) nos lembra que a compreensão de algo ocorre somente após sua escuta, assim, apenas depois que proferimos inteiramente algo é que entrando em contato com o que foi falado. Ser pesquisador é isto também em um grau acentuado pela quantidade de informação e pela responsabilidade com os ditos e os envolvidos. Ouso dizer que: hoje, só depois que falamos e que escrevemos é que pensamos sobre a amplitude e as questões multifacetadas disto tudo na pesquisa. Uma pesquisa pode reunir mundos diferentes de percepções que se conectam e a seu final, ampliam o olhar afetando o que se vê e o como se faz, sem que tenha havido uma prévia descrição para esse novo conhecimento experienciado.

Acredito que, em meu caso, o processo de ser um pesquisador ocorreu prematuramente, pois desde pequena já exercia a curiosidade do conhecer. Depois, exercendo a profissão de psicóloga ao buscar por temas ligados ao conhecimento

do ser humano e sobre sua existência. Ao longo de minha formação fui acrescentando alguns conhecimentos sobre Filosofia, Antropologia, Sociologia e, com um pouco mais de aprofundamento em Psicologia, passando pelos olhares tradicional, romântico, moderno, pós-moderno, construtivista social, construcionista. Nesse processo, observei que essas visões se entrecruzam o tempo inteiro, o difícil é separá-las para o entendimento e a consciência responsiva sobre o que estamos transformando.

Essa minha observação encontrou eco nas palavras de Grandesso (2008) de acordo com seu pensamento, o exercício de uma prática de terapia envolve sempre um processo reflexivo ocasionando um entrelaçar de teoria e prática que ficam de tal maneira misturados, tornando-se difícil determinar qual das duas é mais importante, ampliar percepções sobre as mesmas, integradas, porém em processo de transformação, contribui.

Portanto, traçar os desenvolvimentos de um campo, como o da terapia familiar, pressupõe acompanhar as mudanças paradigmáticas e evolutivas no exercício de sua prática em constante construção, decorrentes tanto do contexto teórico das tradições em vigor como do exercício da prática clínica, ambas enredadas num tecido complexo que vai sendo inevitavelmente construído ao se mesclar os fios dos referenciais dos terapeutas, suas distintas práticas e teorias. (2008, p.1).

Grandesso (2008, p.3) reflete sobre o mesmo tema referindo-se a Cecchin¹ ao ouvi-lo em um Congresso em Buenos Aires em 1991, no qual ele aponta: “*como terapeuta eu ajo, e, de tempos em tempos, peço a um epistemólogo para olhar e dizer o que eu faço*”. Essa fala de Cecchin a fez pensar na metáfora de que, diante da família, a teoria seria equivalente ao sangue que corre nas veias, pois sempre esteve lá, embora naquele momento não seja visível como figura, nesse sentido e em função disso a família e a criatividade do terapeuta falam mais alto. Segundo a

¹ Gianfranco Cecchin era reconhecido internacionalmente por suas idéias inovadoras em psicoterapia, compreendendo-a como um processo de mudança na forma como os pacientes percebem seus desafios (problemas); e, também, como um processo de facilitar o aparecimento de oportunidades para o cliente assumir total responsabilidade pela criação de novas formas de viver: de aprender a amar a ambiguidade, a incerteza, a mudança constante e a verdade parcial e efêmera. Cecchin concebia a psicoterapia como um convite ao terapeuta à curiosidade com relação aos desafios dos pacientes; a ser neutro durante a hipotetização; permanecer humilde, incerto e flexível de forma paradoxalmente irreverente diante das ironias existenciais (evitando assim a arrogância); a ter uma atitude respeitosa diante dos desafios apresentados pelo cliente, enquanto atribui uma conotação positiva aos mesmos, e como um processo de des-construção composto de emoções muito rígidas para permitir o surgimento de emoções que despertem curiosidade em relação ao imprevisível, a evolução futura. Disponível em: <<http://www.domusterapia.com.br/principal>ShowMateria.asp?var...54>>. Acesso em 25/01/2012

mesma autora, desde os primeiros tempos após o surgimento da prática da Terapia Familiar, ela vem sendo desenvolvida muitas vezes transformando os acasos que ocorrem nas salas de terapia em oportunidades de organização das narrativas que foram construindo suas abordagens. Essas felizes descobertas presentes na construção de formas de ação e de técnicas terapêuticas aparecem nos relatos dos autores que escreveram como surgiram novas técnicas ou posturas terapêuticas. Minuchin e Fishman (1990) discorrem sobre esses maravilhosos acasos, como por exemplo, a história de como surgiu a prática do questionamento reflexivo de Tomm (1985), a Equipe Reflexiva, depois chamada de Processos Reflexivos por Andersen (1987), e outros desenvolvimentos reforçam a presença do acaso e do acidental nos grandes momentos de inspiração de terapeutas que nos presentearam com suas ideias. Assim, acredito que na medida em que fazemos a jornada, vamos conhecendo as profundezas dos relacionamentos interligados que as teorias apresentam sobre as práticas e ocasionalmente, levam à descoberta de novas práticas para se elaborar novas teorias.

1.2.2 Quando o olhar para as relações une terapeuta e pesquisador

Ao me aprofundar nesse processo de clarificar como se daria o conhecimento em minha pesquisa, fui tomada por algumas outras questões: Haveria possibilidade do olhar terapêutico agregar-se ao meu de pesquisadora? Seria possível ambos usarem da mesma linguagem? Será que se diferenciariam ou adotariam procedimentos similares como o de não interpretar, mantendo os mesmos princípios de ética, os mesmos cuidados, respeitando os olhares, as mudanças, buscando uma revisão de valores segundo as vozes construídas?

Para auxiliar na argumentação do encontro do terapeuta e do pesquisador voltados para as relações, recorri a Gergen, o qual afirma:

Al ampliar as argumentaciones posmodernas, vemos la posibilidad de remplazar la cosmovisión individualista (en la cual las mentes individuales son decisivas para el funcionamiento humano) por una realidad relacional. Cabe sustituir la máxima cartesiana *Cogito, ergo sum* [Pienso, luego existo], por *Communicamos, ergo sum* [Nos comunicamos, luego existo], ya que sin actos de comunicación coordinados nno hay ningún “yo” que pueda expresarse. (2006, p.330).²

Gergen prossegue em suas reflexões afirmando que na medida em que nossos atos são inteligíveis, o são dentro de um sistema de significados, sendo que tais significados não são produto das mentes individuais, e sim das relações. Viver não é mais do que uma entre as variadas formas de relação, envolvendo vantagens e desvantagens segundo as perspectivas de cada um e as pautas de seu relacionamento em curso. Segundo esse autor, essas ideias ainda não haviam sido desenvolvidas, uma vez que raramente se desagrega o discurso da relação.

Respalhada em reflexões como as de Gergen, fui levada a levantar outra série de indagações: Como pensar nas relações sob uma perspectiva pós-moderna? Como pensar na pesquisa e nas relações dentro de um processo de construção desta realidade ao longo da pesquisa? Como pensar no psicossocial e ao mesmo tempo em termos de saúde?

Aos poucos tais indagações foram diluindo à medida em que encontrava algumas respostas, a primeira delas encontrei na compreensão de que as mudanças levam a embates, aos confrontos geracionais que questionam valores, regras, as forma de viver, de conversar e de se relacionar. Levam também a transformações e à perda de vínculos entre outras. A família patriarcal, tradicional, extensa abrangendo o convívio de gerações vivendo na zona rural, passou para a família nuclear de pai, mãe e filho. Ficou, portanto diminuída, possibilitando que a individualidade fosse vivenciada com uma maior abertura, principalmente diante da crescente população dos centros urbanos, e com isso pode ser mais questionada. Os problemas mudaram de lugar e de proporção, como fruto de uma maior complexidade. Para contextualizá-la retomo uma breve reflexão do panorama global

² Ao ampliar as argumentações pós-modernas, vemos a possibilidade de substituir a cosmovisão individualista (na qual as mentes individuais são decisivas para o funcionamento humano) por uma realidade relacional. Cabe substituir a máxima cartesiana *Cogito, ergo sum* (Pienso, logo existo), por *Communicamos, ergo sum* (Nos comunicamos, logo existo), já que sem atos de comunicação coordenados não há nenhum “eu” que possa expressar-se (GERGEN, 2006, p.330).

das últimas décadas sobre as questões sociais e familiares refletindo sobre o eu em construção relacional, para isso recorri aos pressupostos de algumas terapias pós-modernas.

Numa pequena síntese, pode-se dizer que as terapias pós-modernas buscam ampliar as habilidades, fortalezas, resiliências, recursos e evitam ser detetives da patologia, ou de fazer diagnósticos rígidos. Prioritariamente preocupam-se com os efeitos negativos que os diagnósticos psicopatológicos podem ter sobre a pessoa, e se mantêm empáticas e respeitosas com os clientes. Evitam utilizar um vocabulário de déficit, ou usar a nomenclatura das patologias, algo distante da linguagem cotidiana. Estão voltadas para o futuro e são otimistas a respeito das trocas relacionais. Olham para a terapia como um processo conversacional, discursivo, interessando-se pela forma como as pessoas criam suas narrações e histórias sobre as suas vidas. De acordo com elas, o conhecimento de nossa identidade se constrói por meio da interação com os outros. Não pensam nas dificuldades humanas em termos de estruturas profundas. Preocupam-se, sim, com as distinções hierárquicas, ou seja, com a oferta de uma fala mais igualitária, que pressupõe respeito às diferenças, ou conjuntos de ideias em conversações complementares. Procuram evidenciar as vozes e histórias que haviam sido suprimidas, ignoradas e não que não foram levadas em consideração anteriormente sobre o relacionar, encontros e desencontros, escolhas possíveis. Co-constroem objetivos e negociam a direção da terapia com o cliente na condução de sua vida, uma vez que são os responsáveis por suas escolhas, sendo *experts* de sua vida e de seus dilemas, uma vez que as terapias pós-modernas ampliam conversações temáticas e as necessidades dos clientes. Enfim, a terapia é vista como uma colaboração entre cliente e terapeuta. Essa postura define-se como colaborativa, com a qual me identifico, pois se trata de uma postura pós-moderna que tem a ver com a filosofia de vida como penso, vejo e relaciono.

Enquanto pesquisadora, outras perguntas mais técnicas foram sendo geradas, entre elas como conquistar a colaboração do participante em uma postura pós-moderna? Como questioná-lo a partir de um lugar de curiosidade e de respeito, estimulando a própria conversação na pesquisa?

A resposta não poderia ser outra senão a de construir, um lugar no “entre” nas relações. Um lugar em que eu e o outro pudéssemos produzir uma conversação de desconstrução da patologia, sem ignorá-la, outrora sustentada por uma visão

apenas biomédica, agora, porém, mais compartilhadas numa equipe multidisciplinar, discutindo as questões também das experiências relacionais da vida cotidiana, para que os múltiplos lados ou possibilidades e as possíveis transformações pudessem ter visibilidade, serem valorizadas e integradas. Reforçando minha crença na perspectiva construcionista social busquei clarificar ainda algumas questões sobre a definição de uma postura humana diante das relações e de novos conhecimentos.

Dentre a variedade de propostas construcionistas existentes, adotei para esse estudo a versão responsivo-retórica proposta por Shotter (1993/2000), o qual se traduz pelo interesse e não sobre como as pessoas chegam a conhecer o mundo e tudo o que fica a seu próprio entorno. Esse autor refere-se a como as pessoas criam e mantêm entre elas determinadas formas responsivas de se relacionar em suas conversas e sobre como a partir desses modos constroem sentidos (GUANAES; JAPUR, 2008)

Central a esse entendimento é a noção de linguagem em uso, em que a linguagem é vista como prática social, construtora da realidade. Como aponta Shotter (2000), quando as pessoas conversam, elas não estão simplesmente colocando ideias em palavras, nem refletindo a verdade de uma realidade que é independente delas. Na realidade, elas estão construindo sentidos, práticas sociais ou formas de vida.

Do que estou falando quando falo do Construcionismo? Para mim, a ideia da construção social surgiu bem antes, decorrente de minha formação em Estudos Sociais numa busca de entender como se produz culturalmente o conhecimento sobre o mundo. Hoje, reflito sobre o que me enveredou para a área social. Com certeza não foi um levantamento de bandeira para a construção social do mundo, e sim, talvez, para o que sempre quis investigar, ou seja, como os sentidos são co-produtados em conversações.

Hoffman (2009) amplia nossas compreensões com mais essa reflexão:

[...] Não é fácil para nós termos consciência de nosso *self* de terapeuta, é ainda mais difícil estarmos cientes durante a terapia do nosso *self* que entra e sai do que eu chamo de inconsciente compartilhado ou lagoa comum. Lutei com essa ideia por décadas e aceitei a noção de que conhecimento não é um produto do sistema nervoso individual, mas na verdade evolui da vivência, de rede mutante de significados na qual o nosso fazer está inserido. (Prefácio, p. XIV)

Hoje, me foco na produção de sentido com as coisas que estão nos preocupando agora, sobre como estão sendo produzidos os significados, significados que podem ser estendidos às comunidades. Quero ajudar em uma transformação social, pensando nas interações, relações, nas conversações, e sobre as formas de se fazer isto. Meu foco restringe-se ao significado relacional, na comunicação, na palavra, no pensamento e no sentimento de processos públicos de produção de sentido, conduzidos privadamente. Penso dessa forma porque os significados estão sujeito à contínua reconstituição mediante ações suplementares, que podem ser tanto um sinal, um gesto com a cabeça, ou até mesmo uma pesquisa compreendida como forma de interação e resposta ao outro.

Compartilhando com as reflexões de Hoffman (2009):

Chamo essa atividade de conhecimento Colaborativo. Nesse ponto, devo a descrição a John Shotter (1993b) do ‘conhecimento do terceiro tipo’, um processo que não está nem na mente nem no mundo, mas ocorre na esfera prática de moral do que ele chama de “ação conjunta” (Prefácio, p.XIV)

Para mim faz sentido pensar a partir desses estudos e práticas do não conhecimento durante o desenvolvimento de uma conversa terapêutica ou de pesquisador em relacionamentos, porém atento ao cuidado do canal de trocas que Hoffman aponta sobre como criá-lo. Eu ainda acrescentaria: Como criá-lo e como mantê-lo?

Gostaria de encerrar a argumentação sobre o olhar para as relações unindo terapeuta e pesquisador com as reflexões de Gergen (2006) sobre as formas de construí-las. Esse autor pontua que comum a todas as formas de construção das relações é o entendimento de que elas não são produto da dinâmica de uma mente individual ou das características situadas em um mundo externo, e sim de todo um processo de fluidez da comunicação humana. Essa preocupação deve-se ao fato de que são os processos conversacionais e relacionais que possibilitam a produção de conhecimento tanto sobre as pessoas quanto sobre o mundo em que vivem.

1.3 A visão da pesquisadora e a construção epistemológica da pesquisa

Comungando dessas ideias, procurei não escutar a palavra isolada e nem investigá-la isoladamente. Procurei prestar atenção nos sentidos que estão

embasados dentro de uma cultura, na construção das conversações dialógicas e no dialogismo como relação e na linguagem em uso nas relações humanas, em suas vozes e consciência nos discursos. Estes são aspectos muitas vezes não articulados nas histórias, porém que influenciam as diferentes formas de ver o futuro. Um olhar para o modo como as relações se entrelaçam pessoalmente ou dentro de uma cultura, para mim, faz mais sentido quando se inicia uma compreensão olhando para os aspectos intergeracionais.

No caso dessa pesquisa, um disparador motivacional foi entender que somos feitos de histórias e gostamos de recontá-las, e como as práticas terapêuticas pós-modernas tanto a Narrativa, quanto a Apreciativa, assim como a Colaborativa incentivam recortes e significados das histórias de vida, mesmo que tenham caminhos diferentes para fazê-lo. Assim, a possibilidade de interconexão e de entrelaçamento entre os instrumentos e práticas propostas para esse estudo emergiu pensando nas práticas da Pós-Modernidade. Inicialmente ocorreu-me pela intuição, e depois fundamentada por Cecchin e sobre sua irreverência científica e também por Gergen.

Outro desses disparadores foi a questão das diferenças culturais e o quanto as três práticas mencionadas alertam sobre o desafio e cuidado de estar trabalhando em uma cultura interiorana mineira. Ao considerar que a cultura diz algo a respeito dos significados atribuídos aos eventos, aos rituais, às tradições, às formas de viver, ao linguajar, ao relacionar, em resumo aos estados de felicidade e tristeza, isto me alertou determinadas questões. Questões que são fundamentais para nós psicólogos, como identidade e o pertencimento, portanto um lugar de mais atenção e cuidados que devem ser tomados ao se pensar no *self* e na família, cuidados que devem ser considerados em qualquer prática.

Sobre tais cuidados Waldegrave nos diz:

Todas as culturas carregam consigo histórias, crenças e maneiras de se fazer as coisas. Em particular, as culturas carregam significados. Experimentamos praticamente todos os eventos mais íntimos das nossas vidas dentro de uma cultura ou culturas. No interior das nossas famílias ou agrupamentos íntimos, aprendemos as regras e as maneiras aceitas de se fazer as coisas. A vida pública também é determinada pelos significados criados pelas culturas. Isto é muito importante; indica que qualquer pessoas que trabalhe com pessoas de uma cultura diferente da sua, requer pelo menos uma apreciação qualitativa e um conhecimento informado daquela cultura. Em geral, a única maneira de as pessoas obterem essa apreciação e esse conhecimento é sendo uma parte dessa cultura, ou pelo menos extremamente familiarizada com alguém desta cultura e trabalhando sob a sua supervisão. (WALDEGRAVE, 2003, p. 465/466).

O presente estudo foi um lugar de muito cuidado, especialmente para mim, na condição de uma pesquisadora mineira interiorana e migrante. A familiarização com a cultura de Delfim Moreira ajudou, mas o encontro fundamental ocorreu na relação e integração com as pessoas dessa cultura, que abriram espaço para que esse trabalho pudesse ser feito.

Em minha formação, o primeiro contato com estudos de famílias e com sistemas antecederam às primeiras ideias intergeracionais. Estas vieram de longos estudos de prática clínica, porém, no desenvolvimento dessa tese vieram da percepção da necessidade de se fazer uma releitura junto à essa comunidade interiorana mineira, considerando a transição de um olhar moderno, tradicional, hierárquico com suas muitas verdades imutáveis, repensando meu momento social e profissional e também o das famílias em transformação de paradigmas. Mantive-me interconectada com o olhar do Construcionismo Social e os dilemas que surgem do não entendimento do que está acontecendo com as pessoas em seus relacionamentos em meio a tantas mudanças sociais.

Em continuidade ao processo de pensar as atuais práticas do saber, fui sendo surpreendida também por outros dilemas: Será que essas mudanças relacionais angustiam, e interferem na saúde, traduzidas nas doenças das pessoas desta comunidade? Contribuiria ou não, facilitar entendimentos sobre estudos intergeracionais na área de família com os profissionais da área de saúde dessa cidade? Seria interessante ou não articular o olhar intergeracional às abordagens pós-modernas dentro dessas reflexões?

A compreensão de que a Intergeracionalidade contribui como uma porta que se abre para refletir sobre as transformações culturais e sociais chegou como respostas às minhas angústias. Na prática, tal abordagem auxiliou, de fato, a compreender como mudar e inovar as formas das relações, advindas com as necessidades das novas gerações, e ao mesmo tempo respeitando as mais antigas, que transmitem conhecimentos co-construídos, experenciados e repassados hierarquicamente. Claramente, o acréscimo do olhar intergeracional contribuiu para o processo de percepção desse movimento tanto dentro do sistema e subsistemas pessoais quanto do sistema institucional.

O discurso simplista de que “o mundo mudou!” é perceptível a todos, porém ele não só mudou, mas também, como sempre, sofreu e esteve em transformação,

trazendo com ela as novas tecnologias, e inclusive a necessidade do surgimento de novas formas de se relacionar. Tudo isso acaba por afetar o humor, os afetos, os vínculos, enfim, os medos. Resumindo pode-se dizer que houve mudanças em nossos caminhos tanto na forma de se viver e na qualidade de vida, quanto na de nos vermos e como nos vemos.

Sob essa perspectiva, Spink também contribuiu para que eu pudesse pensar minha pesquisa não em termos de rupturas de Modernidade ou Pós-Modernidade, e sim como uma “Modernidade Tardia” e uma Ciência Reflexiva.

Em seu curso “Linguagem e produção de sentidos no cotidiano” ministrado em 2000, na PUC/SP, Spink inicia pedindo desculpas antecipadas pelo uso de uma analogia associada às recentes pesquisas na área da Genômica, essas rupturas nas formações sociais, a exemplo do que acontece na evolução genética, são coisas lentas, não acontecem de um dia para o outro. De acordo com seu pensamento, torna-se difícil viver a ruptura e, ao mesmo tempo, observar que se está vivendo dentro dela. Dessa percepção decorreu sua opção pelo termo “Modernidade Tardia”, sendo que seu principal mentor para trabalhar essas questões é Beck (1986). Entretanto, Spink recorre ainda a outros autores, apontando que há uma constelação deles preocupados com o tema da Modernidade, incluindo aí Giddens (1998) na Inglaterra; Vattimo (1996) na Itália e Boaventura Santos (2000) em Portugal. Ou seja, há vários autores que estão trabalhando essa problemática.

Essa autora prossegue dizendo que recentemente teve oportunidade de ouvir uma conferência de Boaventura Santos onde ele pleiteava a possibilidade de uma globalização positivada, por exemplo, pela possibilidade de resistência em rede. O fato é que pelas características da sociedade atual, convive-se com uma problemática bastante importante que é a distribuição ou minimização dos riscos, então ela nos pergunta: O que fazer com os riscos que nós mesmos produzimos com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia? Na contramão dessa preocupação, eu diria que investir nas relações seria um dos caminhos para se atingir o desenvolvimento humano e influenciar ou prever direções alternativas, isentando ou diminuindo os riscos dessa natureza, contexto esse que minha pesquisa teve a intenção de contemplar.

Alguns desafios para a família brasileira contemporânea

Creio que uma das possibilidades para a construção desse capítulo seria apresentar um panorama geral de seu objeto de estudo antes de se fazer qualquer reflexão sobre as práticas do saber que o respaldariam, entretanto, optei por apresentar esse panorama a seu final para que se possa compreender com mais elementos o porquê de minhas opções teóricas.

Ao pensar sobre alguns aspectos da família brasileira contemporânea, reflito sobre a complexidade dessa família, que ao mesmo tempo lida com as influências de um mundo globalizado, e com tudo aquilo que a torna única: seus ritos, seus mitos, seus legados, cultura e as influências que recebe do meio em que se insere.

Ao abordar a questão dos relacionamentos amorosos contemporâneos, Grandesso (2009) menciona que grandes transformações tiveram lugar no último século. No próprio dizer dessa autora:

A diminuição dos casamentos legais, o crescente aumento das relações conjugais não formalizadas e o crescente número de divórios ressaltam a insuficiência e inabilidade do paradigma moderno, fundado na dicotomia solteiro-casado, para dar conta das novas estruturas de parcerias. (2009, p.3).

Embora as estatísticas comprovem o aumento do número de divórios e separações, paradoxalmente a nupcialidade continua em alta. Sem a intenção de parodiar Vinícius de Moraes³, sua expressão “que seja eterno enquanto dure” é perfeita para caracterizar as uniões contemporâneas? Os votos de que “até que a morte os separe” pertence ao passado? Com certeza, encontra-se no bojo dos vínculos que se criam com as novas uniões.

³ Marcus Vinícius de Melo Moraes nasceu no Rio de Janeiro (RJ) em 1913. Bacharel em Letras, formou-se também em Direito no mesmo ano em que estreou como escritor: 1933. Cinco anos mais tarde, foi para Oxford, na condição de bolsista mas a explosão da guerra, em 1939, forçou a volta ao Brasil. Ingressou na carreira diplomática em 1943 e em 1946 foi para Los Angeles, como vice-cônsul. Em 1953 compôs seu primeiro samba: era o inicio da atividade que iria absorvê-lo. Alguns anos depois, convidou Tom Jobim para fazer a música do espetáculo *Orfeu da Conceição*, peça de sua autoria, que viraria depois o filme *Orfeu negro*, premiado com a Palma de Ouro no festival de Cannes. Morreu no Rio de Janeiro, em 1980. Disponível em: <http://www.releituras.com/viniciusm_bio.asp> Acesso em: 27.01.2012

[...] um relacionamento íntimo compromissado, projetos compartilhados, companheirismo e respeito tanto pelas individualidades como pela vida em comum confirmam as expectativas a serem realizadas num universo pluralístico que cria e recria a vida em família, numa variedade de arranjos de parentescos, domicílios e sistemas colaborativos. (GRANDESSO, 2009, p.4).

Conviver entre família ou entre outros subentende a construção de significados comuns que embutem a abertura para diferentes códigos e mundos. Essa aceitação implica no reconhecimento da heterogeneidade de nosso mundo.

Nesse final da primeira década do século, já não se discutem mais a existência dessas novas configurações familiares, Isto também é falado na mídia, mostrado em novelas como na novela “Insensato Coração”, apresentada em 2011 na Rede Globo de Televisão, na qual eram abordados temas como o casamento homossexual masculino e recasamentos. Em 2012 na novela “A vida da Gente”, conotação ao tema de relacionamentos familiares, evidenciando as experiências e a possível vida a se levar. No contexto atual, Grandesso (2009) nos alerta para a nova tarefa em relação a esses novos arranjos, que é a de protegê-los, pois a família é o lugar privilegiado em que o indivíduo consegue garantir sua dignidade e realizar-se plenamente como ser humano.

Por enquanto, ainda estamos engatinhando no que diz respeito à sua plena compreensão e enquadramento tanto do ponto de vista jurídico quanto da própria linguagem em sua dificuldade de possuir termos que consigam expressar todas as suas particularidades e necessidades.

A prática cria e leva-nos a buscar novas alternativas a ser repensadas responsivamente. Cada família traz consigo as múltiplas histórias de vida de seus membros singulares, que são verdadeiras enquanto organizadoras dos significados que, nesses novos arranjos, são vividos e construídos em linguagem.

Com essa postura abre-se espaço para novas narrativas valorizando-se a heterogeneidade:

Se o terapeuta trabalhar a serviço de promover um diálogo nessa aparente Torre de Babel, tendo como decodificador o respeito, a conectividade e a responsabilidade relacional, estará, certamente, abrindo espaço para um futuro em que cada um e todos possam se comprometer em construir e preservar. Isto demanda por um constante questionamento dos valores que estão sendo mantidos, explícita ou implicitamente, nas histórias que ajudamos a construir no que diz respeito à diversidade cultural; ao respeito pelo outro, em particular pelas crianças e idosos; à igualdade de direitos entre homens e mulheres; aos que assumiram suas preferências homossexuais; aos que nasceram com sua pele mais pigmentada; aos menos favorecidos economicamente. (GRANDESSO, 2009, p.12/13).

Ao estudar as famílias brasileiras, Hintz (2001) identificou alguns de seus novos arranjos familiares, os quais nos ajudam a visualizar as novas configurações das famílias brasileiras contemporâneas e que podem ser observados a seguir:

Quadro 1: Novas configurações familiares.

Novas configurações familiares	Como se caracterizam estes novos arranjos familiares
Família monoparental	Constituída apenas pelo pai ou pela mãe e os filhos.
Famílias reconstituídas	Configura-se a partir de pessoas que iniciam nova família com novos companheiros.
Unões consensuais	Caracteriza-se pela união de parceiros que optam por não formalizá-la. É adotada tanto por casais que se encontram na primeira quanto nas demais uniões..
Casais sem filhos por opção	Casais que optam por não ter filhos e priorizar a satisfação pessoal, como projetos de ascensão social, maior independência social ou financeira, dificuldade para lidar com crianças entre outras escolhas do casal.
Famílias unipessoais	Caracteriza-se por aquelas pessoas que optam por ter um espaço físico e emocional individual.
Associação	Caracteriza-se pela quantidade de pessoas que optam por viverem sozinhas. A associação é composta por amigos sem grau de parentesco, mas que estabelecem vínculos afetivos baseados na amizade.
Famílias homossexuais	Constituída quando há união marital de pessoas do mesmo sexo, formando um casal homossexual.

Fonte: Hintz (2001, p.8/11)

Compactuo com as reflexões de autores que nos alertam para a ruptura e abertura que está havendo em todas as formas de transmissão familiar, sejam elas

de ordem econômica, social, cultural ou relacional. As famílias já não são as mesmas, e ao questionar a forma como as famílias tradicionais agiam, perdem-se, já não conseguem transmitir aquilo que foi aprendido com as gerações anteriores. Às vezes ficam sem saber como fazer a transmissão daquilo que os filhos precisariam saber, e com isso somos todos levados de roldão a inovar, a buscar saídas.

Anderson (2009) pensando sobre as novas configurações familiares pontua:

Hoje é quase impossível para *família* ter um significado único em um sentido sociocultural. Uma vez que as famílias incluem muitos tamanhos, formatos e variedades, incluindo aquelas relacionadas pelo sangue e outras (Goolishian e Kivell, 1981), o termo requer várias definições mutáveis. Em uma visão estreita em qualquer família ou em uma visão cultural maior, a família assume muitas formas únicas. Historicamente, no campo de saúde mental, a *família* significa a unidade tradicional de pai e mãe, pai e filho ou filhos. [...] Mais tarde, as disciplinas começaram a identificar famílias tradicionais modificadas – famílias de um único pai ou mãe, famílias postiças, família de três gerações – e consequentemente outras, cujos membros eram relacionados por características que não sanguíneas ou de casamento – famílias de trabalho, casais do mesmo sexo, famílias de amigos – como se todas essas variações pudessem ser conhecidas e definidas também. A noção de família continua a mudar drasticamente para incluir uma rica e crescente variedade de unidades familiares. Infelizmente, as teorias psicológicas baseadas na teoria social de organização de papel estrutura não tem acompanhado ou levado em consideração essas mudanças. Além disso, todas essas definições estão embutidas em incontáveis estereótipos, mitos, vieses, estigmas e valores que influenciam e constrangem clientes e seus terapeutas que falam em ver a família como uma coleção de indivíduos em que todos têm suas próprias definições do sistema relacional chamado família. (ANDERSON, 2009, p.69).

Em continuidade ao pensamento de Anderson me pergunto: E como serão chamadas as famílias das próximas gerações? Nossos filhos? Netos?

Nossos filhos se movem em tantas direções que já não conseguimos acompanhá-los, parece que as famílias perderam a serventia que lhes era dada no passado, pois havia o predomínio de um pensamento linear de *status*, o qual sustentava a família em sua posição de mantenedora de hábitos e costumes. O preço que pagamos por isso pode ser alto demais as pessoas encontram-se cada vez mais sós, prontas para “aprender na raça”, seja lá quais forem as alegrias ou as tristeza que viverão. E esse contexto, pode causar o isolamento, solidão trazendo novas consequências na singularidade, sistemas, ao contrário do que se propõe para os cuidados com a vinculação, solidariedade, humanização, onde se valorizam o “encontro” as trocas relacionais nas interações. O que ocorre hoje no processo de individualidade é que refletindo sobre essas mudanças se é ruim sermos cada vez mais sós, pior seria se nos fosse facultada a possibilidade de retroceder no tempo e

voltar ao que era antes. Qual de nós se ajustaria a um mundo de imposições, de certos e errados, do “pão, pão, queijo, queijo”. E aí me pergunto: O que seria do verde, se todos gostassem do amarelo? O que seria da família sem os inquietos, sem os contestadores, sem os irreverentes?

Sem sombra de dúvida é inquestionável a necessidade de um espaço conversacional e de uma linguagem relacional co-construída, onde caibam todas essas cores, todas essas diferenças em convívio. O conhecimento, os valores hoje já não são unicamente transmitidos pelas famílias, mas que as famílias estão na Internet, nos livros, na educação, em lugares culturais, redes sociais e, portanto na interlocução das relações, alertando-nos para essas compreensões e reflexões.

O tema intergeracional dentro dos estudos de famílias e suas práticas terapêuticas veio ajudar a repensar este momento de panorama geral e global em tempo veloz de transformação e de informações sobre as mudanças e o conflito de gerações, valores, emoções, sentimentos, doenças, comunicação e conversações. Faz muito sentido ao reler nossa história relacional intergeracional com essa visão pós-moderna de sistemas amplos e sistema familiar em transformação, nos quais ocorrem as construções relacionais do si mesmo que evidenciam a preocupação com o nosso futuro.

Faz sentido levantar estas reflexões sobre como as famílias estão acompanhando ou não, ou até mesmo sentindo estas mudanças sociais e rápidas. E como lidam com elas, reorganizam-se ou ficam parados, perplexos? Adoecem? Agarram-se na estrutura do que os pais sabiam e lhes ensinavam até então vistas como melhores? Inovam nas relações? Têm resistência, medo, sofrimento, reclamações, ou buscam novos conhecimentos para compreender esta transição social? Enfim, colocam a culpa no filho, no outro, ou nos pais? Entendem que chegou a hora de todos amadurecerem e dialogarem?

Por todas essas questões, entender o processo intergeracional é importante em nossa visão para poder fazer a passagem, fazendo com que as pessoas assumam mudanças geracionais e sociais a partir dessa compreensão envolvendo o si mesmo em compartilhamentos, com respeito para com as necessidades e transformações culturais de sua época. E ainda perceberem o sistema como algo importante, mas diferente de indivíduo para indivíduo, singular, em seu processo de individuação. Olhar para as heranças, legados, missões, rituais, recebidas das famílias e do social dentro de uma cultura. Diferenciando a herança de “si mesmo”

naquilo que se vai construindo pela trocas de experiências, nas suas relações e, portanto sentindo na troca singular o conhecimento da construção de seu processo de individuação.

Nos estudos anteriores, meu olhar de terapeuta para a família era o da estrutura, papéis, funções, valores, afetos, vínculos, depois para os membros entrelaçados dentro de uma trama no sistema, interligados e se comunicando. Hoje, penso em sistemas de linguagem, vendo os indivíduos em separado com suas necessidades em uma comunicação afetiva dentro do sistema. Portanto, já não olho mais para o sistema com seus membros e, sim os indivíduos com sua singularidade, interconectados dentro de um sistema, co-construindo-se, considerando-se tanto as influências do sistema quanto de si próprio.

Segundo reflexões de Anderson (2009):

[...] a ênfase, entretanto, não está no indivíduo no sentido tradicional, mas no indivíduo em relacionamento, que coordena pensamentos e comportamentos linguagem e por meio dela. Ou seja, não se pensa na família como um grupo de indivíduos autônomos, mas como uma combinação de indivíduos fluidos relacionais dialógicos. (2009, p.70).

Sobre a questão de gênero Macedo (2004) contribuiu para a percepção da família brasileira apontando que a mulher não é diferente por ser um homem incompleto, justamente por não possuir o falo, mas por ser um outro, ao mesmo tempo similar e diferente do homem, com quem pode se relacionar em termos de reciprocidade. De acordo com essa pesquisadora, uma leitura possível desta relação é compreender o conceito de gênero dentro de uma visão epistemológica de construção da realidade, segundo o novo paradigma da Pós-Modernidade, que propõe uma visão complexa do mundo e do homem, implicando a multiplicidade, o relativismo, a diversidade.

Para Macedo:

Gênero é uma categoria que envolve um conjunto de práticas, valores, símbolos, representações, e normas, as quais as sociedades elaboram a partir das diferenças sexuais anátomo-fisiológicas e que dão sentido à satisfação dos impulsos sexuais e ao relacionamento em geral entre as pessoas. (MACEDO, 2004, p.48,49.)

Prosseguindo com suas reflexões, Macedo (2004) nos mostra que a realidade é construída pela percepção que se tem do mundo no qual se constroem os significados por meio da linguagem. De acordo com esse novo paradigma:

A gama de possibilidades de ser-no-mundo que podemos construir em termos de gênero é inimaginável (embora dependa da força dos nossos preconceitos) e varia em função das construções sociais que fazemos e dos significados linguísticos que atribuímos em consenso na cultura a qual pertencemos. (MACEDO, 2004, p. 49).

Prosseguindo com suas reflexões, Macedo (2004) nos mostra que a realidade é construída pela percepção que se tem do mundo ao qual constróem-se os significados por meio da linguagem. De acordo com esse novo paradigma, sobre homens, aponta-nos:

E importante, para os homens quebrar o paradigma da cultura patriarcal que o fez julgarem-se os únicos detentores da racionalidade e domínio do espaço público, relegando as mulheres à privacidade do lar e à subordinação a eles, pois em consequência, eles se enrijeceram, se mutilaram e, com isso, reduziram a capacidade de se tornarem seres humanos, mais integrados, condição para um relacionamento de gêneros mais justo e mais recíproco e igualitário. (2004, p.50).

Retomando suas reflexões sobre a mulher, Macedo (2004) aponta que no meio rural, apesar de todas as mudanças destes últimos tempos, a mulher sofre ainda grande opressão. A perda da virgindade ou o adultério são punidos até com a morte, sendo pai e maridos absolvidos por “*‘legítima defesa de honra’*. *A mulher tem muitos filhos, com mínimo intervalo, o que desgasta muito seu próprio físico e ocasiona o envelhecimento precoce, dado que além dos filhos, da casa, do marido, ajuda na lida do campo em dupla, e, às vezes, até tripla jornada de trabalho*” (2004, p. 28)

Observa-se que nas classes operárias, a dupla jornada de trabalho não é sequer questionada. As mulheres vão para o trabalho, porém deixam as refeições para a família preparada, e quando retornam ocupam-se da limpeza da casa, das roupas, auxiliam nos deveres escolares dos filhos e o que mais seja de âmbito doméstico. Um problema muito grave que enfrentam refere-se a falta de creches para os filhos, tendo então que deixá-los a cargo de terceiros, motivo de preocupação e diminuição da renda doméstica. Apesar de, às vezes, as mulheres receberem proventos superiores ao homem, nem sempre conseguem participar das decisões sobre como usar o dinheiro.

Ainda em acordo com o pensamento de Macedo, a classe média apresenta diferentes características: quando de pequenas cidades do interior em geral, são mais conservadoras; poucas mulheres trabalham fora do lar defendendo, em geral,

valores tradicionais quanto à posição da mulher na família, educação de filhos, relação entre os sexos. Já nas grandes cidades, as mulheres de classe média representam quase a metade da força de trabalho. As mulheres são maioria nos cursos universitários, e seguem carreiras, não só para as formações tidas com tradicionalmente “femininas” como aquelas ligadas à educação e ao cuidado. Hoje em dia, observa-se que a mulher rompeu a barreira de qualquer que seja a formação acadêmica ou atividade. *“Com competência e muita apreciação por parte se seus superiores, observa-se ainda em muitos setores, uma remuneração inferior para igual posto de trabalho.”* (Macedo, 2002, p.28,29)

Em 1987, DaMatta pontuava que o casal da família da classe média brasileira vivencia um individualismo que ao mesmo tempo é igualitário e generoso. Esse autor acredita que isso ocorra porque ambos trabalham, podem pagar empregados domésticos que se ocupam do serviço da casa e dos filhos. Afirma ainda que paradoxalmente, defendem ideias liberais quanto à política, sexualidade e costumes. Frequentemente, flagra-se o homem da classe média no discurso de que “ajuda” a mulher, porque ela também trabalha, acreditando que coopera ao fazer supermercado ou levando as crianças ao parque no fim de semana, numa clara afirmação que está aliviando o peso de uma obrigação que é da mulher, e faz isso porque comprehende quando ela precisa. Isso revela uma explícita falta de reconhecimento de que as questões de gênero estão mudando. Também nessa classe social, não é raro que a jornada de trabalho seja dupla porque as tarefas de organização e comando da casa e dos filhos, o suprimento, a responsabilidade pela programação extra-curricular, em geral ainda são vistas como de responsabilidade única da mulher.

Já nas classes altas, socialmente dominantes, o discurso das mulheres, sob a percepção de Macedo (2002):

Nas classes altas, socialmente dominantes, o discurso das mulheres em geral é a favor dos valores tradicionais de família, defendendo o casamento, a fidelidade, a monogamia, e contra o aborto, a liberalidade sexual excessiva, a promiscuidade. No entanto, parece haver um duplo padrão de comportamento visto o noticiário social e as revistas de fofocas sobre os escândalos envolvendo tais personalidades, como se o dinheiro e sobrenome lhes garantisse uma ética e um padrão de moralidade especial. Adulterio também ocorre e muito nessas classes. (MACEDO, 2002, p.29).

Complementando suas argumentações sobre o papel da mulher na sociedade, Macedo afirma que ao olhar retrospectivamente para a caminhada da

mulher desde a pré historia até a contemporaneidade, percebe-se que em cada época, em cada sociedade há um aspecto da organização e funcionamento da vida cotidiana associado à figura feminina girando sempre em torno do cuidado das novas gerações (MACEDO, 2002).

Sabe-se que são grandes os desafios não só das mulheres quanto dos homens, famílias, profissionais, como também das próprias civilizações com seus sistemas inteligíveis, e com os novos desafios globais do século XXI. Como cuidar da saúde do planeta, da educação e saúde dos povos, como rever questões interligadas aos relacionamentos para se construir novos conceitos, valores e paradigmas? Pergunto-me diariamente: Em que mundo gostaríamos que nossos filhos vivessem? Será que seriam conscientes de uma nova visão multifacetada e complexa? O que estamos fazendo enquanto seres humanos e profissionais para ajudar a melhorar essa convivência?

Penso estar contribuindo com a ajuda da ciência, influenciando com possibilidades e alternativas de conexões, interligações das inteligências humana e tecnológicas, saindo do entendimento simplista do mundo e das pessoas em convivências para um entendimento complexo e de complexidade da natureza. Creio também que esteja contribuindo, auxiliando as pessoas a perceberem e diferenciarem vários estilos de vida, acreditando em seres humanos criativos e com sentimentos mais altruístas, portanto podendo ser mais humanizadores. Com isso acredito estarmos ajudando as pessoas a desenvolverem suas potencialidade e sabedoria, reflexividade, para lidar com esses avanços, transformações, evolução.

Destaco aqui, a sabedoria como algo diferente da especialidade de um profissional, refiro-me à sabedoria vinda da síntese do conhecimento e da experiência e que, às vezes se leva uma vida toda para adquirir, melhorando assim a produtividade dos recursos humanos, sejam eles no campo das ideias, das práticas, mas sempre elevando sua criatividade, potencialidade o alcance das relações e convívios.

Termino este capítulo ainda com uma reflexão de Macedo (2009) sobre o olhar do profissional psicoterapeuta de família, que agora me aproprio enquanto pesquisadora. Nessas reflexões, a mesma autora pontua que eticamente falando, o desafio maior de nossa atuação se resume em garantir a todas as pessoas a autoria de seus atos, que é um princípio básico da cidadania. Em sua opinião, nosso país por suas peculiaridades, e pelo lugar que a Terapia Familiar ocupa no nível de

políticas públicas, tem-se muito a fazer. Essa tarefa não é fácil e muito menos para poucos, razão pela qual precisamos nos fortalecer pela construção de redes institucionais que potencializem o trabalho do psicólogo e lhe dê visibilidade frente ao poder público para implementar também as mudanças de contexto, elemento constitutivo dos problemas das diferentes populações tanto quanto as crenças, os valores e as interações pessoais e sociais.

PROGRAMA DE RESSIGNIFICAÇÃO DA FAMÍLIA DE ORIGEM DO PROFISSIONAL DE SAÚDE (PRORFOPS)

CAPITULO 2 - CONTRIBUIÇÃO DO OLHAR INTERGERACIONAL PARA PENSAR AS RELAÇÕES

Buscando autonomia

G2/P13: Eu gostei muito de ver a batendo na mesma tecla. coisas que a gente nem imaginava; história da G2/ P8, e por ser uma G2/P13: Uma vez um amigo me e as coisas começam a fazer senti- história tão diferente da minha... na falou uma coisa que eu não esqueci do! verdade eu não sei até que ponto as mais: o perdão vem com o entendi- G2/ P9 : Então, como é o relaciona- histórias são diferentes, eu acho que mento. A partir do momento que mento? Lá em casa, por exemplo, é os olhares são diferentes. As histó- você começa a entender isso, o per- pai, mãe e oito filhos; só que assim, rias são muito parecidas, mas a ma- dão é automático. Então, quando eu cinco faleceram e só tem três filhos. neira que a gente enxerga é que é comecei a entender as histórias das E os que estão vivos, nós fomos diferente. Seu eu começar a contar mulheres e dos homens, das rela- fazendo o relacionamento com eles, de novo a minha história aqui, já ções e reações que as mulheres e os com pai e com a mãe. Então, eu já começo completamente diferente. homens tiveram e provocaram, o tinha comentado no intervalo, que G2/P13: Na verdade, a gente reco- perdão foi caminhando. É engranya- na minha família, eu achava que o nhece o modelo e depois percebe e do olhar hoje para as pessoas da homem era autoritário, porque até vê que quer fazer isso comigo. En- minha família, daquelas que não então, nos Genogramas anteriores, quanto a gente não percebe, não estão aqui mais, é completamente foram as mulheres que fizeram a sabe que existe outro modelo que diferente. E isso tem me feito tão revolução... vai ser legal pra ele, ele continua bem! É impressionante como pega

Acomodando-se às situações

G1/ P5: Eu me vejo sempre com a esse é meu sonho... Eu não costumo e meu marido resolvemos do nada minha família. Eu não me vejo fora fazer planos também e isso pode ser que vamos passear e nós vamos! disso. E uma coisa que eu coloquei um pouco de trauma mesmo, depois Então eu prefiro que seja desta for- pra mim, que é um sonho meu, é que meu pai morreu, eu não gosto ma mesmo, até porque você não pra mim, que é um sonho meu, é que meu pai morreu, eu não gosto ma mesmo, até porque você não fazer faculdade de biologia mari- muito de planejar, porque eu não sei cria muita expectativa. Mas é sem- nha, com a idade que for, porque eu se estarei viva. Então eu gosto mui- pre eu e minha família. quero mergulhar em Fernando do to de realizar as coisas agora. Às G2/P13: Eu falei tudo o que eu pre- Noronha, e ser bióloga marinha, vezes eu estou sábado em casa e eu cisava falar já...

CAPITULO 2 - CONTRIBUIÇÃO DO OLHAR INTERGERACIONAL PARA PENSAR AS RELAÇÕES

Eu pude me identificar bem dentro do Genograma e entendi melhor aquelas coisas que a gente tem de querer culpar, culpar o outro, mas a gente não deixa um tempo para fazer uma avaliação de onde tá vindo esses problemas. Pra mim tá sendo muito bom (G2/T).

Eu mesmo sei que agora é hora de mudar! Porque a minha vida inteira, eu vivi em função dos meus irmãos e da minha mãe. E quando casei o que aconteceu? Meus irmãos já estavam estudados e minha mãe aposentada, a gente já tinha casa própria (G2/T).

Eles explicaram como fazer Genograma e essa parte de relação de conflitos e ligações, só que foi uma coisa bem por cima, e agora o que eu estou achando interessante é que eu mesma nunca parei para fazer o meu. E conforme você vai falando e explicando, eu vou me colocando no genograma ai e achando algumas respostas para algumas atitudes que eu tenho (G2/Ce).

Antes de iniciar esse capítulo sobre a Abordagem Intergeracional, gostaria de diferenciar meu olhar de terapeuta clínica no que se refere às relações na família, no entanto, é impossível separá-lo de meu olhar de pesquisadora neste momento. Ambos os olhares buscam por aquilo que faz sentido, por aquilo que tem significado a partir de determinada cultura, de determinadas raízes observando a partir desse prisma as relações familiares que são construídas.

2.1 Algumas reflexões sobre a Intergeracionalidade e o Genograma enquanto mapa relacional

O que considero como um cenário ampliado de conexões na família, inicia-se por uma leitura intergeracional, que possibilita a observação dos sistemas interligados e as pessoas interconectadas nesses mesmos sistemas. Trata-se de um conhecimento adquirido que acumulei ao longo dos anos, e que fez a diferença quando tive que olhar para determinados eventos, buscar investigar, pesquisar e transitar nas relações mediante perguntas sobre conversações temáticas. Sem esse conhecimento prévio do entrelaçamento desses temas, desse olhar para estas

interconexões, seria impossível fazer este trabalho! Portanto, nesse capítulo falo sobre o olhar de uma psicoterapeuta de família com experiência clínica, influenciando o olhar curioso da pesquisadora, inclusive sobre o que outros profissionais pensam sobre a cultura e influências de suas heranças relacionais familiares, a singularidade e os sistemas interconectados. Como sempre, comecei me perguntando: Qual será o resultado de uma leitura de sistemas interconectados, olhando as pessoas e seus significados, sejam eles na doença ou na saúde?

Ao pensar na cultura local, e em especial, a comunal, flagro-me imaginando como seria o olhar desse individuo para essas diferenciações? Para mim, o primeiro passo seria o entendimento de um todo interligado, portanto, um olhar sistêmico, e depois um olhar para a ressignificação da história pessoal contada a partir dessa releitura pelo próprio dono da historia auto-narrada, a qual incluiria pensar no processo de individuação, em autonomia, em interdependência e interdependências, num constante processo de construção relacional social dos si mesmo.

Pensar no “si mesmo” em construção relacional dentro dos sistemas e subsistemas envolve um processo dinâmico e estrutural da família de contextualização, historicidade, levantando e organizando dados selecionados como significativos, incorporando no pertencimento o que são as heranças, os valores culturais e a abertura do que é familiar para a fluidez do processo comunicacional e conversacional, portanto algo afetivo e unificador.

Sob outra perspectiva, os temas intergeracionais familiares, levantados num instrumento visual como o Genograma⁴ possibilitariam que ao mesmo tempo que se aprenda, se corrija e se aja, mostrando ao participante de minha pesquisa que as famílias vivem em uma continuidade histórica, num movimento constante, que pode ser transformador na medida em que essa mesma história possa ser revisitada.

No início da pesquisa existia uma intenção de trabalhar mais com o Genograma e sua simbologia, porém no encontro com os participantes, o que ficou mais em evidência não foi aprender como fazê-lo, e sim o olhar emocional para as relações e sobre como poderiam ser melhoradas, organizadas. Quanto mais se sucediam os temas, maiores eram as curiosidades e os questionamentos. Portanto,

⁴ Nesse momento, serão abordados apenas alguns aspectos do Genograma como um mapa relacional, na seção 6.3.2, à página 221 do Capítulo 6, suas especificações serão mais bem exploradas.

a temática relacional evidenciou no convívio do grupo, ao mesmo tempo e que foi co-construída sua relevância no decorrer do processo.

É interessante imaginar que durante muitos anos co-construímos discursos, narrativas, numa linguagem de individualidade, individualismo como se fossem os melhores e mais verdadeiros, agora na Pós-Modernidade questiona-se essa construção por meio da linguagem e de influências sobre as relações em co-construção com o social, portanto, uma mudança de paradigma.

Falar de um lugar de individualidade, de singularidade muito me ajudou nessa percepção da identidade, do processo de individuação, porém o que me levou a refletir foi justamente como isso poderia ser utilizado nas relações. Ver e conviver a partir do “eu” e, posteriormente ver a partir do “nós” e do “entre” nas relações, e em especial no “com” influencia a interdependência e as conexões. Penso que há espaço para esses discursos e ações, desde que se amplie esse entendimento como um movimento em variadas dimensões temporais, ou sobrepostos e que fazem parte da vida cotidiana. Nesse momento que se vive a contemporaneidade histórica, a Pós-Modernidade apresenta-se como uma postura de filosofia de vida dentro de uma realidade que acontece, sendo que as respostas acontecem em tempo real, como por exemplo, as da Internet, na qual as pessoas se comunicam em conversação digital, leem e veem o mundo em tempo real e sistêmico. Igualmente as pessoas podem comprar em tempo sistêmico e real, mas também podem errar mais pelo imediatismo ao envolver outras pessoas ou sistemas devido às novas redes sociais de comunicação.

Onde essa percepção está nos levando e como faremos para mudar nossos discursos, ações, que influenciam a construção relacional singular, familiar e social? Ou ainda, como aprender a integrar tais discursos em um sistema familiar que muitas vezes é comunal e é mais tradicional? Não é que esses discursos não existissem, nem como melhor ou pior, mas como eles foram absorvidos por nós formando significados e como aprendemos a lidar com eles em nossas relações em constante movimento? Ainda, ao pensar a linguagem interconectada com as relações questiono-me se também somos as palavras que habitamos, ou se em nossos discursos temos palavras que nos habitam construindo uma linguagem.

Imaginar que para uma família tradicional mineira e interiorana, na qual me incluo, os discursos podem vir com os significados culturais tradicionais familiares de

um sistema comunal⁵, um lugar conhecido e familiar como nos diz Bateson (1972), portanto um início de diálogo, em conversações que são transformadoras. O sistema comunal foi apreendido e vivenciado por todos dentro da família, sendo responsável e alcançando até a intergeracionalidade, porém dentro de uma hierarquia e sistema patriarcal. Todos aprendiam a cuidar de todos, os mais velhos cuidavam dos membros mais novos e da casa e incorporavam as necessidades desse sistema. Obedeciam as regras do poder patriarcal e dos mais velhos, aceitavam que os maiores ensinamentos vinham do sistema familiar e a hierarquia era respeitada e seguida como modelo. Nesse momento me pergunto: Como ficava a singularidade do individuo, o diferente, a convivência com as necessidades do diferente? E as mudanças mais rápidas que exigem uma nova maneira de pensar e ser da nova geração?

Para esse sistema comunal, que coexistia com o patriarcal, pode-se tomar como exemplo o comportamento comum de mães, que reproduziam um discurso de que as coisas que eram feitas em casa destinavam-se a todos, como o bolo que se fazia que era consumido por todos, pai, mãe, filhos, agregados, parentes próximos, entre outros. Os lençóis eram da família e não de um único filho. Tudo era visto e sentido pelo sistema familiar, portanto o sentido de existir e a continuidade passavam pelo todo do sistema. Porém, muitas vezes esses discursos chegavam a nossos ouvidos e eram interpretados como hierárquicos, ambíguos, incoerentes para a época que surgia, comparados com as mudanças externas e sociais do mundo ocidental, como mais individualidade, identidade singular, um processo de individuação (algo interno) além do externo, a assimilação de uma linguagem de consumismo, o avanço tecnológico, a comunicação mais expandida, a Modernidade, a Pós-Modernidade e tudo o que vinha sendo observado como transformações sociais.

Muitas vezes as famílias extensas ou mesmo as famílias menores nos ensinavam a ser comunal em casa, éramos vistos socialmente como cuidadores, solidários e responsáveis, cheios de verdades “verdadeiras”, hierárquicas, de

⁵ O sistema comunal é considerado o primeiro modo de produção da história. Se iniciou a partir da época em que o homem deixou de ser nômade e passou a plantar e caçar. Tal modo se baseia no uso coletivo dos meios de produção, nas relações familiares e no cooperativismo, semelhantemente ao que ainda ocorre em muitas comunidades e famílias nas quais todos os bens são coletivizados. Disponível em <<http://www.mundoeducacao.com.br/sociologia/modos-producao-precapitalistas.htm>>. Acesso em 27.01.2012

obediências, mas também queriam que agíssemos com independência e individualidade e que fôssemos cuidar de nossas vidas. Os discursos familiares apareciam como: “vai viver sua vida, fora de casa”, o que supunha estudar, trabalhar e se sustentar. A auto-sustentabilidade falada hoje é clara, anteriormente poderia ser traduzida pelo famoso “se vira”. Não podemos esquecer que a visão do outro era fora da relação, o que tornava possível apontar o outro como errado, culpado, o que também fazia parte dessa mensagem cultural. Dependendo da experiência, a pessoa poderia ficar eternamente rotulada como boa ou ruim.

Existiam a ambiguidade, os paradoxos, os questionamentos, as diferenças, porém muitas vezes esses temas não eram aceitos, e quando conversados rompiam-se as relações. Falava e vivia-se algo comunal em casa na divisão de tarefas do lar, do comércio familiar, na contribuição do salário para a família. Acredito que as mudanças sociais e as novas necessidades vieram de posturas como as citadas anteriormente. Parece que as questões vivenciais são cíclicas, vão e voltam de outra maneira, construindo, reparando, refletindo, reconstruindo formas já experienciadas.

Penso que, nesse estudo, eu esteja tentando rever junto aos participantes esses discursos de individualismo e reconstruí-los num sentido mais amplo sempre pensando nos temas e no social, porém, sem deixar de considerar os discursos de significados de cada um e da existência de um singular, não perdendo assim a singularidade adquirida e nem o processo de individualização co-construído. Creio que essa postura trouxe a contribuição de poder olhá-los como um ser inteiro, com possibilidades de criatividade. Com essa visão pós-moderna, acredito estar interconectada ao todo, o que me permitiu, no programa previsto nesse estudo, abordar a interdependência, a fluidez, a rapidez, a complexidade, a multiplicidade e a pluralidade de nossos dias com mais propriedade.

Pessoalmente esse discurso familiar lembra-me um lugar em que já estive, um lugar conhecido de outra forma, com outra linguagem e, agora reflexivamente, posso avaliar e reavaliar esses lugares experienciados e diferenciados em minhas relações familiares, na família de outros, junto aos teóricos. Acredito que isso seja extremamente positivo no sentido de imprimir às relações maior responsividade, o que me leva novamente a indagar: Como olhar para as famílias e ver as diferenças de seus membros interconectadas? Minha experiência pessoal como terapeuta e,

agora como pesquisadora, são fundamentais para isso, pois comprehendo suas dificuldades para se perceberem no singular e no sistema, num movimento constante de olhares e dilemas.

Como se percebem em seu processo de individuação e o de outros membros da família? Será que conseguem falar sobre essas diferenças de caminhos, sobre as escolhas diferenciadas ou sobre padrões de comportamentos parecidos, ou mesmo dos diferentes, em seus encontros relacionais? Conseguem falar na primeira pessoa? Novas questões como estas foram emergindo no processo de pensar essa tese, o que muito contribuiu para os próximos passos que eu tinha que planejar. A partir daí comecei a pensar nas questões que poderiam compor o questionário que pretendia aplicar aos participantes.

Dentre as inúmeras questões que passaram por minha mente, destaco aquelas que considero como fundamentais para que se iniciasse um processo de compreensão do processo de individuação sob a perspectiva do “si mesmo” em construção relacional: Será que entre os participantes desse programa existiria um espaço de curiosidade sobre comunicação ou conversações entre os membros familiares? E entre os membros familiares de outras gerações, será que transmitiriam conteúdos referentes à necessidade de um processo de individuação ou o quê transmitiam? Será que reproduziriam automaticamente os padrões do sistema?

Intuitivamente continuei nesse processo de elaborar perguntas como possibilidades de reflexões: Quem na família fez um caminho diferente e quem seguiu mais os padrões tradicionais, os modelos relacionais, ou como nos aponta Gergen (2006), com os paradigmas tradicionais, românticos? Aquele que escolheu outro caminho na família em termos profissionais, usou mais reflexão? Usou mais diálogo sobre ser diferente, teve mais apoio, ou rompeu com o sistema? Estava mais aberto para aspectos sociais, conseguiu fazer estas ligações? Essas pessoas conseguiriam enxergar o processo de viver e de conviver? Ou o sistema que mantinha uma visão mudou os paradigmas relacionais familiares?

A meu ver, todas essas questões podem ser respondidas ao abordar a Intergeracionalidade, que nos oferece a possibilidade de perguntar e transitar pelas temáticas expostas anteriormente, trazendo reflexões importantes sobre nossas relações, nossas escolhas sejam elas conscientes ou não. Também em minha

opinião nada melhor para investigar essas questões do que o instrumento Genograma.

Fazer uma releitura intergeracional por meio de um instrumento visual como o Genograma permite pensar nas tramas entrelaçadas que acobertam as relações, por meio de perguntas temáticas e mobilização de curiosidades. A amplitude dessa releitura é ainda maior quando associada ao olhar diferenciado do pesquisador cuja experiência ao formular questões que se alternam na investigação da singularidade e do todo, entre os micro e macro sistema, entre passado, presente e futuro, potencializam ainda mais o alcance desse instrumento.

Refletir sobre os novos paradigmas da ciência, novos conhecimentos e também sobre as relações familiares em processo de transformação por meio de comunicação, transmissão, conversação é o que nos propicia o instrumento Genograma neste trabalho. A nosso ver, explicita-se uma gama de visualizações e possibilidades sobre as relações, com novos questionamentos interconectados com as questões do Construcionismo Social com o olhar da Pós-Modernidade.

Essas conversações promovem um olhar de horizontalidade, mesmo que o Genograma apresente um olhar hierárquico e vertical da família. Esse instrumento possibilita que ambos e os aspectos temáticos sejam trabalhados simultaneamente, sem que um discrimine ou diminua o outro, pois ambos são necessários para se confrontar as diferentes posições, percepções na família.

Sob minha percepção, o Genograma permite reflexões sobre o passado, sobre os esforços compartilhados, sobre os longos passos dados por outros, o que nos possibilita pensar sobre o presente e sobre quem somos hoje, nossos propósitos. Alerta-nos para a importância de cuidar do construído tanto por outros quanto por nós mesmos dentro da família e no social. A importância de mantê-lo ou respeitá-lo. Oferece-nos ainda a percepção dessa passagem como um movimento, um fluxo contínuo, uma transição que sempre existiu na sociedade como uma tensão. Um singular, porém “junto” em construção de conhecimentos e não no isolamento.

Meu olhar do terapeuta, agora interconectado ao do pesquisador pretendeu abrir um espaço conversacional entre gerações com o intuito de criar uma conversação temática e transformadora, e para isso pensei na sistematização de alguns temas a serem explorados no Genograma, da seguinte maneira:

Parte estrutural da família: mediante o levantamento de questões sobre dados, organização, funções, papéis familiares, hierarquia, fronteiras, padrões repetitivos ou não, relacionamentos horizontalizados,

Historicidade: mediante o levantamento de eventos significativos, que fazem sentido; Eventos significativos e os arquivos de memórias sobre estes significados singulares, comunais, relacionais.

Dinâmica familiar: mediante a visão do funcionamento da família como um processo e mudanças. Como os fatos ocorreram? Em que época? Quais os fatos relevantes? Em quais contextos ocorreram?

Cultura familiar: mediante o levantamento de mitos, crenças e rituais na comunicação verbal ou não.

Sistema: mediante o levantamento de subsistemas, individualidade, encontros, redes, tramas, regras.

Organização do pensamento: mediante questionamentos sobre a personalidade *versus* identidade, e individualidade *versus* individualismo em constante construção relacional.

Temas familiares de conversações: explorados mediante a percepção de estilos e padrões interacionais que podem se repetir sem um entendimento.

Afetividade: mediante a percepção de lealdades, vínculos, apego, desapego, famílias de sentimentos e sentimentos paralisadores na família.

A partir do levantamento dos temas, pensou-se numa releitura e ressignificação da intergeracionalidade. Para a execução dessa tarefa, alguns autores foram decisivos com suas teorias para a construção desse conhecimento, no qual o que mais se evidenciou foi o entrelaçamento deles.

2.2 O modelo de Bowen (1954/1959) sobre o desenvolvimento emocional da família e as interconexões com a leitura intergeracional

No processo de definição de meu referencial teórico, julguei importante rever a Teoria de Bowen para o início desse estudo intergeracional pelo fato desse estudioso priorizar o processo de diferenciação pelo qual as pessoas passam. Esse autor conceitua essa diferenciação como sendo o desenvolvimento da capacidade da pessoa pensar e agir autonomamente, e para isso estende à família a

responsabilidade sobre ele, por exercer grande influência sobre cada membro familiar. Bowen defende que a diferenciação do indivíduo é favorecida pela reciprocidade vivida nos laços familiares, e vai além afirmando que as mudanças em algumas partes do sistema, envolvem também mudanças em outras partes.

O aporte teórico de Bowen concentra-se em torno de duas forças que se equilibram no processo de diferenciação da pessoa de sua família. A primeira refere-se àquelas que levam a uma maior união da pessoa com sua família e a segunda relacionada às forças que impulsionam a pessoa para fora de sua família, rumo a uma libertação. “Talvez um ser diferente”, ou hoje, pós-modernamente falando, visto como interdependente!

Ao ocorrer um desequilíbrio entre essas duas forças em direção à união, ocorre fusão, aglutinação e indiferenciação. Essas noções estão imbricadas, dentro de toda uma complexidade contribuem na formação emocional do indivíduo. Para esse estudo entre os conceitos apresentados por Bowen são tidos como mais relevantes:

- ✓ *a diferenciação do self;*
- ✓ *o triângulo,*
- ✓ *o processo de projeção familiar;*
- ✓ *o processo de transmissão multigeracional;*
- ✓ *a posição entre irmãos;*

Nichols e Schwartz (2007) apontam que na década de 1970 acresceram-se dois outros conceitos a essa Teoria, que são igualmente importantes nessa pesquisa:

- ✓ *o rompimento emocional*
- ✓ *o processo emocional societário*

Tais conceitos são invisíveis para a família que os está vivenciando, no entanto são claros ao psicoterapeuta, podendo ser mais bem compreendidos, se investigados junto aos membros da família sobre seu funcionamento e como causam impasse, dilemas, paralisações, nas relações do indivíduo e da família.

Os estudos bowenianos foram e ainda são de grande importância para a

promoção de uma releitura e ressignificação da família. As reflexões de Bowen nos apontam que a autonomia que temos em nossa vida emocional é menor do que imaginamos e ao revê-la podemos nos libertar de algumas dessas tramas. A maioria de nós é mais dependente e reativa em relação aos outros do que gostaria de pensar. Talvez aqui ele já pensasse sobre essa interconectividade do ser humano, do ser na família ou não, ou ainda sobre a interdependência, tão em voga em nossos dias. Porém, em uma visão do sistema e do indivíduo na trama, e não na percepção da co-construção pela linguagem relacional.

A história de Bowen como pesquisador/ autor dentro do processo de sistemas interligados

Médico por formação, Murray Bowen⁶ serviu por cinco anos o Exército dos Estados Unidos (1941 a 1946). Durante a guerra mudou de interesse da Medicina à Psiquiatria. Enquanto cuidava dos soldados observou doenças mentais que se tornaram seu objeto de investigação. De 1954 a 1959 começou a desenvolver uma teoria que teria seu nome: Teoria Bowen. Fez sua primeira pesquisa sobre os pais que vivem com um filho adulto esquizofrênico, após vários estudos e pesquisas, entendeu que poderia estender para todas as famílias e crianças o resultado de suas observações. Após se definir sobre a continuidade de sua atuação no campo da Terapia Familiar iniciou a sistematização dos conceitos da nova teoria. Sua pesquisa se concentra na vida humana. Cada um de seus conceitos foi ampliado, do tecido físico ao emocional, social e finalmente à patologia. Foi o primeiro presidente da Associação Americana de Terapia Familiar 1978-1982.

As pesquisas de Bowen, a partir de 1976, enfatizam que para compreender a família, é preciso que se elucide o que aconteceu nas gerações que a precederam, e ampliar esse mesmo olhar para a família extensa. Com isso elucidam-se vários pontos que apenas com o estudo da família nuclear não teriam oportunidade de serem esclarecidos. É importante que se tenha em mente que cada indivíduo faz parte de uma rede de relações que envolvem as respectivas famílias de origem, a extensa e a intergeracional. Em sua época, Bowen já se colocava dentro do sistema, quando partiu para a formulação de sua teoria dentro de sua própria família, e

⁶ Disponível em <<http://www.thebowencenter.org/pages/murraybowen.html>> Acesso em 31.01.2012

depois recorreu às observações de um lugar externo, portanto, um movimento de dentro e fora.

Sob esse prisma, não é possível conceber a existência de famílias que sejam isoladas, na realidade o que ocorre é a imbricação de toda complexidade social, econômica e política que compõem o entorno da família (RABINOVICH, 2002). De acordo com os estudos de Andolfi; Menghi; Corigliano (1984, p. 18) as interações permitem a cada pessoa certificar-se daquilo que é daquilo que não é admissível na relação, assim é criada a base de uma unidade familiar sistêmica.

Diferenciação do *self*

Para Bowen (1976) toda pessoa passa por um processo de se diferenciar dentro dos relacionamentos. Essa diferenciação deve ocorrer primordialmente dentro de sua família para que ela não seja engolida pela massa indiferenciada do ego familiar. Observa-se pela linguagem de Bowen a diferença em sua maneira de se ver as relações, ele não havia ainda entrado em contato com a questão da linguagem relacional. Nesse momento, Bowen reporta-se à singularidade e sobre a possibilidade de ser diferente de outras. Algumas pessoas conseguem atingir a plena maturidade e a adequada estruturação de seu próprio ego, enquanto outras o atingem parcialmente, e outros não conseguem se diferenciar. Esse fato pressupõe que a aquisição de autonomia emocional depende de um conjunto de fatores internos e externos relacionados à vida de cada um, ou seja, o que ocorre na prática é uma co-construção relacional no processo de existência.

A autonomia emocional nos remete à questão da fusão ou aglutinação, termo utilizado por Minuchin (1982) para se referir a um estilo transacional caracterizado por um sentimento de pertencimento que exige uma renúncia de autonomia. Por pertencimento entende-se uma espécie de força que impele o indivíduo a buscar por um sentido de estar em conexão. Deste modo, pertencer significa participar, saber-se membro de uma família, partilhar suas crenças, valores, regras mitos e segredos. Poderíamos acrescentar em uma visão do Construcionismo Social “um estar junto”, conectado, vivendo a emoção, visto com autonomia e singularidade, podendo se auto-gerenciar. Essa força de aglutinação encontra-se presente em todas as famílias, em variados graus de intensidade, sendo que quando ocorre em permanente estado de tensão, pode afetar as relações familiares.

De acordo com os estudos de Foley (1990) são três as formas pelas quais o casal pode controlar a intensidade da fusão do ego com a massa do ego da família. A primeira dessas formas ocorre quando há o conflito conjugal, a segunda quando aparece uma disfunção em um dos cônjuges, assim, um deles cederá ao outro, tornando-se dependente, e a terceira utilizada quando há a transmissão da tensão para um ou mais dos filhos, que apresentará algum sintoma.

Se toda criança nasce fusionada, indiferenciada em relação à sua família, sua principal tarefa se constituirá em diferenciar-se, alcançando com isso autonomia e independência. Bowen (1978) acredita que não haja uma descontinuidade entre o desenvolvimento familiar normal e o anormal. Dentro de um mesmo *continuum*, ele elabora o conceito chave de sua teoria, a diferenciação do *self*, nesse processo acaba por diagnosticar as dificuldades da família. Penso hoje, que um dos entraves para o processo de diferenciação do *self* seria justamente as dificuldades do indivíduo com o sistema no sentido de construir sua singularidade e mantê-la respeitada num sistema de indivíduos que têm uma singularidade diferenciada e única.

O conceito de diferenciação do *self* constitui-se como ponto central da teoria de Bowen(1954/59), abordando tanto aspectos intrapsíquicos quanto interpessoais. Aqueles indivíduos que se diferenciam mediante aspectos intrapsíquicos conseguem separar o que são conteúdos de seu pensamento daqueles de seus sentimentos. Essa mesma dificuldade entre diferenciar o que é pensamento e o que é sentimento parece se estender à própria diferenciação entre o sujeito e as demais pessoas. Nesses casos, esses indivíduos tendem a permanecer indiferenciados de sua família, apresentando um pequeno grau de identidade autônoma.

Gostaria de fazer nesse momento uma analogia com o pensamento de Gergen (2006). A questão que se percebe não é ser independente ou dependente, e sim entender as necessidades de interconectividade, interdependência com o sistema e como podemos nos diferenciar para fazer “*a diferença que faz a diferença*” (Bateson, 1972), em ajudar a nós e ao sistema a ampliar possibilidades ou facilitar a fluidez dos sistemas sejam eles quais forem. Devemos ser colaboradores pelo entendimento de si em construção relacional, e com um sentido de existência humana.

Diversamente da diferenciação intrapsíquica, a diferenciação interpessoal implica no sujeito saber separar o eu do outro, podendo se ver em relação com suas

diferenciações. Nesse sentido, é a relação que define o grau de responsabilidade que se deve ter em relação a nosso próprio crescimento interno influenciando o externo. Um movimento importante de se compreender. Creio que ser responsável tem muito a ver com essa compreensão do eu, do outro, do nós.

Em resumo, pode-se afirmar que as pessoas que apresentam um menor grau de diferenciação são extremamente fusionadas com a família ou com outras pessoas significativas. São pessoas que se mostram dependentes dos sentimentos que os outros vivenciam com respeito a elas. No outro extremo deste mesmo *continuum* estão as pessoas com alto grau de diferenciação, ou seja, maior autonomia. Essas pessoas são mais seguras de suas opiniões e convicções, mas não dogmáticas nem rígidas em seu modo de pensar. Assumem total responsabilidade por si mesmas e por suas ações frente à família e à sociedade, crescendo horizontalmente em convívio co-responsabilizando-se pelas relações ao contrário daqueles que não se diferenciam e que necessitam de um ego auxiliar, causando dependência.

As reflexões de Cerveny contribuem com esse breve panorama sobre o processo de diferenciação do *self*, enfatizando a questão do fusionamento:

A fusão emocional, para Bowen é um processo presente em todas as famílias, é impossível um indivíduo ser totalmente diferenciado. Algumas pessoas conseguem um grau de diferenciação, em um trabalho conjunto onde a família propicia esta diferenciação e o indivíduo deseja e está pronto para a mesma. (CERVENY, 1996, p.112)

Conforme os estudos de Martins; Rabinovich; Silva (2008), a Escala de Diferenciação do *Self*, proposta por Bowen, embora tenha uma importância mais teórica do que classificatória, auxilia a compreender o processo de amadurecimento do indivíduo, suas respostas significativas, o funcionamento e as disfunções ocorridas em seus processos relacionais.

Para mim, a Teoria de Bowen leva a muitas reflexões quando se olha para uma família e pensa em vinculação, desvinculação, apego, desapego, desenvolvimento e o ciclo vital individual e familiar de seus membros, tudo isso envolve muita complexidade. Surgem em minha mente muitas questões referentes a esse processo de individuação. Como a família brasileira, mineira interiorana lida com esse processo de individuação de seus membros dentro de sistemas muitas vezes comunal? Como lida com as conversações e as interações? E quanto aos

valores tradicionais e as novas possibilidades? E o quanto custa para eles se diferenciarem sem culpa, traumas, violência? A conquista por ser diferente ou buscar algo diferente acontece como? Como são as relações para que a diferenciação ocorra? Como cada um dos membros constrói esta diferenciação? Será que ficam presos na dependência ou na independência, ou entenderam a interdependência pela necessidade de se vincularem pelo afeto? Creio que ainda muitas dessas respostas são encontradas no pensamento de Bowen, porém outras já podem ser compreendidas com um deslocamento do processo de individuação para o pensamento do “si mesmo” em construção relacional preconizada por alguns autores pós-modernos, com certa diferença de visão é claro.

Retomando o pensamento de Bowen, por observar que as pessoas se diferenciam umas das outras em termos de funcionamento, o autor desenvolveu essa escala, na qual as pessoas podem se distinguir de acordo com sua posição. Essa posição se refere às diversas formas pelas quais as pessoas reagem aos desafios impostos pela vida. Trata-se de avaliar todas as pessoas dentro de uma só linha contínua, que abrange desde o mais baixo até o mais alto grau possível de funcionamento humano, e que varia de 0 a 100.

Quadro 2: Caracterização da Escala de Diferenciação do Self

Localização da pessoa na escala	Quem são	Nível de desenvolvimento emocional
Quarto Quadrante Baixa fusão emocional (75 a 100 pontos)	Pessoas dotadas de plena maturidade, que funcionam com alto grau de independência.	São seguras de si, com opinião bem definida, embora não necessitem expressá-las de forma dogmática ou rígida. Assumem responsabilidade por seus atos, são tolerantes a opiniões divergentes e não entram em debates para provar que estão certas.
Terceiro Quadrante (50 a 75 pontos)	Pessoas que têm opiniões bem diferenciadas.	Conseguem assumir a “posição eu” e apoiar-se menos no julgamento dos outros.
Segundo Quadrante (25 a 50 pontos)	Pessoas ainda pobramente diferenciadas, mas capazes de funcionarem de maneira limitada.	São pessoas facilmente influenciadas, pois não têm opiniões próprias.
Primeiro Quadrante Fusão emocional intensa (0 a 25 pontos)	Pessoas em que a diferenciação do eu é mínima.	Vivem em um mundo de sentimentos e são quase inteiramente dependentes das demais. São incapazes de distinguirem a emoção da razão, extremamente reativas e apresentam dificuldades relacionais.

Fonte: Martins; Rabinovich; Silva (2008, p.183)

Triangulação

A triangulação refere-se a um sistema inter-relacional entre três pessoas, envolvendo sempre uma diáde e um terceiro membro familiar. Esse terceiro elemento será chamado a participar mais intensamente da relação quando o nível de desconforto e de ansiedade aumentar entre as duas pessoas. Essa terceira pessoa, que completará o terceiro lado do triângulo, será convocada com o objetivo de aliviar a tensão emocional da relação. Ao se investigar sobre os aspectos intergeracionais da família, frequentemente, observa-se a formação de tais triângulos. Calil (1987, p.103) considera que esses triângulos aparecem como “*um bloqueador das emoções de um sistema*”.

A visão de Kerr e Bowen (1988, p.135) sobre triângulos é a de “*que são para sempre*”, ou seja, um recurso ao qual o indivíduo recorrerá sempre que sentir necessidade. A saída de triangulações, obrigatoriamente impulsionará o outro para um nível superior de maturidade relacional ou para a estagnação no mesmo estágio de maturidade.

Em alguns casos pode-se observar que a tendência a recorrer a triângulos pode recrudescer em momentos de menor tensão, no entanto permanecem latentes, reaparecendo por ocasião de novos conflitos. Nesse sentido, o recurso da triangulação se constitui em um mecanismo de resposta nos processos relacionais diante de situações de tensão. Ficam mais ou menos que a postos em situações que envolvam ansiedade, tornando-se ativos assim que surgirem situações estressantes. Da mesma forma que ficam sempre alerta diante de situações de tensão, formam-se e desfazem-se de maneira repetitiva.

Se esses triângulos fazem e desfazem-se a qualquer momento, naturalmente não são fixos nem estáticos, são suscetíveis de deslocamentos, dependendo do nível de ansiedade e da dinâmica interna da família. Vale ressaltar que esses triângulos estão ligados a outros maiores, ou seja, uma unidade emocional mais ampla, que exerce influência sobre os primeiros. Tais triângulos denominam-se entrelaçados, onde “*a ansiedade, incapaz de ser contida dentro de um triângulo, e se expande para um ou outro triângulo*” (KERR; BOWEN, 1988, p.139). A esses triângulos que se entrelaçam, esses mesmos autores denominam processo de ativação de triângulos imbricados.

Andolfi e Ângelo (1988), sobre a entrada de um terceiro elemento nas diádias em situação de conflito complementam que:

[...] acrescenta uma dimensão desconhecida à interação, viabilizando alianças, além de uma nova relação de inclusão-exclusão [...] como também pode estimular a manifestação de recursos individuais ocultos e a evolução do sistema. (p. 33).

Processos de triangulação são extremamente ligados aos processos de comunicação não verbal, expressos pelo tom de voz, mudanças na postura corporal e demais sinais não-verbais expressos pelo indivíduo, que podem ou não ativar tais triângulos.

Naquelas famílias em que se constata um baixo grau de diferenciação, inversamente proporcional será a necessidade de se recorrer às triangulações, e com esse recurso se preservar a estabilidade emocional do grupo familiar. Nesse exemplo, pode-se dizer que essa triangulação é patogênica, no entanto nem toda triangulação possui esse caráter. Quanto mais flexível for a triangulação mais funcional ela será, ao passo que nas triangulações rígidas observa-se a disfuncionalidade. Num triângulo rígido as pessoas desempenham sempre os mesmos papéis, um exemplo desse caso surge quando os pais sempre recorrem a um dos filhos para aliviar a tensão existente entre ambos. De acordo com Haley (1978), triângulo perverso é aquele que se forma quando ocorre a união de pessoas de gerações diferentes contra um terceiro, nesse tipo de triângulo é nítida a disfuncionalidade em função de uma hierarquia e divisão de poder sem nitidez na família, exemplo clássico desse tipo de triangulação surge quando mãe e filho se unem contra o pai. E isso também se diferencia hoje de mediações em conflitos familiares que ocorrem nas relações.

Processo de projeção familiar

De acordo com a perspectiva de Kerr; Bowen (1988), projeção familiar é o processo pelo qual os pais transmitem aos filhos sua imaturidade e sua indiferenciação, conforme expressas no relacionamento. Projeção não deve ser confundida com cuidado, pois a primeira se caracteriza por um excesso de preocupação para com um ou mais filhos.

Usualmente, o filho escolhido torna-se o objeto da projeção dos pais e o mais próximo a eles. Em decorrência disso, também usualmente é aquele com um nível mais baixo de diferenciação do *self*. Tanto pai quanto mãe podem transmitir sua ansiedade para o filho, juntamente com a carga emocional de suas frustrações. Ao contrário de estimulá-lo em seu processo de diferenciação, essa projeção pode prejudicar emocionalmente o filho, tornando-o infantilizado, desenvolvendo aos poucos sintomas de imaturidade psicológica.

Em consonância com o pensamento de Bowen (1954/1959), o processo de projeção familiar descreve como as crianças desenvolvem sintomas quando são capturadas pelo estresse relacional da geração anterior. Quando isso acontece, a criança responde de forma ansiosa à tensão que se observa na relação parental. Nesse caso, Bowen acredita que um triângulo é posto em movimento, onde as lacunas do desenvolvimento emocional dos pais são deslocadas para a criança. Dentro desse quadro de ansiedade recíproca, a criança torna-se mais exigente ou mais disfuncional. Tome-se como exemplo, uma criança que adoece, impondo certo alheamento à relação conjugal. À medida que a tensão é libertada na relação conjugal, ambos os cônjuges se tornam investidores em tratar da condição de saúde da criança, cuja doença pode se tornar crônica ou psicossomática.

Esse estudioso sublinha que a projeção intergeracional pode acontecer em todas as famílias, porém variando no grau de projeção. A observação dos mecanismos de projeção referentes às influências intergeracionais pode determinar se a criança se tornará o foco do estresse familiar e em que estágio do ciclo de vida isso poderá ocorrer. O impacto das crises e o tempo que duram tornam uma criança mais ou menos vulnerável, considerando-se que os eventos traumáticos são mais significativos na ênfase dos processos familiares do que na origem desses eventos propriamente ditos.

Processo de transmissão multigeracional

A passagem do processo emocional da família ao longo das várias gerações constitui-se o processo de transmissão multigeracional (Kerr e Bowen, 1988). Também de acordo com os mesmos estudos, o fluxo de ansiedade de uma família pode ser tanto vertical quanto horizontal, conforme se pode verificar no Quadro 03.

Quadro 3: Modalidades do fluxo de ansiedade na família.

Modalidade do fluxo	O que incluem	Como se transmitem
Fluxo vertical	Padrões de relacionamento e funcionamento que são transmitidos para as gerações seguintes	Por meio do mecanismo de triangulação proposto por Bowen
Fluxo horizontal	A ansiedade produzida pelo estresse na família conforme ela avança no tempo, incluindo eventos previsíveis e imprevisíveis.	Com as mudanças e transições do ciclo de vida familiar.

Fonte: Carter; Mc Goldrick, 1995 (pp. 11-12 apud MARTINS; RABINOVICH; SILVA, 2008, p.184).

De acordo com Papero (1998), o conceito de *processo de transmissão multigeracional* pode ser empregado:

[...] ao modo pelos quais os processos de projeção familiar, repetidos de geração em geração durante longos períodos de tempo, levam diferentes ramos de uma família a alcançar níveis mais baixos ou mais altos de diferenciação. (p. 87).

Tal projeção pode ser observada pelas repetições ocorridas em algumas famílias em relação à escolha do parceiro no matrimônio, tal escolha está relacionada ao nível de diferenciação do eu. A pessoa tende a escolher o parceiro com nível de diferenciação semelhante ao seu. Nesse sentido, os vários filhos poderão ter níveis diversos de diferenciação, mas não muito distantes daqueles alcançados pelos pais, retratando claramente o referido processo de transmissão multigeracional. Nesses casos, um olhar diferenciado se faz necessário para construir uma conversação sobre como tais pessoas se percebem nesse contexto. Quando percebem, é preciso levantar se essa percepção tem influência e significado em sua história pessoal e familiar. Detectando-se essa influência é preciso verificar como essa pessoa relaciona-se consigo e com outros e ainda se o sentido de estar em convívio sofreu alteração.

Posição de nascimento entre os irmãos

Atualmente o tema da posição de nascimento dos filhos tem sido questionada em função do maior número de família com um menor número de filhos e a diversidade de modelos familiares, porém no presente estudo ainda tomarei como referência alguns dos pressupostos da Teoria de Bowen.

A ordem em que os membros familiares nascem é de extrema importância quando se pensa sobre o desenvolvimento emocional dos indivíduos (BOWEN, 1978), haja vista as dificuldades conjugais que algumas pessoas apresentam, cuja origem pode estar em sua posição na genitura. Observa-se que os cônjuges que ocupam a mesma posição fraterna apresentam mais dificuldade para se adaptar à situação matrimonial do que aqueles que se casam com indivíduos de posição complementar. No entender de Minuchin, a convivência entre irmãos torna-se “*o primeiro laboratório social, no qual as crianças podem experimentar relações com iguais. Dentro desse contexto, as crianças apóiam, isolam, escolhem um bode expiatório e aprendem umas com as outras*” (1982, p.63).

Hoje devido às novas configurações familiares que surgem, como: casais sem filhos e famílias menores isto seria revisto, no entanto, nessa pesquisa, observar isto e poder abordar esse tema teve sentido em função da cultura comunal de famílias com muitos filhos.

Para os estudos sobre a influência fraterna, Bowen (1978) apontou que as características de personalidade desenvolvidas pela pessoa têm a ver com a posição que os filhos ocupam na família, porém é preciso estar atento para a quantidade de variáveis que interferem no desenvolvimento da personalidade, daí a se fazer previsões torna-se temeroso e complexo. Contudo, ainda em acordo com o pensamento de Bowen, a somatória do conhecimento das características gerais e específicas do sistema contribui enormemente para que se façam previsões sobre o papel a ser desempenhado por determinado membro tanto no que se refere ao processo emocional da família quanto aos padrões que serão transmitidos para a próxima geração.

De acordo com Oliveira (2005), independente do que é passado por essa literatura, na realidade os irmãos são fundamentais uns para os outros no processo de construção da personalidade de cada um. Por meio das semelhanças e diferenças que os irmãos captam no relacionamento fraterno vão se percebendo enquanto sujeitos. É no seio da família que os irmãos têm a possibilidade de viver essa experiência básica que é a de viver em grupo, cujos sentimentos vividos tais como ciúme, inveja e até mesmo o amor, serão reproduzidos mais tarde quando participarem da convivência em sociedade.

Em algumas ocasiões quando os próprios pais são deficitários em seus papéis parentais, os irmãos podem se transformar em modelos de identificação. As

atuais políticas de adoção incentivam que irmãos não sejam separados em caso de adoção, pois o vínculo fraterno é muito forte e pode se fortalecer no decorrer do convívio e das relações.

Para finalizar, as reflexões de Goldsmid e Féres-Carneiro ilustram muito bem o que se pode pensar sobre a relação fraterna:

A vida na fratria vai possibilitar ainda a cada um experimentar a socialização antes de vivenciá-la com o outro estranho, na pracinha, na creche ou na escola. A fratria vai precisar, porém, de regras, da lei, para evitar o livre arbítrio irresponsável e o domínio das pulsões. Encontramos, com mais facilidade, tanto na clínica quanto na vida social, exemplos de competição, rivalidade e inimizade entre irmãos, do que exemplos de amizade e solidariedade. Assim, o companheirismo fraterno, quando ocorre, acaba por ser elogiado, indicando estar na direção contrária do que seria esperado. Muitas vezes, constatamos, ainda, que os valores da fraternidade são deslocados para os amigos, “os irmãos escolhidos”. (GOLDSMID; FÉRES-CARNEIRO, 2007, p.305/306).

Rompimento emocional

Devido às observações de Bowen de que existem casos extremos de distanciamento emocional foi possível a criação do conceito de rompimento emocional. Segundo esse autor, essa distância pode ser real ou física, como ocorre em casos de pessoas que vivem geograficamente distantes, porém essa distância também pode ser interna, quando o indivíduo usa de mecanismos intrapsíquicos ou fisiológicos, com a única intenção de evitar contato com o outro.

Paradoxalmente, a pessoa que sai do lar pode estar emocionalmente ainda conectada a ele tanto quanto a pessoa que não sai, no primeiro caso a pessoa pode utilizar de mecanismos intrapsíquicos para controlar a ligação emocional com a família. A pessoa que sai do lar apesar de necessitar de intimidade emocional parece ser avessa a ela, nesse caso a desculpa do desejo de uma maior autonomia constitui-se em mera ilusão (BOWEN, 1978, p.535).

Nesse último exemplo, observa-se que o lar e a família permanecem com o indivíduo e para qualquer lugar que vá, carregará consigo essa relação mal resolvida com os pais, cuja vulnerabilidade permanecerá de forma latente e possivelmente esse padrão apreendido se reproduzirá nos novos relacionamentos que essa pessoa tiver. Papero (1989) afirma que para Bowen, nem a família e a pessoa normal existem, nem a família patológica quanto entendida como uma falha ou defeito de uma pessoa ou do sistema familiar. Esse autor acredita numa proposta de se

trabalhar a diferenciação do self ou a diferenciação dos sistemas para auxiliar tanto o indivíduo quanto a família a atingirem níveis adequados de equilíbrio emocional, e para que isso ocorra é necessário que se considere o entrecruzamento de conteúdos que são transmitidos de geração a geração por meios dos mitos familiares. Nesse sentido, será que Bowen estaria criando as bases para que o hoje identificamos como construções relacionais, dentro das crenças, rituais, cultura?

De acordo com Bowen, o processo de rompimento emocional

Descreve como as pessoas manejam a indiferença (e a ansiedade associada) entre as gerações. Quanto maior fusão emocional entre pais e filhos, maior é a probabilidade de rompimento. Algumas pessoas buscam distância mudando-se para longe; outras fazem isso emocionalmente, evitando conversas pessoais ou isolando-se da presença de terceiros. (1978, p.134).

Processo emocional societário

Os períodos de ansiedade vividos nos âmbitos sócio-histórico-culturais produzem comportamentos diversos no meio social, podendo tornar mais difícil o funcionamento das famílias, e resultando em maiores dificuldades tanto para os membros quanto para as relações entre eles.

O processo emocional societário nos remete à ideia da interferência de condições sócio-econômica-culturais tanto sobre o indivíduo quanto sobre a família. Diferenças de gênero, violência, desigualdades sociais, dentre elas o preconceito étnico e outras se constituem em forças que se impõem sobre as regras e normas sociais vigentes, não devendo ser desconsiderados. Nesse sentido, determinados padrões de sociedade e valores culturais não muito claros devem ganhar espaço no trabalho terapêutico, requerendo do profissional o cuidado e o respeito às diferenças de cada um. Em resumo, o processo emocional societário afeta o processo de desenvolvimento emocional da família mediante forças que também operam sobre o macrossistema.

Os períodos de estresse vividos nas esferas social, histórica e cultural marcam a história do indivíduo e da família, produzindo comportamentos diversificados entre as variadas famílias. A ansiedade gerada nesses períodos pode dificultar o funcionamento da família, e em especial o relacionamento entre eles. Recentemente, pode-se citar a crise econômica mundial que teve sua fase aguda no ano de 2008, que provocou desequilíbrio emocional em grande número de famílias

em nível global.

Outro exemplo que se pode citar, parte do próprio Bowen que reconhecia que o sexismo e os preconceitos de classe e étnico eram exemplos do que ele considerava processos emocionais tóxicos. No entanto, ao mesmo tempo acreditava que as famílias com níveis mais elevados de diferenciação poderiam se tornar imunes e resistir a esse tipo de influências sociais consideradas por ele como destrutivas.

Apenas para efeito didático, reuniu-se sinteticamente num quadro os principais conceitos e as principais ênfases dos processos emocionais conceituados por Bowen, destacados nesse estudo.

Quadro 4: Caracterização de alguns processos emocionais conceituados por Bowen.

Temas	Conceito	Ênfases
Diferenciação do self	Autonomia em relação aos outros e separação do pensamento em relação ao sentimento. Capacidade de desenvolver um relacionamento individual, pessoa a pessoa, com cada um dos pais e com tantos membros da família ampliada quanto possível.	Depende de um conjunto de fatores internos e externos relacionados à vida de cada um. A diferenciação do self em relação à família se completa quando esses relacionamentos forem mantidos sem se tornarem emocionalmente reativos ou sem triangulação.
Triângulos	Sempre que duas pessoas estiverem lutando com um conflito que não conseguem resolver, há uma tendência automática a trazer para dentro uma terceira pessoa.	Os triângulos aliviam a tensão e não o enfretamento da questão, assim a triangulação é destrutiva na relação quando se torna uma característica regular da relação e também quando se espalha na convivência.
Projeção familiar	Projeção familiar é o processo pelo qual os pais transmitem aos filhos sua imaturidade e sua indiferença, conforme expressas no relacionamento.	A projeção não deve ser confundida com cuidado, pois a primeira se caracteriza por um excesso de preocupação para com um ou mais filhos.
Processo de transmissão multigeracional	A passagem do processo emocional da família ao longo das várias gerações constitui-se o processo de transmissão multigeracional	A projeção intergeracional pode acontecer em todas as famílias, porém variando no grau de projeção. A observação dos mecanismos de projeção referentes às influências intergeracionais pode determinar se a criança se tornará o foco do estresse familiar e em que estádio do ciclo de vida isso poderá ocorrer.
Posição de nascimento entre os irmãos	As características de personalidade desenvolvidas pela pessoa têm a ver com a posição entre os filhos que ocupa na família, porém é preciso estar atento para a quantidade de variáveis que interferem no desenvolvimento da personalidade	Tantas variáveis estão envolvidas que é complexo querer predizer, mas o conhecimento das características gerais, mais o conhecimento específico de uma determinada família, ajuda a revelar que papel um filho irá desempenhar no processo emocional dessa mesma família.
Rompimento emocional	Descreve como as pessoas manejam a indiferença e a ansiedade associada entre as gerações.	Quanto maior fusão emocional entre pais e filhos, maior é a probabilidade de rompimento. Algumas pessoas buscam distância mudando-se para longe; outras fazem isso emocionalmente, evitando conversas pessoais ou isolando-se da presença de terceiros.
Processo emocional societário	O processo emocional societário se refere às influências de condições sócio-econômica-culturais tanto sobre o indivíduo quanto sobre a família. Diferenças de gênero, violência, desigualdades sociais, dentre elas o preconceito étnico e outras se constituem em forças que se impõem sobre as regras e normas sociais vigentes.	Os períodos de estresse vividos nas esferas social, história e cultural marcam a história do indivíduo e da família, produzindo comportamentos diversificados entre as variadas famílias. A ansiedade gerada nesses períodos pode dificultar o funcionamento da família, e em especial o relacionamento entre seus membros

Fonte: Bowen (1978) - BOWEN M. Family Therapy in Clinical Practice. New York: Aronson, 1978.

A contribuição de Bowen para a compreensão dos processos emocionais que podem ocorrer ao longo da vida do indivíduo foi muito importante. Ao longo de sua carreira treinou muitos estudantes, incluindo Phil Guerin, Michael Kerr, Betty Carter e Mônica McGoldrick. Não menos importante para a sequência de seus estudos foi o desenvolvimento de alguns instrumentos que puderam auxiliar a compreender a formação desses processos, primordialmente, naqueles aspectos relacionados às influências das gerações anteriores. Nesse particular foi grande a contribuição de McGoldrick na sistematização de símbolos correspondentes a determinadas situações que envolvem a emocionalidade e são investigadas no Genograma.

Destes estudos, para mim, ficou o aprendizado e as reflexões sobre como as famílias numerosas lidam com estes estressores, suas necessidades e como são feitos os processos de individuação de seus membros em discursos e em um processo conversacional, pensando no ciclo vital singular diferente do ciclo vital familiar nas transformações familiares. Especificamente para esse estudo, evidenciou-se a importância da reflexão e da compreensão do “si mesmo” em construção relacional e o sistema familiar intergeracional em uma comunidade com valores que podem ser comunais ou não. Percebe-se que em nossa cultura cabe trabalhar com as teorias que se pautam na visão de Bowen sobre como ele percebia certos fenômenos na época e como são vistos hoje, revendo a comunidade, a cultura, assim tanto os temas quanto as teorias podem contribuir, causar questionamentos e mobilizações para novas reflexões.

2.3 Temas intergeracionais explorados sob o foco das relações

Entre outros estudos, a Teoria de Bowen transformou-se num dos pilares para a construção dessa tese, no entanto, outros temas também foram pensados e incluídos no PRORFOPS tidos por mim como importantíssimos elementos para a compreensão da família enquanto sistema.

A seguir apresento uma breve consideração acerca de cada um desses elementos.

Ciclo Vital Familiar

Os estudos sobre ciclo vital subdividem-se em individual e familiar para facilitar o entendimento da sequência vivencial do ser humano, na prática eles se desenvolvem em paralelo, porém com suas diferenciações. Para ser coerente com essa pesquisa, optei por trabalhar com o Ciclo Vital Familiar, que é composto pelas mudanças que ocorrem na vida familiar durante sua existência.

Carter e McGoldrick (2007, p.135), ampliam o cenário de percepção da família com conceitos sobre o Ciclo Vital Familiar. Descreveram-no como *“um processo de expansão, contração e realinhamento do sistema de relacionamento do sistema de relacionamentos para suportar a entrada, a saída e o desenvolvimento dos membros da família”*.

Segundo Falicov (1991) os critérios para que ocorram mudanças no ciclo vital são:

- mudanças no tamanho da família: aqui incluem-se as saídas e entradas dos membros como crianças que nascem, filhos que se casam, avós que morrem e outros movimentos de entradas e saídas
- mudanças na composição por idades: podemos determinar o momento do ciclo de vida de uma família pela idade do filho maior.
- mudanças na posição profissional da pessoa ou pessoas que sustentam a família.

Pode-se pensar ainda em eventos traumáticos, que se transformam em divisores de águas, fazendo com que a família se reorganize

Conforme Cerveny (1997) as fases do ciclo vital são:

Fase de Aquisição - Caracteriza-se pelas aquisições e objetivos comuns do casal.

Fase Adolescentes - Caracteriza-se por transformações, questionamentos, crise do meio da vida, relações ambíguas, hierarquias, pais ou um dos pais adolescentes.

Fase Madura - Caracteriza-se pela saída dos filhos, volta dos filhos, reestruturação, novas metas, agregados, aposentadorias.

Fase Última - Caracteriza-se pelo envelhecimento, dependência, perda de papéis, perda de funções, segurança, administração social da longevidade.

Novos conceitos associados aos antigos possibilitaram-me a percepção da família como uma instituição em contínuo movimento, que permite ao indivíduo a construção de sua identidade, garantindo o pertencimento a um grupo, co-construindo e partilhando influências culturais, contextuais, históricas e econômicas, num processo recursivo, transmitindo-as às gerações que se sucedem.

Ao pensar em complexidade e em interconexões, para novas compreensões e aceitações de pontos de vistas relacionais, experiências, escolhas, caminhos, sabe-se que muitos conteúdos não são informados ao terapeuta e, às vezes, nem ao menos investigados por ele em escuta clínica, dificultando, sobremaneira, a compreensão do outro em suas dores das relações nas convivências.

Os não-ditos, (visto aqui como aquilo que não é falado, mas é sentido como mensagem) das famílias que não são expressos verbalmente e não identificados, portanto não comprehensíveis, mas vivenciados, às vezes, se tornam muito difíceis de serem evidenciados. Trata-se de conteúdos subjetivos similares aos do cenário aludido anteriormente. Sabe-se que estão lá, que são vitais como o ar que respiramos, no entanto, não são contabilizados e possuem o potencial de fazer parte e mudar maneiras de ser, como segredos e mitos familiares, entre outros.

Mitos

Segundo Krom (2000):

O termo mito foi emprestado de outro domínio do conhecimento humano, refletimos a respeito. Verificamos o mito envolvendo tudo o que são conteúdos, que se entrelaçam e se organizam determinando forças que dão origem aos sentidos na família, em que os mitos culturais influenciam a formação dos mitos familiares que influenciam diretamente os mitos individuais. (KROM, 2000, p.11).

Nesse sentido, os mitos culturais influenciam a formação dos mitos familiares, e os mitos familiares, a formação dos mitos individuais. Tal como no conceito, o mito constitui em sua essência a concepção de mundo própria da família, onde se cria a realidade familiar e o mapa de mundo individual.

Assim considerado, os mitos sempre nos auxiliam a reafirmar conteúdos subjetivos, pois influenciam e entrelaçam nossa percepção de mundo e criam novos espaços em nossos cenários de visualização para que haja uma modificação singular na maneira do sujeito se perceber e de perceber sua atuação, inclusive, no trabalho, porém com diferenciais. Quando é possível fazer essas conexões na prática profissional com as vivências do sujeito atendido, um mito destacado na família de origem é o "mito da união".

Autores como Krom, enriqueceram minhas percepções e deixaram seus pressupostos norteadores sistematizados para serem investigados na Intergeracionalidade, transformando-se em um dos temas do programa proposto para esse estudo. Mediante o uso do Genograma que facilita as perguntas sobre os mitos familiares, foi possível observar como se dá o encontro deles com os de outros nos relacionamento.

Rituais

Imber-Black; Roberts (1998) conceituam rituais como o conjunto de práticas de caráter religioso ou não, que se reveste de um caráter simbólico que contribui para que a pessoa se relacione, para que atinja uma mudança, consiga uma cura, ou ainda marque celebrações. Partindo-se desse pressuposto pode-se afirmar que os rituais familiares são atividades sociais simbólicas, que se repetem e que são supervalorizadas enquanto tradutores de valores duradouros, das atitudes aprovadas e dos objetivos da família.

Lamentavelmente, as variadas configurações da família contemporânea já não dispõem de tempo para inculcar nos filhos a importância dos rituais ou até mesmo de participar deles. Ao partilhar o café da manhã ou o almoço com os filhos, os pais não os estão apenas acompanhando em uma refeição, e sim criando oportunidade para que se estabeleça o diálogo, ferramenta tão importante na educação dos filhos. Esse é apenas um exemplo da importância dos rituais, contudo, os rituais familiares possuem significados diferentes, dependendo das pessoas que os utilizam.

Lealdades

Além de mitos e rituais, observam-se nas famílias expressões de lealdades, que se traduzem na expectativa de que todos os seus membros assumam, irrestritamente, compromissos em função dela.

Nesse campo foi grande a contribuição do psiquiatra húngaro-americano Ivan Boszormenyi-Nagy (1973) que estimulou trabalhos com a memória familiar, utilizou conceitos como a lealdade familiar, visível e invisível, como rede tecida por gerações para a contabilidade e acerto de dívidas de justiça ou merecimento, ou ainda sentimentos de culpa mal resolvidos.

De acordo com Minuchin (1982), frequentemente ocorre dos membros familiares acreditarem que algum deles esteja quebrando as regras estabelecidas quando surgem crises capazes de desestabilizar o sistema.

As lealdades invisíveis são a base de muitas das interações nos relacionamentos, como coalisões, alianças e outras. Tanto coalisões quanto alianças podem ser se tratar de ligações baseadas em lealdades invisíveis, porém também podem interferir no processo de diferenciação, no entanto diferem das demais interações por seu grau de envolvimento.

Independente da plasticidade das interações que moldam, as lealdades invisíveis criam uma rede de obrigações no sistema familiar, onde cada membro do sistema familiar sente-se pressionado a corresponder às expectativas que lhe são conferidas.

Ressonância

Murray Bowen (1978, 1991) mobilizou-me ainda para uma visitação à nossa família de origem como pilar para o desenvolvimento pessoal. Esse autor estudou a transmissão das características familiares de uma geração a outra, denominando esse processo de transmissão multigeracional.

Mony Elkaim (2008, p.20) aponta que “*sobreviver à própria família passa a ser a ideia que fazemos dela*”. Assim me questiono: como os membros das famílias sobrevivem à cultura na qual crescem e como aprendem sobre relacionamentos sociais.

No entanto, algo é ponto pacífico, pensar sobre como todos esses fios emaranhados articulam-se na relação, nas inter-relações, e sobre qual seu papel em nossa construção de mundo é algo muito complexo, e isso chama a atenção para a ressonância do terapeuta. Endosso minha percepção de auto-referência, sobre como o profissional partindo de si mesmo pode se preparar para novos caminhos relacionais e novas possibilidades para reencontros com outros. A visão embutida de como se vê o outro vem das ressonâncias.

Cerveny (2011) sensibilizou-me para as repetições intergeracionais e adaptou o Genograma para um modelo brasileiro, além de inovar em diferentes formas de utilizá-lo, em estudos intergeracionais nas escolhas do tema de teses e dissertações, apontado em seu livro “*Intergeracionalidade: heranças na produção do conhecimento*” o cuidado com o olhar sobre o si mesmo em sua história relacional. “*A família como modelo*” a afetividade como algo importante a ser observada.

Em meio a esse processo, procurei enfatizar as dificuldades e facilidades dessas convivências, porém não sei se posso deixar de apontar a riqueza do compartilhamento em grupo e o aprendizado de utilização do Genograma como instrumento clínico em outras atividades.

Como no próprio curso do doutorado, quando utilizei este instrumento para fazer a releitura de minha história “*reencontro-me agora com o Genograma, quando inicio os estudos de doutorado e me vejo novamente ressignificando minha intergeracionalidade*” (ASSIS, 2011, p.110).

Dessa forma, ampliar nossas compreensões sobre interações e relações de dores e sofrimentos por meio de legados, valores, mitos, crenças familiares entre outros, leva-nos a possíveis questionamentos mais responsivos para com as relações em nosso convívio, assim como pode nos levar a uma dimensão de compreensão sobre nossa construção de conhecimentos sobre “o si mesmo” e depois sobre o outro e nossas construções linguísticas sobre essas questões.

Algo que em seguida foi motivo de mais estudo foram os sentimentos que emergem, estressam, desafiam e sobre como a comunicação, a linguagem, a conversação, o diálogo podem afetar os relacionamentos em nosso convívio. Essa influência pode ser exercida tanto dentro quanto fora do âmbito familiar, como também nos afeta ao pensarmos em nossa singularidade, pensando sobre nosso pensar e nosso sentir nas interações e diante das situações.

Sem sombra de dúvidas, o entendimento oferecido pelo Genograma de um sistema e seus sub-sistemas, individualidade, fusionamentos e diferenciações, contratos psicológicos, vínculos, lealdades transmitidas, missões e dividas, legados, funcionamento e variantes nas relações são muito relevantes, levam a novas reflexões de como se é ou se percebe que é.

Entender ainda que numa família algumas pessoas sempre discordam, outras facilitam e mantêm os vínculos que ajudam no processo relacional, outras ainda não ajudam e dificultam as relações e as co-construções dessas interações, porém todas contribuem para uma mudança de olhar e promovem maior compreensão sobre as relações e histórias vivenciais, contextuais, familiares e sociais.

Com certeza um novo desafio foi rever sentimentos e afetos, a comunicação afetiva e as conversações colaborativa e apreciativa e co-construir novos diálogos, novos jogos de linguagem, conversações, diálogos com as novas gerações e, principalmente, lidar de forma diferente com as questões que ferem incomodam.

Quebrar repetições que perduram por muitas gerações, independente do benefício que possam trazer ou não, é tarefa árdua, assim como ressignificar emoções e sentimentos, percebendo e alterando a maneira de se lidar com os mesmos nas interações singulares, familiares e no grupo social.

Transmissão e repetição

Perceber que estou transmitindo o tempo todo trouxe-me maior comprometimento nos variados âmbitos. Tratou-se de uma compreensão da co-responsabilidade para com a sociedade que estou ajudando a construir por meio das relações singulares, familiares, profissionais e, agora, na área da saúde.

Na família a percepção da influência de um padrão, de um estilo, de um modelo e a sua transmissão possibilita aos membros familiares fazerem escolhas na forma de agir e reagir em situações repetitivas, sendo que isso me levou a pensar: se a família quebra um padrão, um estilo, às vezes, tido como negativo, será que o mesmo poderia ser melhorado? E os tidos como positivos? Poderiam ser vistos como resiliência consigo e consequentemente com os outros?

Um dos pontos importantes para o terapeuta familiar sistêmico e também para o pesquisador é identificar se um padrão ou estilo repetitivo afeta o sistema familiar, paralisando-o, e se este padrão pode ser alterado quando a família, ou os membros

familiares assim o quiserem após identificação, reconhecimento e uma conversação sobre os mesmos.

Pela reflexão sobre a continuidade dentro deste olhar intergeracional olhando para o futuro amplia-se a possibilidade de se retomar sonhos. Essa retomada pode possibilitar o alcance do objetivo esperado, o do sonho, da imaginação, da criatividade, única de cada um, com o peso e responsabilidade da escolha e com ela a mudança de atitude que passa por alguns estágios de amadurecimento desde sua primeira impressão. Amplia-se assim a percepção e tomada da autoconsciência relacional e comunicacional afetiva e, particularmente neste estudo, verifica-se a ampliação da autoconsciência biográfica afetiva, pois:

- Utiliza-se de uma lente focada no intergeracional, para compreensão das heranças emocionais e, no caso, as afetivas transmitidas nas interações, mensagens passadas pela parentalidade e gerações.
- Compreendem-se que padrões, estilos, modelos relacionais da família de origem são, às vezes, repetidos em relacionamentos atuais e intergeracionais.
- Evoca-se também a rede de relações familiares presente na observação processual de como, quando, e que contexto permeia a leitura relacional das gerações anteriores.
- Levantam-se e investigam-se eventos significativos como o processo de transmissão, com as mensagens que são recebidas e passadas dentro da comunicação verbal e não verbal.
- Abre o processo de conversações para se ampliar entendimentos e percepções diferenciadas.

De acordo com Cerveny; Kublikowsky:

O que denominamos de transmissão, refere-se a “uma cota de certezas ou meios de informação, dados a cada pessoa sobre o que é uma família, a sua família, de forma a permitir-lhe articular seu próprio projeto fundador, seja através da continuidade, seja através da ruptura com as gerações precedentes. (CERVENY; KUBLIKOWSKI, 1998, p.11).

As formas de transmissão entre gerações podem ser utilizadas junto ao termo intergeracional para melhor compreensão, quando este é situado dentro da família consideramos as interações entre pais e filhos, pais e avós, experiências similares e

complementares em gerações anteriores repassadas e confronto entre gerações.

Os mais velhos vão transmitindo tradições, os mais novos questionam esses valores, demandando uma reorganização de regras e valores. Assim, surge um movimento constante de desconstrução e reconstrução dos valores familiares, no caso deste estudo, dos valores afetivos familiares entre gerações.

O que fica de percepção para mim é que antes esses valores transmitidos pelas famílias ou outros sistemas eram mais reconhecidos, valorizados e vistos como únicos e mais importantes. Com o avanço da tecnologia, globalização, migrações, novas configurações familiares, separações, tudo isto ficou mais horizontalizado, compartilhado, possibilitando assim a visualização de muitas diferenças e o diferente sendo mais aceito. Desvalorizaram-se os conhecimentos vindos só das experiências da família, da cultura local, da religião, ou da ciências, agora, valorizam-se todos os conhecimentos vindos de todos os lugares, inclusive o da mídia, e que se interconectam aos já possuídos. Esse acréscimo de conhecimentos fez com que questionássemos essas verdades e buscássemos as nossas também nos diferenciando. Portanto, um outro lugar para se rever os estilos relacionais que se mantiveram ou foram se adequando às novas realidades sociais. E mais uma vez me pergunto o quanto elas têm influenciado em nossas relações e vínculos humanos. Creio que se trata de uma reorganização que possibilita uma valorização do si mesmo em construção relacional.

2.4 Afetividade

Um momento de reflexão em minha pesquisa de mestrado, e que retomo agora em minha tese de doutorado, refere-se ao instrumento Genograma e sobre o jogo que se estabelecia entre seus membros sobre quem merecia ou não receber afeto: o bonzinho? o igual? o sortudo? o melhor na família? Enfim, todas essas hipóteses me pareciam plausíveis e no decorrer do estudo foram sendo mais bem clarificadas. O hipotetizar e investigar dentro de uma situação, cultura e contextos, em processo de conversação com outros membros do sistema familiar me levou a ver o fenômeno sob um novo ângulo.

Parece-nos que afetividade passa por um jogo de quem merece receber ou quem pode dar, às vezes, até podemos refletir a respeito de um jogo de poder diante do merecimento. Todos precisam receber afeto e dar afeto, enfim, trocar e aprender maneiras diferentes que podem ser trocadas na família, a percepção destas trocas diversificadas é relevante. Em todas as relações, os termos troca, negociação de afetos geram recusa, mal-estar ou espanto; parece que não nos damos conta que a todo o momento estamos negociando e o afeto também faz parte desse contexto. Devemos pensar como um membro do sistema familiar recebe e recursivamente transmite o afeto; ao mesmo tempo, que se organiza interna e externamente dentro de outros sistemas, algo bem complexo. (ASSIS, 2006, p.102).

Em minha experiência profissional o tema da afetividade e sua comunicação, pesquisado em minha dissertação de Mestrado, também foi respaldado pela Abordagem Intergeracional associada ao instrumento Genograma. Cada participante de meu estudo não tinha uma ideia diferenciada do que era afeto e de quem o merecia, também sobre como deveria ser essa comunicação e, muitas vezes, sem a expressão verbal dos sentimentos, intenções, algo que deveria estar em estado de adivinhação. A maneira como todos se entendiam deveria passar pelo não verbal, banalizando assim as diferenciações de compreensões, percepções, faixas etárias, contextos, experiências, cultura.

Assim, tiveram dificuldade para chegar à compreensão da diferença do sentir entre os membros, e de suas verdades, e da falta de percepção dos efeitos dessa precariedade de comunicação, ligados ao desenvolvimento cognitivo de seus membros e influência na formação da personalidade e aquisição de auto-estima. Os participantes do estudo não conseguiam enxergar diferenças que a mudança de paradigma poderia fazer nas relações da família, muito menos a percepção do encontro relacional e a co-responsabilidade de cada um nessa construção.

Depois de feitas análises, avaliações e reflexões, no fim da pesquisa observei o quanto a família precisaria desenvolver um diálogo mais igualitário e rever as diferentes formas de expressar afeto e as diferenciadas maneiras de praticá-lo nas conversações, na comunicação e nos rituais familiares, obtendo com uma nova postura, um novo olhar para as relações, uma ressignificação da família de origem e dos membros da vida atual.

Sob outra perspectiva, segundo os estudos de Braun; Bock (Ed. Esp. 9, p.41) o afeto é essencial para a formação dos circuitos cerebrais. Experiências traumáticas e falta de carinho podem causar transtornos psíquicos mais tarde. Esses autores apontam que quanto mais se pesquisa, mais claro fica a relevância de experiências traumáticas e sem afeto influenciando na formação psíquica

“decisivamente nas conexões do cérebro infantil e no equilíbrio dos neurotransmissores, causando mudanças que aumentam a vulnerabilidade a transtornos psíquicos em fases posteriores da vida”.

Os mesmos autores quando recebem clientes com queixas de depressão, ansiedade, entre outras questões, atentam para o estudo da afetividade e, mais especificamente, para os padrões afetivos, co-construídos dentro do sistema familiar, e indo mais além dentro do sistema familiar intergeracional. Eles questionaram-se: *“como a presença ou ausência de experiências emocionais pode acarretar alterações tão drásticas de comportamento”?* (p.41)

Pelos resultados dessas pesquisas, pode-se acreditar que o velho antagonismo entre genética e ambiente esteja sendo compreendido. Um número cada vez maior de estudos mostra que experiências afetivas e traumas repercutem na expressão de genes que controlam funções importantes do organismo, como a reação ao estresse.

Hoje em dia, percebemos uma abertura maior na área da expressividade e verbalização quando comparadas com as gerações anteriores dentro do processo evolutivo dos seres humanos. Entendo que ao mesmo tempo em que sentimos, organizamos os sentimentos e os transmitimos em um processo recursivo, no qual também está inserida a formação da afetividade. Acredito ainda que ao aplicarmos um estudo intergeracional sobre os padrões interacionais, estes podem ser repetidos em outra geração ou mesmo alternando-se entre elas.

As ideias de Bowen (1978) citam o processo de transmissão multigeracional de modelos familiares, que no Brasil foram reforçados por Cerveny:

As famílias repetem a si mesmas e o que sucedeu numa geração tenderá a aparecer nas gerações subseqüentes ainda que de forma diferente. Sua hipótese é que modelos interacionais e vinculares em uma geração podem fornecer modelos implícitos para o funcionamento familiar na geração posterior. Bowen referiu-se principalmente à fusão e diferenciação do indivíduo com sua família de origem e a triangulação, que ele considera a unidade básica de um sistema emocional. (CERVENY, 2001, p.50).

Um diferencial no processo de elaboração de meu Mestrado foi compreender que no sistema trigeracional existe maior facilidade em se observar como ocorrem as interações, devido:

- À importância de se estar atento ao olhar intergeracional e aos afetos interligados com a comunicação; como eles se formam dentro de uma complexidade nas primeiras relações com seus cuidadores e depois transformam-se em padrões aprendidos e são repassados na fase adulta;
- Ao estudo da família intergeracional o que leva a uma gama de informações diferenciadas que contribuem para a ampliação, conexões e possíveis reorganização nas mudanças do sistema e sub-sistema familiar.;
- Ao fato de que o estudo de uma família intergeracional em uma dissertação é só uma tomada de consciência da complexidade, diversidade e multiplicidade do sistema familiar

Minha contribuição com esse estudo creio que seja na elaboração e crença da importância do se falar e do pensar juntos (refletir, filtrar, reelaborar) e o quanto isto pode amenizar o sofrimento do sistema intergeracional e de sua transmissão nos relacionamentos e convivências.

As histórias contadas por parentes podem não ser factualmente corretas, no entanto, elas ajudam a clarificar impressões dos membros da família em relação ao que aconteceu, pensar em como eles pensavam e sentiam naquela época, um olhar de outra dimensão. Um novo contexto, uma nova narrativa, pode ser vista de outro lugar de conhecimento, adquirido em co-construção relacional com o terapeuta.

Isso me fez pensar o porquê de alguns membros da família terem reações diferentes em relação a algum fato que tenha ocorrido e são afetados por este acontecimento também de maneira diferente, e ao mesmo tempo, cada um pode ter sua própria interpretação e maneira de senti-lo, portanto, desenvolver sua singularidade. Nas narrativas históricas é importante observar, também, a expressão não verbal que trazem as emoções, os sentimentos e as sensações sobre o que se conta e do jeito que se conta, e o quanto isto afetou, paralisou. A expressão não verbal pode também trazer à tona sentimentos que, às vezes, interferem com reações inesperadas em outras relações e como ressonâncias no conviver, talvez repetitivas nas relações do sistema familiar.

O afeto hoje pode ser mais compartilhado entre os gêneros. Ficou mais horizontalizado não só sendo uma obrigação da mulher, mas importante nas relações de todos os membros familiares. Em pesquisas ele aparece mais nos avós, porém isso já foi desmistificado. Será que já podemos falar do afeto como uma

necessidade básica, e na necessidade de uma comunicação mais afetiva?

A transmissão da comunicação afetiva

Esse é um olhar, ao qual sou mais seletiva e imprimo mais cuidado, especialmente enquanto pesquisadora, pois está agregado a outras pesquisas e já investigado na área clínica. Trata-se da transmissão afetiva. Gostaria de refletir um pouco sobre o que se vem observando sobre ela.

Neste estudo, a transmissão afetiva tem duplo sentido: um vinculado ao conceito de comunicação, pois uma das formas de se comunicar seria o processo de transmitir (como se transmite), sobretudo quando pensamos no conceito de Intergeracionalidade que permite observações de modelos anteriores de padrões interacionais. O outro sentido está ligado ao que se transmite (mensagens) dentro de um sistema familiar intergeracional, o conteúdo, melhor especificando: como esse conteúdo é transmitido e como o outro recebe.

A transmissão ainda pode ser vista como o repasse da linguagem dos sentimentos, a expressividade dos afetos e emoções. Querendo ou não querendo ela aparece e está presa na intersubjetividade e é sentida por todos! Em outras palavras, transmissão pode ser entendida como o que se está recebendo e o que se está construindo com o recebido. Um processo de recursividade nas interações pelo viés transmissão.

No cotidiano, somos submetidos a situações que traduzem uma linguagem do dito e não dito que nos remete a interpretar ou arriscar uma opinião sobre determinadas pessoas, fatos, entre outros. Essa suposição ou afirmação é considerada quando levamos em conta a expressão facial, alterações fisionômicas, alterações de tom de voz, cadência de movimentos, ação incipiente na observação do outro que serve de referência às situações a que se está exposto.

Transpondo estas observações para um sistema familiar, pelo modo de nos comunicar, podemos atribuir a um sujeito, sentimentos, ou melhor, fazer uma previsão de certo comportamento do sentir, mensagem internalizada de modelo, estilo, de como lidar com estes sentimentos, e este se repetindo como um padrão ou um estilo.

Às vezes, torna-se importante nomear alguns conceitos, como a emoção e o estado de ânimo. O estado de ânimo é mais geral e se refere aos tipos de respostas

passíveis de se manifestarem como, por exemplo, eufórico, alegre, desesperado, entre outros. Já a emoção pode acontecer de um minuto para outro, desde que uma situação ocorra e a provoque como, por exemplo, amorosa, medrosa, colérica.

O fato das palavras que designam um sentimento predizerem um comportamento significa que elas podem ser usadas de modo rigorosamente científico em seres humanos, mas as palavras vêm de uma avaliação obtida por meio de um tipo de comunicação, aparecem com intenção e não são vistas como inocentes. No trabalho clínico, o valor preditivo dos sentimentos e emoções abertamente expresso é importante. É comum o outro querer expressar logo o que sente, mas não conseguir achar palavras ou, até mesmo, estar travado pelo pré-julgamento de que está errado o que vai falar, já travado no processo comunicacional por meio de medos subjetivos, ou talvez medo de rejeição.

Entender mais especificamente as palavras, sentimentos, expressões, emoções, já é uma complexidade relacionada com a comunicação, linguagem e expressividade dos sentimentos, às vezes, as pessoas não aprendem a falar deles para diferenciá-los, talvez como um reflexo de sua própria cultura.

Minha crença em garimpar e rastrear habilidades, competências, talentos, percepção para as resiliências nas histórias de vidas das pessoas e a tentativa de transformá-las tem a ver com as narrativas e a possibilidade de revelar sem julgamentos em algo que possa ser ampliado e utilizado de forma mais consciente e consistente. Esse é um de meus desafios, assim como uma melhoria na forma de fazer e na qualidade de vida relacional.

Para Trachtenberg et al. (2005, p.121), a compreensão desta transmissão na família, define o conceito intergeracional como: “[...] *intergeracional* é o que acontece entre gerações, havendo uma distância, um espaço entre o “transmissor” e o “receptor”, preservando-se as bordas da subjetividade”.

Esta borda da subjetividade é vista dentro do modelo relacional sistêmico, como um espaço para o diálogo, um lugar que cabe perguntas de curiosidade de como o outro percebe, podendo haver a percepção do diferente e da individualidade de seus membros dentro do sistema. Para mim, isso significa a oportunidade de criar um novo diálogo com reflexão sobre o que se sente e como se age por uma nova narrativa.

Para nós, estudiosos da área sistêmica familiar, a pessoa não só é herdeira de uma herança que lhe é transmitida, mas ela também é co-construída dentro

desse sistema em um movimento que vai envolvendo tanto o grupo familiar como a pessoa dentro desse sistema em um processo de recursividade. Trata-se de um elo que vai formando tramas, redes e, às vezes, é mantido por gerações, até que se possa desvendar esse oculto para uma reflexão levando a um maior entendimento das relações e dos sentimentos que levaram àquela situação, ação dentro de um contexto maior.

Esses processos de informação, diálogo e compreensão podem desmistificar o fato de se ter ou não algo que interfira, como por exemplo, o afeto, se ele pode ou não estar presente em todos os momentos, ou melhor, entender se ele pode ser regulado em seu constante movimento ou controlado. Se o afeto fosse ensinado pelo sistema familiar como um valor nas interações acredito que isso pudesse se constituir em um avanço nos relacionamentos. Um valor que, a meu ver, deve ser ampliado e colocado em pauta nas conversações e relações familiares.

Ampliar a compreensão possibilitando a aceitação da própria identidade co-construída culturalmente e por meio da herança familiar relacional e social ajuda a ter algum poder sobre as forças que controlam a própria vida e a sensação de controlar minimamente o próprio destino, ou as escolhas possíveis sendo esse um componente essencial da saúde mental e do desequilíbrio emocional (informação verbal)⁷.

Ao finalizar esse capítulo, julguei importante mencionar sobre como a ressonância da família do terapeuta que influencia e é influenciada em estudos intergeracionais, o que pude transpor também para minha condição de pesquisadora.

Quando trabalho sob a perspectiva intergeracional gosto de pensar nas relações que se constroem por meio dos diálogos, conversações e no processo mútuo e recursivo de repensar sobre o que Gergen (2006) e Talavera (2010) ressonaram em mim sobre as relações, que não são naturais nesse processo, pois se trabalha com elas, ajuda-se a construí-las quando se abre possibilidades para falar dela em diversos contextos. Indo além refletimos em quem nós nos tornamos a cada encontro relacional?

Quando emprego o Genograma costumo pensar: O que posso auxiliar a alterar hoje? O que pode se transformar “na diferença que faz a diferença no indivíduo” tanto no hoje quanto no amanhã, nos relacionamentos do “si mesmo” com

⁷ Conforme Macedo explica em uma de suas aulas na PUC/SP (2009)

outro? Em nossa relação de pesquisa? O que pode nos auxiliar a ser mais igualitários e menos sofridos nas emoções e pensamentos, enquanto seres humanos relacionais em convivências?

A perspectiva de transformar a percepção das histórias dos encontros interacionais difíceis em outras mais compreensíveis e igualitárias em processos co-construídos é o que de mais humano, nós seres humanos, podemos aspirar em nosso processo evolutivo, e isso me instiga a continuar. Reconhecer, qualificar, validar, apreciar, e preservar com carinho as pessoas que foram mais facilitadoras ou não, desenvolvendo possibilidades e abrindo novos caminhos são os desafios de compreensão e solidariedade de cada um de nós.

CAPÍTULO 3 - COMPREENDENDO O POTENCIAL DAS RELAÇÕES

Buscando o crescimento

G1/P6: eu vejo que nem tudo está conversando sobre educação, quan- tável, estável, tudo tranquilo, pra bom, que tem coisas que eu preciso do a minha mãe perguntou se eu ia vim pra Delfim Moreira. Mas eu e o mudar. criar meus filhos igual nós fomos. R. tínhamos um propósito.

G2/P13 Então, eu acho que o mais criados. Eu falei não. "Eu acho você **G1/ P3**: Não digo um incômodo, importante é a gente olhar o ser perfeita, mas você errou. Todo mas essa aproximação, essa cumprimentar humano com as necessidades que mundo erra. É a evolução". Você cidade. Fica uma coisa querendo se ele tem, as necessidades únicas que erra com seus filhos e eu vou errar achar. Às vezes eu quero me achar, ele tem... com os desejos... mas a com os meus, mas vou pegar tudo é como se fosse assim, você ter a gente não pode esquecer que o ser de melhor que ela fez para mim e sua vida, mas tudo meio que igual, humano é o sujeito ativo da história vou aprender com os erros que ela repetido.

dele, ele também tem o poder de teve, por que todo mundo erra, não G1/ P3: É interessante, que eu também estou fazendo essa mudança. Eu não é melhor nem pior, mas erra... é a bém tentei ser diferente, eu mudei tenho a varinha mágica que vai fazer evolução mesmo! até de religião! E hoje eu estou na

zer com que ele mude; é ele próprio... **G1/P4:** Por exemplo, hoje, eu vir para Delfim, eu entendo que minha filha vai católica de novo, e meu filho vai fazer primeira comunhão. Eu fiquei

G1/P5: Mas é isso mesmo. Eu lembro direitinho, um dia, a gente tava família não entendem até hoje. Por bastante tempo na religião evangélica, aprendi bastante coisa...

Identificando-se no grupo

G1/ P4: Não foi difícil, eu não tive gada mesmo a minha família, dos **G1/ P5:** Tenho... Não! Não tenho o
dificuldade. Fala de uma coisa e dois lados, então, é sempre muito hábito de falar de mim não. Mas pra
você lembra de outras coisas. Mas gostoso. Eu senti dificuldade de mim não é difícil falar de mim. Eu
assim, a gente não tem o hábito de pensar em um momento, uma deter- não tenho o hábito, mas não é difi-
falar mito da gente... Porque a gente minada coisa. Tem bastante coisa cil.

não tem o hábito de olhar dentro da gostosa! Tem os momentos ruins **G1/ P2:** Estar lembrando o passado, gente. que você lembra, mas eu procurei das brincadeiras, é difícil parar pra

G1/ P5: Pra mim não foi difícil, foi sempre pensar no lado bom das pensar nisso. Eu preciso de mais gostoso, porque eu sou muito ape- coisas. tempo pra relembrar bastante.

CAPÍTULO 3 - COMPREENDENDO O POTENCIAL DAS RELAÇÕES

A gente tem um paciente que é assim. A gente não sabe mais o que fazer com ele. sabe aquela sensação de não saber o que mais fazer com ele? mas é assim, boa parte do que a gente podia fazer, a gente já fez, mas é assim, a gente conversa com ele e ele diz que não vai fazer mais isso, e passa três dias... (G1/P5)

Se eu sou cuidador, eu também não sei receber cuidado, e quando eu não sei receber cuidado, mesmo que o outro tente ser cuidador de mim, eu não permito, não vejo (G2/P13)

Ao reler várias vezes Shotter e Andersen observei como eles refletiam sobre as falas de seus clientes. Gostei muito, pois além de refletir com as falas de meus clientes, existia um antigo sonho meu de terapeuta, que já chegou nesse presente. Esse sonho referia-se às expectativas com os mesmos em processo terapêutico e, agora associado aos participantes desse estudo num processo de co-construção de sentidos junto com outros profissionais. Uma reflexão sobre o “encontro”, do que surge nas conversações e diálogos. Não se trata apenas de um sonho de terapeuta para cliente é um sonho que todos nós, profissionais e leigos, poderíamos desenvolver em nosso processo linguístico de escuta e fala em nossos discursos. Tal sonho poderia se concretizar e partir de nossos encontros nessa nova proposta de conhecimento dos relacionamentos pós-moderno, que avança com novas propostas sobre o diálogo, iniciando do não conhecido e do que pode estar por vir nas conversações.

Essa é uma prática que se amplia a cada dia. Agora, não basta só conversar ou abrir um espaço de conversação ou conversar sobre os significados, fazer uma reorganização linear das histórias dos eventos da vida, queremos sempre mais e mais com nossos clientes, parceiros, amigos, queremos uma relação de igualdade, uma relação de trocas de conhecimentos mais horizontalizadas, com mais respeito a nosso humano igualitário. Agora já não basta apenas falar do passado ou do acúmulo de dores experienciadas, do que foi dito e memorizado, mas de como essa pessoa se sentia no passado e o que foi difícil para lidar com esta dor, este sentimento. Nesse sentido, um de meus maiores fatores de mobilização foi pensar em como transpor essas barreiras, reconhecendo e utilizando respeitosamente de fatos e memórias de experiências dos participantes.

3.1 Tecendo considerações sobre relacionamentos

Antes, porém, gostaria de tecer algumas considerações sobre relacionamentos, o que é fundamental nesse capítulo, uma vez que serão tratadas compreensões sobre as relações.

Segundo Canavarro (1999 p. 27, 28), Lewis (1988) de uma forma mais clara, distinguiu relação de interação, alertando para a necessidade de estudar separadamente os dois domínios. Para este autor, interação diz respeito a comportamentos específicos observáveis e, portanto, passíveis de serem quantificadas por terceiros. As relações interpessoais inferem-se das interações, são difíceis de especificar e, consequentemente são difíceis de medir por meio da observação. O comportamento entre duas pessoas constitui uma interação mas, apenas um dos elementos da interação não é suficiente para especificar a relação. Do mesmo modo, o conhecimento da relação aumenta a capacidade para predizer a interação. O conceito de relação interpessoal é lato e remete para uma infinidade de formas assumidas pela(s) relação(ões), entre dois ou mais indivíduos nos mais diversos contextos temporais, espaciais e funcionais.

Dada a complexidade desse conceito, julguei apropriado fazer algumas tentativas no sentido de clarificar o conceito de relação interpessoal.

Conforme Gergen (2010, p.37) “*Num mundo individualista, os relacionamentos são relegados a um segundo plano, porque são tratados como artifícios que, provavelmente, demandam tempo e que são essenciais somente nos casos em que somos auto suficientes*”.

Ainda de acordo com os estudos desse autor, a tarefa de criar o eu relacional não é fácil, basicamente porque as palavras que nos são disponíveis são produto de uma tradição individualista. Dispomos de milhares de termos que “tornam reais” as condições e conteúdos da mente individual. Podemos falar indefinidamente sobre nossos pensamentos, sentimentos, desejos, esperanças, sonhos, ideias, e assim por diante. Inversamente dispomos de pouquíssimas palavras para descrever os relacionamentos. Numa analogia perfeita, Gergen (2010) explica que na tentativa de conceituar relacionamentos ocorre como se tivéssemos um rico vocabulário para descrevermos as peças do jogo e, no entanto, não dispuséssemos de palavras para descrever o jogo em sua essência. Concordo com esse autor quanto à dificuldade de se proceder para que um eu relacional faça sentido sem começar com a

suposição de mentes individuais. Como compreender um jogo relacional e toda sua multiplicidade, e complexidade de fatores entrelaçados?

O presente estudo confere respeito e apreço pelos processos relacionais. É a partir do relacionamento que emerge tudo aquilo que consideramos real, relacional, verdadeiro e de valor, inclusive, o aprendizado por nosso processo linguístico. As implicações de uma ênfase relacional são vitais, verdadeiras e de valor. Tais implicações são vitais não somente porque assim desestabilizamos a enraizada tradição do individualismo, mas porque também somos instados a reconsiderar muitas de nossas instituições, desde nossos rituais íntimos de relacionamento até nossas práticas na educação, política e nas leis.

Uma perspectiva racional desperta um entusiasmo por nossa vida com outros e não separados dos outros ou contra os outros, e sim em comunhão conosco e com outros. Começamos por nos centrar no poder gerador do relacionamento e no fluxo das ações coordenadas. Por meio de atuações junto aos outros e junto a nós mesmos, criamos nossas realidades racionais e emocionais. *Aquilo que antes se denominava “processos mentais” é recriado como “processos relacionais”. É o Eu Relacional que passa a existir mediante dos relacionamentos com outros* (GERGEN, 2009, p.44).

Embora o relacionamento em si seja algo imensurável, impalpável e de dificílima definição por se tratar de algo exclusivo da intersubjetividade, nesse estudo, pensei que seria interessante elencar algumas percepções que, sob meu ponto de vista, o tornam um pouco mais “observável”, se assim o podemos dizer. Esse esforço foi feito no sentido de clarificar o potencial das relações que aprofundarei mais adiante.

Ao invés de simplesmente falar de si mesmos, o que eles dizem é dito dentro de um espaço de conversação entre eles e os outros à sua volta, sua fala é agora relacional e responsiva. Existe uma preocupação com o indivíduo vivendo dentro de uma rede de relações e as construindo como nossa realidade. Ao contrário de simplesmente interpretar um papel que lhes foi atribuído, as pessoas se sentem capazes de desempenhar um papel imediato e ativo na construção e elaboração conjunta de uma realidade compartilhada (SHOTTER, 2009)

Portanto:

- ✓ Relacionamento é algo complexo, difícil de entender e dá grande abertura para estudos, pois comporta os variados tipos de relação.
- ✓ Não existem regras pré-estabelecidas para um relacionamento, para que ele exista é importante que haja uma interconexão entre as pessoas.
- ✓ O relacionamento supõe trocas, interfere tanto no pensamento quanto no sentimento, na postura, e na forma de comunicar das pessoas envolvidas.
- ✓ Para que haja um relacionamento, é importante que a pessoa esteja num estado de alerta e de atenção.
- ✓ Relacionamentos supõem ação com emoção.
- ✓ No relacionamento é interessante que haja uma escuta seletiva, responsável (deve-se evitar julgar, criticar, usar questões de genuína curiosidade sobre entender as diferenças reais entre as pessoas).
- ✓ É importante que os envolvidos num relacionamento tenham a noção de que as palavras e os gestos não são inocentes e mobilizam ações e reações.
- ✓ Para que haja um relacionamento é importante que haja uma comunicação que tenha o cuidado de saber o que provoca na escuta do outro, pois uma intenção pode estar nessa intersubjetividade da mensagem.
- ✓ É importante ter o consentimento, o compartilhamento de todos os envolvidos, mesmo que seja por nuances.
- ✓ Dar relevância e ter respeito na diferença do olhar para as necessidades do outro dentro de contextos, histórias de vidas.
- ✓ É bom fazer um pré-contrato consultando a pessoa se ela quer conversar sobre determinados assuntos porque envolve o que ela sente e o que ela pensa, escuta, estando suscetível de sofrer influências e mudanças de comportamentos.
- ✓ É igualmente importante desenvolver um estilo de relacionamento e um discernimento para saber o quando, o onde e o como abordar certos assuntos.

- ✓ Às vezes tem que se ter a iniciativa para a relação fluir e a noção de que é preciso voltar um passo atrás e fazer uma reparação do discurso, da intenção, do tema, situação, sentimentos.
- ✓ Nas relações se mexe com pensamento e as emoções o tempo inteiro em reflexões, por isso é uma ação, reação e está na fluidez do “entre”.
- ✓ Relacionamento supõe uma aproximação e uma intimidade para se dar conta de querer estar com o outro e assumir esta posição, postura, co-responsabilidade
- ✓ Relacionamento requer pensar no prazer de estar junto, e no “com” das relações como participante.
- ✓ A relação pressupõe um momento de resolução, compreensão, trocas, aprendizado, portanto pode desencadear “n” sentimentos, inclusive o de dar prazer.
- ✓ Para se cultivar uma relação é importante que se cultive uma série de sentimentos como tolerância, paciência, afeto e a responsabilidade do encontro que pressupõe uma comunicação afetiva.
- ✓ As relações tanto podem ser fator de vulnerabilidade quanto de júbilo.
- ✓ No desenvolvimento do “entre” nas relações há um fator de desenvolvimento humano, evolutivo e construtivo.
- ✓ O relacionamento pede diferentes formas de relação, por ele estar no “entre” e no “com”, por esse motivo é importante que cada pessoa desenvolva um estilo de pensar nas relações e se veja atuando e complementando ideias, necessidades.

3.2 Elementos que permeiam as relações

Uma vez expostas algumas características do relacionamento, um próximo passo dentro de minhas investigações foi o de descrever quais elementos permeiam as relações. Para a questão da fala, em alguns momentos recorri à contribuição de Shotter (2009), que aprofunda essa questão na Pós-Modernidade.

Para que haja uma relação não cabe somente a interpretação de papéis ou o desempenho de funções dentro de um sistema, não basta somente falar para o si mesmo em conversas internas, há também que se usufruir das conversas externas,

compartilhando as experiências e aprendendo com os encontros relacionais nos processos de comunicação. Nas relações formam-se vínculos, distribuem-se afetos, ao mesmo tempo em que influenciamos também somos afetados pelo outro. Resumidamente pode-se dizer que as relações nos afetam como um todo integrado, tanto em nosso lado emocional quanto nosso lado racional. Enfim, idealmente falando, as relações podem possibilitar que ao mesmo tempo em que se exercita a individualidade, conviva-se com a individualidade do outro, portanto, não cabendo nem exclusões, nem estigmatizações.

3.2.1 O Afeto

Os efeitos relacionais afetam a relação consigo mesmo e com a família, além dos grupos humanos, afetam nossa área da saúde de tal maneira que podem ser descritos como uma pobreza na maneira de não ver o outro, perder os vínculos, confiança, esperança, sonhos e causar desânimo, depressão, pânico, automatização dos indivíduos. Portanto, além de rever nossa linguagem na construção relacional, torna-se necessário rever como os efeitos das relações têm nos afetado. Então me pergunto: Como não pensar nos efeitos dos afetos interferindo nas relações? Com quem e como construímos nossos olhares de afeto em nossa linguagem co-construída? Como fazemos para mantê-los?

Vários autores das práticas pós-modernas como Gergen, Hoffman, Andersen, Anderson, Shotter, White, Epston, Grandesso, Terragona, London, Talavera, Macedo, entre outros, têm nos presenteado com esclarecimentos na área clínica em Psicologia, para repensar nossos discursos ou narrativas em construções relacionais.

Quando me refiro aqui a práticas pós-modernas para a área clínica em Psicologia, preciso repensar o momento, o papel e o olhar do pesquisador/terapeuta, lugar em que me encontro nesse trabalho, pesquisando novos saberes para a área clínica, mas também em processo recursivo, já praticando. Portanto, esse meu olhar vem também dessa co-construção das terapias pós-modernas e contribui com essas reflexões e discursos, na prática do pesquisador já co-construindo outras narrativas em processo recursivo. Pensar sobre o eu e o nós em relação requer reflexões, Gergen (2006, p.26) auxilia nesta compreensão quando reflete: “Os modernistas

creem no sistema educativo, na vida familiar estável, na formação moral e eleição relacional de determinada estrutura matrimonial.”

Falar do eu nessa herança social individualista ajudou-me a entender nossa fala, nossa percepção, identidade, nosso posicionamento, portanto tem sua relevância para nossa escuta. Aqui pontuo essa constante criação, mudança da linguagem no social, discursos, narrativas, diálogos, comunicação afetiva, expressão dos significados, portanto uma necessidade de constante revisão também de como nos vemos de dentro das relações, conversações conosco e com outros (ora interna ora externa sobre o que vai se instaurando, movimentando, transformando). Isso ajudou-me a compreender a identidade como algo não fixo, em fluidez e em constante transformação e co-construção com o social. E assim me questiono: Com a evolução da história humana, de qual lugar estamos falando quando nos referimos ao eu e ao nós? De qual lugar escutamos e conectamos, quando ouvimos os relatos das experiências das histórias de vida do outro? Melhor ainda: de que significado e contexto, determinada pessoa está falando e eu estou ouvindo numa relação? Enfim, como consigo ouvir, diferenciar e refletir sobre a relação, sobre a situação, sobre a pessoa em sua singularidade para um melhor entendimento?

E isso é novo em minha prática reflexiva! Uma linguagem relacional co-construída. No caso de terapeutas, no qual me incluo, ouvimos do lugar humano de sensibilidade, colaboração, apoio, querendo também que o outro se ouça, se perceba e se reveja o tempo todo tendo domínio sobre o si mesmo reflexivo, desenvolvendo um autogerenciamento. Mas, ainda sonhamos mais. Sonhamos que tudo isto seja percebido primeiro como algo seu, “o si mesmo em construção relacional”, responsável, em transformação, transcendendo, em evolução para que a pessoa possa ter liberdade e fazer escolhas responsivas.

Outra das perguntas que me faço é: Estamos revendo nossa co-construção da linguagem afetiva na Pós-Modernidade? Acredito que sim! Por outro lado, poderíamos também nos questionar se nossa realidade de construção social pelo diálogo, conversações e comunicações podem mudar ou melhorar.

Em minha evolução profissional não se apaga a voz de Gregory Bateson, que me descontou, como terapeuta, para uma visão antropológica e para a consciência de que aquilo que de significativo aprendemos, em termos de teoria e prática, permanece e continua a operar em nós (o inconsciente batesoniano). Em conformidade com o pensamento de Boscolo e Bertrando (2004, p.18), “o purismo

teórico é simplesmente um mito e, enfim, que um pensamento coerentemente sistêmico conduz à superação de todas as dicotomias”.

3.2.2 A comunicação

Bateson (1972) abriu novas possibilidades e abordou a comunicação contínua entre as disciplinas, praticando entrelaçamentos multidisciplinares. Hoje, repensei a ampliação destes significados: na transdisciplinaridade como uma nova visão, uma nova experiência vivida, um caminho de autotransformação, orientado para o caminho de si, para a unidade do conhecimento e criação de uma nova arte de viver. A transdisciplinaridade leva em conta todas as dimensões do ser humano- cultural, espiritual, econômica, histórica, entre outras. Diferencia-se do conceito de multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, pelo fato de que sua meta de compreender o mundo não pode ser alcançada na pesquisa disciplinar, pois níveis de realidade são inseparáveis de níveis de percepção.

Assim, resumidamente pode-se afirmar que esse capítulo também tem como proposta, pensar no tema comunicação, comunicação afetiva, conversações, diálogos em encontros relacionais, construção da linguagem, entrelaçados e, no caso específico deste trabalho, pensar nessas questões dentro do sistema familiar intergeracional junto à equipe de profissionais da Unidade Básica de Saúde (UBS) de Delfim Moreira.

Reflexões que vêm sendo feitas a longo tempo, apenas descortinam o sofrimento psicológico, os reveses da vida, as incompreensões que encontramos na hora de dialogar ou desenvolver uma conversa, promover uma transmissão, uma comunicação, passar uma mensagem, ou mesmo revermos, ou pensarmos como ela é ou como deveria ser. Nesse sentido, pergunto-me: O quanto e como isto afeta as comunicações, as relações, os vínculos, os afetos? Que relações gostaríamos de desenvolver e como manter certos vínculos importantes em nossa trajetória de vida?

Gostaria também, nesse momento, de focar a forma de olhar para nossa comunicação, como herança do “si mesmo” e o que isto tem a ver com o conhecimento sobre como nos conhecemos, sobre como nos comunicamos, sobre como conversamos, ou ainda sobre como dialogamos e pensamos a comunicação em nossas relações cotidianas, portanto, sobre o que já foi construído em termos de relações enquanto experiências de convivências. Nesse sentido, seria possível

pensar sobre um eu em construção comunicacional? ou em um eu em construção relacional? ou ainda, em um eu em construção afetiva?

Sob meu ponto de vista, a alternativa seria diferenciando as heranças emocionais relacionais intergeracionais da herança do “si mesmo” de tudo aquilo que já foi experienciado em termos de sua própria comunicação, mediante os diálogos, vínculos, afetos construídos até a atualidade. Enfim, pensar sobre como o indivíduo sente-se e age diariamente, sobre como se autogerencia quando expõe suas ideias e necessidades e como as transmite em sua mensagem comunicacional sendo responsável, como nos aponta Shotter (2009).

Gostaria de falar aqui sobre o conversar entremeado com algumas questões da comunicação e sobre a importância desse aprendizado em nossa construção relacional, pois elas se entrelaçam, a nosso ver o tempo todo, em nossa busca de compreensões relacionais. Como estamos agindo em termos desse novo aprendizado relacional? Como compreendê-lo dentro de questões de humanismo também em relação aos seres vivos do planeta em constante mutação, como uma herança do si mesmo? Como compreender a interconexão entre linguagem co-construída composta por palavras e corporeidade, como uma unidade no ser humano? Damos mais sentido expressando e nos ouvindo ao falar, ou tal sentido ocorre mais quando ouvimos as palavras separadas sem contexto ou em frases com ditos e não ditos? Como as palavras e os dizeres assumem significados que mudam nossa história relacional ou eventos em nossos caminhos na vida? Como explicar a situação das famílias a que me referi sem considerar a multiplicidade de fatores que concorreram para moldá-la? Para tentar resolver a questão das diferenças sociais é preciso desvendar sua dinâmica de funcionamento, a forma com que se dão as intrincadas relações entre os elementos, processos e fenômenos que consubstanciam o objeto da análise. É preciso adotar um novo paradigma, um paradigma que propõe uma visão ampliada, aprofundada e atenta naquilo que se refere ao complexo de inter-relações entre todas as coisas. Torna-se necessário, portanto, assumir um olhar sistêmico, quando nos propomos a explicar a família na contemporaneidade (Macedo 2008, p.14).

Conforme mencionei anteriormente no Capítulo 1 “o mundo mudou”. Sim, mudou e com ele mudou toda uma maneira de pensar, ver, sentir das pessoas, tudo ficou mais complexo para se entender a si e ao outro e as relações.

A ciência e seus autores têm nos ensinado sobre esta complexidade neste entrelaçamento, mas também como sistematizar, separando em detalhes, partes, conteúdos, formas, para melhor compreender algo. Esta forma mais estruturada, organizada, linearmente colocada, se presta justamente para rever entendimentos, e isto tem uma diferenciação do observar o viver em dinâmica relacional cotidiana, pois hoje não só observamos, como também interagimos, fazemos parte do sistema, co-construindo novas realidades.

De acordo com Spink (2000), essa complexidade de entendimento do viver, do conviver, do relacionar, do desenvolvimento humano, do compreender e do conhecer, vai além, passa pela fluidez, por um movimento transformador, dinâmico. Algo diferente! Porém, esse aprendizado também contribui com a própria Ciência e suas mudanças, com as reflexões de muitos teóricos que avançam sobre o pensar sobre o “si mesmo” enquanto pessoa única e depois vendo-se como diferente do outro, e sobre o pensar sobre o “si mesmo” no individualismo, individualidade, processo de individuação, contexto, cultura, construção social, preocupados com a questão humana e social. Assim, compreender o próprio processo da prática, teoria e da transformação do profissional em constante desenvolvimento, em meu caso o da psicóloga, já é algo esperado. Assim, como querer que o outro também possa alcançar este lugar.

Não só houve mudança de paradigma na ciência sobre pressupostos metodológicos em como conhecemos, pensamos, sentimos, agimos buscando coerências, como também se prestou atenção aos novos pressupostos sobre a natureza humana na perspectiva do Construcionismo Social, como estamos atuando neste mundo (SPINK, 2000).

O importante é reconhecer que os diálogos de acordo com os construcionistas desafiam a tradição individualista e convidam a uma apreciação do relacionamento como algo central para o bem-estar humano. Não é só na mente individual que o conhecimento, a razão, a emoção e a moralidade residem, mas também nos relacionamentos. Ou mais bem dizendo, será que não residiriam também nas construções relacionais?

Concordo com a autora, o mundo mudou sim, sendo visível a todos! Porém vieram junto nesse processo as mudanças aceleradas, uma complexidade de entendimentos para o expressar, conversar, dialogar, escutar, falar, relacionar. Assim também ocorreu com o processo de mudança do profissional para aprender a

utilizar essas mudanças na área clínica ou outras. Chamo atenção para este recorte que faço com o ouvir e as conexões de um pesquisador, portanto em espaço específico e seletivo de reflexões sobre a escuta, dando relevância ao foco do entendimento de como selecionamos o que queremos ver e ouvir.

3.2.2.1 Conversações transformadoras

Conversar foi sempre uma experiência boa para diluir e fortalecer entendimentos, quando se expressa sentimentos de angústia, dores, dificuldades, estes ficam mal elaborados por falta de informação, de entendimento, compreensões sobre as pessoas, sobre as diferenças, sobre as diversidades, sobre a complexidade das relações e as situações que se misturam. Essa sempre foi também a ressonância das vozes dos clientes em meu ouvir sobre o gostar de falar, conversar e o quanto isto auxilia a organização mental e, portanto a melhora. Isto é tão significativo que ao falarmos de algo significativo todo nosso corpo se modifica visivelmente e não só subjetivamente, mas nossas emoções, linguagem, comunicação simultaneamente se alteram.

Qual a importância desse “conversar” sobre como se conhece essa conversação e como se faz a comunicação interferindo na relação? A meu ver, pensar dessa forma foi transcender a própria compreensão da comunicação de levar a mensagem nas relações, foi algo transdisciplinar. Porém, o ir além foi descobrir e reconhecer e até mesmo valorizar o quanto nós precisamos deste “outro” e no “entre” desse estar “com” o outro em nosso cotidiano. Não basta estar próximo, tem que se emocionar, ser sincero, dar importância a nossos vínculos, afetos, comunicação, linguagem e aos tipos de vínculos humanos que co-construímos nas diferentes relações e como elas nos afetam física e emocionalmente, um todo no viver social.

Por compreender a importância da comunicação afetiva com o outro, por meio da qual se pode aprender a desenvolver a paciência, a tolerância, e a flexibilidade nas relações, que as valorizei nesse meu estudo. Creio também que mediante a comunicação afetiva é possível diminuir o grau de poder nas relações, suavizando hierarquias. Tais percepções remeteram-me a um tempo tanto de antigos quanto de novos valores, ampliando-se, para mim, uma visão de possibilidades no sentido de

desenvolver a capacidade de tornar as relações mais horizontalizadas, portanto, sensibilizando-nos para nosso lado humano.

É sempre salutar correr atrás de um bom diálogo interno (por exemplo, num momento junto à natureza sozinho) e o externo no “entre” das relações. Escutar foi sempre uma escolha, opção de vida para ampliar percepção sobre conhecimentos por meio dos eventos da vida, recontar as histórias marcantes foi outra forma de compreensão pela escuta da autonarrativa.

Ao mesmo tempo isto também foi para mim, muitas vezes a causa de minha indignação, desencontros relacionais, dores, sofrimentos, emocionais, escolha de mudança de modelos relacionais, rumo de histórias de vida. Isso sempre acontecia em situações em que aumentava essa fragilidade, percebia a dificuldade de comunicação minha e de outros, dificultando o “entre” das relações, impedindo a fluidez em situações e continuidade de atividades e ações.

Pensar no “entre” das relações é estar conectado na ação, pensar no que não podia ser dito, ou no que deveria ser dito e não foi, enfim sobre a hora de ser assertivo nas conversações. E onde está o manual que nos ensina a forma correta de agir, no momento certo? Não existe! Tal compreensão é algo subjetivo que vai sendo co-construída e internalizada nas experiências cotidianas nas relações.

Na área da saúde isto sempre vem em forma mais agravante e responsiva. A meu ver, somos transformados dentro do papel, da função do cuidador, de quem cuida das dores de diversas dimensões e em contexto de fragilização, vulnerabilidade expectativas de ajuda externa.

Ao pensar a área da saúde integrada aos sintomas físicos e emocionais, observa-se que conversar e dar voz às pessoas não passa somente por formas ou padrões de linguagem, Shotter (1993a) nos aponta que também passa pelo o desdobramento de nosso movimento corporal em sua produção.

Assim, os outros, na nossa presença como indivíduos, "eus" ativos, não se movem independentemente de nós, seus movimentos não são totalmente seus, pois eles são "coloridos" pelos nossos movimentos individuais - mas os nossos movimentos individuais são também "coloridos" pelos movimentos deles. Assim, o movimento momentâneo entre nós não é nosso individualmente ou só deles, mas nosso como um "nós". Atividades compartilhadas, do tipo dialógicas - que em outros lugares são chamadas de "ação conjunta sempre dão origem à experiência de que o que é criado dentro dele, é sentido como um 'algo', como uma entidade externa, objetiva - não como sua, nem minha, mas como nosso." Um resultado de nosso envolvimento e como chegamos a incorporar uma certa sensibilidade seletiva, uma certa forma de reagir e responder ao nosso ambiente de dentro de nossas relações que o constroem. (SHOTTER, 1993a, p.86-87).

Nesse raciocínio existem dois pontos que ele enfatiza que também gostaria de mencionar: um deles é que ele atende às relações entre os ritmos corporais da respiração e o ritmo dos deslocamentos das pessoas entre ouvir, pensar e falar, e as pequenas pausas antes do início da inspiração e o início da expiração, e assim por diante. De fato, como esse autor nos aponta *"existem muitas semelhanças entre as mudanças nas conversas entre amigos e as mudanças de respiração de um indivíduo"* (Shotter, 1993a, p.32). Em outro trecho de seu livro, Shotter continua *"Durante o ciclo de uma conversa [como na respiração] precisamos de uma pequena pausa antes de falar (agir) e uma pequena pausa antes de ouvir (p.85)*

Quanto ao sentir, Shotter (1993a) ainda explica:

Conversas precisam de pausas, o suficiente para o pensamento sobre o processo da conversa acontecer. Sobre tais pausas Bakhtin (1986) observa, "essas pausas diferem essencialmente das pausas gramaticais e estilísticas ..." Espera-se que sejam seguidas por uma resposta ou compreensão responsável por parte do outro. (SHOTTER, 1993a p.74).

De fato, sem tais pausas, sem a resposta do outro a detalhes e nuances, sem que os participantes tenham o tempo necessário para que a fala do outro ressoe dentro deles, a conversa entre eles não pode ser uma conversa atenciosa. Portanto minha visão do processo de conversação transformadora é compartilhada com os autores John Shotter, que também cita os estudos de Tom Andersen, em que ambos acreditam que as conversações passam pela integração do que o corpo expressa quando a pessoa fala algo, e ainda pela reação corpórea que demonstra depois daquilo que ela fala. Essa percepção torna ainda mais relevante a investigação desse processo de conversação para esse estudo.

Viver a mesma dificuldade dos personagens da história da Torre de Babel com seus vários idiomas é como muitas vezes acontece na comunicação. Quanto

mais se explica, mais se confunde mais se atrapalha na relação interna e externa. A linguagem foi perdendo fluidez e as palavras não deram conta de mudar ou clarear este contexto e até pelo contrário, calou muitas pessoas, abrindo espaço para que a solidão fosse se instaurando devido incompreensões sobre o próprio ser, não saber conversar ou a hora de falar, se expressar sobre determinada situação, ou ainda porque na comunicação feriu o lado pessoal, ou mesmo não cuidou da relação por não percebê-la aglutinada ou emaranhada no contexto.

Ao olhar para a questão sob esse ângulo, continuo a me questionar: Será que aprendemos a lidar com as dores relacionais? Existem as dores relacionais ou são frutos do encontro com outros ou porque entendemos e criamos a expectativa de que o outro é responsável e não co-responsivo? Ou será que existe uma construção de linguagem social sobre as expectativas relacionais em diferentes formas: outros, nós, eu, divididos e não interagindo sistematicamente, algo também pensado em comportamentos e não no todo em movimento, em transformação, em evolução.

Ao refletir sobre todas essas indagações surge um paradoxo: O que fez e o que faz com que a pessoa continue essa busca do ser diferente e também a luta para não desistir da procura do alívio das dores causadas não só por situações e eventos como também pelas relações? Talvez, a persistência pela busca do ser diferente e para o alívio de dores psicológicas se dê pela ignorância do conhecimento daquilo que é do outro, que é diferente tanto do eu quanto do nós, ou de outras especificidades culturais, como ser diferente e não ser aceito. Nos dias de hoje, ainda existe a dificuldade para usar a aceitação do diferente como experiência, como resiliência, ou como crescimento na adversidade e no enfrentamento de divergências. Seriam esses os grandes desafios da Pós-modernidade para as pessoas? Seriam as relações permeadas pelo aprendizado do respeito ao diferente?

Entender suas interferências para depois aprender a sair delas, talvez seja a alternativa, não representar só funções e papéis como um ser em convívio, mas entender seu processo de individualização e de seu singular. Entender ainda o crescer no sentido de um “ser” em processo de humanização em evolução, passando por várias fases do ciclo vital e em todas elas assumindo um novo e diferente lugar de estar com outros, portanto, digno de novos aprendizados sem interrupções.

Em todos os lugares houve sempre um entender das novas relações consigo mesmo e com outros, portanto, novas construções relacionais em novos contextos, e em novas situações. Por muito tempo estes novos aprendizados eram repassados somente pelos modelos familiares e se tornaram padrões, hoje, porém, eles não só estão sendo repassado por familiares, mas cada pessoa tendo que ir buscá-los em muitos lugares diferentes, nas ciências e com profissionais, como em redes, em livros, na mídia. Enfim, hoje existe um consenso de se ouvir ou buscar muitas vozes e tentar compreendê-las! Coexistem muitas verdades para se refletir e achar uma coerência entre elas. Porém a maior delas é de buscar se conhecer e conhecer as relações em que atua. A terapia é um bom exemplo desta primeira escuta e co-construção relacional e de linguagem do eu relacional.

Assim, fui descobrindo o espírito científico, unificador, com busca, determinação, criatividade e respeito aos outros e aos diferentes. Como não querer entender isto? Impossível pensar em uma pessoa relacional, que necessita do outro como construção de ver e validar ambos, de estar em vínculo afetivo constante, validada como ser humano íntegro, em convívio comunitário, social e humano solidário e não saber sobre este comunicar, esse conversar e o aproveitar desse encontro para melhorar as relações! E ainda mais o aproveitar das relações para melhorar as situações de dilemas e o eu relacional!

Nem sempre se pensou na comunicação humana sob este ângulo. E agora, como anda nossa comunicação afetiva cotidiana? O que chama a atenção é como as pessoas foram se adaptando a falar do eu ou de si e criando um contexto mais individualista e como isto teve ganhos no contexto social, familiar.

Gergen reflete:

Se os indivíduos são por definição elementos de relações, não podem nem permanecer à parte do mundo social nem estar submetidos às suas amarras, do mesmo modo que os movimentos de uma onda, não podem separar-se do mar e nem estar determinados por este. (2006, p.330).

Aqui reflito sobre as relações do Ciclo Vital que já provocam na família grandes diferenças e afetam os vínculos, as relações, os mais velhos com olhar ainda no tradicional, como é melhor e deveria ser segundo suas próprias convicções, verdades, e os mais novos querendo novas formas para experienciar a liberdade de agir e criar novas possibilidades.

Nesse momento, pergunto: porque tanta dificuldade em viver com as adversidades, diferenças, com a transformação, ou com transformações? Porque são tão decisivas para nossa vida as caracterizações que fazemos de nosso eu, ou de nossa maneira de fazermos a caracterização acerca dos outros? Qual é o motivo que as trocas que sobrevivem com estas caracterizações são temas de interesse tão preponderante?

Gergen (2006, p.23) me auxilia nesse raciocínio. Segundo ele muitas pessoas vivem juntas por longo tempo, desfrutam da companhia um do outro e muitas vezes não falam do que sentem. Eu concordo com esse ponto de vista, e ainda me pergunto: As pessoas têm necessidade de expressar sentimentos? Sentem-se bem em clareá-los para decidir sobre algo? Utilizam-se de um extenso vocabulário para expressar os sentimentos que experienciam, ou para falar desse si mesmo? Sabe-se que expressar sobre o si mesmo leva a situações difíceis e consequências sociais que envolvem outros, uma rede relacional. Será que se trata de uma transgeracionalidade?

Em 2006, quando apresentei minha dissertação de Mestrado, discorri sobre a necessidade de nomear sentimentos. Hoje, revendo essa construção pelo olhar da linguagem, percebi que ainda temos necessidade de expressar, nomear, entender, compartilhar sentimentos, reorganizá-los para entender, porém hoje, eu diria que também é necessário nos co-responsabilizar pelos sentimentos quando ocorrem, porque isso influencia as interações.

Será que aprendemos a viver mais solitários e individualizados porque perdemos a noção ou prazer do estar em relação, ou porque não aprendemos aceitar as diferenças humanas e ficamos com o desprazer também que existe na aceitação de não verdades e diferenças como fazendo parte de uma construção relacional?

O que fica de sentido para mim nessas reflexões sobre esse trabalho é o que acrescenta Gergen (2006) sobre a importância de se rever e ressignificar novas formas de comunicação, conversações, diálogos, falas, escutas e relacionamentos e ampliar ainda novas formas de percepção e conexão sobre nós nas relações cotidianas. Dessa perspectiva decorrem dois sentidos: o primeiro relacionado a olhar para a forma como comunicamos e como comunicamos afetivamente, e o segundo a olhar para a subjetividade que está na mensagem e no entrecruzamento da comunicação envolvendo um todo na relação.

Dentro dos estudos de Psicologia, e em especial nos estudos da família, acredito que tenhamos avançado muito no processo de entendimento da comunicação, linguagem do eu e do nós em relação, agora ainda mais do nós em conversações, em diálogos relacionais, mesmo sabendo que essa é uma busca eterna e um constante diálogo interno e ao mesmo tempo externo, ampliado com novas co-construções dialógicas em comunidade e no social. Uma ênfase no “entre” das relações se forma ou se reforça toda vez que se valoriza as construções relacionais entre o eu e o outro.

Entendo melhor agora esses questionamentos no sentido de aprender mais sobre as relações e sobre as experiências nas construções de afeto, de vínculos, de amor, de compaixão, de solidariedade, de convivência, dando relevância para o desenvolvimento humano. Sob a perspectiva de maior horizontalização nas relações, a área de saúde também tem demonstrado essa preocupação, imprimindo aos setores de sua competência parâmetros de maior humanização em programas de capacitação de seus profissionais, os quais serão mais bem explicados no Capítulo 4 sobre o Sistema de Saúde Brasileiro.

Creio que esse olhar ajuda a ampliar a incorporação de outras atividades humanas e outras questões do aprendizado. Nós, em nosso processo de comunicar, conversar, dialogar sobre o nós, o si mesmo em construção relacional, percebemos como vamos nos modificando e vendo como isto afeta nossa identidade em constante construção, nossa maneira de ser, nossa postura em processo recursivo e a maneira de nos vermos em relacionamentos cotidianos. Porém, diante das mudanças rápidas e uma nova proposta tecnológica de comunicação, novas reflexões vão sendo levantadas e nos ajudam a nos ver diferentes a cada dia em redes relacionais, assim como também a nossos clientes.

Apesar de nos encontrarmos no velho lugar de sempre, o de nos conhecer, compreender, por meio de processos que nos tornam comunicadores de nós mesmos, hoje, acresce-se a essa visão um novo lugar, o de nos reconhecer como alguém em processo de transformação, em estado de comunicação afetiva, de acordo com os novos paradigmas da comunicação. Esse novo lugar advém de ao falarmos e ao nos ouvir falando, ampliamos a percepção de como o fazemos, ouvindo assim nossas resiliências do aprendizado das experiências vividas nas relações, estamos ampliando o processo de conhecimento de nós mesmos nos vendo como construtores atuantes destas relações. E o que permanece dessa

experiência co-construída? Permanece uma realidade com um novo significado: o ouvir e falar de nós em relações e construções sociais nessa Pós-Modernidade, o que, sem dúvida, já é algo novo e diferente sobre a maneira como nos víamos.

Creio que o PRORFOPS embutiu essa mensagem ao incentivar as reflexões, criando um espaço de conversação e escuta, onde se privilegiou o auto-escutar, o auto-narrar, sobre o si mesmo em co-construção relacional.

São os ecos das vozes que não querem calar dentro de nós, porém, agora querem co-construir em processo de reflexão esse nosso jeito de ser sempre relacional em transformação. E relacional para outras situações em diferentes contextos. A reflexão desse processo torna-se, então, imprescindível, um tempo para parar e reexaminar com cuidado o que está acontecendo conosco hoje, revendo nossa postura, valores, filosofia de vida e isto tem sido sempre um velho e um novo paradigma da Humanidade e, para nós psicólogos, um processo recursivo, o tempo todo fazendo, aprendendo, transmitindo simultaneamente.

No presente estudo, esse tempo para a reflexão do estar permanentemente em co-construção relacional tem um valor não cronológico, sendo algo que pode ocorrer a qualquer momento permite uma reflexão atemporal. É por meio desse tempo que se percebem as mensagens subjetivas, os ditos depois que se expressa o que se pensa, intencionalmente ou não, os ditos com receios, a opção de não falar e ficar com as vozes internas. A sequência das conversas, o outro que fala ou aquele que se cala na continuidade dos temas e dos significados mais emergentes nas necessidades diárias das conversações também são compreensões que ocorrem nesse tempo.

Para mim, o que faz sentido é essa parte de terapeuta/pesquisador revendo o diálogo ativo que sustenta nossa maneira de ver o Romantismo, a Modernidade e a Pós-Modernidade, estar em transição, fica a construção da comunicação nas histórias sociais e as relações que se modificam a todo momento e também na forma de nos vermos comunicando, em ação. Nós em atenção permanente na relação, dialogando e construindo metáforas para melhorar nossa maneira de interpretar, perguntar e ouvir para compreender os significados de outros e nossos e no estar no “entre”.

Grandesso (2009) contribui ainda para essa reflexão apontando que um de nossos problemas é como nos vemos nesta Pós-Modernidade como terapeutas em

mudança também comunicacionais e relacionais e como transmitimos esses olhares em transição. Esta postura e atenção nos é importante em qualquer função.

O melhor disso tudo foi descobrir isto como eixo norteador de minha escolha profissional direcionada para a Psicologia Clínica focando as relações familiares, individuais, grupais, pessoais, profissionais, e melhor ainda que pudesse usar os conteúdos conectados a outros instrumentos de trabalho, que no caso desta pesquisa é o Genograma, repensando nossa construção relacional intergeracional.

Hoje, evidencia-se o saber conversar segundo as novas práticas clínicas na visão dos construcionistas sociais, usando isso como uma ferramenta de trabalho interconectada com o instrumento Genograma, para ampliar diálogos, desenvolver uma escuta seletiva de “não saber” mesmo e genuína curiosidade como ressalta Anderson, relacionando-se e se possível ajudando outros a se autoperceberem neste contexto relacional. Para mim, clarificam-se ainda mais os dois significados que se tornaram norteadores para este capítulo: um de adquirir conhecimentos, formando um cenário ampliado de percepção da comunicação e conversações dialógicas entre outros detalhes, e o outro de adaptar esse tema dentro do instrumento Genograma e estudos intergeracionais em trabalhos clínicos para ampliar e criar novas possibilidades nos encontros relacionais.

A esse respeito, Anderson, (2009, prefácio, p.X) nos contempla com a seguinte reflexão: “[...] nós recriamos nossos significados e nossas compreensões e construímos nossas realidades e nosso self. Algumas conversas aumentam possibilidades e outras diminuem”.

3.2.2.2 Conversações transformadoras uma reflexão sobre as ideias de McNamee e Grandesso

Sabemos que existem conversações mais ou menos fluentes, corriqueiras ou menos triviais em nosso cotidiano, porém o que aconteceria se perguntássemos o que essas conversações nos ensinam sobre quem somos como pessoas? Acredito que não teríamos resposta. Que percepção e que formas de interação com os demais teríamos? Penso que isso levaria a uma reflexão do momento presente, uma pausa para a reflexão do hoje e de nós pensando e nos modificando, e não só falando sobre papéis e funções. Posso até citar minha percepção de como alguns se relacionam educadamente, apropriadamente e alcançam melhor resultado nas

interações. Alguns acreditam que exigir é melhor do que pedir, outros em atitudes de choro poderiam se expressar e até funcionar melhor. O que se observa é que sempre se dá uma forma à nossa maneira de ser e relacionar. Porém, isso só é possível depois de parar e refletir sobre isto, um processo reflexivo e responsável sobre nosso pensar, sentir e relacionar.

Em seus estudos sobre comunicação Barnett Pearce, (2010), além de outras questões, introduz as reflexões sobre essa forma de perceber a comunicação e apresenta uma nova visão pela comunicação interpessoal, não existindo uma única forma de perceber e comunicar, sendo esta fundamental para compreendermo-nos a nós mesmos, nossas relações com os outros e as situações em que nos encontramos, em resumo, compreender a nós e aos outros em nosso mundo social é um convite a pensar no “entre”.

Em síntese, a atividade do terapeuta sistêmico, como eu a concebo, se filia à retórica da imprevisibilidade, como mencionei acima, o que quer dizer que não existe para nós a verdade, mas sim uma pluralidade de visões. Isto permite evitar a posição de autoridade no sentido de infalibilidade, o que por sua vez evita a passividade do cliente, no sentido de liberá-lo da ideia que o conhecimento pertence ao terapeuta. Podemos dizer que, embora ambos, terapeuta e cliente, exerçam uma atividade hermenêutica, o terapeuta sistêmico mantém certo grau de “reserva” e fechamento no diálogo, para favorecer ao cliente a pesquisa de uma história própria, ou melhor, ajudá-lo a se tornar autor de sua história, e não um simples personagem no interior dessa (BOSCOLO; BERTRANDO, 2004).

Para se compreender o “entre” é preciso diferenciar comunicação interpessoal e mundo real. A comunicação interpessoal que propicia a construção da visão de mundo social aborda problemas da vida real, algumas vezes difíceis como os associados à raça, gênero, classe, injustiça ou opressão ideológica.

Isto se faz porque dentro da descrição do processo de comunicação interpessoal está implícita uma forma de ver o ciclo de vida humano. As formas e funções da comunicação interpessoal alteram-se à medida que vamos amadurecendo, e os desafios e os recursos disponíveis para os outros não são sempre os mesmos. Comunicação interpessoal: a construção de mundos sociais pretende oferecer a todos, qualquer que seja sua razão, idade, classe social, a possibilidade de identificar suas próprias posições dentro da matriz de conversações de suas vidas, e que se conta da posição que ocupam outras pessoas. (BARNETT PEARCE, 2010, p.25).

Esse mesmo autor afirma que este estudo nunca estará completo, porque produz novos dados, novas ferramentas para refletir acerca do processo de comunicação interpessoal. Esta visão contribui com algumas reflexões:

- A inclusão da primeira pessoa ao descrever padrões de interações sociais,
- Centra a atenção do indivíduo nas ações, mais que nos objetos,
- Aumenta o conhecimento sobre a comunicação local.
- Leva a reflexão com possíveis perguntas: O que devo fazer? O que devo fazer com este assunto? Como aprender novas formas de pensar e atuar?

E isto vai de encontro com esta pesquisa reflexiva e responsiva em colocar em evidência o “si mesmo” e os sistemas em interações relacionais, e a pensar que a conversação nunca termina. Aqui se faz presente meu olhar em comunhão com os diversos autores sistêmicos e sua ressonância, um olhar para que o outro se aproprie de sua própria história como autor, perceba sua auto-narrativa, herança do si mesmo em comunicação e como aprender um novo processo de conversação e a partir disso ir melhorando as relações, e isso só pode ocorrer mediante a linguagem.

3.3 Linguagem

Para Andersen no artigo “A linguagem não é inocente” (1997) o estar no mundo tem um sentido dentro da linguagem e como ela é construída socialmente em nosso cotidiano. O ouvir aqui também se refere ao ouvir do terapeuta/pesquisador em sua prática da pesquisa.

O processo de deslocamento de interesses quando se busca o que quer ver, ouvir e falar, adquire novas proporções na Pós-modernidade com os estudos de Andersen, Anderson, Shotter, Grandesso entre outras vozes que me ressonam.

No Brasil, desde 2000, temos entrado em contato com ensinamentos de Grandesso sobre o ressignificado da linguagem. Eu que estou aprendendo esse ouvir e falar com foco nas conversações, diálogos e relações já há algum tempo, tudo isso tem feito com que eu pense e ouça de um lugar diferente. Eu não poderia deixar de compartilhar com os participantes desse estudo tudo isso que aprendi e acredito como um avanço na comunicação pós-moderna. Esse compartilhar se traduz naquilo que se quer ouvir e conectar com o contexto e a cultura, com as

diferenças humanas, com o falar de outro lugar, refletindo sobre a palavra que não é inocente e alcançando os outros em sua dimensão de situação, pessoal, relacional, temporal e atemporal, provocando não só mudanças e responsividade, como também oportunidades de novas escolhas.

Incluo-me como terapeuta e pesquisadora na trajetória de pesquisadores que investigam a área relacional. Em meu caso, esses estudos sempre estiveram voltados para a área familiar intergeracional, partindo da relevância da comunicação para as relações, questionando sobre nossa forma de comunicação, o padrão e os estilos ensinados e apreendidos, sobre as formas de mensagem e as falas entrecruzadas, sobre a comunicação na família e sobre como vamos aos poucos nos expressando de uma maneira mais igualitária, porém, diferente dentro de nossa singularidade com nossas conexões, palavras, vocabulário, na cultura e na construção dessa linguagem. Aprendemos sobre os ditos e não ditos (aqui empregados literalmente como aquilo que deixou de ser falado) e o que estava na sombra nas interações, aparecendo como intersubjetividade nas mensagens da comunicação.

Watzlawick (1967) dentro dos estudos sistêmicos abre grandes possibilidades de compreensões relacionais pela comunicação. Sigo as ressonâncias de sua voz em vários autores sistêmicos que seguiram esses estudos e suas reflexões e essas reverberaram sobre nas relações familiares. Ainda hoje trabalho atenta a esse processo de comunicação em processo relacional, porém, hoje, com a ênfase desse aprendizado também na construção da linguagem.

A esse respeito, Watzlawick (1967) citado por ElKaïm, nos auxilia oferecendo, inclusive, um exemplo, sobre a ação da linguagem:

Se um jovem tem seu primeiro encontro com uma jovem que chega vinte minutos atrasada, ele pode reagir de uma maneira ou de outra. Ele pode, por exemplo, dizer “você está atrasada”, ou pode ignorar este atraso, mas, nesse caso, uma regra foi estabelecida. Ele não pode deixar de reagir ao fato de que ela estava atrasada e isso será um dos elementos a partir do qual a estrutura do sistema da nova relação irá sem dúvida, se desenvolver. (ELKAÏM, 2000, p.155).

Watzlawick et al (1967), nos axiomas da teoria da comunicação, nos fala que não se pode não intervir. Nosso propósito provoca influências de reciprocidade, recursividade e isto se estende também aos serviços sociais dentro da comunidade.

Os passos que são feitos baseiam-se na visão global e interacional dos fenômenos, procurando entender os jogos relacionais.

Momentos, fatos, contextos podem interromper um processo do fluir relacional, dado como importantíssimo para a questão de identidade, auto-estima, fatores de convivência. Uma escolha relevante e difícil a ser trabalhada em dores relacional, que se inicia muitas vezes, a nosso ver, pelo próprio processo da comunicação. Abrir um espaço temporal para se conversar, dialogar como comunicamos e o que o outro entende do que comunicamos, mensagens que chegam e o que elas provocam nesta relação faz parte do primeiro olhar do profissional.

Em 2006, quando cursava o Mestrado já me preocupava com as relações familiares e apontava para a importância de um espaço na família para falar, conversar, para comunicar e também para que as questões afetivas fossem abordadas. Reflexões sobre as diferenças de gênero, cultura e as dificuldades da pessoa com sua situação e relações tiveram oportunidade, agora, de serem experienciadas nesse estudo. Seria esse meu olhar de 2006, um olhar pós-moderno co-construído? Que caminhos são abertos nessas interconexões? Estarão eles ligados também ao indivíduo, à situação, às questões relacionais ou relacionais de intergeracionalidade? E as formas relacionais de construções sociais?

Ao explorar o espaço, o tempo, os mapas relacionais contidos no Genograma e os eventos das histórias intergeracionais, observa-se que no mais das vezes as famílias passam por hierarquias, por estruturas de organização familiar, e por uma linearidade nas relações. Observa-se também que ao mesmo tempo em que imprimem à família certa configuração, que, em geral, não se distancia muito daquilo que é socialmente aceito, passam por variadas oportunidades de transformação da comunicação com novas conversações, ressignificações, reconstrução de uma linguagem, diálogos internos e externos. Deparamo-nos, então, com uma visão sistêmica de mudança de paradigma. No decorrer de tais oportunidades, reflexões são incentivadas e a ampliação do conhecimento que explora a menor e a maior compreensão dentro de sistemas e sub-sistemas, dos eventos das histórias de vida de cada um, o recontar, a autonarrativa, as memórias dos significados ocorrem como em um processo natural e responsivo.

De acordo com Barnett Pearce, (2010), o modelo mais sofisticado e influente de transmissão foi desenvolvido por Paul Watzlawick, Janet Beavin e Don Jackson (1967) baseados nas ideias sistêmicas de Gregory Bateson:

Esse modelo tomou uma perspectiva de intenção que definiu o encaixe entre as sequências de mensagens, e o movimento da mensagem de um lugar a outro, como a unidade básica de análise para a teoria da comunicação (p.50)

Assim, surgiram várias famílias de modelos de comunicação, em que umas explicavam, outras distorciam o processo de comunicação, algumas se tornaram importantes para os teóricos da comunicação.

Barnett Pearce (2010) ainda explica:

Nós aprendemos que a comunicação é processual e reflexiva, o que significa que a sequência de eventos é importante e que o significado dos fatos é derivado de sua localização dentro de uma sequência que não se detém. A linearidade implícita em nossa linguagem ficou em evidência nas dificuldades coletiva de fala que assaltava os teóricos quando tentavam descrever o processo de comunicação; tivemos que desenvolver novas maneiras de falar, novos conceitos e novos métodos de investigação, nossas publicações profissionais estavam plenas de tentativas para dizer em Inglês as coisas que iam na direção oposta da gramática inglesa. Grande parte da linguagem especial que você encontrará nesse livro tem a intenção de expressar as coisas de modo que destaquem a estrutura da linguagem da maneira como estão escritas. (BARNETT PEARCE, 2010, p.51, 52).

Aprendemos com esse autor a pensar a comunicação como um campo, sendo que colocamos os comunicadores dentro dos processos de comunicação nos quais participam e não de fora deles. Ainda o mesmo autor:

Ao invés de acreditar que as conversações são apenas trocas de mensagens entre pessoas que conversam, a perspectiva do Construcionismo Social vê as pessoas que conversam dentro de uma matriz de conversações que se entrecruzam. Cada participante é, numa conversação, o produto de conversações prévias e o produtor de conversações presentes e futuras (BARNETT PEARCE, 2010, p.53).

Como já mencionei anteriormente, reafirmo que aquilo que de mais importante fazemos em nossas vidas, no mais das vezes, é desenvolvido dentro de um processo de conversação. A partir dessa compreensão percebe-se o quanto o objetivo maior da comunicação que é o desenvolvimento humano, pode ser alterado. Será que nos distanciamos do foco relacional? Para mim, isso faz sentido quando olho para o Genograma e penso em duas questões: na contribuição dessas

reflexões para que o outro se veja dentro de um sistema menor e outro maior e, ao mesmo tempo em movimento, intercomunicando-se em processo de conversação com as falas se entrecruzando e transmitindo mensagens. Igualmente penso sobre como o “*si mesmo em construção relacional*” desenvolve sua comunicação, produzindo uma herança relacional e conversacional. Como serão as diferenças produzidas no relacionamento a partir dessa percepção? Será que a herança do “*si mesmo*” é produzida mediante a memória sobre como agimos um dia com alguém e sobre como se desenvolvem as relações atuais? E como essas falas se entrecruzam com diferenças nessas relações? Como ficam as consequências dessa herança do *si mesmo* na formação de vínculos afetivos quando percebemos nossa forma de comunicar ou mesmo de conversar? E o quanto elas interferem nas relações?

Em busca de todas essas respostas, procurei fazer uma breve exploração da função social da linguagem, especialmente nos processos de interação.

3.3.1 A função social da linguagem nos processos de interação

Andersen (1999), a meu entender, chamou a atenção para algo muito importante no processo terapêutico que ainda não foi suficientemente articulado ou elaborado: a natureza momentânea, em movimentação corporal, de difícil descrição e viva de nossas práticas de conversação. De fato, é isso que dá poder à voz humana: conforme damos voz às nossas palavras no mundo, não são somente a forma estática e os padrões descritivos de nossas palavras, que são importantes, mas o desdobramento de nosso movimento corporal em sua produção. Assim, os outros, em nossa presença como indivíduos, “eus” ativos, não se movem independentemente de nós, seus movimentos não são totalmente seus, pois eles são afetados por nossos movimentos individuais, assim como nossos movimentos individuais são também afetados pelos movimentos deles. Assim, não só é uma realidade com sua própria existência construída entre nós, mas também, como resultado de nosso envolvimento em tais momentos, portanto, chegamos a incorporar uma certa sensibilidade seletiva, uma certa forma de reagir e responder a nosso ambiente de dentro de nossas relações que o constroem. E esse pano de fundo compartilhados é o “*visto, mas despercebido*” segundo Garfinkel (1967, p.41) pano de fundo para tudo o mais que acontece entre nós (grifo nosso).

A contribuição de Andersen (1997) e Shotter (2000) para compreender a questão corporal influenciando a comunicação chega renovando meu olhar e me levando a novas construções relacionais sobre as questões sociais, familiares, pessoais e os modelos existentes na área da saúde. Ver o ser humano como um todo e dentro dos sistemas em movimentação.

Na verdade, o que constitui uma vida com um fluxo dentro de si, uma vida onde não se sente "preso" ou "travado", é uma vida em que se entende o que está acontecendo, no exato momento em que acontece, uma vida em que se pode contínua e criativamente responder às características inovadoras e únicas de uma situação. Esse tipo de compreensão direcionada parece advir de uma conduta prática em relação à vida, que, como já foi dito, consiste em ver conexões nos relacionamentos, primeiro de uma forma e depois de outra, após um tempo destinado à reflexão, o que acredito que resulta em uma compreensão responsivo-relacional.

A natureza desta forma de compreensão mutante, móvel e relacional talvez seja desconhecida para nós, ao menos no contexto teórico e filosófico tradicional de como a natureza costuma ser compreendida, ou seja, como alguma coisa em nossas cabeças ou mentes individuais, ao invés de algo "em" nossas práticas sociais. Nosso uso da linguagem é de alguma forma semelhante: estamos confiantes em nossas interrelações de suas partes, e em relacionar seu uso nas situações atuais, mas não conseguimos dizer de forma simples qual seja sua natureza como um todo unitário. Como em nossas viagens por nossa cidade: nós simples e continuamente mostramos o que sabemos mediante o uso contínuo. De fato, podemos expor essas formas relacionais de entendimento momento a momento da mesma forma prática, ou seja, o nosso saber sobre como uma pessoa é, uma sociedade, um eu, uma mente, ou um relacionamento, o estilo de pintura de um artista, um gênero de escrita, nossa compreensão de uma filosofia ou uma teoria, e assim por diante.

É por isso que *"as diferenças que fazem a diferença"* (Bateson, 1972, p.453) são tão difíceis de localizar e identificar em tais formas de compreensão. Pois as diferenças não devem ser encontradas em imagens estáticas, nem em representações mentais internas ou ideias fixas, mas nos relacionamentos móveis, momentâneos, dialógicos, que ocorrem nos entremeiros das relações entre nós. Ou, dito de outra forma, as novas ideias ou pensamentos, ou imagens vêm orientar

nossa forma de agir no mundo, não apenas surgem “do nada” em nossas cabeças; elas se originam em diferenças nas relações que têm uma conexão sentida, cujas origens podem ser encontradas em nossas reações corporais espontâneas, despercebidas, responsivas ou dialógicas e nas relações com o meio ambiente. Então, como podemos captar o que se quer dizer com tal tipo de entendimento momentâneo, se não conseguimos capturá-lo em uma imagem única, fixa e abrangente?

A convivência com o outro como oportunidade de valorizar a reciprocidade e o processo de recursividade, amplia nossa própria percepção e a do outro nas interações, mas será que isto foi ensinado, pontuado, como sendo um valor, ou seja, como a possibilidade de “o outro ampliando olhares”. Sinteticamente, entre outras compreensões, pode-se entender a fala como um recurso para entender o que está subentendido, entendimento esse que se oportuniza na convivência, por meio das interações, podendo ocorrer em processos recursivos de transmissão de afetividade, ampliando, assim, reciprocamente as percepções.

Quando se propõe um estudo sob o enfoque intergeracional, como foi o caso dessa pesquisa, pressupõe-se que um olhar atento às histórias de vida, ao estilo de convivência, englobando as comunicações e as conversações entrecruzadas e geradas na família possam ser repensadas de forma atual, assim como a percepção das heranças relacionais e a co-construção desses mesmos processos se vendo dentro dos mesmos e não fora deles. Ao admitir processos recursivos nas interações, necessariamente, se é remetido ao conceito de que ao mesmo tempo em que se aprende se interage, se vive e se transmite estilos de conviver. No processo de construção dessa pesquisa, com o olhar voltado para as conversações, relações e para nossas heranças, para nossos legados, enfim, para os temas intergeracionais, fortaleceu-se em mim, a percepção das heranças do si mesmo em construção relacional pelas conversações e comunicação afetiva.

Essa maneira de olhar as famílias, as comunidades e os indivíduos, pensando em como se co-constroem as identidades em questões de desenvolvimento familiar e estilos de comunicação, requer indagações sobre uma visão de diversidade e de complexidade no sistema familiar e, consequentemente, no indivíduo dentro de sua cultura e construção de realidade.

A co-construção e como são co-construídos os estilos relacionais adquirem um significado importante dentro da teoria sistêmica e de suas práticas, que vão ao

encontro sobre o que penso sobre o assunto. Minha primeira bagagem vem de um processo de estudos na área da comunicação afetiva sob o enfoque intergeracional, e a segunda relacionada a estudos mais recentes sobre o Construcionismo Social, abordagem narrativa e colaborativa, refletindo o diálogo e conversações transformadoras de McNamee e Grandesso (2007).

Vale ressaltar que em nossos dias não só as informações relevantes que são disparadas de vários lugares e acrescidas na vida cotidiana é que contam. Com foi mencionado anteriormente, há que se pensar também em um tempo para o processamento dessa compreensão e acomodação, dentro da própria história de vida relacional pessoal e familiar, enfatizando a coerência do sentir, dos significados, da compreensão e da ação, uma mudança de paradigma. Nesse sentido, a forma como o pesquisador se coloca como co-construtor do diálogo, com o tipo de perguntas que elabora e a preocupação voltada para a co-construção linguística, para os diálogos, conversação e para as interações, assume proporção de muita responsabilidade, já que se considera que a fala não é inocente e a ação pode ser interventiva.

3.4 A visão da terapia familiar na Abordagem Narrativa

O recente sucesso do paradigma narrativo no campo da Terapia de Família tem como expoentes principais White; Epston, (1989), Anderson; Golishian (1988), Hoffman (1990) e Sluzki (1991).

A re-narração se torna um processo na terapia e dá oportunidade às pessoas de recuperarem a possibilidade e a capacidade de ser autor de sua própria história e na interação com o terapeuta podem resignificá-las em histórias positivas de si próprios e podendo ter e ver resiliências, proveito nas diferenças e adversidades. Isto pode lhes atenuar os sofrimentos ou lhes dar um sentido.

Características da Abordagem Narrativa na visão da terapia:

- Ocupa-se com as histórias trazidas pelo cliente e as emergentes do próprio processo terapêutico;
- Deixa de lado o modelo de diagnósticos (incluindo-se ai o conceito de “normal” e “patológico”, sem desconsiderá-lo,
- “Mantém a conversação em aberto,

- O cliente é o especialista e o terapeuta não tem conhecimentos melhores ou mais úteis, ambos conversam sobre necessidades, interesses, possibilidades.
- O contexto é totalmente colaborativo e a posição do terapeuta é de igualdade e não hierárquica.
- A linguagem e o poder foram inspirados no pensamento de Foucault.
- Diferente da Abordagem Colaborativa na qual a linguagem foi a inspiração.
- Dá sentido aos significados da vida,
- Coloca as próprias experiências dos eventos em sequências temporais numa descrição coerente de si próprio e do mundo ao redor de si. E eu ainda diria que “proporciona e amplia vozes”.

As ferramentas do profissional para ouvir e investigar o cliente, podem ser varias: seleção de palavras e as palavras chaves, repetição de fatos, Genograma, perguntas de investigação e hipotéticas, o re-contar de histórias de vidas (memória), documentos, metáforas, exemplos de eventos das histórias de vidas, entre outros.

Este cuidado que aparece na abordagem narrativa em dar voz ao cliente, reorganizar sua história, colocando as próprias experiências dos eventos em sequências temporais, ajudando a ampliar percepção com a descrição coerente de si próprio e do mundo ao redor de si é muito importante. A re-narração como possibilidade de recuperar a capacidade de ser autor de sua própria história na interação com o terapeuta, também é a nossa proposta na ressignificação do olhar intergeracional.

Isto tudo pode ser repensado em separado, porém na ação, converge para um refletir junto, conectado em nossa prática. Re-narração, ressignificação, releitura levam a desenvolver uma autonarrativa, uma autopercepção e uma autoconsciência. Portanto, ajudando em nosso objetivo maior o de compreender o outro dentro de uma cultura, de um contexto familiar e social.

De acordo com Bruner (1986) o discurso narrativo opera principalmente mantendo abertos os significados, oferecendo a quem o segue não o esquema de uma realidade reproduzível segundo parâmetros rigorosos, mas um conto que se desenvolve no tempo, a imagem diacrônica de uma realidade realizável.

Segundo Sluzki (1992), aquilo que chamamos de realidade consiste na descrição que as pessoas dão à própria experiência. Tanto em minha prática, quanto nesse estudo tenho trabalhado a noção de repertórios linguísticos a partir de uma matriz que engloba três tempos: o Tempo Longo, o Tempo Vivido e o Tempo Curto. Essa proposta torna a pesquisa com práticas discursivas mais complexas por serem elas, concomitantemente, uma microanálise (o Tempo Curto da Interação), uma pesquisa das estruturas sociais geradoras de hábitos (o Tempo Vivido) e uma exploração da história das ideias (o Tempo Longo). De acordo com Bruner (1986), dada essa complexidade, as pesquisas ficam mais ricas quando trabalhadas em grupo e, sobretudo, se trabalharmos numa perspectiva transdisciplinar.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, pergunto: se meu propósito é focar as relações na comunidade, porque, então, a escolha da Abordagem Intergeracional? Aqui também se faz presente a importância da questão temporal e das histórias de vida recontadas, assim como a utilizamos no curso de complementação ou capacitação quando pensamos no discurso, e nas práticas discursivas.

Spink (2000) nos contempla com uma reflexão sobre as práticas discursivas em construção de sentidos. Quando me refiro a discurso, preciso parar e refletir sobre o que entendo como discurso e como essa autora o diferencia e usa como práticas discursivas. Então me pergunto: será que em meu trabalho prático de pesquisa com olhar intergeracional fiquei atenta a esse olhar temporal e como isto é refletido? Evidentemente, o tempo longo da história e seus repertórios linguísticos são estudados em pesquisas históricas específicas sobre a linguagem a partir de estudos de revisão bibliográfica, e apóiam pesquisadores como eu que se interessam pela linguagem enquanto elemento de uma relação. No entanto, não sendo historiadora, torna-se extremamente complicado, para mim, primeiro compreender historicamente o passado para depois entender a linguagem em uso.

Devido a essa limitação, é importante pontuar que embora a análise das práticas discursivas se dê, em última instância, num nível de micro contexto, essa noção pode ser abordada em vários níveis. Por exemplo, o contexto da produção da fala constitui um dos focos da análise. Partindo do pressuposto que as pessoas podem expressar-se de maneiras diversas (dependendo de onde estão, com quem estão falando, o que foi dito e qual a forma da interação) buscamos entender por que as pessoas falam certas coisas num determinado momento.

Por uma questão de coerência, adotei nesse estudo, o termo “Práticas Discursivas” em preferência a discurso. Preservei o termo discurso para falar do uso institucionalizado da linguagem e de sistemas de sinais do tipo linguístico (DAVIES; HARRÉ, 1990).

Essa proposta é interessante, porque permite fazer a distinção entre práticas discursivas, conceituadas como as maneiras pelas quais as pessoas, por meio da linguagem, produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas e o uso institucionalizado da linguagem quando falamos a partir de formas de falar próprias a certos domínios de saber, a Psicologia, por exemplo.

Embora eu tenha procurado fazer tais distinções (entre práticas discursivas e discurso, entre comunicação face a face e documentos de domínio público), tenho consciência de que se tratam de distinções didáticas, distinções feitas pragmaticamente. Nesse momento, é assim que consigo lidar com a diferença que percebo em meu material textual, porém reconheço que as coisas podem mudar à medida que o próprio referencial amadurece.

Dentro da perspectiva do Construcionismo Social, tanto a Abordagem Narrativa quanto a Colaborativa contribuíram para ampliar esse pensar sobre as relações e o “entre” nessas mesmas relações como construção da linguagem e do processo de comunicação e conversação. Começa-se a perceber que as palavras não são inocentes, como já afirmou Andersen (1997), elas têm uma intenção e por traz dela há uma necessidade de expressar um pensamento, uma percepção, trocar conhecimentos, ou até mesmo reorganizar ideias, e com isso atingir uma compreensão de outro lugar, que se diferencia daquele da própria experiência.

Descobriu-se também que muitas vezes é depois que se fala que se pode perceber o que se sente sobre o que se fala e o quanto essa percepção é significativa e o que provoca na relação, na situação, na pessoa, e ainda no sistema.

Porém, interessante para o estudo das relações é o entendimento do encontro entre duas ou mais pessoas em processo de conversação e como elas utilizam desse aprendizado em seu cotidiano, que pode ser tanto para melhorar quanto piorar as relações, e o sofrimento que esse uso pode lhe acarretar e aos outros.

Sobre o pensar em uma comunicação afetiva nas relações, minha dissertação de Mestrado contribuiu agora com algumas reflexões. O que chamo de comunicação afetiva tem a ver com a forma de ver, falar e compreender o outro

numa situação de necessidade. O afeto, para mim, é compreendido mediante a construção das necessidades de um com a empatia e solidariedade do outro, portanto, uma ação em relação à situação. Nesse contexto, o afeto aparece junto ao sentimento de reconhecimento do outro como diferente, mas igual na sensibilidade para as situações de vivência cotidiana, dificuldades, sentimento de gratidão, lealdade por aquele que ajuda, apóia, fica junto, tem compaixão. Comunicação afetiva tem a ver também com a sensibilidade de observar na fisionomia do outro um sofrimento e em não querer falar algo ou continuar um mesmo assunto porque vai deixar o outro ainda mais fragilizado. É preciso ter a postura de perguntar se a pessoa gostaria que continuássemos ou parássemos a conversação. Às vezes, na comunicação é possível até reforçar algo positivo, e com isso causar o bem estar do outro. Portanto, tal postura tem a ver com a intenção e a percepção que fazemos sobre nossa relação com o outro. Essa comunicação por muitas vezes não verbal, mas sentida como afetiva tem relevância para quem percebe a construção relacional como apoio mútuo, o oferecimento de segurança, de confiança, fortalecendo vínculos, incentivando a colaboração e a participação consciente na construção relacional humana. Um estar junto!

E os profissionais que lidam com seres humanos em situações de necessidades estão vulneráveis, mas perceptíveis a estes encontros? Então, como podem transformá-los em encontros de comunicação afetivo relacional co-construídos? Talvez essa resposta seja encontrada nas relações da colaboração.

3.5 A visão da terapia familiar na Abordagem Colaborativa

A teoria da construção social, ou seja, a ideia de que a realidade não “está lá fora” de forma independente, mas deve ser interpretada pela construção coletiva de significados, e já se encontrava de maneira incipiente, antes mesmo que uma forte posição pós-moderna surgisse pela primeira vez e tomasse forma nos campos de estudos humanos. Hoje em dia é uma das concepções mais invocadas para explicar a realidade.

De acordo com Anderson (2009), uma das características mais importantes da atividade humana é a conversa, baseada nesse pressuposto essa autora apresenta sua visão de construção social. Outra estudiosa do Construcionismo Social e da Abordagem Colaborativa no Brasil é Marilene Grandesso. De acordo

com essa autora (2008), a Abordagem Colaborativa trata-se de uma abordagem terapêutica que entende os sistemas humanos como sistemas linguísticos capazes tanto de gerar a linguagem e significados, quanto organizar e dissolver problemas. Sua prática é entendida como relacional e dialógica, sendo que seus principais teóricos são Andersen, Gergen, Hoffman, Holzman, McNamee, Penn, Seikkula, Shawver, Shotter, Anderson e Goolishian.

Ao participar recentemente de um Congresso Colaborativo, em junho de 2011, no México, tive oportunidade de vivenciar e observar a prática de vários autores que estudam essa linha de pensamento entre eles Anderson, London, Terrona, Talavera, Grandesso, entre outros.

Para Anderson (1994,1997); Anderson; Goolishian (1992,1988); Goolishian; Winderman (1988) citados por Grandesso (2008), ao compreender o diálogo como uma conversação que pode ser transformadora, a terapia apresenta-se como uma conversação caracterizada por trocas colaborativas, em que o cliente é o especialista. Nesse sentido, o processo de terapia pode ser traduzido pela conversação terapêutica na qual o terapeuta é um participante ativo e responsável pela condução do diálogo. Terapeuta e cliente atuam conjuntamente no processo, participando do co-desenvolvimento de novos sentidos, realidades e narrativas, partindo de uma postura de não saber exatamente os rumos desse empreendimento.

A prática da terapia colaborativa se traduz numa genuína parceria entre terapeuta e cliente, o que no presente estudo transformou-se na genuína parceria entre pesquisador e participante em que a ênfase é colocada em processos reflexivos e na possibilidade das palavras criarem a abertura para novos significados, acreditando-se também no processo de questionamento como espaço de abertura em relação às mudanças.

Dentre os teóricos dessa abordagem destacam-se além de Anderson e Goolishian, Andersen e Penn que valorizam as diferentes formas de escuta: a que vem da escrita, a que provém dos diálogos internos, e ainda aquela ocorrida em decorrência às mais variadas conversações.

Grandesso (2008) fortalecendo seus argumentos nos estudos de Anderson; Gehart (2007), afirma que o mais interessante é o fato dos praticantes da terapia colaborativa a considerarem mais como uma abordagem ou suposições do que propriamente uma teoria ou modelo, daí ser também identificada por diversas outras

formas: terapia colaborativa, dialógica, conversacional, construcionista social, relacional e pós-moderna.

A preocupação dos terapeutas colaborativos é justamente com a forma como os clientes compreendem suas dificuldades, no exato momento em que ocorre a terapia, mais especificamente a partir da própria conversação e no contexto local. Secundariamente baseiam-se nas informações obtidas mediante suas pré-compreensões.

Em função disso, suas perguntas são direcionadas de acordo com o que a pessoa fala, ou seja, priorizam o conhecimento local de cada um, legitimando as informações que obtém, a partir de dentro da experiência vivida.

Ainda em acordo com as reflexões de Grandesso, muito instigante é a definição de Anderson (1997; 2000; 2001; 2007a e 2007c) sobre a terapia colaborativa na qual acredita que se refira mais a uma instância filosófica ou uma filosofia de vida do que uma abordagem informada por uma teoria [...] ‘uma forma de estar’ em relacionamento e conversação: *uma forma de pensar com, de experimentar com, de estar em relação com, agir com e responder para com as pessoas, que encontramos em terapia* (2008, p. 12).

Compartilho com essa autora tal conceito, olhando para a colaborativa como uma filosofia de vida do como pensamos, sentimos, e nos vemos.

Ampliando essa crença de Anderson (2007), Grandesso (2008) conclui que se apoiando na noção da linguagem e do conhecimento como gerador de realidades, as propriedades inventiva e criativa dessa terapia favorecem novos conhecimentos, identidades e possibilidades futuras.

Uma vez firmada uma parceria conversacional entre o terapeuta e o cliente, procura-se criar condições para que se estabeleça um contexto de diálogo e relacionamentos colaborativos. Nesse caso, o terapeuta deve se colocar numa posição de genuína curiosidade alimentando sua crença de que o cliente é o especialista em seus próprios assuntos.

O processo de conversação que surge a partir daí configura-se com uma espécie de via de mão dupla, na qual a exploração conjunta e o co-desenvolvimento acabam por criar resultados. Numa postura colaborativa é possível ao terapeuta externar seus próprios pensamentos, sentimentos e, assim, deixar-se transformar juntamente com o cliente conforme os rumos da pura e simples conversação, que não tem a pretensão de ser tida como uma técnica.

A busca pela adequação de uma ou de outra intervenção terapêutica torna-se desnecessária, uma vez que a própria conversação se constitui no eixo da terapia, sendo que a principal ferramenta que o terapeuta dispõe no caso é a si próprio com toda sua bagagem de ser humano e conhecimentos específicos a serem trocados e elaborados. Outro recurso, de similar importância é o fato do terapeuta estabelecer uma relação de igual para igual, alimentando uma relação respeitosa capaz de comportar incertezas e fragilidades, em resumo: o inesperado, o novo, o construído.

A palavra chave para essa abordagem refere-se a uma busca do terapeuta por estar “com”, de conectar-se e “estar em relação com” naquilo que refere às relações. Baseando-se nas contribuições de ANDERSON; GOOLISHIAN; WINDERMAN, 1986; ANDERSON; GOOLISHIAN, 1988; GOOLISHIAN; WINDERMAN, 1988, Grandesso nos aponta que uma das grandes inovações teórico-prática dessa abordagem foi o conceito de *“sistema determinado pelo problema, contrapondo a noção da terapia familiar tradicional de que o sistema cria o problema”* (GRANDESSO, 2008, p.12).

Ao se considerar o sistema colaborativo como sendo organizado pelo problema, caberão tantas distinções de problemas quantos forem os participantes desse mesmo processo, uma vez que são expostos pelas próprias pessoas. Não faz parte da terapia colaborativa as descrições objetivas, nem as explicações e muito menos os diagnósticos para configurar as narrativas ouvidas das experiências e do conhecimento dessas. No contexto da terapia colaborativa cada cliente mantém sua exclusividade e sua peculiaridade.

Sobre esse particular, Grandesso (2008) encontra apoio nos estudos de Anderson (2007 c), a qual ressalta que a ênfase nessa terapia é colocada na pessoa do cliente, no ser humano como ele se apresenta, e que se defronta com o mesmo lado humano do terapeuta, que nesse sentido deixa de ser um técnico e se transforma num parceiro.

Para Silvia London, em um artigo: **“Voces de los clientes: uma colección de los relatos de los clientes”** (1998) afirma que o conhecimento se constrói linguisticamente, e se desenvolve a partir do processo social e comunal. A linguagem é o veículo por meio do qual construímos e atribuímos sentido a nosso mundo, seu significado emerge a partir de seu uso.

Entendo assim, como os estudos da Colaborativa influenciaram novas posturas profissionais tanto do terapeuta como do pesquisador para perguntar e

informar práticas para a construção da linguagem no social. Os estudos para entender a comunicação humana em termos relacionais, caminham e também estão sendo ampliados. Como nós transmitimos nossos conteúdos em relacionamentos é um de meus focos de interesse, dentro da visão do Construcionismo Social, pensando na postura filosófica de Anderson, H (2009) a qual enfatiza uma forma de “ser”, uma maneira de “estar” no mundo e viver a vida, não só uma técnica ou um método. Refere-se a uma postura de atitude que reflete as maneiras de levar a cabo as relações e conversações com as pessoas, incluindo formas de pensar, atuar e responder, a qual compartilho e tento adaptar nesse trabalho.

Tamanha complexidade é refletir sobre estas questões estudadas e observadas no cotidiano relacional, como algo inocente, banalizado, não compreendido e sem significado. As frases comuns que se ouve: “Falei por falar”! “Não queria dizer isto”! “Falei porque você merecia ouvir”! São desabafo. Tudo começa a ser ouvido com mais significado e investigado como hipóteses, questionado nas relações como novas possibilidades para se pensar o diferente, as diferenças até no ouvir e se expressar. Um exemplo que se pode abstrair disso ocorre quando desqualificamos uma comida em casa, junto desqualificamos a habilidade, a competência, o tempo e a generosidade do outro. Infelizmente não percebemos estas diferenças na intenção e nas necessidades diferenciadas do outro em nosso convívio do cotidiano e o que isto causa, ou mesmo o que modifica nas relações, provocando novas situações com novas emoções.

Temos dificuldades de compreender essas intenções veladas e visualizá-las no cotidiano? A vida real nos confirma que sim. Enfim, quando não conseguimos ver o outro com suas necessidades diferenciadas e únicas, e nem a nós mesmos como co-construtores dessas relações, deparamo-nos com um problema maior a refletir do que apenas a nua e crua relação.

O de saber, querer “se rever” rever sua “herança do si mesmo em relações, comunicações, conversações rever o “si mesmo” em construção relacional, assim a responsabilidade se torna recursiva e não só a não percepção da diferenciação do outro e do que nós fazemos nas relações, e muito menos em construções relacionais sociais.

Esse “si mesmo” é muito significativo e amplo em minha percepção, ele abrange várias esferas entrelaçadas. Iniciando pelo olhar de nos observar como pessoas inteiras em processo de aprendizagem, desenvolvimento, um eterno

aprendiz do “si mesmo”. Passa pela observação do que pensa, sente, ouve, conecta no cérebro e expressa, em um sentido de funcionamento humano em transformações, e ainda pela observação desse “si mesmo” em experiência relacional com outros em encontros e percebendo o outro com o mesmo funcionamento, porém diferenciado de “si mesmo” em conexões mentais, cultura, gênero, contexto, necessidades, estilos. Passa também pela percepção desse “si mesmo” como co-responsivo, co-construtor e transmissor em contexto social. E no estudo intergeracional isto pode ser explorado tanto visualmente com comunicação verbal e não verbal, como uma conversação, incentivada pelo Genograma falando do “si mesmo” integrado ao dos sistemas em construção relacional e as mudanças de épocas. Assim, pode-se utilizar o lado estático e dinâmico das vozes no tempo.

3.6 A leitura dos discursos como ferramenta de auto-conhecimento

Uma vez enfatizada a importância da linguagem, e da influência dos aspectos sociais exercida sobre ela, entendi como relevante que algumas considerações fossem tecidas sobre o papel do profissional nesse contexto. Ao trazer toda uma bagagem de experiências e crenças sobre sua própria interação familiar, tanto suas teorias quanto sua prática ficam muito próximas da realidade da família possível de ser vivida com todas suas nuances.

Estudos atuais tendem a entender como fundamentais a integração de fatos, de situações e de contextos, nesse sentido é interessante que pesquisador e pesquisado também vivenciem essa integração num processo de recursividade e simultaneidade.

Nossos pressupostos conduzem a uma visão holística dos sistemas humanos, como entidades de níveis múltiplos, em que cada nível influencia e é influenciado pelos outros e os problemas surgem dos impedimentos impostos em um ou mais níveis. Nós enxergamos a mudança ocorrendo por conta de um esforço cooperativo entre o terapeuta e a família para remover os impedimentos (BREUNLIN, SCHWARTZ, MACKUNE-KARRER, 2000, p.243)

Nesse esforço cooperativo sobre o qual se referem esses autores, supõe-se a não banalização da dor ou do sofrimento do outro, especialmente os padecimentos emocionais tendo como intenção desvendar aquilo que paralisa o sujeito e que aparece em seus discursos sobre sofrimento, transformando as falas em uma

linguagem mais produtiva, fluída, como um ganho no acúmulo das experiências que fazem emergir resiliências e conhecimentos, competências, habilidades, adquiridos em convivências.

Em meu entender, o pesquisador ao possibilitar a ressignificação das interações na família intergeracional e da atual, revendo o processo de individuação deverá ter um cuidado diferenciado para com seu próprio sistema externo e interno em processo recursivo. Tais reflexões fizeram-me indagar se esse cuidado poderia ser relevante na co-construção de conversações, e se poderia ser tido como uma oportunidade de entender um pouco mais sobre um olhar positivo de co-construção, ampliando possibilidades futuras.

Nos dias de hoje, para prevenção e saneamento de situações de maior vulnerabilidade existem várias metodologias às quais o terapeuta pode recorrer, que procuram aproximar as diferentes áreas integradas nas equipes multidisciplinares atuantes na área de saúde. Porém, alguns desses profissionais acabam por atuar apenas como especialistas, subtraindo do trabalho esse olhar de co-construção relacional e de uma lente voltada também para as conversações e suas repercussões, desconsiderando que tal postura pode ampliar, criar possibilidades, melhorar cuidados na interação com o outro e consigo mesmo enquanto cuidador de si e de outros.

Portanto, entende-se que sejam necessários novos olhares e práticas mais integrados, especialmente envolvendo questões emocionais, subjetivas, como sensibilidade, empatia e flexibilidade, em processo reflexivo do eu e do nós em construção social, em contrapartida aos olhares anteriores focados mais nos aspectos cognitivos. Agora, o novo foco está nas transformações, nos movimentos, nas dinâmicas da família e mais no olhar do profissional para os encontros relacionais, para suas consequências e possibilidades de co-construção social.

Em resumo, urge que se busque uma adaptação na maneira dos profissionais de abordar e interagir com a realidade, no sentido de valorizar aquilo que emerge de cada um, essa maneira inclui o próprio profissional afetando o social, e o que reverbera e co-constrói nos encontros relacionais, pois ambas as partes se encontram em processo de constante mutação e trocas.

Assim como tão bem nos apontou Dra. Jaqueline B. Guerreiro Marotti em minha banca de qualificação sobre a preocupação do olhar da saúde para os vínculos, ou para os cuidados com os vínculos humanos nas relações em geral, eu

questionaria tal preocupação a partir de reflexões pós-modernas. Igualmente eu também diria que o vínculo é importantíssimo para nossa vivência e sobrevivência, mas hoje ele está além disso. Ele está em nosso olhar, levando a novas percepções e reflexões, ampliando a relevância e mobilizando-nos para os cuidados com o outro. Eu diria até que a possibilidade de formação de vínculos está no “entre de nossas relações”, ou seja, não se encontra isoladamente em nenhum de seus interlocutores, e sim naquilo que permeia e sustenta o que é construído por eles.

3.7 Algumas outras contribuições que se somam à da pesquisadora

Ao longo de minha trajetória acadêmica, tenho observado que vários autores falam sobre o “si mesmo” nesta época de individualidade, de sistemas, de transformações, porém, ao mesmo tempo, também tenho observado outros autores que falam sobre este “si mesmo” em construção relacional, comunal, social. O que fica de relevante, especialmente para mim, que escolhi rever alguns estudos de família sob a ótica da Intergeracionalidade, é a possibilidade de perceber a si e ao outro de modo diferente, agora não mais isolado e sim influenciado pelas relações e influenciando-as, porém, incluso dentro de um sistema e de subsistemas interligados: um ponto de coerência e convergência que se amplia nesse trabalho!

Com a Colaborativa aprendi a desenvolver uma escuta diferenciada: um “ouvir” diferenciado da “escuta” e uma pausa para refletir, como aponta Anderson (2007) a partir do que não conhecemos. E o que isso proporciona? Proporciona uma escuta diferenciada para o “novo” o que está por descobrir, acreditando no que está para ser construído desse encontro de perguntas e respostas não prontas, mas pensadas no instante da conversação e em sua criação, sempre com o olhar para o novo a ser investigado, descoberto e no outro como desconhecido e no que ele quer falar.

O “ouvir” toma grandes proporções neste trabalho colaborativo, ouvir de um outro lugar, ou seja, pensando na forma que o outro diz, ouvindo e enfatizando a pausa para refletir. Utilizar a pausa como uma ferramenta para olhar mais para o outro e o que ele diz, pensar e mudar o rumo da conversa na pausa. Separar vários detalhes, formas, temas, nas conversas para entender o que o outro diz em contexto, cultura, necessidades, pessoal, dor, relações, e situações.

Aqui, essa postura é ressaltada a meus olhos como pesquisadora como mais um ponto a ser refletido nas relações ou como se pensar nas relações, nos espaços conversacionais, nos diálogos cuidando do ouvir num cenário aumentado de percepções sobre esta temática. Estar no mundo em processo de construção social, na comunicação, estar na linguagem e no processo de conversações transformadoras, ouvir e escutar, refletir (pausa), falar. Falar é um conjunto e vem junto com atividades do corpo, portanto as palavras nos tocam e nos movem para um movimento constante de ações e transformações.

Para London (2011), o processo conversacional abrange falar de relacionamento, situação e do pessoal, ser colaborativo tem a ver com as relações e conversações como inseparáveis e que se influenciam. Compartilho dessa mesma visão, porém acrescento separada e anteriormente a questão da visão da comunicação. Sobre o diálogo, essa mesma autora (2011) acrescenta que a forma de diálogo tem a ver com escutar, ouvir e falar respeitosa e responsivamente, como aprendiz e em um processo para entender, com cuidado, em uma forma auto-reflexiva, que pode ser sintetizada como:

Conversações dialógicas: É uma forma particular do diálogo, o tipo de conversação em que os participantes se envolvem um com o outro (em voz alta e em silêncio) em um questionamento mútuo e compartilhado com o outro acerca do tema a tratar, e juntos examinam, questionam, refletem.

Relações colaborativas: É a maneira como relacionamos com os demais e os incentivamos a participar em uma atividade compartilhada que requer: respeito, confiança, abertura, capacidade para responder, bons modos.

No Brasil vários autores ligados aos estudos do Construcionismo Social, caminharam para a linguagem pensando na produção do sentido, significado, preocupando-se e dando continuidade a esses estudos, entre eles, Rasera, Guanaes, Grandesso, SpinK.

Para Spink, (2000), na perspectiva da linguagem em uso, o sentido é sempre interativo, os enunciados de uma pessoa estão sempre em contato ou são endereçados a outra pessoa e esses endereçamentos se interanimam mutuamente,

mesmo quando os diálogos são internos; ou seja, na perspectiva bakhtiniana⁸ não existe o monólogo.

Os processos de produção de sentidos implicam na existência de interlocutores variados cujas vozes se fazem presentes. As práticas discursivas estão sempre atravessadas por vozes; são endereçadas e, portanto, supõem interlocutores. Obviamente isso gera dificuldades consideráveis quando analisamos o material discursivo, porque as pessoas, numa entrevista, por exemplo, estão falando com você e de repente a fala passa a ser endereçada a outrem. Por exemplo, “não sei... porque meu pai dizia que...” O interlocutor passou a ser o pai. É um trabalho instigante esse de tentar identificar estas mudanças de interlocutores. [...] e enfatizamos que tal construção se dá num contexto, numa matriz que atravessa questões históricas e culturais e que é essa construção que permite lidar com situações e os fenômenos do mundo social (SPINK, 2000)

A palavra pós-moderno se refere tanto a uma época histórica como nos aponta Gergen (2006), separando a época do romantismo, modernismo e pós-modernidade para se pensar no “eu saturado”, como uma época atual, como o movimento das artes e as correntes críticas da academia, os movimentos sociais e da filosofia. No presente estudo, a contribuição desse autor é questionar a natureza do conhecimento e a reconstrução desse conhecimento e ele se faz relevante porque assinala as limitações para se compreender a experiência humana. Porém também trouxe a ampliação para se pensar, e ir além de pensar no que estamos fazendo. Talvez ai se amplie o ter uma visão sobre o si mesmo, individualizada e co-responsiva como nos diz Shotter (2000), pois pontua o que está em constante criação e revisão dentro de uma relação e conversação com outros, como nos aponta Anderson (2009). Ajuda-nos a compreender a identidade como algo com fluidez, circular e não estática.

Portanto, não se trata de um modelo terapêutico, e sim de um movimento filosófico que tem muitos ecos nos autores Bakhtin, Derrida, Foucault, Lyotard, Rorty e Wittgenstein, entre outros.

⁸ Segundo o filósofo russo Bakhtin, é por meio do material verbal que ocorrem as transformações sociais, uma vez que a psicologia do corpo social, que liga a estrutura sócio-política (infra-estrutura) à ideologia (superestrutura), é materializada na e pela interação verbal, sem a qual se reduziria a um conceito puramente metafísico. Portanto, a psicologia do corpo social não se encontra interiorizada, mas exteriorizada nos atos de fala, no gesto, enfim, nos diversos meios de comunicação semióticos. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/geduem/bases.html>>. Acesso em: 27/01/2012

Este movimento nos fez retomar a questões da linguagem, da prática discursiva, pluralidades de narrativas, pensando no contexto, local, fluidez. Questionou o conhecimento das verdades, da linguagem na história e enfatizou a natureza relacional do conhecimento.

Gergen (2006) ajuda na compreensão ao distinguir momentos da história, diferenciando a postura moderna (visão da realidade separada e um observador desta realidade), sendo que o conhecimento é visto como um espelho e a linguagem representa esta realidade. A linguagem constitui uma realidade, mais do que representar a realidade (palavras, expressões, sentimentos, pensamentos, ideias dos significados) como nos ensinou Grandesso (2011).

Em nossa prática, no passado, o terapeuta em sua postura hierárquica e de *expert*, utilizava do modelo médico para observar o paciente como doente, fazer um diagnóstico para trabalhar em cima de um tratamento prescrito, como se lhes tivesse faltando algo, como tendo *déficits*. Na contramão numa postura pós-moderna vários autores: Andersen (1997); Gergen (1990); Anderson, Gergen e Hoffman (1995); White e Epston (1989), Grandesso (2011), partindo dessas preocupações apontaram diferenças na Psicologia e na Psicopatologia.

Estes autores pós-modernos enfatizam a reflexão da relação terapêutica e cliente onde ambos constroem juntos significados mediante conversações, diálogos; o terapeuta se mantém empático e respeitoso e dentro destas conversações cria-se o espaço para liberar vozes das experiências dos eventos das histórias, que foram guardadas, ignoradas e que não puderam em seu momento crítico serem revistas e reorganizadas. A história de si mesmo em construção relacional entra ampliando compreensões e não revendo problemáticas (embora isto possa estar acontecendo em paralelo).

Cria-se, assim, um espaço de conversações mais igualitárias, onde se respeitam as diferenças. Constroem-se objetivos e os negociam para um caminho de coerência. Por exemplo, na área clínica, quando se imprime uma direção à terapia, o cliente é o dono de sua história e tem que estar à frente dela como *expert* de sua vida e de seu entendimento. Assim, revê-se a si e aos outros em distintas diferenciações, porém, interligados aos sistemas e subsistemas aos quais pertence. Esse mesmo fato ocorreu com os participantes dessa pesquisa, sendo os donos das narrativas, validaram o PRORFOPS como uma compreensão de realidade. No processo de realização do programa, levantaram-se nas conversações as

resiliências, as habilidades, as competências, e os recursos internos, os quais foram transferidos para outras áreas em dificuldade. Tais elementos possibilitaram transformações, ou seja, a partir de novas percepções os participantes puderam pensar em novas possibilidades, o que se constitui, em minha opinião, um olhar diferenciado para se pensar saúde e doença como interrelacionadas.

CAPÍTULO 4 - SISTEMA DE SAÚDE BRASILEIRO E PROGRAMAS DE COMPLEMENTAÇÃO DE ESTUDOS

Percebendo-se em diferentes estados emocionais

G1/P4: O que foi mais forte pra buscar... esse equilíbrio. Isso pra mim hoje foi esse trabalho da família de sentimentos. Essa mexida que você deu em tudo. Você tem todos os sentimentos e você tem que achar meios de um superar o outro. Eu fico travada. Se o chefe da P3 falasse comigo como ele falou de repente, o outro aflora... o grande como saber trabalhar... aprender a fazer esse equilíbrio dessa família de sentimentos que nós temos todas de sentimento que é feita, porque tem hora que você tem que dar mais elevação para um do que para outro... esse é o grande segredo que eu tenho que

G1/P7: E como é quem faz o contrário? Porque se fosse comigo eu nem abrira a boca para responder! nem abrira a boca para responder! Eu fico muito legal!

G2/P11: Na maioria das vezes eu me percebo. Eu fico melancólica, muito fragilizada! Eu me acho muito frágil! Eu choro! Eu não deixo ir muito longe não. Tem a parte da solidão também, porque tem momentos que eu quero ficar sozinha, até o certo ponto que eu vejo que acabo procurando ajuda. Quando eu chego nesse ponto de ficar sozinha, as pessoas percebem e perguntam o que está acontecendo, aí vão me ajudando de certa forma. Às vezes eu expresso o que estou sentindo... falo o que aconteceu, às vezes não... falo o que aconteceu, às vezes não...

Elevando a auto-estima

G1/ P3: Eu sou mesmo o bombeiro da minha família. Realmente. Até **G1/ P2:** Eu também sou agora, eu fui almocar, a minha irmã dora.

já chegou em casa perguntando o G1/ P7: Eu vou ser passiva tam-que eu acho... eu disse a ela que não bém.

acho nada... não acho nada... Eu já G1/ P7: Conseguí, mas me imagi-

G1/ P3 O P. foi junto, mas eu pedi pra ele voltar! Sério! Juro! Ái eu falei pra ele voltar, porque daqui pra frente sou eu! Eu fui, mas não fui longe não, fui aqui pertinho...

CAPÍTULO 4 - SISTEMA DE SAÚDE BRASILEIRO E PROGRAMAS DE COMPLEMENTAÇÃO DE ESTUDOS

Olha, eu fico mais aqui na Unidade, mas assim, é o que ela falou. Gira muito em torno do que ela falou. Eles querem só ver o lado deles e cobram da gente; tem coisa que não depende da gente, depende do colega e assim todo mundo é cobrado. Vamos fazendo nossa parte, mas todo mundo é cobrado. E eu percebo que tem muita cobrança, não só nas visitas, mas os pacientes que vem aqui também; às vezes ta demorando um pouquinho para tender e eles já ficam cobrando. Às vezes você vai passar uma emergência na frente e eles alegam que chegaram primeiro; e as pessoas não entendem que o outro está com uma dor pior, que é um caso mais extremo. Então a gente percebe isso tanto na Unidade quanto nas visitas. (G1/F)

Eu acho que a gente consegue perceber isso em certos bairros. Tem bairros que são mais dependentes, cobram mais; tem bairros que são mais exigentes, outros são mais independentes, se resolvem em comunidade. (G1/M)

Para iniciar esse capítulo, gostaria de recorrer a um dos mais conhecidos pensamentos de Paulo Freire, no qual ele afirma, sobre o Brasil, que não é possível refazer um país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, se no dia-a-dia observam-se adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Esse educador acredita na impossibilidade da sociedade modificar-se sem a educação.

Suas palavras fizeram que eu refletisse sobre qual tipo de que pobreza ele falava e nos alertava. Tais palavras me trouxeram novas reflexões sobre a história cultural de valorização e desvalorização de nosso povo. Em minha opinião, a grande contribuição dessas palavras é sobre como não ajudar a destruir sonhos e tão pouco ser este um papel só da educação, ou de um sistema, e sim de todos os sistemas interligados, numa somatória de esforços, pois é a união que faz a força, ou seja, multiprofissionais em suas múltiplas vozes unidas contra a violência, a desumanização e esse olhar de depreciação.

A observação do dia-a-dia da população no que se refere ao atendimento público de saúde associada ao que é divulgado na mídia mostra-nos que o Sistema de Saúde Brasileiro passou por transformações importantes desde 1960. Porém, de

acordo com os estudos de Rosa e Labate (2005), somente a partir de 1988, com a promulgação da última Constituição Brasileira, serviços é que esse modelo se concretizou como um Sistema de Saúde Nacional. Essa nova Constituição garantia o acesso aos serviços de saúde como um direito universal e igualitário de todos os brasileiros, regulamentando o papel de cada instância governamental (municipal, estadual e federal) no provimento, financiamento e gerenciamento desses.

Ainda segundo esses autores, os serviços de saúde passaram a integrar uma rede regionalizada e hierarquizada, constituindo o Sistema Único de Saúde (SUS) definido de acordo com as seguintes diretrizes: a) descentralização, isto é, a execução dos serviços deve ser comandada pelos estados e municípios, cabendo à instância federal as funções de planejamento, fiscalização e controle; b) atendimento integral com prioridade das ações preventivas e participação social. A assistência à saúde privada é livre e as instituições privadas podem participar de forma complementar ao Sistema Único de Saúde, mediante contrato de direito público ou convênio, priorizando-se entidades filantrópicas e sem fins lucrativos.

4.1. As políticas de atenção à saúde no Brasil numa perspectiva histórica

Conforme com os estudos de Rosa e Labate (2005), a consulta à literatura existente sobre as propostas de atendimento à saúde brasileira nem sempre visou ao bem-estar da população. Usualmente, as políticas da saúde brasileiras visavam ao momento presente, à economia vigente e aos interesses das classes dominantes. Ao longo da Primeira República (1889-1929) os objetivos da atenção à saúde eram o saneamento de portos e cidades, com o objetivo de manter as condições sanitárias mínimas para que se pudesse fomentar as relações comerciais com o exterior.

De acordo com esses mesmos estudos dentro da Primeira República, no período populista de Getúlio Vargas observa-se uma extrema centralização em termos de política de saúde. Antes de 1930, o Seguro Social brasileiro se caracterizava pelo sistema de caixas⁹, que abrangia pequena parcela de assalariados e organizava-se mais no âmbito das empresas privadas.

⁹ O seguro social surgiu no Brasil em 1923 com a promulgação, pelo Presidente Artur Bernardes, da Lei nº 4.682 de 24 de janeiro, de autoria do Deputado Eloy Chaves. Com esta lei ficou instituído o sistema de Caixas de Aposentadorias e Pensão (CAPs), que atendeu, em um primeiro momento, aos trabalhadores ferroviários e, posteriormente, aos marítimos e estivadores. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/editora/media/04-CSPB03.pdf>>. Acesso em 10/01/2011.

A expansão do sistema de caixas efetiva-se a partir de 1930, abrangendo todos os servidores públicos e para tanto se observa o surgimento de toda uma legislação destinada a regulamentá-lo. A criação do Conselho Superior de Previdência Social em 1933 consolidou ainda mais a assistência à população, tendo início a organização dos segurados por categorias de empresas. Surge também o Departamento de Previdência Social, órgão de supervisão e controle geral de todos os institutos,¹⁰ sendo que ambos eram relacionados ao Ministério da Saúde.

Essa estrutura prolongou-se até a década de 1960, quando se criou com a Lei nº 3.807 - de 26 de agosto de 1960 o INPS (Instituto Nacional de Previdência Social). Até então, a atuação do Estado era concentrada em medidas de alcance coletivo, o próprio setor de saúde não se constituía em prioridade nas políticas econômico-social do país. De acordo com Donnangelo, 1975, cujos estudos apoiaram as pesquisas de Rosa e Labate (2005), a constatação de que a área da saúde não se constituía em prioridade para o Estado fica muito transparente quando se observa que a assistência médica estava vinculada às instituições de previdência.

Dois aspectos se tornam relevantes quando se avalia a extensão dessa interferência do Estado: o primeiro aponta que a ampliação tanto qualitativa quanto quantitativa da assistência médica da época estava associada muito mais às pressões dos usuários e características institucionais da previdência do que com a ação deliberada do Estado em promover a melhoria dos serviços, um segundo aspecto está relacionado a certo privilégio do setor privado sobre os serviços de saúde.

Rosa e Labate (2005) apoiando-se nos estudos de Luz (1991) afirmam que a partir da década de 1970, iniciou-se a construção de uma sólida estrutura privada de

¹⁰ Esses Institutos eram: o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos (IAPM). Criado em 29 de junho de 1933, abrangia os trabalhadores de todas as empresas que exerciam atividades de marinha mercante no país. Em 1934, foram criados o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários (IAPC), o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários (IAPB), a Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Trabalhadores em Trapiches e Armazéns de Café e a Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Operários Estivadores. As duas últimas, apesar de serem denominadas caixas, eram também instituições de caráter nacional. Em 1936, foi criado o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI), instalado somente a 3 de janeiro de 1938. Também em 1938, a Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Trabalhadores em Trapiches e Armazéns de Café passou a ser chamada de Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas (Iaptec) e a Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Operários Estivadores foi transformada em Instituto de Aposentadoria e Pensões da Estiva (IAPE), incorporado em 1945 ao IAPTEC. Disponível em: <<http://homepages.dcc.ufmg.br/~douglasa/arquivos/Previdencia.pdf>>. Acesso em 10/01/2011.

atenção à saúde, com ênfase na medicina curativa, sendo que os recursos do Estado para a saúde eram mínimos.

Gradualmente, o sistema previdenciário sofreu mudanças institucionais, separando o componente benefício da assistência médica. Com a criação do Sistema Nacional de Previdência Social (SINPAS), foram organizados o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), o Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS) e o Instituto de Administração da Previdência Social (IAPAS), além da reorganização dos órgãos de assistência social Legião Brasileira de Assistência (LBA) e Fundação Nacional para o Bem-Estar do Menor (FUNABEM) e da constituição de uma empresa de processamento de dados Empresa de Processamento de Dados da Previdência Social (DATAPREV).

Segundo Rosa e Labate (2005), essa reorganização significou, também, um novo momento de concentração do poder econômico e político no sistema previdenciário.

Muito embora tenha havido transformações na forma de organização tanto do sistema previdenciário quanto do de saúde, tais mudanças não foram suficientes para eliminar a ineficácia da previdência e dos serviços públicos de saúde. Em setembro de 1978, ocorre um grande evento internacional: A Conferência sobre Cuidados primários de Saúde em Alma-Ata¹¹.

Tal Conferência apresentou a proposta de atenção primária à saúde como estratégia para ampliar o acesso de forma igualitária a todos os segmentos da sociedade. O principal enfoque dessa proposta era a de que fosse dada prioridade tanto à promoção quanto à prevenção em saúde, buscando profissionais que não fossem somente clínicos, mas possuíssem percepção epidemiológica e social que favorecesse sua relação com o indivíduo, com a família e com a comunidade.

Ainda em acordo com os estudos de Rosa e Labate (2005), a Conferência sobre Cuidados Primários de Saúde foi promovida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), sendo que nela se declara que saúde não é apenas a ausência da doença e sim um completo bem-estar físico, mental e social.

Em 1981, cria-se o Conselho Consultivo de Saúde Previdenciária (CONASP) cujos objetivos se traduzem na reorganização da assistência médica, na adoção de

¹¹ Declaração de Alma-Ata (12 de setembro de 1978) cuja meta era a de que todos os povos até o ano 2000 atingissem um nível de saúde, que lhes permitisse uma vida social e economicamente produtiva. Disponível em: <<http://www.saudepublica.web.pt/TrabCatarina/AlmaAta-Ottawa.pdf>>. Acesso em 13/01/2011.

novos critérios para a alocação de recursos para o sistema de saúde, no estabelecimento de mecanismos de controle de custos e na reavaliação do financiamento da assistência médica-hospitalar.

O CONASP propõe, em 1982, O Plano de Reorientação da Assistência à Saúde no Âmbito da Previdência Social, no qual as políticas de saúde passam a ser descentralizadas, universalizadas e hierarquizadas. Essa proposta de operacionalização do sistema foi concretizada no Programa de Ações Integradas de Saúde (PAIS) que, em 1985, passou a Ações Integradas de Saúde (AIS).

Recorrendo ainda aos estudos de Rosa e Labate (2005), apontam que na realidade, o CONASP propõe um planejamento estratégico com a intenção de promover um grande debate nacional em torno da democratização da saúde em nosso país, sendo que as ações propostas pelas AIS foram fundamentais para que se processo ocorresse.

A implantação desse plano de reorientação foi um dos primeiros passos para que os setores público e privado se unissem nas atividades de planejamento em saúde, contribuindo para que se rompesse a dicotomia entre o atendimento preventivo e o curativo. Esse foi um grande passo ainda que esse planejamento se vinculasse à capacidade de assistência individual instalada até então.

A Associação Brasileira de Pós- Graduação em Saúde Coletiva (ABRASCO) associada ao Centro Brasileiro de Estudos em Saúde (CEBES), em 1984, tomaram a iniciativa de promover um encontro para uma primeira avaliação das AIS. Com essa iniciativa reforçou-se o sentido dos planejamentos em saúde em direção de promover a unificação dos setores público e privado em prol do movimento sanitário.

Segundo pesquisas de Rosa e Labate (2005), o movimento de reforma sanitária tem seu ponto alto na VIII Conferência Nacional de Saúde em 1986¹², que propôs a unificação das instituições e serviço de cuidados médicos em um único pólo: o Ministério da Saúde, que a partir daí tornou-se o único responsável pela condução de gestão de todas as políticas de saúde.

¹² A questão que talvez mais tenha mobilizado os participantes e delegados foi a natureza do novo Sistema Nacional de Saúde: se estatizado ou não, de forma imediata ou progressiva. A proposta de estatização foi imediatamente recusada, havendo consenso sobre a necessidade de fortalecimento e expansão do setor público. Em qualquer situação, porém, ficou claro que a participação do setor privado deve-se dar sob o caráter de serviço público “concedido” e o contrato regido sob as normas do Direito Público. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/Relatorios/relatorio_8.pdf>. Acesso em 15/01/2011.

A VIII Conferência Nacional de Saúde foi o grande marco nas histórias das conferências de saúde no Brasil. Foi a primeira vez que a população participou das discussões da conferência. Participaram dessa conferência mais de 4.000 delegados, impulsionados pelo movimento da Reforma Sanitária, e propuseram a criação de uma ação institucional correspondente ao conceito ampliado de saúde, que envolve promoção, proteção e recuperação.

A nova Constituição Brasileira promulgada em 1988 assegura que o direito ao atendimento em saúde é universal, sendo que as políticas de saúde priorizarão o acesso às ações de prevenção, promoção e recuperação da saúde, sendo que o Sistema Único de Saúde (SUS) foi pensado dentro desses pressupostos.

Rosa e Labate (2005) ainda apontam que orientados pelas diretrizes dos SUS, a partir de 1988, várias iniciativas institucionais legais e comunitárias foram surgindo e criando condições para que se instaurasse no país nova mentalidade em relação à saúde. Essa mentalidade se traduziu especialmente com a promulgação da Lei Orgânica da Saúde, que concebe a saúde como o conjunto de fatores presentes no cotidiano de cada cidadão: alimentação, moradia, saneamento básico, meio ambiente, trabalho, educação, lazer, e não apenas a ausência de doenças, como era vista anteriormente.

O Sistema Único de Saúde foi regulamentado mediante a Lei 8080 de 19/9/1990, também denominada Lei Orgânica do SUS, e da Lei 8.142 de 28/12/1990, que dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do SUS e sobre as transferências de recursos do governo federal para as instâncias estadual e municipal.

Ainda em acordo com as pesquisas de Rosa e Labate (2005), a Lei 8.142/90, por sua vez, regulamenta a participação da comunidade na gestão do SUS, mediante sua presença nas conferências e conselhos de saúde. A partir da década de 1990, criam-se também as Normas Operacionais Básicas (NOB), que se resume num instrumento jurídico institucional editado periodicamente pelo Ministério da Saúde para: aprofundar e reorientar a implementação do SUS; definir novos objetivos estratégicos, prioridades, diretrizes e movimento tático-operacional; e ainda regular as relações entre seus gestores e normatizar o SUS.

Em meio a todas essas mudanças na forma sobre como conceber e atuar na área da saúde surge o Programa Saúde da Família trazendo em seu bojo propostas para a nova atuação dos profissionais, visando a uma atuação na integralidade da

assistência, cuidando o cidadão dentro de sua própria comunidade socioeconômica e cultural, levando em consideração as condições contemporâneas de globalização.

4.2 A Estratégia Programa Saúde da Família

Ainda em acordo com as pesquisas de Rosa e Labate (2005), dada da urgência de reformular a Atenção Básica em Saúde em nosso país, o Ministério da Saúde implantou em todo o território nacional o Programa Saúde da Família, considerado como uma política necessária para essa reformulação. Trata-se de uma proposta de atendimento em saúde, cuja ênfase recai sobre a família, acreditando-se na eficácia do trabalho exercido por uma equipe multiprofissional, num planejamento local participativo e na parceria com instituições e outros setores, sendo que todas essas ações devem estar voltadas primordialmente para a prevenção, para a promoção, para a cura e para a reabilitação.

Diante da expansão do Programa Saúde da Família que se consolidou como estratégia prioritária para a reorganização da Atenção Básica no Brasil, o governo emitiu a Portaria Nº 648, de 28 de Março de 2006, onde ficava estabelecido que o PSF é a estratégia prioritária do Ministério da Saúde, estabelecendo a revisão de diretrizes e normas para esse mesmo programa reorganizando, assim, a Atenção Básica, que tem como um de seus fundamentos possibilitar o acesso universal e contínuo a serviços de saúde de qualidade, reafirmando os princípios básicos do SUS: universalização, equidade, descentralização, integralidade e participação da comunidade - mediante o cadastramento e a vinculação dos usuários.

Rosa e Labate (2005) apontam que embora o Ministério da Saúde avalie periodicamente seus programas e persiga uma meta de otimização de suas políticas, observa-se na prática que o processo de mudança no modelo de atenção à saúde implantado no país é extremamente complexo. Isso ocorre em função da complexidade para atender as necessidades de todos os cidadãos, portanto, irremediavelmente, qualquer avaliação ou remodelação impõe-se que seja gradual e ajustada às condições do país.

Certamente, a reorganização da prática da atenção demanda mais do que persistência, uma vez que se tem a expectativa de um modelo que conte cole mais de perto a família, melhorando com isso sua qualidade de vida.

Esses mesmos autores afirmam que ao se analisar a recente legislação do Ministério da Saúde, fica muito claro que um dos objetivos prioritários do PSF se traduz no incentivo ao desenvolvimento de sistemas locais de saúde, e com isso buscando atingir uma atenção primária de boa qualidade contando com a participação da comunidade para que isso venha a se efetivar. Encontramo-nos assim diante de um novo paradigma ao observarmos a evolução das políticas de atenção à saúde de nosso país.

4.2.1 Os princípios norteadores do Programa Saúde da Família

Historicamente falando, o Programa Saúde da Família (PSF) teve seus antecedentes no Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS), conforme afirmam Rosa e Labate (2005), que tinha o objetivo de contribuir para a redução da mortalidade infantil e materna, e em especial nas áreas Norte e Nordeste, levando para as áreas mais pobres do Brasil cobertura dos serviços em saúde.

A noção de cobertura por família e não mais por indivíduo fortaleceu-se a partir dos resultados da experiência de implantação do PACS no Ceará, a família começou, então, a ser tida como alvo de ações programáticas de saúde.

A partir da convocação do, então, Ministro da Saúde Henrique Santillo, para uma reunião nos dias 27 e 28 de setembro de 1993 em Brasília, DF, com apoio da UNICEF sobre o tema “Saúde da Família” iniciou-se a concepção do PSF. A pauta dessa reunião calcou-se no êxito das atividades do PACS no Ceará, e em especial na atuação do enfermeiro como agente comunitário, e na urgência da incorporação de outros profissionais no programa, para que esses agentes não funcionassem de forma isolada.

Vale ressaltar que, segundo Vianna; Dal Poz (1998), mencionados por Rosa e Labate (2005), esse movimento em direção a um olhar diferenciado para a família e não mais para o indivíduo ocorreu também em outros países, independente de ser simultâneo ou não. O PSF baseou-se em modelos de assistência à família já implantados em outros países como Canadá, Cuba, Suécia e Inglaterra.

Embora seja conhecido popularmente como Programa Saúde da Família, justamente por suas especificidades tidas como atividades com início, desenvolvimento e finalização, por outras distancia-se um pouco do conceito de programa adotado pelo Ministério da Saúde. O PSF não se trata de uma intervenção

vertical e paralela aos demais serviços de saúde, assemelha-se mais a estratégia no sentido de possibilitar a integração e promover a organização de atividades em um território definido, com o propósito de enfrentar e resolver os problemas identificados.

Para o Ministério da Saúde em sua publicação Saúde da Família: uma estratégia para a reorganização do modelo assistencial (1997), o PSF é uma estratégia que visa a atender o indivíduo e a família de forma integral e contínua, desenvolvendo ações de promoção, proteção e recuperação da saúde, tendo como objetivo reorganizar a prática assistencial, centrada no hospital, passando a enfocar a família em seu ambiente físico e social.

Levcovitz; Garrido (1996), autores nos quais Rosa e Labate (2005) se respaldaram, afirmam que o PSF pode ser definido como:

[...] um modelo de atenção que pressupõe o reconhecimento de saúde como um direito de cidadania, expresso na melhoria das condições de vida; no que toca a área de saúde, essa melhoria deve ser traduzida em serviços mais resolutivos, integrais e principalmente humanizados (2005, p.1030).

Sinteticamente, pode-se afirmar que o PSF tem como objetivo geral contribuir para a reorganização do modelo assistencial da atenção básica, tendo como norteadores os princípios do SUS, assumindo uma nova dinâmica de atuação nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), dinâmica essa que supõe definição de responsabilidades entre os serviços de saúde e seu usuário.

4.2.2 A operacionalização do Programa Saúde da Família

Ainda em acordo como o documento Saúde da Família: uma estratégia para a reorganização do modelo assistencial (1997) a operacionalização do PSF deverá ser adequada às diversas realidades locais, uma vez que se cumpram seus princípios e diretrizes.

Santana; Carmagnani (2001) refletem que a preocupação básica desse programa de atenção à saúde devem ser os resultados favoráveis retornados da população que lhe é dependente, para tanto deve priorizar os seguintes aspectos:

a) Atenção centrada na Família

Onde houver famílias seja em seu formato tradicional ou sob a forma das contemporâneas configurações, para a compreensão da dinâmica do formato dessa família é fundamental a presença de uma equipe de saúde em seu entorno, que se torna potencialmente enriquecedora quer seja em sua perspectiva preventiva ou curativa. Essa equipe deverá estar sensibilizada para que nem sempre o núcleo tradicional familiar esteja presente, se constitua no espaço predominante da relação, ou ainda se constitua no local de síntese das decisões sobre a forma de conduzir a vida das pessoas em questão.

Santana; Carmagnani (2001) baseadas nos estudos de Vasconcellos (1998), referem que a família deve ser entendida no interior do contexto de cada época e dos grupos sociais aos quais pertence, pois são diversas as configurações sob as quais se apresenta. Existem famílias que possuem tanto estabilidade econômica quanto emocional, já há outras que carecem tanto de recursos assistenciais quanto de psicológicos, enfim são inumeráveis as possibilidades que se apresentam nesse campo. Esses autores pontuam que em sociedades tão díspares quanto a nossa, deve-se acima de tudo fazer-se um esforço no sentido de compreender como as relações vêm se transformando e como vêm ganhando novos significados. Tal perspectiva faz com que, a família passe a ser o objeto de atenção, entendida a partir do ambiente onde vive.

b) Vigilância à saúde

Ainda conforme os estudos de Santana; Carmagnani (2001) em conformidade com Saúde da Família: uma estratégia para a reorganização do modelo assistencial (1997), o Programa Saúde da Família também se propõe a trabalhar com o princípio da vigilância à saúde. Para tal caracteriza-se por uma atuação inter e multidisciplinar, responsabilizando-se integralmente pela população que reside na área de abrangência de suas unidades de saúde.

O Ministério da Saúde determina ainda que mediante a análise da situação da saúde local e de fatores desencadeantes, tanto os profissionais quanto os gestores se encarregarão do planejamento das ações que atenderão as necessidades levantadas.

Por meio de um planejamento de visitas aos domicílios, Santana; Carmagnani (2001) apontam que o PSF determina que sejam identificados o *status* da família em relação à saúde: a morbidade referida, as condições de moradia, condições de saneamento básico e ambientais, enfim, deverão ser levantados todos os dados sobre o contexto em que a família esteja inserida. Essa etapa se constitui no começo de um vínculo entre as unidades de saúde, entre as equipes e a comunidade. A partir desse início, a comunidade é informada sobre a oferta de serviços disponíveis e dos locais onde poderão receber atendimento, que prioritariamente deverão ser de sua preferência (BRASIL, 1997).

c) Equipe Multiprofissional

Recorrendo ainda às pesquisas de Santana; Carmagnani (2001), as mesmas apontam que em decorrência de uma política de não hospitalização e de humanização do SUS, entende-se como ponto favorável a valorização de aspectos que influenciam a saúde das pessoas fora do ambiente hospitalar, inclusive, as equipes que lidam diretamente com a família. Essas equipes atuam com ações de promoção da saúde, prevenção, recuperação, reabilitação de doenças e agravos mais frequentes, e ainda na manutenção da saúde da comunidade.

As primeiras equipes do Programa Saúde da Família começaram a se organizar em janeiro de 1994, incorporando e ao mesmo tempo ampliando a atuação dos agentes comunitários de saúde. O processo de consolidação da atuação dessas equipes ocorreu em março de 1994 quando o mecanismo de financiamento do PACS se inseriu no pagamento por procedimentos realizados pelo SUS.

A Unidade de Saúde da Família (USF) está inserida no primeiro nível de ações e serviços do sistema local de assistência, denominado atenção básica, trabalha com território de abrangência definido e é responsável pelo cadastramento e acompanhamento da população vinculada (adstrita) a esta área.

Retomando ainda aos estudos de Santana; Carmagnani, (2001), cada equipe do PSF é composta, no mínimo, por um médico, um enfermeiro, um auxiliar de enfermagem e de quatro a seis agentes comunitários de saúde. Outros profissionais, a exemplo de dentistas, assistentes sociais e psicólogos, poderão ser incorporados às equipes ou formar equipes de apoio, de acordo com as necessidades e

possibilidades locais. A USF pode atuar com uma ou mais equipes, dependendo da concentração de famílias no território sob sua responsabilidade.

De acordo com a Política Nacional de Atenção Básica (PNAB) que detalha questões sobre a Portaria Nº 648, de 28 de Março de 2006, ficou definido, que além das características do processo das equipes de Atenção Básica, são características do processo de trabalho da Saúde da Família:

- I - manter atualizado o cadastramento das famílias e dos indivíduos e utilizar, de forma sistemática, os dados para a análise da situação de saúde considerando as características sociais, econômicas, culturais, demográficas e epidemiológicas do território;
- II - definição precisa do território de atuação, mapeamento e reconhecimento da área adstrita, que compreenda o segmento populacional determinado, com atualização contínua;
- III - diagnóstico, programação e implementação das atividades segundo critérios de risco à saúde, priorizando solução dos problemas de saúde mais freqüentes;
- IV - prática do cuidado familiar ampliado, efetivada por meio do conhecimento da estrutura e da funcionalidade das famílias que visa propor intervenções que influenciem os processos de saúde-doença dos indivíduos, das famílias e da própria comunidade;
- V - trabalho interdisciplinar e em equipe, integrando áreas técnicas e profissionais de diferentes formações;
- VI - promoção e desenvolvimento de ações intersetoriais, buscando parcerias e integrando projetos sociais e setores afins, voltados para a promoção da saúde, de acordo com prioridades e sob a coordenação da gestão municipal;
- VII - valorização dos diversos saberes e práticas na perspectiva de uma abordagem integral e resolutiva, possibilitando a criação de vínculos de confiança com ética, compromisso e respeito;
- VIII - promoção e estímulo à participação da comunidade no controle social, no planejamento, na execução e na avaliação das ações; e
- IX - acompanhamento e avaliação sistemática das ações implementadas, visando à readequação do processo de trabalho (PNAB, 2006, v. 4, p.28).

Mais uma vez utilizando as pesquisas de Santana; Carmagnani, (2001), essas mesmas autoras indicam que fundamentado nessa mesma portaria foi estabelecido que para a implantação das Equipes de Saúde da Família deva existir (entre outros quesitos) uma equipe multiprofissional responsável por, no máximo, 4.000 habitantes, sendo que a média recomendada é de 3.000. A equipe básica deverá ser composta por no mínimo: médico, enfermeiro, auxiliar de enfermagem (ou técnico de enfermagem) e Agentes Comunitários de Saúde (ACS) em número máximo de 1 ACS para cada 400 pessoas no urbano e 1 ACS para cada 280 pessoas no rural. Todos os integrantes devem ter jornada de trabalho de 40 horas semanais, e é função da Administração Municipal:

IV - assegurar o cumprimento de horário integral - jornada de 40 horas semanais - de todos os profissionais nas equipes de saúde da família, de saúde bucal e de agentes comunitários de saúde, com exceção daqueles que devem dedicar ao menos 32 horas de sua carga horária para atividades na equipe de SF e até 8 horas do total de sua carga horária para atividades de residência multiprofissional e/ou de medicina de família e de comunidade, ou trabalho em hospitais de pequeno porte, conforme regulamentação específica da Política Nacional dos Hospitais de Pequeno Porte (PNAB, 2006, v. 4, p.23).

Inúmeras cidades brasileiras contratam outros profissionais como farmacêuticos, nutricionistas, educadores físicos, psicólogos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, para comporem o quadro da equipe multidisciplinar proposta pelo PSF.

4.2.3 Fatores coadjuvantes na implantação do PSF

Após a implantação do PSF, Viana; Dal Poz, 1998, em cujo estudo Santana; Carmagnani, (2001) basearam-se, observam a evidência de uma tripla aliança que se consolida entre os gestores locais (secretários municipais e técnicos do sistema local), técnicos externos à área de saúde (técnicos da comunidade solidária ou de organismos internacionais como a UNICEF, ou até de outros países como Canadá e Cuba) e associações da comunidade.

Se por um lado, se observava um comportamento colaborativo para a implantação dessa política de saúde, envolvendo pessoas, municípios, pólos, secretarias estaduais até o nível central do Ministério da Saúde, esse empenho de colaboração poderia ser considerado como elemento facilitador da implementação do PSF, porém, também existiram outros que se transformaram em obstáculos de difícil transposição.

Essas mesmas autoras concluíram que essa tríplice aliança exerceu papel fundamental em relação à pressão provinda de várias frentes, que mesmo na contramão, dificultavam a expansão do programa. Entre essas frentes encontravam-se as instituições educacionais formadoras dos recursos humanos. As Faculdades de Medicina que se mostravam francamente resistentes em explorar o campo da Medicina Coletiva, incrementando, inclusive, a formação de médicos generalistas, ou seja, sem especialidades. Em contrapartida, o Conselho Federal de Medicina mostrava-se desfavorável à formação de médicos generalistas, incentivando a formação de especialistas. Os sindicatos médicos, por sua vez exercendo pressão

para que não se contratasse profissionais que não fosse pela forma de regime assalariado. Os Conselhos e Associação Brasileiros de Enfermagem que impunham às atividades dos agentes comunitários as mesmas restrições antes impostas aos atendentes de enfermagem. A Pastoral da Saúde que se opôs ao cadastramento de famílias no programa, uma vez que já desenvolviam programas com agentes comunitários. E por último, a pressão exercida por alguns gestores estaduais.

Essa reflexão sobre os obstáculos enfrentados pelo PSF, inevitavelmente conduzem à ideia de vantagens e desvantagens, que certamente ocorre na percepção dos usuários do programa.

4.2.4 O Programa Saúde da Família no fiel da balança

Santana; Carmagnani (2001) comentam que o PSF veio à reboque da tendência mundial de redução de custos com recursos humanos, com hospitalizações e tecnologias. Baseadas nos estudos de Viana; Dal Poz (1998), essas mesmas autoras afirmam que diante de um quadro de crise vivenciadas nas últimas décadas do século passado e no início desse novo século, a adoção de políticas de cortes e ajustes não se constituem num limitador de reformas, e sim impulsionadoras de novas modalidades de gestão, preocupadas em se adaptar às condições financeiras que lhe são oferecidas.

O Ministério da Saúde reputa como equivocada a correlação entre o PSF e um sistema de atendimento à saúde destinado às camadas mais pobres da população e com baixa tecnologia. Segundo o texto de Saúde da Família: uma estratégia para a reorganização do modelo assistencial (1997), esse programa deve ser entendido como uma alternativa da rede básica tradicional, de cobertura universal, perseguindo o princípio da equidade, e reconhecido como uma prática que requer alta complexidade tecnológica e desenvolvimento de habilidades e de mudanças de atitudes entre todos os seus envolvidos. Contudo, Santana; Carmagnani (2001) afirmam que segundo Negri, o então Secretário-Executivo do Ministério da Saúde, a capacidade de resolução do PSF amplia os níveis de cobertura do sistema de saúde, podendo haver um aumento da demanda por internações mais complexas, e com isso um encarecimento dos custos da assistência. O mais importante, no entanto, é a redução da mortalidade de menores de 01 (um) ano.

O documento “Ações Básicas na Atenção à Saúde” refere que:

Promover a saúde, prevenindo a doença, é a melhor maneira de reduzir a demanda por hospitais. Surge então a possibilidade de construção do vínculo entre família (e paciente) e médico, desaparecendo as razões que levam à impessoalidade, descontinuidade e desresponsabilização da relação profissional de saúde - usuário do serviço. A integralidade dos cuidados da promoção de saúde à reabilitação deixa de ser um mero slogan, passa a ser operacional (BRASIL, 2000, p.6).

Santana; Carmagnani (2001, p.48) reforçam seus argumentos sobre a formação de vínculos entre o cuidador e o usuário, tomando como referência o depoimento de David Capistrano Filho, médico e ex-coordenador do PSF/QUALIS/Zerbine¹³, uma das experiências concretas do PSF, em São Paulo:

As vantagens desse programa, tanto para médicos como para pacientes, são evidentes. Surge então a possibilidade de construção do vínculo entre família (e paciente) e médico, desaparecendo as razões que levam à impessoalidade, descontinuidade e desresponsabilização da relação profissional de saúde - usuário do serviço. Contando com o fácil retorno do usuário, o médico não precisa limitar-se ao tratamento sintomático e pode usar o tempo para perseguir o diagnóstico de certeza e a prescrição mais adequada ao seu paciente, agora efetivamente compreendido nas dimensões biológica, psíquica e social. Pela primeira vez nas últimas décadas o médico tem acesso às reais condições de vida daqueles que atende, tanto indiretamente (pelos relatos dos ACS e enfermeira) como através de uma visita domiciliar. A integralidade dos cuidados da promoção de saúde à reabilitação deixa de ser um mero slogan, passa a ser operacional (SANTANA; CARMAGNANI (2001, p.48).

Sob outro prisma, Santana; Carmagnani (2001), reportando-se às reflexões de Salum (2000) argumentam que o PSF tem sido considerado uma esfera de determinação apenas no momento do consumo, não conseguindo dar cabo de avançar no processo de intervenção, evidenciando-se como ponto frágil na

¹³ O Qualis / PSF Zerbini trata-se de uma experiência concreta de modelagem na cidade de São Paulo para renovar nosso sistema de saúde: pela mobilização da comunidade. Cada um dos bairros, conjuntos habitacionais e favelas teve a oportunidade de conhecer detalhadamente as propostas, de debatê-las com os técnicos responsáveis pela construção do programa. E cada técnico teve a oportunidade de conhecer a história daquelas comunidades, suas formas de convivência e organização, a hierarquia de seus problemas estabelecida por quem os sofre, as suas aspirações e frustrações. As raízes do Qualis / PSF estão plantadas nesse solo de participação. É a partir de tais raízes que floresce uma relação de respeito entre médicos, enfermeiras e agentes comunitários. É a partir delas que melhor se comprehende a cultura sanitária predominante na população, fruto da acumulação acrítica de saberes julgados científicos no passado, mas também resultantes de esforços ingentes para sobreviver em meio a toda sorte de privações e adversidades. Conhecer o que há de útil e eficaz no saber da população foi uma decorrência natural desses contatos, bem como o afã de legitimar aquelas práticas que dão resultado, mas não são reconhecidas, usando o método científico. Essa é uma das características diferenciais deste PSF paulistano (Relatório de Atividades – Fundação Zerbini/2004, p.57). Disponível em:

<http://www.zerbini.org.br/relatorios/outros/relatorio_atividades_2004.pdf> Acesso em 20.01.2012

expressão do fortalecimento do programa e do desgaste bio-psíquico tanto da equipe multidisciplinar quanto do usuário.

4.2.5 Os desafios do Programa Saúde da Família como processo de reorientação do modelo assistencial

Costa et al. (2009) em seus estudos argumentam que os dados estatísticos confirmam que a expansão da PSF, de fato, veio beneficiar uma enorme parcela da população em função de seus princípios de equidade e universalidade de atendimento, uma vez que esse atendimento destina-se, prioritariamente, às camadas da população que antes não possuíam acesso aos serviços de saúde. Baseadas nessa constatação, os autores entendem que um dos maiores desafios para a plena implementação das diretrizes do PSF consiste numa estratégia de envolvimento de seus profissionais, desenvolvendo junto aos mesmos um projeto de reorientação do trabalho em saúde.

Matumoto et al. (2005), apontam que a maioria dos médicos que atuam no programa não provêm dos Cursos de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, ou, especializados em Atenção Básica ou em Saúde da Família. Tais médicos são generalistas e recém-formados.

A grande rotatividade de médicos que se observa no quadro das equipes multidisciplinares justifica-se pela instabilidade do vínculo trabalhista e, em decorrência, a insegurança advinda com sua situação trabalhista, ficando claro que esse fator prejudica a continuidade e a efetivação das ações em saúde.

Entre outros fatores, a formação do profissional capacitado e sua alocação pelo gestor de saúde nos serviços públicos são fundamentais para que haja a reversão de um modelo assistencialista e curativo em saúde para outro que desloque o foco da produção de procedimentos (consultas médicas, curativos, vacinas, entre outros) para um modelo preventivo com enfoque na produção de cuidados.

Mudanças curriculares na formação dos profissionais de saúde serão necessárias para transformação de uma visão flexneriana¹⁴ da saúde em uma proposta de produção de cuidados, acolhimento e humanização, questões centrais no processo de reorientação do trabalho em saúde (COSTA et al., 2009).

Almeida; Feuerwerker; Llanos, org. (1999) autores nos quais Costa, et al (2009) apoiaram seus estudos, compreendem que a proposta do PSF embute o concepção de um profissional que não veja a doença como prioridade e sim como a promoção da saúde e a prevenção de doenças que propiciem à comunidade recursos para sua co-participação no processo de auto-cuidado.

Outro dos desafios enfrentados pelo PSF é focar-se na lógica da produção do cuidado, tida como um trabalho direcionado às dificuldades, às necessidades e à qualidade de vida daqueles que atende, suas ações além de produzir os procedimentos básicos devem centrar-se nas relações humanas, na produção de vínculo e no acolhimento, o que confere ao programa o tão almejado caráter de humanização.

Quanto ao aspecto do acolhimento, o PSF propõe que o atendimento em saúde seja organizado de forma centrada no usuário, jamais se distanciando da garantia de atendimento indiscriminado a todas as pessoas, deslocando o eixo do atendimento da pessoa do médico para o da equipe multidisciplinar, apostando na relação cuidadores e usuários, pautada em parâmetros de solidariedade e cidadania.

Sobre essa lógica, Matumoto et al. refletem sobre a distância entre a realidade e o ideal:

No entanto, quando se trabalha sob a ótica do modelo médico centrado, o trabalho se organiza para atuar sobre problemas específicos por meio do atendimento do médico, subordinando os saberes e ações dos outros profissionais à lógica médica, diminuindo, assim, o espaço da dimensão cuidadora da equipe, empobrecendo a possibilidade de incorporação de outros saberes para ampliação da ação clínica, e o campo de busca para a solução dos problemas. (2005, p.12).

¹⁴ Em 1910, a Fundação Carnegie convidou o educador Abraham Flexner, diretor de uma escola secundária de Kentucky, a realizar um estudo sobre a situação das escolas médicas americanas e canadenses. O documento elaborado após esse estudo, conhecido como “Relatório Flexner”, reforça a luta pelo ideário científico da medicina. Um novo paradigma médico surge desse episódio: a Medicina Científica, ou Flexneriana, passa a nortear a formação dos futuros médicos e se insinua na reconstituição do próprio processo de trabalho médico. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ECJS76RHW7/1/raphael_augusto_teixeira_de_aguiar.pdf>. Acesso em 20/01/2011.

Sobre o desempenho das equipes multiprofissionais do PSF, Silva (2005) desvelam a ausência de responsabilidade coletiva no trabalho atrelada a um baixo grau de interação entre os profissionais que atuam nas equipes. Argumentam que apesar de um discurso sobre valores igualitários, na prática observam-se ainda representações hierárquicas entre esses mesmos profissionais baseados no grau de formação de cada um, o que não deixa de ser um enorme desafio ainda a ser superado.

Franco; Bueno; Merhy (1999) apontam outro ponto de tensão no dia-a-dia do programa que se situa no trabalho nas unidades de saúde organizadas tradicionalmente de forma parcelada. Num contexto verticalizado de organização, organiza-se inicialmente o trabalho do médico e, entre estes, o de cada especialidade médica, e assim sucessivamente organiza-se o trabalho dos demais profissionais. O hiper-dimensionamento do trabalho especializado associado ao trabalho fracionado conduzem esse profissional a um único ponto: a alienação de seu objeto de trabalho. O médico, em geral, sente dificuldade em abandonar a lógica de sua categoria, que ocorre mediante o agendamento de consultas, com isso perde-se a inserção desses profissionais na etapa do acolhimento.

Entre os profissionais que atuam no PSF, segundo Paula; Palha; Protti (2004) observa-se certa confusão conceitual sobre intersetorialidade¹⁵ pelo fato de a entenderem como tarefa de responsabilidade individual, tendo como fundamento a demanda individualizada dos usuários.

De acordo com o pensamento de Feuerwerker (2001) tomado por Costa et al (2009) como referência, não há dúvida que as dificuldades para a consolidação do PSF como política de atenção básica à saúde devem-se aos fatores anteriormente apontados, no entanto é preciso também considerar que se trata de um modelo ainda em construção, que envolve inúmeros fatores que carecem de ajustes como

¹⁵ A intersetorialidade é tida como um dos elementos centrais para a operacionalização da APS nos serviços de saúde, compreendendo-a como a capacidade de articular os vários setores presentes tanto no nível mais operacional, local onde as ações de saúde são ofertadas à população, como nos níveis regional e central, com uma dimensão mais voltada ao planejamento e com potencialidade de articular setores fundamentais que podem desencadear mudanças mais efetivas e duradouras para o setor saúde. A intersetorialidade, além de estar em intrínseca consonância com a amplitude do objeto saúde, tem como preceito a reestruturação e reunião de vários saberes e setores no sentido de um olhar mais adequado e menos falho a respeito de um determinado objeto, proporcionando uma melhor resposta aos possíveis problemas encontrados no dia-a-dia (PAULA; PALHA; PROTTI, 2004).

as articulações clínica e saúde coletiva e o trabalho das equipes multiprofissionais. Para tanto é preciso colocar em pauta na agenda da saúde da população brasileira conceitos como: vínculo, acolhimento e cuidado no contexto de uma atenção sanitária humanizada e humanística.

Costa et al. arrematam esse pensamento afirmando:

Este desafio de desconstrução implica muito labor, mas a vantagem da superação destes desafios leva a transformação da realidade e à construção de práticas de saúde solidárias, acolhedoras e consequentemente mais efetivas e resolutivas. O direito universal à saúde conquistado pela Constituição Federal Brasileira de 1988 e a criação do PSF pelo MS em 1994 colocam a promoção da Saúde e a prevenção da enfermidade definitivamente na pauta da agenda nacional, e tem transformado nosso país em alvo de atenção de países desenvolvidos. (Costa et al (2009, p. 117).

4.3 Panorama da saúde no Estado de Minas Gerais

Após essa breve visão sobre como se estrutura o sistema de saúde brasileiro, faz-se necessário que também se configure a situação da atenção básica à saúde no Estado de Minas Gerais, unidade da federação na qual se localiza a cidade de Delfim Moreira.

Minas Gerais, assim como todo o Brasil, obteve avanços na área da saúde nas últimas décadas, desencadeados, sobretudo pelas mudanças no desenho do sistema de saúde nacional e maior ênfase na atenção primária.

Nesse cenário, consideramos relevante indagar em que medida Minas Gerais, nos últimos anos, acompanhou o restante do Brasil e em que medida avançou no campo da saúde. Um bom parâmetro de sistemas de saúde deve considerar a comparação entre os aspectos da mortalidade e da morbidade. A morbidade diz respeito ao estado de saúde dos indivíduos vivos.

A avaliação da morbidade acaba ficando restrita à análise do padrão de utilização dos serviços médicos, principalmente das internações hospitalares.

Segundo dados do último censo demográfico de 2010, o Estado de Minas Gerais segue a tendência observada para o Brasil, com 91% dos municípios aderidos à gestão plena da atenção básica. Segundo estudo realizado pelo próprio Ministério da Saúde, a situação de Minas Gerais, do ponto de vista dos gastos estaduais com saúde, é intermediária, quando comparada aos outros Estados brasileiros, principalmente os da região Norte, que já se encontram na faixa de gasto

estabelecida. Uma situação mediana de investimentos pode não ser o ideal quando se trata de saúde, especialmente com uma elevada taxa de adesão aos programas públicos de saúde.

Alguns aspectos da mortalidade

De acordo como os dados do IBGE, observando-se as recentes taxas de mortalidade infantil nota-se que Minas Gerais tem acompanhado a tendência de redução do restante do país. Apesar da redução observada nas mortes causadas por doenças infecciosas e parasitárias, ainda é muito elevado o percentual de crianças que morrem por doenças evitáveis, como as afecções perinatais.

Em conformidade com os estudos realizados pela Fundação João Pinheiro, Minas vem registrando queda consecutiva em seus índices de homicídios, tendo apresentado a taxa de 18,03 homicídios por grupo de 100 mil habitantes em 2008 e 17,23 homicídios por 100 mil em 2009¹⁶.

Desigualdades intra-estaduais

Ainda em acordo com as pesquisas desenvolvidas pelo Fundação João Pinheiro, chama atenção a discrepância no nível da mortalidade entre as microrregiões. Algumas microrregiões, principalmente do Norte do Estado, apresentam taxas de mortalidade, próxima dos indicadores dos piores Estados brasileiros. Outras regiões possuem indicadores próximos dos observados na região Sul do Brasil, que apresenta os melhores números.

O elevado percentual de mortes por causas mal definidas torna muito vulnerável a comparação da participação das demais causas no total das mortes, mas permite avaliar, ainda que de forma precária, o padrão de mortalidade. O crescimento da participação relativa das mortes por neoplasmas e doenças do aparelho circulatório evidencia uma mudança no padrão de mortalidade, acompanhando o perfil do restante do país.

Proposição de políticas no Estado de Minas Gerais

¹⁶ Disponível em: <http://www.fjp.gov.br/> Acesso em 20.01.2011.

Tomando como fonte os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre o último censo demográfico de 2010, o Estado de Minas Gerais possui 853 municípios, organizados em 26 diretorias regionais de saúde. Dos 853 municípios, 784 se encontram atualmente habilitados na gestão plena da atenção básica e 57 habilitados na gestão plena da atenção municipal. Dos 57 municípios habilitados na gestão plena do sistema municipal, que inclui a gestão dos serviços ambulatoriais de alta complexidade, possuem mais de 40.000 habitantes, reiterando a importância das economias de escala e escopo na oferta de serviços mais intensivos em tecnologia. No que concerne à política estadual, a gestão atual fez vários avanços, considerando, sobretudo a habilitação do Estado de Minas Gerais na gestão avançada do SUS, o que ainda não se havia concretizado.

A habilitação do Estado traz uma série de exigências para a Secretaria Estadual de Saúde, que passa a ser a gestora do Fundo Estadual de Saúde e de todas as ações de saúde do Estado. Nesse sentido, foram elaborados os documentos da Agenda Estadual de Saúde, o Plano Diretor de Regionalização (PDR), a Programação Pactuada Integrada (PPI) e o Plano Diretor de Investimentos (PDI). Além das 21 Regiões Assistenciais, a regionalização propõe, conforme exigências da Norma Operacional de Assistência à Saúde (NOAS), 95 microrregiões, 260 módulos assistenciais e 593 municípios com gestão plena da atenção básica ampliada.

Desse modo, a elaboração da regionalização do Estado, acompanhada de um plano de gestão da oferta de serviços, considerando as necessidades da população e a densidade tecnológica de cada nível de atenção, constitui fundamentalmente o espaço mais importante de atuação da Secretaria Estadual atualmente.

Cabe à Secretaria Estadual de Saúde (SES) coordenar, pactuar, formar consensos entre os municípios para que se estabeleçam padrões razoáveis de provimento dos serviços médicos e estes sejam ofertados de forma equânime no interior do Estado. Nesse aspecto, a política de investimentos do Estado deve ser realizada levando em consideração tanto os aspectos da eficiência técnica, ou seja, aproveitando a presença de economias de escala, quanto tentando reduzir as desigualdades na distribuição da capacidade instalada.

É papel fundamental do Estado definir a localização espacial dos serviços e administrar os novos recursos financeiros que serão investidos na saúde, sobretudo

a partir da Emenda Constitucional 29/2000. Nesse aspecto, cabe ressaltar a importância do Estado para a implementação do Programa de Saúde da Família. Um dos maiores entraves para a maior difusão desse programa é exatamente a escassez da oferta de mão-de-obra adequada. A comparação da composição dos gastos com bens e serviços de saúde entre os grupos sociais mostra uma regressividade enorme dos gastos com medicamentos. Ou seja, para os grupos menos favorecidos, a participação dos medicamentos na composição dos gastos familiares é bastante significativa. Esse tipo de esforço deve ser realizado na esfera da unidade da federação, sob a coordenação do Governo Federal.

4.3.1 Considerações sobre a implantação de políticas sociais na área da saúde em Minas Gerais

De acordo como o Plano Estadual de Saúde, da Secretaria de Saúde do Estado de Minas Gerais (2008/2011), a despeito de diversos avanços que vêm sendo observados na área de saúde do Estado de Minas Gerais, os espaços para as políticas públicas estaduais ainda podem ser mais bem preenchidos. Acredita-se ser possível tal otimização tendo em vista, sobretudo as particularidades dos bens e serviços de saúde e o desenho institucional do sistema de saúde brasileiro. Os bens e serviços de saúde, além de terem impactos distributivos importantes, possuem algumas características que definem o espaço de intervenção estadual, como é o caso dos serviços médicos que apresentam economias de escala. A evidência empírica mostra que os municípios são incapazes de gerir a oferta de alguns serviços de saúde, principalmente os hospitalares e serviços ambulatoriais de alta complexidade.

Por outro lado, o mercado de trabalho médico, por apresentar relativa inelasticidade da oferta no curto prazo, determina a necessidade de uma intervenção mais direta do Estado no sentido de regulamentar e garantir uma adequação da mão-de-obra ao perfil de necessidades dos indivíduos e geográficas. Os rendimentos perdidos corroboram ainda mais essa avaliação. O montante de rendimento perdido em Minas em decorrência da situação adversa de saúde é superior à média nacional para qualquer critério adotado para classificar os indivíduos como saudáveis.

Esses valores mostram a magnitude da importância de se garantir condições de acesso aos serviços de saúde. Os resultados encontrados para o modelo de acesso mostram também uma perversidade no sistema de saúde mineiro com maior facilidade de acesso, sobretudo os serviços ambulatoriais para os grupos sociais mais favorecidos. Esse resultado é importante, na medida em que os serviços ambulatoriais se caracterizam como serviços médicos preventivos.

Os resultados parecem enfatizar que a população mais pobre ainda tem pouco acesso aos serviços preventivos. Minas Gerais apresenta maior desigualdade que os Estados do Rio de Janeiro e São Paulo na região Sudeste. No que concerne às políticas estaduais, cabe ao Estado agora priorizar a regionalização da oferta e criar mecanismos de incentivo e avaliação da gestão municipal dos serviços ambulatoriais.

Ainda em conformidade com a análise do contexto de saúde, com a habilitação do Estado na gestão avançada do SUS, a Secretaria de Estado recupera o espaço de ação na área de saúde. Minas Gerais, no contexto nacional, não sobressai por seus resultados mais recentes, mas ainda apresenta bons indicadores quando comparado ao restante do Brasil. Por último, ressaltamos a importância de políticas estaduais que tenham impacto distributivo.

Ao esgotar-se o tempo previsto para esse plano, a expectativa é de que o Estado tenha conseguido promover políticas que reduzam as desigualdades sociais no acesso aos serviços de saúde, sobretudo os serviços mais complexos. O Estado de Minas Gerais, tanto pelo tamanho como pela heterogeneidade socioeconômica, requer um papel mais ativo do Estado no sentido de coordenar, planejar e padronizar o cuidado recebido nas suas diversas localidades. Por outro lado, é importante que o Estado garanta uma política eficiente de distribuição de medicamentos. Os medicamentos, por se caracterizarem como bens-saúde consumidos têm impactos distributivos significativos, uma vez que a demanda é relativamente inelástica.

4.4 Programas de complementação de estudos no contexto da capacitação

Ao longo dessa primeira década do século XXI, os atores sociais envolvidos com as questões de saúde no Brasil vêm desenvolvendo um processo de ampla participação da sociedade na definição das políticas para o setor. Essa participação

vem se desenvolvendo no sentido de reorganizar ações e serviços de saúde, na busca de assegurar a cobertura universal e equânime da promoção, da proteção e da recuperação da saúde da população brasileira.

A 27 de fevereiro de 2002, o Governo Federal aprovou a Norma Operacional da Assistência à Saúde, a NOAS-SUS 01/2002, que amplia as responsabilidades dos municípios na Atenção Básica; estabelece o processo de regionalização como estratégia de hierarquização dos serviços de saúde e de busca de maior equidade; cria mecanismos para o fortalecimento da capacidade de gestão do Sistema Único de Saúde e procede à atualização dos critérios de habilitação de estados e municípios.

Levando-se em conta a necessidade de consolidar as ações do SUS, que se baseia em novos modelos assistenciais e de gestão, é sumamente importante que o modelo de educação permanente seja assegurado nas atribuições e competências institucionais dos três âmbitos de gestão do sistema. As atribuições e competências definidas para os diferentes trabalhadores do SUS e para as equipes de trabalho, conforme sua localização no sistema de saúde, que facilite uma interlocução permanente entre educação, trabalho e regulação também devem basear-se nesses novos modelos de gestão.

Para que o SUS funcione de maneira otimizada é necessário que os gestores das três esferas administrativas do país elaborem anualmente um Programa Institucional de Educação Permanente para todos os níveis de atuação do conjunto de trabalhadores da saúde sob suas responsabilidades.

Tais programas assegurarão a formação e a capacitação dos trabalhadores em saúde para que se desenvolvam na carreira, atuem de forma a propiciar um atendimento de qualidade para o usuário, e ao mesmo tempo proporcionando a elevação da auto-estima desses mesmos trabalhadores.

Segundo os estudos de Davini (2009), programas de capacitação são um excelente recurso para enfrentar os problemas de atendimento nos serviços de saúde. Sob esse prisma, o recurso de capacitação se traduz num potente esforço para sanar esse problema, por meio de ações intencionais e planejadas que têm como objetivo fortalecer conhecimentos, habilidades, atitudes e práticas, tendo em vista a dificuldade de se oferecer esse tipo de formação por outros meios e em escala suficiente para todos.

Organizar centros de estudos nas unidades de saúde, também será de responsabilidade do SUS, tais centros serão considerados como células básicas de discussão técnica para fomentar o desenvolvimento do trabalhador. Deverão ainda definir normas, padrões, protocolos e rotinas para a liberação do trabalhador para participar de eventos de capacitação e aperfeiçoamento profissional.

Aproveitando-me dessa abertura, no sentido de que cabe aos gestores das três esferas administrativas do país assegurar a formação e a capacitação de seus trabalhadores, ao entrar em contato com a gestora de saúde da cidade de Delfim Moreira e saber da necessidade de seus profissionais surgiu a oportunidade par que eu pensasse o PRORFOPS como um programa de complementação de estudos. Porém, de imediato, não encontrei nenhum texto acadêmico que me desse respaldo quanto à caracterização daquilo que acredito ser uma das modalidades de capacitação. Na prática, observa-se que estudos de complementação são cursos que transmitem ao aluno novos conhecimentos, que se acrescentam à sua formação e podem auxiliá-lo tanto em sua prática profissional quanto em sua vida acadêmica, sendo mais curtos que cursos plenos de formação. Alguns desses cursos funcionam como um aperfeiçoamento dos conhecimentos adquiridos na fase de graduação, outros, como o proposto para esse estudo, revestem-se de um caráter de novidade no sentido de trabalhar com conteúdos novos que ampliam aqueles estudados em outras fases.

Usualmente, na complementação de estudos, categoria na qual se enquadra o programa pensado para esse estudo, não há número de dias pré-estabelecidos. Além disso, a complementação de estudos pode ser oferecida individual ou coletivamente. Em relação ao tempo de duração é variável já que se trata de uma complementação para quem já tem uma formação profissional, sendo que é comum o aluno receber um certificado de participação.

Dentro do contexto de Educação Permanente, de acordo com os estudos de Roschke, Brito e Palacios (2002), pode-se entender a complementação de estudos como uma possibilidade da capacitação uma vez que essa pode abranger em seu processo diversas ações específicas e que sirvam de substrato para transformações culturais de acordo com as novas tendências.

Segundo esses mesmos autores, além da ação educacional propriamente dita, portanto, espera-se que a complementação de estudos seja parte essencial da estratégia de mudança de um determinado contexto.

Julgo, então, que se pode compreender a complementação de estudos dentro do contexto de capacitação, sendo que sobre essa última encontra-se um maior número de estudos e publicações. Conforme Roschke, Brito e Palacios (2002), é possível levantar três questões principais, associadas à capacitação e à educação permanente do pessoal de saúde. Embora toda capacitação vise à melhoria do desempenho do pessoal, nem todas estas ações representam parte substantiva de uma estratégia de mudança institucional, orientação essencial nos processos de educação permanente. Apesar da importância e difusão da capacitação, e creio que também dentro de sua modalidade de complementação de estudos, nem sempre se alcançam os resultados esperados, ou seja, nem sempre esses projetos se convertem em ação. Não são suficientes para reconsiderar as próprias práticas da capacitação, nem levam à análise dos múltiplos sentidos que a capacitação assume nos distintos projetos. Muitas vezes, o olhar se reduz à definição de métodos ou técnicas de trabalho, ocultando a orientação dos processos. Em outros termos: refletir sobre a direção que tomam as iniciativas de capacitação, se à atualização de conhecimentos ou competências técnicas específicas, ou à promoção de mudanças na organização dos serviços, parece ser um pré-requisito para a definição de seu desenho (ROSCHKE; BRITO; PALACIOS, 2002).

A experiência parece mostrar que se diluem esforços de transformação multiplicando projetos, todos orientados a produzir mudança ou reforma organizacional, sem que estejam coordenados entre si. Quando se instalam nos diversos estados, municípios ou localidades, cada um deles chega ao terreno com lógicas diferenciadas de trabalho, o que dá a impressão de uma *bricolagem* e não de um programa de ação compartilhado

Por este fato se produz uma distância entre a prática e o saber (compreendido como o saber acadêmico) e uma desconexão do saber como solução dos problemas da prática. Tendo em vista essas dificuldades procurei evitar que o programa a ser apresentado a esses profissionais de saúde, se caracteriza-se por:

- ser uma estratégia descontínua de trabalho com rupturas no tempo,
- em seu desenvolvimento concreto, dirigir-se predominantemente ao pessoal médico e o grupo de enfermagem.
- considerar a perspectiva das equipes e diversos grupos de trabalhadores:

- incorporar o ensino e o aprendizado à vida cotidiana das práticas sociais e laborais, no contexto real em que ocorrem;
- modificar substancialmente as estratégias educativas, a partir da prática como fonte de conhecimento e de problemas, problematizando o próprio fazer;
- colocar as pessoas como atores reflexivos da prática e construtores do conhecimento e de alternativas de ação, ao invés de receptores;
- abordar a equipe e o grupo como estrutura de interação, evitando a fragmentação disciplinar;
- ampliar os espaços educativos fora da aula e dentro das organizações, na comunidade, em clubes e associações, em ações comunitárias.

Na mesma linha de pensamento, Argyris (1991,1993,1999), estudioso tomado como referência por Davini (2009) preocupou- se, em especial, com dois aspectos do conhecimento para a ação. Por um lado, a necessidade de gerar conhecimento útil, mas sempre vinculado ao contexto em que a ação se desenvolve, o que não significa que qualquer prática sirva para qualquer situação ou contexto. Quando se ensina uma ação eficaz, respeitam-se as contingências. Por outro lado, a proposta é gerar intervenções capazes de modificar o *status quo* das organizações.

Sob essa ótica, as novas perspectivas rompem com a tendência consensual que reduz o problema metodológico em educação a um mero inventário de técnicas pouco articuladas entre si, geralmente desenvolvidas em sala de aula. Na contramão, é necessária a coordenação de ações (pensando em problemas integrais e complexos), com o compromisso de efetivar a ação dos aprendizados em contextos organizacionais e sociais. Em consonância com os avanços teóricos de investigação e de experiências já analisados, uma estratégia integrada se enquadra nos seguintes critérios de educação, ou seja, que se enquadre dentro dos seguintes princípios:

- inserida no próprio contexto social, sanitário e do serviço, a partir dos problemas da prática na vida cotidiana das organizações;
- reflexiva e participativa, voltada à construção conjunta de soluções dos problemas, uma vez que eles não existem sem sujeitos ativos que os criam;
- perene, na qual os diversos momentos e modalidades específicas se combinem em um projeto global de desenvolvimento ao longo do tempo;
- orientada para o desenvolvimento e a mudança institucional das equipes e dos grupos sociais, o que supõe orientar para a transformação das práticas coletivas;

- estratégica que atinja uma diversidade de atores, como os trabalhadores dos serviços, os grupos comunitários e os tomadores de decisão político-técnicos do sistema (DAVINI, 2009, p. 54-55)

4.4.1 Etapas a vencer quando se pensa em capacitação

Apoiando-me mais uma vez no pensamento de Davini (2009), os programas de capacitação sofrem a influência de uma série de condições institucionais, políticas, ideológicas e culturais que, às vezes, acabam por interferir nos limites e espaços nos quais essa capacitação poderá operar.

Na prática, observa-se que o reconhecimento dessas condições é o primeiro passo para se evitar os frequentes desvios de foco como:

- a simplificação, que reduz o problema da educação de pessoal a uma questão de aplicação de métodos e técnicas pedagógicas, sem a compreensão substancial de seus enfoques e sem a compreensão estratégica do contexto político institucional de realização;
- a visão instrumental da educação, que pensa os processos educativos apenas enquanto meio de alcançar um objetivo pontual e não como parte substancial de uma estratégia de mudança institucional;
- o imediatismo, que acredita na possibilidade de grandes efeitos de um programa educativo de aplicação rápida, quase como em passe de mágica;
- a baixa discriminação de problemas a superar, cuja solução não depende de capacitação e sim de outros fatores;
- a tendência em atuar por meio de programas e projetos, cuja lógica é de começo e fim, além de sua dependência de fontes específicas de financiamento, ao invés de fortalecer a sustentabilidade e a permanência das estratégias educativas ao longo do tempo. Reconhecendo estes problemas, outro trabalho recentemente publicado, agrupa novas questões, tais como:
 - a formação de grupos ou estruturas *ad hoc* para a gestão dos projetos, que entram freqüentemente em colisão com as linhas de estrutura do setor, desafiando o poder ou as lógicas distributivas;
 - programas de capacitação acordados com instituições intermediárias alheias às necessidades reais dos serviços locais, particularmente sob a forma de “produtos enlatados”;
 - a inexistência de avaliações e memórias institucionais que permitam absorver a experiência, analisar os obstáculos e os resultados, servindo de base para futuras experiências (DAVINI, 2009, p.39/40).

Outra etapa a vencer seria a definição sobre o que se espera dos processos de capacitação. Davini (2009) recorrendo aos estudos de Roschke; Brito e Palacios (2002) aponta que geralmente pretende-se atingir os seguintes objetivos:

- melhorar o desempenho do pessoal em todos os níveis de atenção e funções do respectivo processo de produção;
- contribuir para o desenvolvimento de novas competências, como a liderança, a gerência descentralizada, a auto-gestão, a gestão de qualidade etc.;

- servir de substrato para transformações culturais de acordo com as novas tendências, como a geração de práticas desejáveis de gestão, a atenção e as relações com a população etc. (DAVINI, 2009, p.40).

Certamente uma das primeiras expectativas é o êxito da ação educativa, nesse sentido espera-se que o conteúdo a ser trabalhado nessa capacitação faça parte da estratégia de mudança institucional. No entanto, é muito difícil que uma estratégia global e sustentável consiga atingir plenamente o propósito de mudança. Enfocando-se nessa questão é possível levantar, a princípio, três questões que se associam à capacitação e à educação permanente:

- nem toda ação de capacitação implica um processo de educação permanente. Embora toda capacitação vise à melhoria do desempenho do pessoal, nem todas estas ações representam parte substantiva de uma estratégia de mudança institucional, orientação essencial nos processos de educação permanente;
- a educação permanente, como estratégia sistemática e global, pode abranger em seu processo diversas ações específicas de capacitação e não o inverso. No âmbito de uma estratégia sustentável maior, podem ter um começo e um fim e serem dirigidas a grupos específicos de trabalhadores, desde que estejam articuladas à estratégia geral de mudança institucional;
- finalmente, todo processo de educação permanente requer elaboração, desenho e execução a partir de uma análise estratégica e da cultura institucional dos serviços de saúde em que se insere. (DAVINI, 2009, p.40).

Segundo essa mesma autora, vários programas de capacitação imprimiram a seu desenho importante avanço em seus enfoques e experiências. A maioria, entretanto, mantém um atraso significativo nos estilos e práticas de capacitação, repetindo sempre a mesma fórmula.

Novo entrave se impõe na medida em que se detecta a persistência em perseguir o modelo escolar tradicional. Independente da importância e difusão de programas de capacitação contemporaneamente, nem sempre os resultados que são esperados se concretizam, ou se constituem nas esperadas ações de mudança. Às vezes projetos de capacitação não são suficientemente hábeis para reconsiderar as próprias práticas, e não se dão conta dos múltiplos sentidos que um programa de capacitação possa assumir.

Usualmente, os programas de capacitação são montados em cima da lógica do modelo escolar, na qual são feitas as atualizações, são dados novos enfoques, novas informações ou tecnologias ou de implantação de uma nova política, como é o caso do incentivo à descentralização ou a priorização da Atenção Básica. A

dificuldade, talvez, resida no fato de que se buscam mudanças comportamentais, o que a simples transmissão de conteúdo não tem força suficiente para provocá-las.

O que se observa na prática é que esses programas são realizados quase sempre dentro de um mesmo formato: os participantes são reunidos em uma sala, isolados do contexto no qual trabalham, são colocados diante de especialistas que lhe transmitem os conteúdos com a expectativa de que sejam incorporados e aplicados. Ignora-se o espaço de tempo necessário para que as pessoas os assimilem e confrontem com seus próprios saberes. Com a simples transmissão de conteúdos espera-se contribuir para que as pessoas ajam em seu dia-a-dia de maneira diferenciada tanto em relação à sua atuação quanto à sua interação com as demais pessoas.

Embora as evidências o comprovem, persiste-se num estilo muito similar ao da lógica escolar que há muito se encontra cristalizada nos modelos mentais. Na opinião de Davini (2009, p 42), [...] ás vezes os *tempos de capacitação se parecem mais aos tempos produtivos das máquinas que aos tempos humanos*.

Conforme Davini (2009), quando se busca por alternativas que envolvam tanto mudanças quanto participação é necessário trilhar por outros caminhos, no entanto, o crescimento da capacitação baseada nos antigos moldes parece estar em expansão. Essa autora entende que diante da pouca discussão em torno da efetividade dos programas de capacitação, é preciso que estudos sobre possíveis estratégias de melhora devam fazer parte urgentemente da agenda dos assuntos de saúde nacionais.

4.4.2 Novos enfoques educativos: capacitação no contexto da Educação Permanente

Ao se levar em consideração as profundas transformações pelas quais as sociedades contemporâneas vêm passando, observa-se que essas mudanças ocorrem também nos enfoques educativos. Hoje em dia, reflete-se mais criticamente sobre as tendências clássicas de educação, leva-se também em consideração os pressupostos do pensamento sistêmico e as contribuições de outras áreas de saber, assim como a análise institucional, culminando com um incentivo à educação continuada de adultos, especialmente quando se encontram em situação de trabalho.

Desde a década de 1970, tem se verificado a influência de uma corrente de pensamento cuja origem remonta às concepções de Educação Permanente, tais concepções desenvolvidas a partir de experiências concretas e também de formulações teóricas foram difundidas particularmente pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

No que concerne aos sistemas de saúde, os conceitos de Educação Permanente e Educação Continuada foram alvo de discussão acerca desses paradigmas. No setor de saúde, no qual a Educação Continuada é um tradicional recurso, a mesma caracteriza-se por:

- representar uma *continuidade* do modelo escolar ou acadêmico, centralizado na atualização de conhecimentos, geralmente com enfoque disciplinar, em ambiente didático e baseado em técnicas de transmissão, com fins de atualização;
- conceituar tecnicamente a prática enquanto campo de aplicação de conhecimentos especializados, como continuidade da lógica dos currículos universitários, que se situa no final ou após o processo de aquisição de conhecimentos. Por este fato se produz uma distância entre a prática e o saber (compreendido como o saber acadêmico) e uma desconexão do saber como solução dos problemas da prática;
- ser uma estratégia descontínua de capacitação com rupturas no tempo: são cursos periódicos sem seqüência constante;
- ter sido, em seu desenvolvimento concreto, dirigida predominantemente ao pessoal médico e alcançado, com menos ênfase, o grupo de enfermagem. Centrada em cada categoria profissional, praticamente desconsiderou a perspectiva das equipes e diversos grupos de trabalhadores (DAVINI, 2009, p. 43/44).

O enfoque da Educação Permanente, ao contrário, representa uma importante mudança na concepção e nas práticas de capacitação de trabalhadores, inclusive, os da área da saúde.

Essa Educação nos moldes em que se apresenta constitui em uma mudança importante na forma de se entender as práticas de capacitação de trabalhadores. Seus princípios parecem inverter a lógica do processo:

- incorporando o ensino e o aprendizado à vida cotidiana das organizações e às práticas sociais e laborais, no contexto real em que ocorrem;
- modificando substancialmente as estratégias educativas, a partir da prática como fonte de conhecimento e de problemas, problematizando o próprio fazer;
- colocando as pessoas como atores reflexivos da prática e construtores do conhecimento e de alternativas de ação, ao invés de receptores;
- abordando a equipe e o grupo como estrutura de interação, evitando a fragmentação disciplinar;
- ampliando os espaços educativos fora da aula e dentro das organizações, na comunidade, em clubes e associações, em ações comunitárias (DAVINI, 2009, p.44).

A Educação Permanente transformou-se em alternativa em saúde, sendo amplamente desenvolvida tanto na literatura que a fundamentava teórica e metodologicamente quanto nos programas de desenvolvimento de recursos humanos nos mais variados países. Paralelamente a esses estudos ocorreu uma aproximação com o mundo das práticas, finalmente teoria e prática se imbricaram.

Tudo se transforma em foco na Educação Permanente como, por exemplo, as situações diárias de aprendizagem, mediante as quais se podem analisar reflexivamente as dificuldades da prática, valorizando o trabalho dentro de seu próprio contexto, e abordá-los em programas de capacitação.

Segundo Davini (2009), até 2005, o panorama da capacitação de pessoal na área da saúde ainda não havia conseguido superar o enfoque educativo centrado na transmissão de conteúdos por meio de aulas. Ao contrário, esse tipo de enfoque permanece ainda em muitas propostas de capacitação, muito embora novas alternativas pedagógicas tenham sido contempladas desde então. Lamentavelmente, a persistência em antigos modelos escolares não tem apenas no fator cultural ou nos modelos mentais seu principal descritor, trata-se de uma visão reducionista dos conceitos de aprendizagem, e em especial a aprendizagem de adulto nas organizações.

4.4.3 Avaliando a experiência da Educação Permanente

Ao se refletir sobre os pressupostos da Educação Permanente, entende-se que seja o enfoque educacional mais indicado para que se obtenham as mudanças nas práticas e nos contextos de trabalho, mediante programas de capacitação, por exemplo. Com isso, fortalece-se a reflexão no interior da própria ação e o gerenciamento dos próprios processos locais.

Entretanto, para que tudo ocorra a contento torna-se necessário uma preocupação com três aspectos: as decisões referentes ao desenho educacional, aqueles concernentes à gestão educativa e, finalmente, os relativas à avaliação, pois são dimensões que influenciam umas às outras.

As preocupações referentes ao desenho educacional implicam na definição e na organização do projeto educativo, no qual se enquadram programas de capacitação, a identificação dos problemas que se pretende sanar, enfim, as

características, os obstáculos, as oportunidades de contexto, e os recursos dos quais se dispõe.

No que concerne à gestão educativa comprehende-se a construção de aliança, acordos, a busca de apoio tanto entre os atores envolvidos quanto com a comunidade, tudo isso levando em consideração a proposta educativa desenhada.

Quanto à avaliação é imprescindível que acompanhe esse mesmo desenho educativo, etapa por etapa, constituindo-se em verdadeira avaliação de processo ao monitorá-lo, ao analisar resultados e ao formular um juízo de valor quanto ao alcance dos objetivos que foram estabelecidos.

Davini (2009, p.57) reflete que o desenho pedagógico e a gestão estratégica, essa última enquanto construtora de viabilidade, acordos e apoios, são imprescindíveis e inseparáveis no desenvolvimento da proposta educativa, pois, “[...] muitas vezes, as decisões do desenho dependem das redes de apoio com as quais se conta e, outras vezes, as necessidades do desenho conduzem à busca de construção de acordos”. Tanto uma quanto outra dimensão requer conhecimentos particulares e específicos, por sua vez o próprio desenho educativo ao formular estratégias de avaliação estará criando recursos para sua auto-avaliação que o retroalimentará ou o modificará tendo em vista seu aperfeiçoamento, sendo que esse mesmo processo de desenho e avaliação se repetirá em suas vertentes como programas de capacitação.

Observa-se que nos últimos tempos, os projetos educacionais associados a programas de reforma tendem a ser consistentes, de ampla abrangência, diversificados e orientados aos diversos níveis de gestão e de atenção.

Um olhar crítico para esse tema aponta para dois aspectos diametralmente opostos: aqueles que o enfraquecem e aqueles que o debilitam. Um dos aspectos que fortalece a Educação Permanente é o fato de que a capacitação passou a exercer papel fundamental, dada sua flexibilidade e capacidade de mobilizar uma grande quantidade de recursos tanto humano quanto de outra ordem.

Contrariamente, sua debilidade reside no fato de que para se promover a Educação Permanente é necessário um alto índice de capacidade administrativa, o que lamentavelmente, em algumas ocasiões pode até mesmo sobrepor-se à própria questão educativa.

Davini (2009) afirma que seguramente a construção da viabilidade política somente se concretizará à medida que se consegue a demonstração dos processos

e resultados obtidos na prática. Essa demonstração, por sua vez, ocorrerá mediante desenhos institucionais inovadores e eficazes, nos quais se incorporam os diversos avanços tecnológicos e da educação à distância.

De acordo com a visão dessa mesma autora, não se trata de uma avaliação infundada ou leviana, pois se baseia nos resultados apresentados pela experiência, demonstrando que a avaliação de resultados assume enorme importância na análise daquilo que foi experienciado e de seus limites; tem alto valor no campo político, pois facilita a construção de apoios e o planejamento de novas políticas envolvendo recursos humanos.

À parte do próprio projeto, a avaliação possibilitará a construção de um conhecimento sistematizado tendo em vista a capacitação de pessoal da área de saúde, diversamente do que era praticado anteriormente como a transmissão de conteúdo calcado nas práticas escolares tradicionais. Segundo reflexões da própria autora, no terreno político [...] *a meta é a institucionalização da educação permanente. No sentido de sua sustentabilidade, deve deixar de ser um projeto para tornar-se uma realidade central na gestão dos recursos humanos e dos serviços, com tempo e lugar determinados (p.58).*

4.5 O respaldo da epistemologia sistêmica à atenção básica à saúde

Após esse pequeno recorte da situação de saúde no Estado de Minas Gerais, antes de iniciar as pesquisas sobre capacitação busquei levantar quais os princípios e fundamentos que subjazem ao fazer do profissional em saúde, e em especial quando se propõe, como eu, a efetivar um programa de complementação de estudos mediante a realização de oficinas. Como primeiro passo, entendi que deveria conhecer quais as aberturas que o Ministério da Saúde oferece para que se efetivem programas dessa natureza.

Por meio da publicação “Política Nacional de Educação Permanente em Saúde” (2007) constatei que o Ministério da Saúde tem desenvolvido, ao longo do tempo, várias estratégias e políticas voltadas para a adequação da formação e qualificação dos trabalhadores de saúde às necessidades de saúde da população e ao desenvolvimento do SUS. Nesse documento são detalhadas algumas diretrizes e orientações para a formação dos trabalhadores no âmbito do SUS. Entretanto, senti que ainda faltavam fundamentos para que pudesse elaborar um programa de modo

a não me distanciar das crenças que adquiri em meu processo de formação enquanto psicóloga.

Em continuidade a essa busca deparei-me como um texto de Böing; Crepaldi,; Moré (2009) que contribuiu sobremaneira para que se dissipassem minhas dúvidas e indagações. Refiro-me ao respaldo da epistemologia sistêmica como base para minha prática, a qual acredito que esteja presente como substrato em toda política de saúde brasileira.

Ao se reconhecer a complexidade do processo saúde/doença, os profissionais de saúde, entre eles o psicólogo, devem procurar compreender a necessidade de uma atuação interdisciplinar em busca de uma atenção integral aos usuários, estando, portanto, em conformidade com os princípios que norteiam o SUS.

Grandesso (2000) em cujos estudos essas mesmas autoras buscaram apoio, argumenta que o pensamento sistêmico trouxe uma implicação fundamental para o profissional de saúde, uma vez que mudou o foco de atenção do indivíduo para os sistemas humanos. Essa mudança representou uma transformação paradigmática dado o deslocamento para outro sistema de pressupostos para dar conta da concepção das dificuldades humanas, e em decorrência, às práticas psicológicas.

Sob o ponto de vista de Grandesso (2000) citada por Böing; Crepaldi; Moré, (2009) ao olhar os problemas do ponto de vista sistêmico, sua ênfase recai nos contextos, o que favorece a abertura para a interdisciplinaridade, ampliando com essa postura a compreensão do ser humano por outros ângulos a não ser o do psicólogo.

Diversamente do que se pode imaginar, pensar sistematicamente não significa desconsiderar os fenômenos intrapsíquicos, e sim procurar compreendê-los sob a ótica das relações interpessoais.

Moré e Macedo (2006), autoras que também contribuíram para os estudos de Böing; Crepaldi; Moré (2009) afirmam que pensar de forma sistêmica [...] *transcende a atuação profissional, enriquece e amplia a visão e a atuação como cidadãos, o que possibilita a reflexão e o diálogo em torno dos problemas sociais e comunitários de modo mais abrangente e contextualizado* (p.836).

Ao considerar as relações entre os demais elementos do sistema, o profissional de saúde que adota o pensamento sistêmico desloca a suposta dificuldade do indivíduo para a trama relacional, que produz o sofrimento e faz do

sujeito um participante. Ao encontrar reflexo de minhas próprias crenças nesse pensamento, fortaleci minha intenção de numa proposta de complementação de estudos investir nas tramas relacionais e buscar elucidá-las.

Ainda em conformidade com as reflexões de Böing; Crepaldi; Moré (2009), a prática sistêmica difere radicalmente no que concerne à explicação do comportamento sintomático tanto do modelo médico quanto do psicodinâmico. Buscando abordar o problema sob uma perspectiva inter-relacional, ele deixa de ser uma dificuldade exclusiva do sujeito e passa a ser identificado como sendo do grupo que o está vivendo, em um contexto conversacional.

Diferenciando assim, a ótica para encontros dos sistemas e a interlocução dentro dos sistemas e sua multiplicidade, sistemas que se misturam em busca de objetivos comuns. O sistema dos profissionais, da instituição, do usuário.

Sob essa perspectiva, a atuação do profissional de saúde, e em especial o psicólogo na atenção básica deve estar orientada para a compreensão dos problemas humanos, independe de qualquer que seja sua origem ou contexto, o que de fato é importante é situá-los dentro dessa dimensão de entendimento.

Para tanto deve tornar o conhecimento e a linguagem psicológica mais palpável e coerente com a realidade e as necessidades de saúde de seus clientes, permitindo, assim, um trabalho psicológico de atenção à saúde mais efetivo e eficiente. Somente a eficácia de suas ações será capaz de gerar mudanças na promoção da saúde, em qualquer nível, seja do indivíduo ou da comunidade.

Apostando-se no diálogo terapêutico, as intervenções serão co-construídas mediante a somatória das diferentes vozes, formando *assim [...] um sistema que convive com as diferenças e a diversidade, e que, assim, pode assumir direções imprevisíveis* (BÖING; CREPALDI; MORÉ, 2009, p.387).

Para o profissional sistêmico, a imprevisibilidade não se constitui em um obstáculo frente à complexidade das situações, considerando-se a importância do contexto criado por todos os envolvidos e a meta de encontrar uma resposta à demanda apresentada, o que no caso desse estudo fazia parte das expectativas dada a diversidade e quantidade de profissionais que participaram das oficinas de capacitação programadas.

Minha proposta de complementação de estudos baseada na criação de um espaço conversacional alinhou-se à posição de autores sistêmicos que acreditam na eficácia de uma postura de não saber, pois, se as perguntas partem da perspectiva

de um saber prévio, de teorias ou compreensões do profissional, tudo o que ele irá apreender não será nada além de suas próprias narrativas. Apostando naquilo que vai além da própria narrativa, daí o incentivo a que se façam as conversações de forma espontânea, nas quais o profissional deverá valer-se de referenciais significativos que ofereçam uma conexão com a experiência da família, sendo que o uso de técnicas serve para a inclusão do outro e para a abertura de possibilidades de interação.

Assim, recorro uma última vez às vozes de Böing; Crepaldi; Moré, que tão bem traduziram meu próprio pensar sobre a importância do pensamento sistêmico em projetos de transmissão de conteúdos:

Assim, o psicólogo organiza suas teorias e delas deriva práticas, em um interjogo recursivo em que os problemas são vistos não como situações a serem eliminadas, mas como dilemas resultantes da participação dos indivíduos, interativa e discursiva, em seus contextos sociais [...]. O que se pretende ressaltar, portanto, é a importância da adoção do pensamento sistêmico enquanto epistemologia na atuação na atenção básica, por entender que uma visão segundo seus pressupostos fundamentais permite ao profissional compreender a complexidade do processo saúde-doença e refletir sobre a teoria adotada e sua atuação, flexibilizando e contextualizando sua prática (2009, p.838)

Uma vez elucidado esse ponto que julguei crucial para o desenvolvimento de meu estudo e da elaboração do programa de capacitação, ou seja, a epistemologia que perpassa toda minha prática, parti para nova etapa, um estudo mais específico sobre complementação de estudos.

4.5.1 Imprimindo uma visão sistêmica ao programa de complementação de estudos elaborado

O tema da capacitação em sua modalidade de complementação de estudos assumiu, para mim, uma proporção significativa quando pensei no profissional do Programa Saúde da Família e em minha meta de olhar a família intergeracional, sob a ótica sistêmica. Os participantes desse estudo eram e são profissionais que já trabalham há tempos na comunidade e com suas famílias. Paradoxalmente, não tinham essa informação da influência do sistema familiar intergeracional. Mesmo os que já eram capacitados na área familiar, não tinham a ampliação do olhar psicológico sobre a família, ou ainda não possuíam um auto-referencial baseado na

visão de seus próprios antepassados. Ignoravam um olhar transcultural e o quanto se pode juntar teoria e prática, ampliando olhares de experienciamento, teoria e prática profissional.

Sob essa perspectiva, o caminho não poderia ser outro senão o de investir nesses profissionais de saúde, ampliando percepções, suscitando interconexões com sua realidade, suscitando um olhar auto-referencial, transcultural, multiplicando compreensões, e auxiliando-os a enriquecer sua prática com a aquisição de conhecimentos sobre o olhar psicológico do sistema familiar e os sistemas em interlocução, aproximando assim teoria e prática.

Muitos autores e profissionais especializados já questionaram e incentivaram a importância de cuidar do cuidador, de capacitá-los. Estudos já apontaram a doença de Burnout¹⁷ sofrida pelos cuidadores, levantando questões que vêm sendo trabalhadas nos dias atuais.

Sob meu ponto de vista, a importância do cuidado para consigo mesmo, e para com o outro torna-se relevante diante de nossa percepção psicológica. Percorri vários caminhos em busca de respostas a perguntas, tais como: que instrumentos utilizar e como aplicá-los? Questionei-me sobre o porquê de escolher esse ou aquele instrumento, quais as vantagens de uns sobre os outros, e ainda o quando, o onde, o para que, e de que lugar e posição utilizá-los.

¹⁷ O termo Burnout é uma composição de *burn*=queima e *out*=exterior, sugerindo assim que a pessoa com esse tipo de estresse, consome-se física e emocionalmente, passando a apresentar um comportamento agressivo e irritadiço. Tal síndrome se refere a um tipo de estresse ocupacional e institucional com predileção para profissionais que mantêm uma relação constante e direta com outras pessoas, principalmente quando esta atividade é considerada de ajuda (médicos, enfermeiros, professores). A Síndrome de Burnout é definida como uma reação à tensão emocional crônica gerada a partir do contato direto, excessivo e estressante com o trabalho. A Síndrome de Burnout pode trazer sérias consequências não só do ponto de vista pessoal bem como institucional; é o caso do absenteísmo, da diminuição do nível de satisfação profissional, aumento das condutas de risco, inconstância de empregos e repercussões na esfera familiar. Alguns autores a define como uma das consequências mais marcantes do estresse profissional, onde se destacam a exaustão emocional, avaliação negativa de si mesmo, depressão e insensibilidade com relação a quase tudo e todos (até como defesa emocional). Atualmente as observações já se estendem a todos profissionais que interagem de forma ativa com pessoas, que cuidam e/ou solucionam problemas de outras pessoas, que obedecem técnicas e métodos mais exigentes, fazendo parte de organizações de trabalho submetidas a avaliações. Entre os fatores aparentemente associados ao desenvolvimento da Síndrome de Burnout está a pouca autonomia no desempenho profissional, problemas de relacionamento com as chefias, problemas de relacionamento com colegas ou clientes, conflito entre trabalho e família, sentimento de desqualificação e falta de cooperação da equipe. A Síndrome de Burnout se difere do estresse; envolve atitudes e condutas negativas com relação aos usuários, clientes, organização e trabalho, enquanto o estresse apareceria mais como um esgotamento pessoal com interferência na vida do sujeito e não necessariamente na sua relação com o trabalho. Disponível em:

<<http://www.redепси.com.br/portal/modules/soapbox/article.php?articleID=48>>. Acesso em: 29/01/2011.

Percebi que por trás de cada pergunta e resposta observava-se uma ligação entre memórias de emoções e sistemas de crenças, ações inserida em cada história pessoal, marcos teórico-práticos constituintes da identidade profissional, enfim, constatei, como já apontam vários estudiosos, a interconexão entre tudo e todos.

Por trás da escolha de cada ação, existe uma epistemologia. Permeando o presente estudo, existe a teoria sistêmica, apoiada em uma visão global, e multidimensional da realidade baseada na ideia de causalidade circular e complexidade sistêmico-ecológica. Busca conexões inter-relacionais amplificando a compreensão/interesse pelo problema, propondo uma visão ecossistêmica.

Trata-se de um modelo interpretativo da realidade que proporciona instrumentos de análise, de compreensão e de intervenção diante de uma situação problema (indivíduo, família e grupo). Ao me indagar sobre como se encontra a visão sistêmica das relações na família pós-moderna, sobre o significado e efeitos da Intergeracionalidade, do ciclo vital, da comunicação afetiva, e das conversações transformadoras na vida das pessoas e dos profissionais que lidam com estas pessoas, mobilizei-me no sentido de ter essa questão respondida.

Quando se pensa em serviço social, na área de saúde, em capacitação de profissionais, em instrumentos, em recursos de ajuda para esse profissional, pensa-se também na estrutura e apoio a esse profissional que se tornou um cuidador.

Questões relevantes surgem quando se pensa em capacitação para profissionais que trabalham com famílias, suas demandas transformam-se em uma lente transcultural permanente. Num pensamento mais abrangente, é a lente do profissional que faz parâmetros ou referências em sua própria cultura e nos valores predominante da cultura local.

Os passos que tomei basearam-se numa visão global e interacional dos fenômenos, procurando entender os jogos relacionais. Por exemplo, a visão do tempo é um fator a se pensar, pois se altera para os três sistemas diferenciados em interlocução: profissionais, instituição e usuários. Para os profissionais, o tempo é experimentado como relativamente curto, para os usuários da instituição é sempre experimentado como longo, e para a instituição o tempo possível é sempre curto.

Nesse sentido, o psicoterapeuta precisa de tempo para a escuta, para o entendimento do problema e das necessidades do cliente, enfim, para uma análise da situação, às vezes, única. Aparece aí uma dificuldade de ordem relacional e subjetiva, quanto de informação esse mesmo profissional precisa para entender a

demanda? Isso depende de como a demanda é expressa, e como o profissional articula esta informação no interjogo que aparece na interação, na interlocução com os sistemas para se realizar a intervenção.

Estabelecer um método de trabalho que permita organizar e não restringir todos os elementos da informação, inclusive o conteúdo relacional, é um pressuposto de natureza sistêmica. A nosso ver os possíveis e vários contextos requerem cada vez mais capacitação mais atualizadas dos profissionais, ampliando e interligando estas visões e demandas de novas necessidades, sejam elas em formação prolongada, continuada, cursos alternativos. O tempo e a escuta profissional da demanda do usuário e suas respostas reorganizadas, ajudarão a buscar instrumentos suficientes para discriminar o contexto das consultas e conduzirão a redefinições.

Como exemplo no trabalho de Dr. Rosa Macedo, em São Paulo, no Programa Ação Família - Viver em Comunidade, coordenado por Ligia Rosa Rezende Pimenta, que possui uma cartilha da visita domiciliar. Este trabalho em parceria com a Secretaria Municipal de Assistência de São Paulo (SMADS), na gestão 2005 a 2008, estabeleceu uma estratégia bem sucedida de intervenção para oferecer oportunidades reais de emancipação e inclusão social à população mais vulnerável da cidade de São Paulo. Seus programas e ações foram planejadas com vistas à implantação do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), e exigiram uma transformação radical da rede de proteção social e quebra de paradigmas, conceitos e culturas.

A partir de seus dois programas estratégicos, complementares e interdependentes, o Ação Família – Viver em Comunidade e o São Paulo Protege, a SMADS (2008) apostou no desenvolvimento de ações voltadas à transformação do beneficiário em cidadão ativo, responsável e independente, que seja capaz de escrever sua própria história de vida.

O olhar destes programas que visitam as famílias em sua moradia visa a:

- compreender a realidade do grupo familiar, suas demandas e necessidades;
- fortalecer vínculos familiares e comunitários fora do espaço institucional;
- aproximar a família, registrar e avaliar as mudanças ocorridas com as famílias a partir da sua participação desses programas.

Enfim, penso que tais programas se preocupam muito com a parte da integração de cuidados para com as pessoas para que as famílias possam escrever sua própria história. Sob a mesma perspectiva, pergunto-me: E os profissionais capacitados para trabalhar em saúde, são capazes de escrever sua própria história como fazendo parte do “entre” das relações, revendo estes temas intergeracionais e dos estudos de família?

Com esse estudo, abriu-se uma possibilidade e oportunidade para repensar tudo isso, a começar por mim e por nós, terapeutas familiares, revendo como estão nossos olhares sobre as famílias e sobre as relações e como elas podem se integrar e ajudarmo-nos uns aos outros em nossas necessidades. Essa oportunidade de repensar envolve ainda as transformações sociais e sobre como ficamos nesse encontro relacional e conversacional com as famílias do outro. Pensando sempre nesta construção relacional familiar e social, ainda uma vez me pergunto: Como falar da cultura, de histórias de vidas, sobre a valorização das pessoas a não ser começando pelos cuidadores e por sua visão sobre sua própria família? Como vincular-se a esse programa ou às pessoas sem passar pelo processo da experiência, sem sentir e emocionar-se? Creio que passar por um programa de complementação de estudos intergeracionais seria uma das formas de perceber o diferente, e igualar-se nas questões atuais familiares e sociais.

Para mim ficou evidente ao final desse capítulo, o comentário que Dra. Jaqueline Brandão Guerreiro Marotti da dor física na área da saúde associado a esse olhar psicológico complementar como o caso do programa criado para esse estudo, ajudando nessa integração.

PROGRAMA DE RESSIGNIFICAÇÃO DA FAMÍLIA DE ORIGEM DO PROFISSIONAL DE SAÚDE (PRORFOPS)

CAPÍTULO 5 - PROGRAMA DE RESSIGNIFICAÇÃO DA FAMÍLIA DE ORIGEM DO PROFISSIONAL DE SAÚDE (PRORFOPS)

Experienciando transformações nas relações internas

Pesquisador: Então, vamos ver pessoal já está acostumado. A cultura daqui já é essa! É aí que ta! Tem ou não dar certo.

família. É uma trama e a gente está que enfrentar tudo isso! A gente **G1/ P3:** Eu sou muito insegura, no meio dessa trama e a gente não tem medo de enfrentar as coisas. **Acho que já deu para todos percecer que consegue sair.** Não é só da família **G1/ P3:** Você já fica com medo de berem. Estou tentando romper os não. É do sistema, dos casamentos, sair daquele padrão e depois a conseqüência que você vai ter que le- meus limites. Eu sei disso. Então, do posto de saúde, da comunidade. quando foi para eu entrar aqui, eu Porque a gente não consegue sair var. Eu vou dar um passo na minha não me senti capaz. Até hoje eu me dessa trama? É muito difícil, tem vida, como eu já tive oportunidade, julgo, será que eu sou capaz? Mas uma dor muito grande, além do mas meu pai não aceitou aquele eu estou indo!

comodismo. É muito difícil você ir para um lugar que você não conhece, aí a gente volta. E em Delfim passo que eu vou dar, a minha família não aceitou. Então eu fiquei parada naquele lugar.

G1/ P3: tentei, tentei e parei no quintal. Fiz uma casa no quintal da minha mãe.

Moreira, vocês acham que isso é **Pesquisador**: Vamos lá. Que trama **Pesquisador**: Alguém conseguiu difícil? **el** ela ficou presa? **sa** sair desse sistema?

G1/ P6: Aqui muito mais! Porque **G1/ P6:** Da família. aqui hum como you falar o

G1/ P3: Não. Dos meus irmãos não.
Nós somos em treze.

Identificando-se com a herança

G1/P5: Eu tenho uma coisa legal fosse um nome ridículo eu não ia M., minha mãe estava doente. Aí eu pra falar! Meu marido escolheu o colocar no meu filho por causa do falei pra ela que eu não ia fazer ult- nome do meu filho de Artur, depois Zico. Mas como você estava falan- trasson, porque eu já tinha dois ho- de um tempo descobri que o Zico do que tomara que a pessoa pareça; mens e o meu maior desejo era ter chamava Artur e foi um grande jo- eu queria que meu filho se pareces- uma menina; eu falei pra ela que se gador do Flamengo e eu sou Flumi- se com o Zico. Eu acho que seria fosse mulher iria se chamar M. E

nense roxa e detesto o Flamengo, bacana. minha mãe disse que a coisa que ela mas eu achei o nome Artur bonito. G2/ P8: Foi. Eu falei pra minha mais tinha vontade era ter uma neta Eu falei para o meu marido que se mãe. Quando eu estava grávida da com o nome da mãe dela...

CAPÍTULO 5 - PROGRAMA DE RESSIGNIFICAÇÃO DA FAMÍLIA DE ORIGEM DO PROFISSIONAL DE SAÚDE (PRORFOPS)

Isso! E na zona rural, o pessoal é bem mais unido, eu consegui chegar nisso; e já a questão da minha família: pai, mãe e irmãos. É mais uma desunião de famílias porque já foi em São Paulo. Então, eu consegui enxergar isso. E eu vou ter dificuldade de fazer dos antepassados, porque assim, lá em casa, a minha mãe que é viva, ela nunca conseguiu saber se tinha descendência de italianos, porque eles não sabiam disso antigamente, e meu pai é falecido. Então, eu acredito que vou ter dificuldades pra fazer e descobrir as origens. (G2/Ce)

Faço dela as minhas palavras e acrescentando que a gente vem atrás de valores que você consegue enxergar na localidade e esse vínculo que você vai criando com a cidade pequena; na cidade grande você não consegue, é uma coisa muito impessoal. (G1/D.R)

Justificativa

Tendo em vista a demanda dos profissionais que atuam na Programa Saúde da Família da cidade de Delfim Moreira (MG), no sentido de se sentirem preparados para oferecer à comunidade melhor atendimento, e a mobilização de sua Gestora de Saúde, Maria Goretti Ferreira Parada de Oliveira para propiciar à sua equipe a aquisição de novos conhecimentos deu-se o encontro comigo. Nesse encontro colocaram-se em pauta conversações, nas quais foram se construindo ideias e possibilidades para pensar em algo que pudesse vir ao encontro de minha pesquisa para a tese de doutorado e, ao mesmo tempo elevasse a qualidade das interrelações desses profissionais. Essa segunda questão, a elevação da qualidade das interrelações, constituiu-se em algo que eu direcionaria todos os meus esforços por acreditar na eficácia das comunicações interpessoais, e nas possíveis mudanças na maneira de perceber a “si mesmo em construção relacional”.

Para mim, que também estou inserida como profissional na área de saúde, esse ressonar da comunidade já existia com um significado muito claro voltado para o sentido do entendimento de relações familiares, porém o como juntar temas que tivessem um sentido para esses profissionais e com um propósito específico, que era minha tese de doutorado foi meu maior desafio. Portanto, um encontro de

propósitos: o meu e o desses profissionais da comunidade, que contribuíram para a formação de um programa e sua colocação em prática.

Assim pensando, iniciou-se um processo de escolha sobre a melhor maneira de se atender ao desejo desses profissionais, após um período de reflexões optou-se por priorizar dois aspectos: em primeiro lugar os estudos intergeracionais, como forma de ampliação do autoconhecimento, neste pensar em “si mesmo em construções relacionais” em sistema amplos (família, instituição, comunidade), em segundo trabalhar em nível preventivo e de promoção da saúde.

Esse tema assumiu uma proporção significativa quando se pensou sob a perspectiva de um profissional que trabalha com famílias e já é capacitado e, paradoxalmente, não possui informação sobre esse olhar intergeracional complementar para as relações.

Assim pensando, pensei em elaborar um programa que pudesse contribuir com essa equipe de multidisciplinar de Delfim Moreira. Para isso, estabeleci que deveria ter alguns princípios norteadores, como:

- estimular a co-responsabilidade enquanto grupo no sentido do compartilhamento de histórias de vida e experiências pessoais e profissionais que se somam construindo diferentes olhares;
- propiciar a ampliação de vínculos relacionais no espaço de trabalho;
- criar um espaço para a equipe se colocar enquanto possuidora de olhares diferenciados;
- propiciar uma releitura das suas histórias relacionais familiares e as heranças recebidas;
- fortalecer o pertencimento e envolvimento tanto em seu sistema familiar quanto profissional;
- favorecer a reorganização de relações, tornando-as horizontais mais empáticas e solidárias;
- auxiliar a rever as transmissões, e a fazê-las com mais propriedade;
- auxiliar na desverticalização das hierarquias que o próprio sistema produz em relações;
- adquirir um novo olhar para a população e suas necessidades também relacionais, culturais;
- adquirir um novo olhar para as doenças físicas interligadas com as emocionais, relacionais, considerando o ser como inteiro;

- auxiliar na construção de uma linguagem própria para ajudar esta comunidade;
- propiciar a ampliação de um olhar para o trabalho, estimulando novas possibilidades nas conversações e nas trocas de experiência;
- auxiliar em uma autorevisão para as relações e para os cuidados de quem cuida;
- auxiliar na ampliação da percepção de como se percebe e ao outro;
- adquirir um olhar de aceitação para o diferente, encarando as diferenças individuais como normalidade, evitando preconceitos, patologizações.

Ao considerar que a aplicação inicial desse programa ocorreu na cidade de Delfim Moreira (MG) e serviu como material de análise para essa tese de doutorado descrevo-o abaixo de acordo com as especificidades em que foi aplicado na cidade em questão, embora esse programa possa ser aplicado em outros contextos.

Problemas

Diante da realidade descrita anteriormente, surgiram algumas inquietações sobre como direcionar um possível trabalho de formação e informação para esse profissional:

- Como trabalhar a necessidades as vezes pessoais desses profissionais de forma coletiva?
- Que técnicas poderiam ser utilizadas que gerassem autoconhecimento, autonarrativas e, que ao mesmo tempo tivessem impacto tanto pessoal quanto profissional em questões de como se observam as relações?

Proposta para atender à demanda desses profissionais

Norteadas por esses questionamentos, surgiu a primeira ideia, criar um espaço conversacional sobre a família, no qual se pudesse processar uma ressignificação relacional sob a ótica intergeracional na própria família do profissional. Olhar para as famílias sob esse prisma de revisitar estilos significava reunir temas que possibilitem as possíveis ressonâncias do linguajar e do se emocionar por meio de diálogos recursivos e co-construídos. Enfim como já foi dito

em outros capítulos, a crença de que a visão de nós mesmos pode ser ampliada dentro de nossa realidade, cultura e por meio de conversações transformadoras.

O olhar intergeracional propicia este estilo que conecta e não separa as pessoas em processo de evolução? Uma releitura de como era antes, como está hoje, pode construir o amanhã? Todos podem interferir e ajudar a melhorar nesta visão sistêmica do conviver em sociedade, família em qualquer área.

Nesse espírito elaborou-se o Programa de Ressignificação da Família de Origem do Profissional de Saúde (PRORFOPS), o qual acabou por se tornar uma das respostas para atender a demanda inicial desses profissionais, conciliada à crença de que trabalhar a família de origem possa trazer benefícios diferenciados para quem o deseje.

Uma vez informados ou formados com este novo olhar, espera-se também que esse profissional possa ouvir de um outro lugar as pessoas de sua comunidade, não ouvir apenas a doença, a saúde, a prevenção, o tratamento, e sim ir além dos procedimentos usuais, estando também atento às entrelinhas das narrativas que ouve e presunçosamente dar voz ao outro para ele falar de suas necessidades e também de sua possível visão das soluções. Um construir juntos!

Portanto, essa proposta traduz-se por uma maior mobilização do profissional de saúde a serviço de suas próprias dinâmicas subjetivas e das dinâmicas das pessoas de sua comunidade, num processo de articulação/ comunicação entre o potencial humano relacional, contexto, cultural e social, para o cuidado com o outro na saúde e na construção social e com o conhecimento científico.

OBJETIVO GERAL: Complementar a formação dos profissionais de saúde da cidade de Delfim Moreira (MG), enfatizando os aspectos do autoconhecimento familiar sob a perspectiva intergeracional.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- contribuir para que esse profissional se aproprie de um saber que possa lhe ser útil nas reflexões e relações de seu trabalho,

- contribuir para a ampliação de sua auto-percepção, diferenciando-o enquanto indivíduo de sua família de origem e ao mesmo tempo integrando-o nos sistemas,

- auxiliar esse profissional na compreensão da importância da Intergeracionalidade tanto em sua vida pessoal quanto para a visão do outro em sua ação profissional.

PUBLICO ALVO: Profissionais de saúde da Estratégia de Saúde da Família da cidade de Delfim Moreira (MG).

NÚMERO DE PARTICIPANTES: 43 participantes distribuídos entre homens e mulheres que exercem as seguintes funções ou profissões: agentes comunitários de saúde, recepcionistas, auxiliares de enfermagem, enfermeiras, farmacêuticos, psicólogos, administradores de empresa, médicos, técnicos em enfermagem, nutricionistas.

EQUIPE TÉCNICA:

Coordenadora - Wanda Rogéria Campos de Lima Assis

Psicóloga de apoio e colaboradora - Teresinha Elisete Coiah y Rocha de Macêdo

Profissional encarregada da gravação e transcrição das atividades, fotos e filmagens - Ana Márcia Batista Chaves da Silva

CARGA HORÁRIA

Equipe Técnica

Coordenadora / Psicóloga de apoio / Profissional responsável pelos registros do programa com 32 horas

Participantes

Primeira fase: 32 horas (alternadas entre aulas teóricas e oficinas)

Segunda fase: 04 horas

Total: 36 horas destinada a cada grupo.

ESPAÇO FÍSICO

Para a realização dessa pesquisa, o PRORFOPS por se tratar de um programa que trabalhou também o emocional de cada participante fez-se necessário a localização de um espaço propício para que as metas propostas pelo programa fossem alcançadas, porém tendo em vista a dificuldade de se diminuir o quadro de funcionários e a realidade local de serviços cotidianos do Posto de Saúde da cidade, alguns encontros foram realizados nesse mesmo local, em uma sala.

Nos dias em que foi possível deslocar esses profissionais sem que houvesse prejuízo do atendimento diário da comunidade, a família Campos Lima Assis disponibilizou-se a ceder as dependências do “Hotel Serra Bonita” como espaço para realização desses encontros. Disponibilizou também a Casa de Pau a Pique, que faz parte de uma construção antiga na zona rural, para atração turística mostrando como eram alguns hábitos de moradia da região, e hábitos culturais, relembrando épocas passadas e o repeito destas heranças.

METODOLOGIA

Instrumentos

Para a realização desse programa de complementação julgou-se adequado utilizar de alguns recursos, recursos esses que dessem margem a que o participante expressasse coloquialmente suas percepções e impressões sobre os temas abordados. Assim, as conversações sobre as histórias de vida autonarradas foram eleitas como o principal recurso para a efetivação desses encontros, mediante as quais os conteúdos do programa de complementação sobre Intergeracionalidade foram sendo discutidos. Essas conversações foram incentivadas por um coordenador, a partir de perguntas previamente selecionadas ou não, e dirigidas aos participantes em meio às atividades, aulas teóricas, dinâmicas e vivências, pensando nas trocas de experiências.

Outro recurso utilizado foi um documento “Livreto de Memórias” composto pelo registro escrito dos principais dados pessoais do participante, informações

sobre seus ancestrais, como origem do nome da família, e seus membros. Nesse livreto, os participantes registraram também as lembranças de sua infância, da adolescência, suas preferências, tradições envolvendo cultura, curiosidades familiares, e as principais festas comemoradas pela família, cujo modelo é apresentado a seguir. O mesmo teve como objetivo, entrar em contato com as memórias singulares dentro do sistema familiar. Ora se trabalhava o sistema familiar, ora a singularidade, ora se pensava o sistema social da comunidade, assim as conversas eram refletidas em várias dimensões nas questões relacionais familiares e relacionais do profissional e como eles se veem, e se sentem no meio desta comunidade. Além de pensar sobre o momento atual de transição que passam as famílias e como isto pode atingir, afetar, a área da saúde ou a qualidade de vida das pessoas na comunidade.

Outro dos instrumentos utilizado foi o Genograma, mediante o qual o participante obteve uma visão geral da intergeracionalidade familiar, sistemas familiares e sua singularidade dentro de um sistema.

Figura 1: Aplicação do Genograma



Fonte: Programa de Ressignificação da Família de Origem do Profissional de Saúde

Figura 2: Aplicação do Genograma



Fonte: Programa de Ressignificação da Família de Origem do Profissional de Saúde

Um último recurso foi a aplicação de um questionário investigando a reação do participante quanto à sua participação nas oficinas; na avaliação de sua aprendizagem propriamente dita; e na avaliação de seu desempenho, ou seja, se houve ou não transferência desse programa para sua vida profissional.

A seguir, descrevo abaixo o teor desses instrumentos.

Livreto de Memórias

Minha história

Meu nome é:

Dia, mês e ano que nasci:

Onde eu nasci:

Onde trabalho atualmente:

Qual a minha profissão:

Onde moro atualmente:
 Qual é a origem do meu nome:
 Qual é a origem da minha família:
 Minhas brincadeiras de infância:
 Meus amigos de infância:
 Meus amigos da adolescência:
 Minha comida favorita:

Minha família

Escreva um fato importante sobre sua família:
 Escreva um fato importante da sua família nuclear:
 Escreva um fato importante da sua vida pessoal:
 Quais as pessoas que compõem a minha família:

Nome:

Idade:

Parentesco:

Obs: No documento original, o campo para registro do nome, idade e parentesco é repetido 20 vezes.

Tradições da minha família:

Lembranças da minha família:

Receitas de família:

Curiosidades da minha família:

Festas comemoradas em família:

Minha árvore genealógica:

Questionário

Respostas orais

Como foi refletir sobre as histórias de sua família de origem durante essas três semanas, sob o olhar psicológico?

Como foi fazer seu Genograma?

Como foi o encontro com essas informações sobre você por parte da família?

Que histórias descobriram que estavam guardadas?

O que foi bom saber?

O que foi mais desafiante?

O que foi ruim saber?

Qual o tema da família de origem que mais se identificou?

Descobriu outro tema mais utilizado pela família de origem?

O que te paralisa?

O que te faz caminhar?

Respostas Escritas

Qual família de sentimentos ficou mais identificada na minha família de origem?

Qual eu me identifico e utilizo mais e em que situação?

Nomear sua escalada na família de sentimentos: primeiro me sinto inquieto, e depois?

Como se perceber e parar no meio da escalada dessas famílias de sentimentos?

A família parava, fazia o quê? Rezava, chorava, gritava, ia até que grau destruição de si e do outro?

Como você pode ver isto em você? Você sentindo? Você reagindo?

Como o outro reage a mim? Como reajo à família de sentimentos de minha família de origem? E o que diferencio em mim na reação?

Respostas Escritas sobre Reflexão e Avaliação

Como foi fazer esta capacitação sobre o ressignificado da família de origem?

O que aprendi e ressignifiquei da minha família intergeracional e da capacitação?

O que levo de experiências?

Qual o momento mais reflexivo?

O que isto poderá me ajudar em minha vida pessoal? Na vida profissional e na família nuclear?

O que esse aprendizado pode me ajudar nas interações com os outros?

O que isto afeta em minhas convivências?

Qual foi o que você aprimorou, conquistou, transformou, adaptou, escolheu, mudou?

Porque eu indicaria, ou não, esta complementação ou capacitação de ressignificação da família de origem com o olhar psicológico para outras pessoas?

CONTÉUDO PROGRAMÁTICO

PRIMEIRO ENCONTRO

8:00 h às 9:00 h

Acolhimento e apresentação da equipe

Explanação do Projeto e leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido PUC/SP

Dinâmica: Boas Vindas: A coordenadora solicita que o companheiro da direita faça a apresentação da colega, informando ao grupo a origem de seu nome, profissão e local de nascimento.

Questões norteadoras:

Como você se chama, onde nasceu e quem deu esse nome a você? Qual é a sua profissão? Qual é a história do meu nome? Que implicações tem em minha vida chamar-me por este nome? Que nome gosta de usar quando te chamam? Que nome deseja ser chamado durante esta oficina? Escreva seu nome em uma etiqueta e coloque na sua roupa e coloque em um lugar que todos os membros do grupo possam ver. Esta etiqueta deve permanecer ao longo do curso para que todos possam aprender os nomes dos membros da comunidade. Este exercício oferece a possibilidade de iniciar relações e conversações que vão além do âmbito acadêmico e incluem uma dimensão pessoal que se cultiva e mantém ao longo do curso.

9:00 h às 10:00 h

Aula teórica: Teoria Sistêmica; Sistema Familiar e o Processo de Individuação observando o “si mesmo em construção relacional”.

Aula teórica: Contrato e cláusulas. Explanação sobre o objetivo do trabalho que é o de fazer uma releitura da família de origem, para compreensão das heranças relacionais, diferenciando-as de sua individualidade, na época atual. Nesse estudo intergeracional, não se julga ou se critica os que já viveram o possível

na família, apenas procuramos compreendê-los nessa releitura de contexto, cultura, sistema comunal, resgatando as memórias de raízes e heranças, legados co-construídos repassados por muitas gerações. Busca-se rever e reconhecer o que eles viveram, sofreram para que o todo ficasse melhor e caminhasse o possível de ser vivido dentro de um contexto, época, comunidade e hoje pudéssemos receber herança, legados e estar nesse lugar (necessidades básicas como vínculos, afeto, educação, valores, entre outros). Pensar no que nos foi transmitido como mensagem na comunicação realcial. Heranças do estilo relacional. Os mortos devem ser lembrados dentro de um contexto e de uma época que não conhecemos e, portanto não podemos julgar, só podemos entender e muitas vezes só reconhecer e agradecer apreparaçao desse terreno que frutificou..

Recurso didático: Power-point e pôster Genograma intergeracional de 5 gerações.

Leitura dos slides sobre este temas.

10:00 h às 10:30 h – Intervalo

10:30 às 12:00 h

Aula teórica: Família Tradicional versus Família Moderna e Pós-Moderna, transição social transgeracional, intergeracional - cultura, contexto, clareando os conceitos, linguagem desse trabalho.

Recurso didático: Power-point e pôster de Genograma.

12:00 h às 13:00 h – Almoço

13:00 h às 14:00 h

Apresentação do Genograma

14:00 h às 15:30 h

Oficina: elaboração do Genograma de cada participante (parte estrutural) pelo pesquisador.

Dinâmica: Memória auto-biográfica relacional

Questão norteadora: Como você vê sua família intergeracional atualmente?

Temas: Intergeracionalidade; Transgeracionalidade; Intrageracionalidade

Recurso didático: Livreto de Memórias (preenchimento, tarefa de casa)

Nome, sobrenome, quem escolheu seu nome, porque tem esse nome, onde nasceu, cidade e país, dia, mês e ano, nome e profissão dos pais, data e tempo de casamento dos pais, nome e idade dos irmãos, nome e nacionalidade dos avós, quem já morreu, quem briga mais, quem se separou, quem tem maior vínculo, doenças na família, adoções, abortos, migrações, preenchimento do nome de todos os parentes que lembrar ou deixar esse espaço para preencher no próximo encontro

15:30 h às 16:00 h – Intervalo

16:00 h às 18:00 hs

Dinâmica: 04 pessoas: 01 entrevistador, 01 entrevistado, 01 redator, 01 inquiridor sobre questões de curiosidade, sendo que esse último apresenta as repostas registradas. Depois há a troca de papéis na dinâmica. Objetivo: aprender a conversar sobre o ouvir do outro com uma fala direcionada.

Temas: Herança, transmissão e repetição de padrão; lealdade.

Perguntas norteadoras:

O que você acha que seja uma herança relacional? Como você vê o que recebeu da família e o que repassa para as novas gerações em termos de mensagem? Como está nossa comunicação? Como acha que transmite valores? Tem alguém em sua família de origem a quem você deve lealdade? Como é a lealdade na sua família? Quem é mais leal com quem na sua família? São homens ou mulheres? Você acha que repete algum padrão relacional da família? Ex: forma de violência, afetividade, comunicação.

18:00 h – Término

SEGUNDO ENCONTRO

8:00 h às 9:00 h

Aula teórica: Afetividade e Violência

Dinâmica: Conversações em grupos

Questões norteadoras: Que lembranças você tem sobre a afetividade em sua família? Como essa afetividade era transmitida, como eram as conversas verbais, não verbais? Quem era a pessoa mais afetiva em sua família e o que fazia? O que você acha que ela fazia que conectava/vinculava com as pessoas? Como são os vínculos? Você repete alguns desses comportamentos, hábitos? Quais? Na hora do aperto, dificuldades, fragilidades a quem você recorre com o pedido de ajuda? Você sabe pedir ajuda? E receber? Como você vê a violência em sua família intergeracional? Você assistiu a alguma cena de violência em sua família? Essa violência era contra criança, adolescente, velho? Quem eram os agressores homens ou mulheres? Essa violência tinha motivo? O que você sentiu e como reagiu? Já repetiu alguma dessas violências? Como eram verbal ou física? O que, hoje, você destacaria como violência em sua família? A família conversa sobre essa violência? Como reage as conversações?

9:00 h às 10:00 h

Aula teórica: Teoria da Comunicação na visão da colaborativa explorando a conversação, o diálogo e a escuta.

Dinâmica: Conversações em grupo

Questões norteadoras: O que você entende por comunicação verbal e não verbal? Qual delas você presta mais atenção? Como faz a leitura da comunicação corporal? Quem mais comunica em sua família? Como essa pessoa faz? O que guardou como lembrança significativa de comunicação verbal e não verbal em sua família? Como você diferencia a comunicação de conversação? E os estilos conversacionais e comunicacionais? Conversar quer dizer o quê para você? E conversar sobre o significado do outro? Ouvir e conectar com os seus significados? Como o outro lhe ajuda a pensar sobre o que ele falou? Como as conversas são construídas em sua família? Em torno de qual tema? Qual o tema de comunicação

em sua família que abre espaço para conversações? Você diferencia conversar de diálogo? Escuta de ouvir?

10:00 h às 10:30 h – Intervalo

10:00 h às 12:00 h

Aula teórica: Poder, prazer, sexualidade, dinheiro, gênero

Dinâmica: Trabalho em grupo sobre assuntos em comum, como prazer, sexualidade, poder.

Recurso didático: Power point

Questões norteadoras:

Poder: Quem na família tem mais poder de dinheiro ou de palavra? E na intergeracionalidade, quais foram as vozes de mais poder? O que elas diziam? Quem disputa o poder em sua família? Como é a relação de poder entre homens e mulheres em sua família? O que você traz como memória desse tema e o que ele lhe faz sentir? Como se utiliza o dinheiro em sua família? Como ele é conversado e ensinado? Quem lida melhor com o dinheiro em sua família? O que você aprendeu sobre ele? E como administra hoje seu dinheiro? Como o dinheiro incentiva o poder? O que o poder ajuda nas relações?

Sexualidade: Como você aprendeu a conversar sobre sexualidade? A família falava sobre isso? Ela falava verbal ou não verbalmente? Estava implícito? O assunto foi conversado em que momento de sua vida? Como você faria hoje com a próxima geração? Você tem alguma lembrança sobre isto?

Prazer O que esta palavra te traz como lembrança? Quais são os prazeres da vida para você, faça uma lista! E para sua família de origem? Qual desses prazeres você lutou para manter? Como conversa sobre esses prazeres e com quem? O que faz para alcançá-los? Como sua família de origem ensinou e lidou com isto? Existiam conversações sobre o tema prazeres? Tipos de prazeres aprendidos no cotidiano da família. Como ela os mantém? O que é permitido?

Gênero: Em questão de gênero, quem leva vantagem e desvantagem em sua família? Como são sentidas essas diferenças e quem tenta igualá-las? Que fase da vida elas foram mais evidentes? Em questão de gênero, você prefere trabalhar com quem: homens ou mulheres? Como ficam as diferenças? O que faria hoje de

diferente sobre a questão de gênero? Como esta questão de gênero interfere nas relações familiares?

12:00 h às 13:00 h – Almoço

13:00 às 14:00 h

Aula teoria: Segredos, mitos, crenças e rituais

Dinâmica: Conversações em grupo

Questões norteadoras: Você acha que tem algum segredo em sua família de origem? Se tiver, você lembra as reações das pessoas? O que elas falavam? Apareciam sentimentos de medo, culpas? Desconversavam sobre algum tema, exemplo dinheiro, roubo, crime, violência, suicídio, estupro, gravidez? Como a família fez e como isso pode ter mudado os valores ou sua maneira de viver? Esse segredo provocou qual tipo de reação em você: mudança, fuga, retraimento, vergonha? Estes sentimentos lhe lembram de algo? Quais são as crenças mais relevantes para sua família? A crença religiosa leva ao poder ou a querer o quê? Quais são as frases que mais se repetem? E quanto a valores morais? O que pode e não pode? Existem regras em sua família? O que não é permitido? O que você acha que pode ser mito em sua família? Você se lembra de algum ritual de comemoração na família? Ele era cotidiano, semanal, mensal ou anual? Existiam rituais de separação, morte, nascimento, luto? E rituais de comidas, prazeres? Como a família vivencia isso? Como essas emoções são expressas, com sentimentos de raiva, banalização, alegria, tristeza? Como são as lembranças dessas conversações? Já tinha pensado sobre isto e conversado?

14:00 h às 15:30 h

Oficina: Confecção do Genograma

Dinâmica: atividade prática

Temas: Genograma; Intergeracionalidade

15:30 h às 16:00 h - Intervalo

16:00 h às 18:00 h

Oficina: Atividade na casa de pau a pique ou na sala de unidade básica de saúde

Dinâmica: Conversações

Temas: Pertencimento, raízes, legados, individuação.

Recursos didáticos: PowerPoint, papel, pincel. Pôster, xerox dos principais símbolos gráficos sobre o Genograma de McGoldrick.

Confecção artesanal individual, em dupla em grupo do Instrumento Genograma

18:00 h – Término**TERCEIRO ENCONTRO (após 20 dias)****8:00 h às 9:00 h**

Aula teórica: Reflexões sobre o tempo para se pensar neste conteúdo. Individualidade, Individuação, Individualismo, Sistema Individual, sistemas amplos.

Dinâmica: Revisão teórica dos temas trabalhados

Recurso didático: PowerPoint e atividade sobre individuação

9:00 h às 10:00 h

Aula teórica: Ciclo Vital, Fases do Ciclo Vital familiar.

Recurso didático: PowerPoint

Dinâmica: Separação dos participantes pela faixa etária dos filhos no Ciclo Vital familiar.

10:00 h às 10:30 h – Intervalo**10:30 h às 12:00 h**

Aula teórica: Heranças; transmissão e repetição de padrão; lealdade.

Dinâmica: Respostas das dinâmicas de grupos como exemplos para a teoria.

Recurso didático: Genograma em pôster

Questões norteadoras: O que vocês discutiram sobre esses temas e o que identificaram de diferente ou semelhante? Como fica a herança emocional que recebemos e a que transmitimos? Qual o tema mais falado ou discutido em sua família de origem? Qual o tema que o grupo elegeria?

12:00 h às 13:00 h - Almoço

13:00 h às 14:00 h

Aula teórica: Afetividade, violência, comunicação e teoria da conversação, poder, prazer, sexualidade, dinheiro, gênero, reflexão.

Questões norteadoras:

O que vocês discutiram sobre esses temas e o que identificaram de diferente ou semelhante?

15:00 h às 16:00 h - Intervalo

16:00 h às 18:00 h

Retomada da aula teórica: Segredos, mitos, crenças e rituais, pertencimento, raízes, individuação, reflexão.

Questões norteadoras

O que os grupos trazem de reflexão sobre esses temas? Quais foram os mais fáceis ou mais difíceis?

18:00 h - Término

QUARTO ENCONTRO

8:00 h às 9:00 h

Dinâmica: Conversações em grupo

Temas: Aprender a ouvir o outro e a aceitar as diversidades e releitura da família de origem

Recurso didático: instrumento Genograma e reflexões sobre os temas trabalhados em família sobre o olhar intergeracional.

Questões norteadoras: Qual foi a interferência de sua família de origem na história de sua vida? E em sua escolha profissional? Você já possuía essa visão psicológica de família? E relacional? O que há em você como repetição de um padrão relacional? Como você utilizaria essa visão psicológica relacional da família na sua profissão? E em sua vida pessoal?

9:00 h às 10:00 h

Dinâmica: Conversações em grupo

Temas: Aprender a ouvir o outro e a aceitar as diversidades, diferenças e releitura da família de origem

Recurso didático: Livreto de Memórias

Questões norteadoras: Você identificou alguma patologia na herança familiar? Como fica a integração dessas visões sobre a família orgânica e psicológica? O que você gostaria de aprofundar nos temas que você viu? Qual o tema que mais lhe chamou atenção? Em que fase do ciclo vital você se encontra? A partir desse conhecimento que escolha você faria de diferente para transmitir à próxima geração?

10:00 h às 10:30 h – Intervalo

10:30 h às 12:00 h

Atividade: Conversações sobre relacionamentos sobre o outro

Dinâmica: Trabalho em grupo

Material didático: PowerPoint

Questões norteadoras: Como é uma conversação colaborativa, apreciativa, transformadora? O que ela pode fazer de diferença diante da relação, da doença ou do sofrimento emocional?

12:00 h às 13:00 h – Almoço**13:00 h às 14:00 h**

Atividade: Encerramento dos trabalhos sobre o aprender a ouvir o outro e aceitar as diversidades, diferenças e releitura da família de origem.

Questões norteadoras: O que a releitura de sua história familiar nessa fase do ciclo vital fez de diferença? Você acha que se fizesse essa releitura de sua família em outra fase do ciclo vital faria diferença? Ajudaria nas relações, pessoais, familiares, profissionais? E na compreensão da relação consigo mesmo, do sistema interno?

14:00 h às 15:30 h

Atividade: Continuação do encerramento dos trabalhos sobre o aprender a ouvir o outro e aceitar as diversidades e releitura da família de origem

Questões norteadoras: O que você falaria hoje para outro profissional de saúde e da área familiar? Como olharia agora um caso de uma pessoa que você atende? E de uma família nessa comunidade? O que você leva deste programa sobre a ressignificação da família de origem? Este olhar psicológico e intergeracional, relacional? Você entendeu a posição de como é se colocar no lugar do outro? E a ver a si mesmo em construção relacional?

15:30 h às 16:00 h – Intervalo**16:00 h às 18:00 h**

Atividade: Reflexões sobre o trabalho mediante as respostas a um questionário

Questões norteadoras

Como você vê sua família intergeracional atualmente?

Qual o seu olhar sobre as famílias hoje?

18:00 h – Término

MATERIAL DIDÁTICO

Material Didático: Livreto de Memórias

Quantidade: 43

OUTRAS DESPESAS

Os itens de despesas citados abaixo foram de responsabilidade da pesquisadora e da gestora de saúde da cidade de Delfim Moreira: Maria Goretti Parada de Oliveira.

- Alimentação para os participantes do curso durante todo o período da complementação.
- Espaço físico para o desenvolvimento das atividades
- Transporte, hospedagem e alimentação para os facilitadores durante todo o período das oficinas.

MATERIAL DE CONSUMO UTILIZADO NAS ATIVIDADES DE FORMAÇÃO:

- Cartolinhas (43 unidades)
- Crachás (43 unidades)
- Quadro branco (1 unidade)
- Pincel para quadro branco (3 unidades de cor diferente)
- Pincel coloridos para execução do Genograma, (43 lápis, canetas e borracha).
- Flip chart (1 unidade)
- Equipamentos eletrônicos: Caixa de som, microfone sem fio, computador/noteboock com leitura para CD, DVD, dataShow.

CRONOGRAMA

Etapas	Grupos	Datas de realização das oficinas
Primeira Etapa	Grupo 1	19 de agosto de 2010
		20 de agosto de 2010
		10 de setembro de 2010
		11 de setembro de 2010
	Grupo 2	26 de agosto de 2010
		27 de agosto de 2010
		17 de setembro de 2010
		18 de setembro de 2010
Segunda Etapa	Grupo 1	09 de dezembro de 2010 (período da manhã)
	Grupo 2	09 de dezembro de 2010 (período da tarde)

Certificado: Os certificados foram entregues no final da avaliação por escrito

CAPÍTULO 6 - MÉTODO

Percebendo-se na intersubjetividade

G1/ P4: É legal, porque você está caçula tinha quatorze anos. Então a bastante dela. falando e ele tinha um tio e ia fazer faixa de idade, antigamente era G2/P13 Eu estou lembrando do que visita na zona rural. Hoje ele ta no muito próxima uma da outra. Ela ela falou ontem, na questão do as- PSF, indo em casa, fazendo visita, casou, praticamente, com três ado- pecto cuidador da família; ela falou acolhendo as pessoas, orientando, lescentes pra trazer pra dentro de muito da mãe cuidadora e do avô cuidando...

G1/P5: Meu pai era cuidador da am bem. Às vezes fazia vista grossa o tempo inteiro, eu enxergo esse família dele, e minha mãe da nossa. pra muita coisa, porque com três homem como protetor. E ontem ela Ele cuidava dos pai dele, da mãe filhos órfãos, às vezes a convivê- não colocou isso...

dele, dos irmãos dele. Bem, é... cia não dava, mas ela fingia que não G2/P15: Entendo, eu não lembro dos Mesmo depois de casado com a escutava pra seguir em frente.

minha mãe, o meu pai era o cuida- G2/ P8: Com o pai era aquele negó- contar histórias lá de trás. Mas deu dor da família dele, mas lá em casa cio de sete anos, agora com a mãe pra perceber a minha parte cuidado- minha mãe que cuida da gente. foi mais assim, eu já estava casada, ra, de quem eu herdei; foi da minha

G2/ P8: A minha mãe. Porque eu já tinha filhos, então a gente tem tia... quando ela casou, ela procurou tra- uma outra visão. Principalmente zer todos para dentro de casa. O porque ela ficou doente e eu cuidei

Percebendo diferenças

G1/P1: Eu consigo enxergar isso não. Eu vejo isso claramente, por- G1/P5: Eu procurei comparar assim agora. Depois que eu to vendo o que eu tenho um casal de filhos e eu mesmo. Porque e minha educação Genograma, mas assim, eu estou os crio igual, mas ela manda nele; foi muito diferente da dela, em rela- passando isso para os meus filhos, desde pequeno. Eles têm muito pou- ção a conversa com a família, as mas quem mais ta pegando é a L., ca diferença de idade. Eles brinca- mulheres trabalham fora também. porque é ela que vai dar conta do vam de escola, ela era professora e Tem esse lado de escolher o poder, recado.

G1/P1: Não sei, mas a gente não tigo sendo que era o único aluno do... deixa os homens tomarem espaço que ela tinha.

ele o aluno, e ela o colocava de cas- por exemplo, mas é muito dividi-

CAPÍTULO 6 - MÉTODO

É inegável a complexidade do mundo contemporâneo, senti a presença dessa complexidade principalmente quando me deparei com a necessidade de pensar o caminho a ser percorrido no método de minha tese. Estando a reflexão implícita em cada um de seus passos, tive dificuldades para definir o passo inicial a ser tomado, ou seja, qual seria a forma de abordagem de pesquisa que gostaria para direcionar esse trabalho. Para tanto eu precisaria ter internalizado o porquê de ter escolhido por essa ou aquela forma de abordagem. Encontrei no pensamento de Gilgun (2004) sobre pesquisa qualitativa a tradução exata do que eu deveria saber para que pudesse fazer uma escolha sobre a qual não recaísse dúvidas. Essa escolha embora simples, deveria possibilitar algo que reputo como muito complexo, que é dar voz ao outro. De acordo com essa autora, na pesquisa qualitativa nos interessamos pelo significado que as pessoas dão às suas experiências, pelas palavras que usam para descrevê-las, pela profundidade de suas histórias e acima de tudo, nos interessamos em aplicar aquilo que aprendemos para criar um mundo melhor.

Tendo muito claro o desejo que possuía de interpretar determinada realidade, baseando-me no depoimento dos próprios envolvidos optei pela pesquisa qualitativa porque acima de tudo ela é voltada para a prática social.

Uma vez definida a forma de abordagem que faria, procurei aprofundar meus conhecimentos sobre ela, o que ratificou mais uma vez essa escolha, pois para a pesquisa qualitativa a construção do conhecimento lida com questões como a complexidade, a imprevisibilidade e a intersubjetividade, características que se coadunam perfeitamente com pesquisas que se propõem a investigar as relações humanas, que são construídas continuamente, assim como a realidade.

Para respaldar ainda mais esse meu pensamento, recorri a Richardson (2011) o qual afirma que a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos participantes de um estudo. Mais que ler, descrever dados ou apresentar resultados, essa abordagem busca a produção do sentido que envolve nosso entender, ou seja, uma reconstrução conjunta de significados.

Na pesquisa qualitativa as experiências de vida podem ser re-historiados, sendo que eu disporia de excelente oportunidade para viabilizar esse re-historiar na

aplicação do Genograma. Indo mais além, eu diria que a pesquisa qualitativa ganha fluidez em função de suas ações e de suas experiências, pois além de compreender seu caráter inovador, ela só pode ser compreendida a partir de um enlace circular, ou seja, olha-se para todos os lados, o contexto, a cultura, o pesquisador, o participante do estudo, entre outros elementos.

Mais uma vez tive a certeza de minha opção pela pesquisa qualitativa pelo fato do PRORFOPS abrir espaço para conversações, sendo que as mesmas podem ser consideradas como texto que emergem da experiência de vida e que são interpretadas em significados que respondem a essas mesmas experiências. Ao abordar a questão da interpretação, acredito que ela possa atualizar significados e que os mesmos possam transcender à situação original, inscrevendo essas ações em tempo social.

Para fundamentar as questões que envolvem interpretação recorri às reflexões de Macedo; Kublikowsky; Santos (2004), as quais apontam que nos dias de hoje a objetividade científica foi substituída pela ideia de realidade construída, por meio da negociação de significados, sendo que as verdades conceituadas emergem como produto de uma junção de subjetividades.

De acordo com essas mesmas estudosas, a construção da realidade é um processo individualmente cunhado e socialmente legitimado, em um processo recursivo entre o indivíduo e sua cultura. Com essa reflexão ampliei meu racionalismo em torno da abordagem a ser eleita, pois um dos objetivos de meu trabalho seria o de permitir que as pessoas, mediante a reflexão sobre seus significados pudessem renovar-se e em decorrência renovar sua própria cultura. Portanto, os participantes de meu estudo, a partir dessa visão de mundo transformar-se-iam em co-autores de sua própria biografia à medida que ao mesmo tempo que têm certa autonomia em suas escolhas, as mesmas também são produzidas por outros atores sociais individuais e coletivos.

Para encerrarmos as reflexões a respeito da escolha da abordagem da pesquisa, respaldei-me em Gergen (2010) que questiona: como é possível imaginar as ideias construcionistas exercerem um maior impacto nas ciências sociais e humanas do que nas ciências naturais? Nas primeiras, floresceram novas práticas de pesquisa, na pesquisa tradicional, o cientista social observa e tira conclusões sobre outros, seus motivos, problemas, hábitos, relacionamento e assim por diante. Entretanto, o pesquisador construcionista, categoria na qual me incluo, perguntaria:

“Por que não permitir que as pessoas falem por si próprias? Será que os sujeitos de nossos estudos nos autorizam a falar por eles? E, por acaso, sabemos se concordam com nossas conclusões? Ao invés de escrever a respeito delas porque não permitimos que elas retratem suas próprias vidas? A partir desse pensamentos acreditei que minhas incertezas sobre a forma como abordaria minha pesquisa foram diluídas e, a partir daí comecei a delinear o método que utilizaria para responder às questões iniciais de meu estudo.

6.1 Descrição sumária da pesquisa

Apenas para fins didáticos, para que se possa obter uma visão mais global e esquematizada do método empregado nessa pesquisa, apresento a seguir um quadro que contém seus principais descritores, antecipando, inclusive, a inserção de algumas opções quanto à escolha de instrumentos de pesquisas e tratamento dos dados que serão melhor explicitados adiante, porém no momento, auxiliam na compreensão da direção tomada quanto ao método.

Quadro 5: Breve descrição da pesquisa

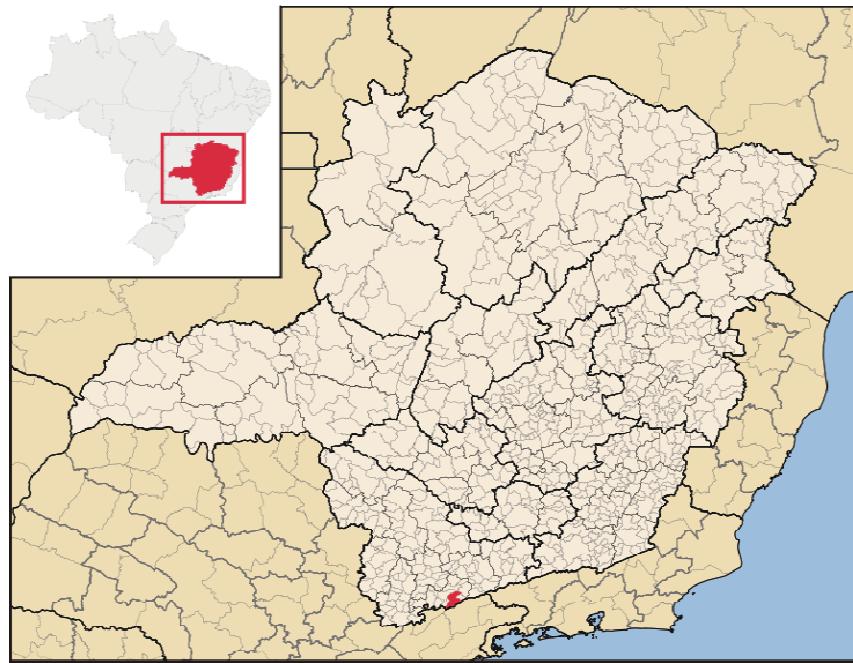
Especificação	Opções metodológicas	Justificativa
Quanto à modalidade	Pesquisa de campo	Trata-se da observação dos fatos tal como ocorrem, possibilitando perceber e estudar as relações estabelecidas.
Quanto aos objetivos	Exploratório-descritiva	<ul style="list-style-type: none"> - Propicia maior familiaridade com o problema (caráter exploratório). - Os fatos são observados, registrados, classificados e interpretados. - Possibilita o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados, como questionários e entrevistas.
Quanto à forma de abordagem	Pesquisa qualitativa	<ul style="list-style-type: none"> - Os dados obtidos são analisados indutivamente. - A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa.
Instrumentos de pesquisa	Histórias de vida	Tentam obter dados relativos à experiência pessoal de alguém ou relações, que tenha significado importante para o conhecimento do objeto de estudo.
	Genograma	Possibilita uma visão e um alcance mais rápido da dinâmica familiar intergeracional e da visão da construção da realidade da vida possível de ser vivida.
	Livreto de Memórias	Documento que registra detalhes dos eventos pessoais e familiares.
	Questionários	Registraram a construção do conhecimento que está sendo construído.
Métodos de análise	Ferramentas qualitativas do método de Análise de Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> - Categorização e subcategorização de respostas - Levantamento das unidades de significado - Identificação de elementos narrados - Compreensão das experiências narradas

Área da pesquisa

O presente estudo realizou-se junto aos profissionais de saúde que participam da Estratégia de Saúde Família da cidade de Delfim Moreira.

A cidade está numa altitude de 1.207 metros e o território do município tem extensão territorial de 414 quilômetros quadrados, sendo um dos municípios mais extensos do sul Minas Gerais, montanhoso, com grandes elevações e picos atingindo 2.050 m. A temperatura é de verões amenos e de invernos rigorosos, com ocorrência de geadas nos meses mais frios, podendo atingir temperaturas abaixo de zero, sendo a mais baixa registrada nos últimos anos de 6 °C negativos.

Figura 3: Localização do município de Delfim Moreira (MG)



Fonte: IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>

Figura 4: Cidade de Delfim Moreira



Fonte: IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>

Aspectos Demográficos

A população economicamente ativa sempre esteve muito concentrada no setor primário, mas ao longo do tempo o percentual relativo desta atividade vem diminuindo em favor dos demais setores.

Embora tenha havido um decréscimo da população em Delfim Moreira, ocorreu um aumento nos nascimentos e a faixa etária de 05 a 14 anos também aumentou mostrando que a população jovem está sobrevivendo mais e permanecendo no município. Faz-se necessário realizar atividades voltadas para essas faixas etárias quanto ao lazer para que a ociosidade não dê espaço para caminhos negativos que levem os mesmos a marginalidade, as drogas e violência.

A população considerada produtiva (15 a 49 anos) também cresceu e isso traz um impacto positivo para o município que em anos passados teve essa população migrando para outras regiões em busca de trabalho, porém alguns retornaram e contribuíram para um novo período de desenvolvimento.

A faixa etária entre 50 a 80 ou mais anos também cresceu de forma significativa evidenciando assim a qualidade de vida que o município propicia.

Política publica adotada em Delfim Moreira na área de saúde

O município Delfim Moreira possui uma Unidade de Saúde da Família na zona urbana e 11 unidades em zona rural que são coordenadas pelas equipes da Estratégia de Saúde da Família (ESF). A APS (Atenção Primária da Saúde) se torna de fato o contato preferencial da população com os serviços de saúde e as equipes da APS atuam de forma abrangente com o acolhimento da população de todas as faixas etárias e condições, garantindo o melhor acesso ao serviço mais adequado, no momento oportuno. As unidades prestam serviços de atenção integral às pessoas e não às enfermidades, atuando com intervenções curativas, de reabilitação, prevenção e promoção da saúde, possibilitando o atendimento às diversas necessidades de cada munícipe, ao longo de seus ciclos de vida, contemplando as perspectivas física, psicológica e social dos indivíduos, famílias e da comunidade, coordenando e integrando a atenção fornecida em qualquer ponto da rede, por meio do trabalho das equipes (**APS e ESF's**).

Figura 5: Unidade Básica de Saúde de Delfim Moreira (MG)



Fonte: Programa de Ressignificação da Família de Origem do Profissional de Saúde

Alguns aspectos da área de saúde de Delfim Moreira

A cidade de Delfim Moreira conta com uma Unidade Básica de Saúde (UBS), essa unidade básica de saúde responsabiliza-se pelo atendimento dos habitantes tanto de sua zona urbana quanto da rural, com apoio de uma equipe multidisciplinar, na qual se destaca o papel dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) que mantêm um contato mais frequente e íntimo com a população dessa cidade.

A população delfinense conta com alguns consultórios médicos e poucos consultórios odontológicos. Todo o restante do atendimento em saúde de Delfim Moreira é gratuito, sendo que em casos de emergência, os usuários são transferidos para Itajubá.

Quando os problemas de saúde são de maior complexidade como câncer, cirurgia de coração, entre outros, são levados pelo carro dessa unidade para Belo

Horizonte, Varginha, Pouso alegre, e outras cidades mais próximas de São Paulo. Porém, todo agendamento, encaminhamento, deslocamento e acompanhamento emocional às famílias e às pessoas é feito mediante o trabalho da UBS, por computador ou por telefone ou pessoalmente.

Ao entrar em contato com essa população senti que eles entendem que o atendimento e recebimento de pacientes em Itajubá, encaminhados de Delfim Moreira, precisa ser melhorado, principalmente em questões de urgência, porém acreditam que de sua parte estão fazendo o melhor. Como, anteriormente, Delfim Moreira não tinha esse nível de atendimento, eles julgam que evoluíram muito nestes últimos 8 anos, principalmente a partir da gestão da Secretaria de Saúde Sra. Maria Goretti Ferreira Parada de Oliveira, agindo conjuntamente com seu prefeito.

A referida secretaria trouxe muitos programas novos para idosos, mulheres, crianças, e aumentou muito a equipe, sempre com o olhar voltado para socorrer ao outro em suas urgências físicas, ou então, para programas de prevenção dentária e de visão, vacinas, gravidez, terceira idade, portadores de necessidades especiais, informações de saúde, entre outros.

Ela acredita que levando cursos, cuidando dos cuidadores e ajudando em programas para as famílias em questões de grupo, orientando, desenvolvendo atividades poderá contribuir ainda mais para a comunidade. Na condição de uma observadora externa, penso que o atendimento individual seria bom na região, mas precisaria ser gratuito. Porém vejo-os funcionando bem em grupo, eles funcionam mais no coletivo, de maneira comunal e estão acostumados a falar sobre seus problemas com as pessoas vizinhas. Acredito que na prática quando se juntam para conversar tomam ciência dos problemas da comunidade, uma vez que o assunto “família” lá é muito valorizado, e isso já é muito positivo e seria mais ainda se sua auto-estima, capacidades, habilidades fossem trabalhadas de algum modo que pudesse fortalecê-los ainda mais naquilo que têm de bom. Pensando didaticamente, viabilizar um programa que lhes desse voz, que os fizesse ver que podem ser comunal e ao mesmo tempo ter certa autonomia, individualidade, seria bastante apropriado. Penso que contribuiria para tirar a queixa de que tudo está fora e no outro, as culpas, os medos e melhoraria o discurso só de doenças, pois observei nessa comunidade alguns casos de depressão e alcoolismo.

Penso também que ensiná-los a se ouvirem de outro lugar, o relacional dentro da Intergeracionalidade, ajudaria atendê-los em suas necessidades. As conversações previstas num programa dessa natureza seria uma alternativa para o aprender a cuidar de si e do outro ao mesmo tempo, não com expectativas de cuidar de outros e receber igual, e sim preservar-se para poder dar seu melhor. Cuidar de si e do outro e ir horizontalizando relações pelas interações de igualdade na maneira de ver a si e ao outro e suas possibilidades, desmistificando a ideia de que um processo de individuação não precisa necessariamente privá-los de suas raízes, mas pode caminhar paralelamente aos processos observados dentro de uma cultura comunal.

6.2 Participantes

Embora tenham participado 43 profissionais na condição de convidados, apenas 15 participaram desse estudo. Para uma visão inicial do perfil social dos 15 participantes apresento um quadro, que reúne algumas de suas características.

Quadro 6: Perfil sócio-cultural dos participantes

Profissão	Enfermeiras	05
	Auxiliares de enfermagem	03
	Psicólogas	02
	Agentes Comunitários de saúde	05
Estado civil	Casadas	10
	Divorciadas	03
	Solteiras	02
Escolaridade	Formação superior	07
	Ensino Médio	08
Faixa etária	18 a 28 anos	03
	29 a 39 anos	06
	40 a 50 anos	04
	Mais de 50	02
Tempo de Atuação na profissão	0 a 5 anos	07
	6 a 10 anos	02
	11 a 15 anos	02
	16 a 20 anos	02
	Mais de 20 anos	02

Para efeito de uma melhor visualização no corpo do trabalho, todos os participantes receberam uma identificação codificada.

Quadro 7: Identificação da amostra do Grupo 1

Identificação do convidado no grupo de complementação	Identificação desse convidado enquanto participante da amostra
Convidado 16	G1/P1
Convidado 13	G1/P2
Convidado 05	G1/P3
Convidado 17	G1/P4
Convidado 12	G1/P5
Convidado 04	G1/P6
Convidado 09	G1/P7

Quadro 8: Identificação da amostra do Grupo 2

Identificação do convidado no grupo de complementação	Identificação desse convidado enquanto participante da amostra
Convidado 29	G2/P08
Convidado 33	G2/P09
Convidado 31	G2/P10
Convidado 20	G2/P11
Convidado 40	G2/P12
Convidado 30	G2/P13
Convidado 24	G2/P14
Convidado 43	G2/P15

6.3 Instrumentos de Pesquisa

Esse estudo assumiu um caráter multimetodológico por acreditar na eficácia de uma multiplicidade de olhares. Tal multiplicidade foi obtida mediante a aplicação de variados instrumentos e dos processos que ocorreram durante essa aplicação. A descrição em separado dos instrumentos é apenas didática, porém na prática tudo ocorreu concomitantemente dentro da transmissão dos conteúdos do programa e de uma visão circular.

6.3.1 Histórias de vida

Todas as entrevistas, campo no qual também se enquadram as histórias de vida, são formas especiais de conversação e, neste sentido, interativas. As falas produzidas podem ser limitadas (DENZIN, 1984), porém a diferença entre os demais instrumentos se estabelece nos níveis de interação criados. Em todas as ações que envolvem indivíduos, o importante é que compreendam o que acontece com o si mesmo e com o outro em relações. No âmbito das representações e da produção de

sentido, as entrevistas, no caso desse estudo representadas sob a forma de histórias de vida, são tratadas como encontros sociais, nos quais conhecimentos e significados sãoativamente construídos no próprio processo da entrevista; entrevistador e entrevistado são, naquele momento, co-produtores de conhecimento. Participação, neste nível de interação, envolve ambos em um trabalho de produção de sentido, trabalho no qual o processo de produção de sentido é tão importante para a pesquisa como o é o sentido produzido pelos participantes e pesquisador.

As entrevistas são os instrumentos mais usados nas pesquisas sociais, porque além de permitirem captar melhor o que os pesquisados sabem, pensam enquanto voz, permitem também ao pesquisador, observar a postura corporal, a tonalidade da voz, os silêncios, entre outras formas de comunicação. No caso do presente estudo as questões das entrevistas foram suscitadas na conversação pelo teor dos temas que estavam sendo desenvolvidos.

Conforme já apontado anteriormente, a história de vida é um tipo particular de entrevista, segundo Denzin (1984) em geral uma série delas, em que se busca reconstituir a vida toda, ou uma fase ou um aspecto da vida da pessoa (como profissional, como paciente, como docente, como estudante. As histórias de vida permitem também ao pesquisador perceber as concepções que as pessoas têm de seu papel e de sua participação nos grupos dos quais fazem parte (família, trabalho, política, religião, comunidade).

A história de vida é um recurso de muitas pesquisas qualitativas porque apresenta a narrativa da subjetividade do expositor que fornece elemento precioso de análise que nenhuma outra fonte possui em medida igual. A história oral, mais do que sobre eventos, fala sobre significados, nela, a aderência ao fato cede passagem à imaginação, ao simbolismo.

São muitos os métodos e os instrumentos de coleta e análise de dados em uma abordagem qualitativa e, entre eles, a história de vida ocupa lugar de destaque. Mediante a escuta de história de vida pode-se captar o que acontece na intersecção do individual com o social, da continuidade e da descontinuidade dos eventos da vida, assim como permite que elementos do presente fundam-se a evocações passadas. Este é um olhar relevante nesta pesquisa, justificando também a escolha desses instrumentos que permitem visualizar esses processos temporais. Pode-se assim dizer, que a vida olhada de forma retrospectiva facilita uma visão total de seu conjunto e os entrelaçamentos possíveis, e que é o tempo presente que torna

possível uma compreensão mais aprofundada da co-construção da realidade atemporal, levando à percepção da realidade em continuidade e transitória, como algo cotidiano da vida

Cabe lembrar que se deve estar ciente dos avanços e recuos, da cronologia própria, e da fantasia e idealização que costumam permear narrativas quando elas envolvem lembranças, memórias e recordações as vezes com dicotomias. O que interessa quando trabalhamos com história de vida é a autonarrativa da experiência de vida de cada um, a nova forma como ele se olha autopercebendo-se e a maneira como ele reorganiza esses significados.

Denzin (1984) afirma que a temporalidade é básica no estudo das vidas e distingue duas formas de temporalidade. O tempo mundano relacionado a presente, passado e futuro como horizonte temporal contínuo e o tempo fenomenológico que é o tempo como fluxo contínuo, é o tempo interior, contínuo e circular. Diz ainda que uma vida pode ser mapeada em termos de episódios cruciais de cujo manejo resultam os seus significados. E, contando delas, as pessoas contam mais do que uma vida, elas contam a vida de uma época, de um grupo, de um povo. O PRORFOPS teve essa intenção ao olhar para a vida em processo atemporal e de continuidade.

A história de vida pode ser, desta forma, considerada instrumento privilegiado para análise e interpretação, na medida em que incorpora experiências subjetivas mescladas a contextos sociais. Ela fornece, portanto, base consistente para o entendimento do componente histórico dos fenômenos individuais, assim como para a compreensão do componente individual dos fenômenos históricos.

6.3.2 Genograma

O Genograma representa “*a árvore familiar que registra informação sobre os membros de uma família e as suas relações durante pelo menos três gerações*” (MCGOLDRICK, 1987, p. 17). De acordo com McGoldrick (1987), os Genogramas apresentam informação numa estrutura gráfica que proporciona uma rápida visão das complexas normas familiares e uma vasta fonte de hipóteses sobre como um problema clínico pode estar relacionado com o contexto familiar e a sua evolução quer do problema, quer do contexto ao longo do tempo.

Diante da visão do mapeamento da família, estes conceitos são invisíveis

para a família que está experienciando e, no entanto, são visíveis ao psicoterapeuta, podendo ser mais bem aplicados, se investigados junto aos membros da família como uma curiosidade de seu funcionamento e como causam impasse nas relações do indivíduo e da família e não como um problema. É o indivíduo quem aponta este tema como um problema relacional paralisando suas expectativas singulares ou no sistema.

O contato com o Genograma, a Intergeracionalidade e seus autores dentro do Curso de Especialização em Terapia Familiar e Casal na PUC/SP, trouxeram um diferencial para minha visão sobre esse instrumento como algo em movimento, porém sempre voltado para as escolhas possíveis, para as mudanças e para o futuro, visão essa que muito contribuiu para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Pensar sobre as possibilidades do Genograma tornou-se instigante para sair de paralisações e enxergar possibilidades na evolução relacional pelo entendimento dos sistemas e seu funcionamento. Pensar “o si mesmo em construção relacional”, via Genograma, e em outras possibilidades de comunicação, conversações e mudanças de acordo com as novas necessidades culturais e contextuais foi muito importante, além de tomar conhecimentos de sistemas amplos e ajustá-los de acordo com as novas tendências e possibilidades.

A execução de Genograma, que possibilita o contato com várias épocas, auxiliou no entendimento e mobilizou-me paranoivos questionamentos quanto às heranças intergeracionais transmitidas mediante o encontro com familiares e outras pessoas afetivamente significantes em transição. Nesse encontro foi possível contextualizar épocas, gerações, reler e rever fatos ocorridos em cultura e contextos diferenciados.

Embora o olhar para a família tenha suas similaridades, a cada história de uma família relida, tem seu significado diferenciado e específico para cada membro e muda o sentido de como se compreendia estes sistemas interligados.

Diferenciar os conteúdos da árvore genealógica e do Genograma, livreto de memória, sua profundidade e complexidade, e ainda rever esses conceitos em movimento, levou-me a um aprofundamento sobre esse instrumento com movimentos pensando nas conversas transformadoras de McNamee; Grandesso (2007) que continua a ser ampliado, compreendido e inovado em meu dia-a-dia, como um cenário ampliado de percepções em construções relacionais que não se fecha percepções, pelo contrário abre mais e mais compreensões.

O objetivo primeiro foi o de aprender como utilizar na clínica este instrumento, mas o segundo acabava se tornando prioridade, sempre aflorava o "cenário ampliado de percepção e compreensão" sobre o "si-mesmo em construção relacional" diferenciado do sistema e o sistemas em um entorno. O si mesmo em construção relacional e as conexões com outros semelhantes diferenciados e como novos temas surgidos nas relações como a reciprocidade, recursividade, poderia ser investigado em conversações sobre as interações familiares, fatos relevantes ao dono da história e a historicidade dos fatos com as percepções e opiniões diferenciadas de seus membros, apontando a diferença de percepção dos membros sobre um mesmo evento familiar.

O estar interdependente, interconectado já não afetava as possibilidades do "eu" seguir, fluir, ou mesmo do "nós" em compartilhamento. Era uma questão de negociações, mediações, conversações, portanto algo que deveria acontecer no "entre" e "com". Para mim, existe também a responsabilidade social e a construção de nossa linguagem dentro destes sistemas familiares e amplos.

Na área de saúde o Genograma consta das orientações como necessidade do profissional fazer uma releitura por meio de conversações sobre o usuário e buscar mais informações sobre o histórico de doenças na família. Porém não corresponde ao que se observa na prática. Especificamente nessa equipe de profissionais de saúde de Delfim Moreira, após investigação verifiquei que muitos dos profissionais não o conheciam, e nenhum deles já tinha visto entrado em contato com este olhar intergeracional sob o ângulo das relações, e o mais importante é que nunca tinham feito seu próprio Genograma e conversado sobre os temas levantados. Portanto, não experienciado as emoções que são fundamentais para este processo, para essa compreensão, visão sobre o sistema familiar e suas possibilidades de doenças, saúde, heranças e as interconexões com as relações. Não tinham vivenciado rever sua própria família sob o prisma dessas interconexões, e nem a oportunidade de rever dentro de um grupo específico de trabalho com a mesma linguagem de saúde e doenças na família e em uma comunidade menor trabalhando no local.

Concebendo-se o Genograma como instrumento mobilizador, que instiga perguntas e busca respostas na sequência de fatos que ocorreram nas páginas da história pessoal, familiar e intergeracional, intrageracional, transgeracional, evidenciando encontros relacionais, os demais membros externos ao contexto

estudado acabam por se tornar possuidores de voz. Cada um tendo sua voz e esta sendo escutada no sistema como algo importante e melhor, contribuindo, compartilhando.

Convidados a participar pessoal ou indiretamente de conversações sobre os questionamentos levantados a partir de uma temática suscitada pode-se começar a co-construir de forma isolada ou com familiares caminhos para superar as dificuldades que não foram elaboradas ou que podem ser depuradas, diluídas.

6.3.3 Questionário

Questionários são técnicas de pesquisa que iniciam o processo de descoberta na mente do entrevistado.

Richardson (2011) explica-nos que questionários cumprem pelo menos duas funções: descrever características e medir variáveis de grupos sociais. Entre as vantagens de se aplicar questionários está a possibilidade de se obter informações de grande número de pessoas em tempo curto e abranger área geográfica ampla. A técnica apresenta uniformidade, devido ao vocabulário, à ordem das perguntas e às instruções iguais para os entrevistados. O questionário poderá ser anônimo para que as pessoas sintam-se com maior liberdade de expressar suas opiniões.

Ainda em acordo com esse mesmo autor (2011), não existem normas claras para adequação de questionários a clientelas específicas. É responsabilidade do pesquisador determinar o tamanho, a natureza e o conteúdo do questionário, de acordo com o problema pesquisado e respeitar o entrevistado como ser humano. Recomenda-se que o questionário não ultrapasse uma hora de duração e que inclua diferentes aspectos de um problema.

Ao responder ao questionário, o participante começa a focalizar um determinado problema e o faz segundo um modo determinado de abordá-lo. Quando o respondente do questionário precisa reagir a perguntas fechadas e muito focalizadas, o chamado “bias” (tendenciamento) pode se tornar um problema. Em perguntas abertas, o tendenciamento também existe, embora esteja disfarçado.

6.3.4 Livreto de Memórias

No caso desse estudo, esse terceiro instrumento constituiu-se em um documento ao qual denominei “Livreto de Memórias”. Esta técnica vem se desenvolvendo nos últimos anos com o objetivo de descrever de forma sistemática o conteúdo das comunicações. Considera-se como documento qualquer registro escrito , que possua autoria confiável, que possa ser usado como fonte de informação (regulamentos, atas , relatórios, pareceres, projetos, programas, cartas, diários, entre outros)

Esta técnica tem uma importância considerável na construção de uma pesquisa visto que pode ser utilizada para checagem, complementação e aprofundamento de dados . É importante que o pesquisador tenha conhecimento sobre o documento que vai utilizar , bem como sua origem e finalidade .

Esse documento, o Livreto de Memórias, não teve como objetivo compor o material de análise, e sim como proposta de introdução aos estudos intergeracionais mediante a ativação da memória afetiva, da herança das dinâmicas relacionais do si mesmo (um olhar mais singular) em meio ao contexto familiar e o contato com as interconexões no singular, importantes para propiciar o processo de conversação. No que diz respeito à memória, coerente com uma visão sistêmico-relacional, as dinâmicas, ações, não a considero como algo estático, mas a examino em seus aspectos relacionais porque toda memória se conecta com estímulos internos ou externos, portanto estimula a expressão de aspectos subjetivos.

6.4 Procedimento

Diante da percepção da secretária de saúde da cidade de Delfim Moreira (MG), Maria Goretti Ferreira Parada Oliveira, no sentido da necessidade de cuidar de seus profissionais, advinda de sua observação quanto ao estresse que os mesmos se viam submetidos no exercício de sua lida diária, associada a outra percepção minha sobre as possibilidades da abordagem intergeracional dentro dos sistemas, e do contexto social, cultural, optei por direcionar minha tese para uma narrativa das histórias de vida desse mesmo profissional por acreditar que o processo conversacional sobre suas experiências e necessidades suscitadas em meio aos

temas abordados, possibilitaria diluir esses estresses, além de lhes proporcionar uma nova visão da contribuição do olhar psicológico para a família.

Uma vez apresentado e discutido com minha orientadora Profa. Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cerveny as possibilidades para um projeto que viesse ao encontro da solicitação da referida gestora de saúde, conjuntamente pensamos em um modelo de atendimento a esse profissional mediante um programa de complementação de estudos. Assim dei início a meu projeto de pesquisa, o qual, após alguns meses foi encaminhado para a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa da PUC, e aprovado pelo seguinte número de protocolo 278/2010.

Após a elaboração e preparação desse programa, o qual denominei PROGRAMA DE RESSIGNIFICAÇÃO DA FAMÍLIA DE ORIGEM DO PROFISSIONAL DE SAÚDE (PRORFOPS) finalmente as datas para a realização desses encontros foram agendadas, cujo cronograma apresento no quadro que segue:

Quadro 9: Cronograma de realização das oficinas de complementação de estudos

Etapas	Grupos	Datas de realização das oficinas
Primeira Etapa	Grupo 1	19 de agosto de 2010
		20 de agosto de 2010
		10 de setembro de 2010
		11 de setembro de 2010
	Grupo 2	26 de agosto de 2010
		27 de agosto de 2010
		17 de setembro de 2010
		18 de setembro de 2010
Segunda Etapa	Grupo 1	09 de dezembro de 2010 (período da manhã)
	Grupo 2	09 de dezembro de 2010 (período da tarde)

Toda a equipe de profissionais da Unidade Básica de Saúde foi convidada a participar. A formação de tal grupo foi heterogênea, desconsiderando-se critérios de sexo, formação, crença, raça, dentre outros, desde que se apresentassem irrelevantes para sua composição.

Formaram-se 2 (duas) equipes, sendo que o Grupo 1 contou com 19 participantes e o Grupo 2 com 24, que obtiveram 32 horas de formação, sendo que as 2 oficinas previstas ocorreram com um intervalo de 15 dias. Porém para a realização desse estudo foram selecionados aleatoriamente apenas 15.

Cabe no momento registrar, no presente estudo, uma breve reflexão sobre a questão da participação da mulher nessa pesquisa. Embora o critério de seleção dos participantes desse estudo tenha sido aleatória, pelo número de mulheres sorteadas observa-se que a atuação do sexo feminino nessa área é predominante, pelo menos nos níveis médios de formação. Entre todos os 43 convidados das oficinas apenas 05 eram homens. A constatação desse fato chama-nos a atenção para práticas de promoção da saúde basicamente delegadas às mulheres.

Tradicionalmente, observa-se que as práticas de promoção da saúde associam-se às mulheres, as quais devem se encarregar de determinados cuidados, e incumbirem-se da realização de certas ações perante a sociedade, entre elas aquelas que dizem respeito aos cuidados com saúde.

O grande número de mulheres responsabilizando-se por tais cuidados, assim como na área da educação, é um indicativo da generificação de determinadas profissões e das implicações que daí advêm, baixos salários, jornadas de trabalho reduzidas ou ajustadas às disponibilidades do profissional, precário reconhecimento social por essa prestação de serviço.

Entre outras funções que assumem, o grande número de mulheres atuando como agentes comunitárias de saúde, reforça essa aproximação entre o cuidado e o gênero feminino. Segundo o pensamento de Scavone, L. (2005), na maioria das vezes, as mulheres ocupam postos que envolvem cuidados nas dinâmicas de saúde, pois carregam essa marca desde casa, já os homens ocupam-se, quando dedicados a profissões na área de saúde, mais à dimensão curativa dessa atividade. A mesma autora entende a família como um lugar de produção de cuidados de saúde. Ao se associar as mulheres ao cuidado com a saúde, elas se transformam em peças fundamentais na construção social dos cuidados em saúde, fato que adquiriu bastante visibilidade nessa pesquisa.

Ao observar o predomínio de mulheres nesse estudo, independente do nível de escolaridade ou estado civil, a análise das faixas etárias também ratifica a observação de que a área comporta profissionais que estejam em qualquer faixa etária, refletindo que o trabalho em saúde continua a ser alvo de atenção de jovens que ingressam no mercado de trabalho. Reforçando essa afirmação, observa-se que entre os profissionais desse estudo, o número de participantes que se encontra entre 6 meses e 5 anos de atuação é elevado em relação às demais faixas de tempo de atuação, o que denota o contínuo ingresso de profissionais nessa área.

Quanto à procedência, o número de participantes alterna-se entre os naturais da própria cidade e aqueles provindos de outras regiões do Estado, o que deixa transparecer o quadro de migração interna existente no Estado de Minas Gerais até algumas décadas atrás, e a mescla de tradições e valores que se observa entre seus habitantes.

Vale ressaltar que chama a atenção na equipe de profissionais que atua na Estratégia de Saúde da Família em Delfim Moreira a existência de uma cultura co-construída de solidariedade e colaboração. Todos interagem bem e correspondem às expectativas da gestão de saúde do município, tanto isso é verdadeiro que cobrem 100% da população local dentro das políticas públicas de saúde.

Sob meu ponto de vista, tal fenômeno tem a ver com a cultura local e mineira interiorana que prioriza valores de obediência, respeito, exemplo de trabalho, por outro lado também tem a ver com os valores de força e persistência, solidariedade, humanidade, trazidos pelos migrantes que se estabeleceram no local. Parece-me que todos procuram assimilar a orientação de sua gestora de saúde no sentido de cuidarem dos usuários dos serviços de saúde como se fossem de sua própria família.

Em síntese, a compreensão das experiências apresentados nessa tese também reflete a fala de homens, porém mais de mulheres interioranas, em sua grande maioria mães de família que assumem dupla jornada de trabalho diária, que possuem, também em sua maioria, um estilo de orientação familiar tradicional.

Retomando o foco inicial de descrição dos procedimentos, embora tenham participado do programa de complementação 43 convidados, selecionei aleatoriamente 15 participantes, sendo 7 do Grupo I e 8 do Grupo II para a análise dos dados por considerar esse número suficiente para a compreensão do PRORFOPS.

Para a viabilização desse programa, previu-se que o conteúdo a ser abordado seria desenvolvido mediante aulas teóricas, que teriam como material de apoio apresentações em PowerPoint, e de momentos especiais, nos quais o participante teria a oportunidade de participar de dinâmicas e de oficinas para a aprendizagem e a confecção de seu próprio Genograma, ou ainda para o preenchimento de seu “Livreto de Memórias”.

Todos os encontros realizados para a execução do PRORFOPS foram gravados e, posteriormente transcritos. Nesses encontros foram coletadas as histórias de vida que serviriam como material de análise. A transcrição foi realizada logo após a gravação para garantir a fidedignidade do que foi dito pelos participantes.

Conforme o exposto no cronograma de atividades, a recolha dos dados foi realizada em 2 etapas, nas quais os diferentes instrumentos: história de vida, questionários e livretos de memória foram coletados.

Para transmitir esse conteúdo complementar que suscitaria uma nova percepção ao participante, utilizei a Abordagem Intergeracional, conforme exposto anteriormente, e usei de alguns cuidados. Só depois de lhes apresentar o programa e ouvi-los *in loco*, consegui criar um espaço de conversação e porque não dizer de maior intimidade com a cultura local, com a linguagem, com o lado profissional desses mesmos participantes e as falas sobre os temas. Foi então que introduzi os novos conhecimentos da abordagem intergeracional e do eu relacional, dos quais emergiram as diferentes maneiras de se ver, que ocorreram em meio à trocas de experiências.

Chamo a isto de desdobramentos, algo que ocorre na linguagem durante e após conversações transformadoras. Um fala e o outro ouve e depois um fala sobre o que ouviu do outro e de outros. Assim, as conversas vão se sobrepondo, ou seja, aquilo que é ouvido é automaticamente reorganizado associando-se àquilo que faz sentido e é expresso.

As conversações sobre eventos das histórias de vida, nas quais se transmitiram os conteúdos do PRORFOPS foram mobilizadas por mim a partir de perguntas, previamente selecionadas em temas, e dirigidas aos participantes em meio às atividades, aulas teóricas, dinâmicas, vivências nas oficinas.

No momento da aplicação do Genograma ocorreram conversações, autonarrativas que possibilitaram um segundo olhar para as relações familiares e as diferenças de percepções do grupo. Na área de saúde, esse instrumento tem sido usado especificamente para oferecer ao profissional uma visão biomédica da família. Nessa pesquisa ele foi usado para compreender as dinâmicas das relações, para adentrar numa cultura, e para complementar informações pertinentes ao estudo de famílias.

Quanto ao questionário, no diálogo entre pesquisador/participante havido, a proposta era verificar em seus relatos o entrecruzar de informações que estavam fazendo sentido nessa complementação do olhar da família e uma releitura desse novo conhecimento co-construído. Os principais focos do questionário se concentraram numa avaliação da reação do participante quanto à sua participação nas oficinas, na avaliação da aprendizagem propriamente dita, e na avaliação do desempenho desse profissional, ou seja, se houve ou não transferência da aprendizagem para o trabalho.

Os mesmos questionários foram aplicados em dois momentos. Foi considerada como segunda etapa desse estudo o encontro entre os participantes, ocorrido em 9 de dezembro de 2010. Para a tomada de decisão de reaplicar os questionários, baseei-me em uma das reflexões de Gergen:

[...] da perspectiva construcionista, a pesquisa no âmbito de um paradigma, pode ser grandemente valorizada pela comunidade comprometida com o mesmo, mas também pede que consideremos a utilidade dessas linguagens e seus resultados fora dos limites da comunidade (2010, p.73,74).

Ao pensar dessa forma, resolvi planejar um reencontro entre os participantes dos dois grupos que teve como objetivo principal uma reflexão do processo de aprendizagem do PRORFOPS e da compreensão da influência das relações intergeracionais em suas vidas e ainda sobre a transferência desse conhecimento para seu exercício profissional na comunidade.

Para a realização dessa tarefa foi reaplicado o questionário em ambos os grupos, com o intuito de que o participante diante de suas respostas anteriores tivesse um espaço para a reflexão sobre seu processo de aprendizagem, que foi analisado nessa pesquisa e será divulgado após seu encerramento.

Quanto aos “Livretos de Memória”, no PRORFOPS eles tiveram o significado de fazer emergir a singularidade, mediante a evocação de memórias de aspectos da infância, adolescência e as conexões com suas lembranças de si mesmo. Esse documento foi composto pelo registro escrito dos principais dados do participante inseridos em uma espécie de “álbum de recordações” que foi previamente entregue a todos os participantes, cuja tarefa era a de preenchê-lo com seus dados pessoais, dados de seus ancestrais, como origem do nome da família, e seus membros. Nesse Livreto de Memórias, os participantes registraram também as lembranças de sua

infância, da adolescência, suas preferências, tradições, curiosidades familiares, e as principais festas comemoradas pela família. Esses registros foram sendo feitos ao longo do PRORFOPS, sendo que ao final dos encontros, os participantes puderam ficar de posse desse instrumento.

A meu ver, o pedido da gestora de saúde foi atendido no sentido de que o profissional sentiu-se cuidado quando lhe foi possibilitado olhar para si mesmo, quando ele se ouviu e elegeu o evento de história de vida ou o tema, que quis contar com uma escuta afetiva e compreensiva em uma circularidade entre o pesquisador, o participante e o grupo. Houve também o cuidado com os vínculos no sentido dar espaço para que as pessoas não se tornassem vulneráveis, o cuidado ético com tudo o que era falado, o cuidado com a realização das dinâmicas para não expor fragilidades, enfim cuidado com o próprio estresse do participante quando se abriu a oportunidade para que ele falasse de seu cansaço. Entre outros cuidados como com a alimentação, o afeto foi impresso nos detalhes, cuja intenção primeiramente era humana de agradecimento à generosidade da participação e, em segundo didático no sentido de introduzi-los numa postura de acolhimento e colaboração hospitaliera. Esse cuidado presente o tempo todo formou um vínculo permeando a boa disposição da equipe para se relacionar nos encontros.

6.5 Questões éticas

Pelo fato do PRORFOPS basear-se, sobretudo, nas interações humanas entre seus participantes, alguns cuidados foram tomados no sentido de não lhes invadir a privacidade sem prévia autorização. A primeira medida adotada foi ser franca, identificando-me com o pesquisadora, esclarecendo-os a respeito dos propósitos do estudo, reforçando que o objetivo não era avaliar o conhecimento que possuíam, e sim complementar seus estudos, e para isso seria necessário ouvir o relato sobre a história de vida e as expressões de afetividade de cada um e a forma pela qual as interpretavam. As explicações sobre as medidas éticas e sobre o sigilo que seriam adotados foram fornecidas a todos os participantes e a pesquisadora preocupou-se em obter o consentimento livre e esclarecido dos mesmos para o desenvolvimento do estudo, no qual foi garantido o sigilo sobre suas identidades. Outro cuidado foi a autorização sobre o uso de recursos audiovisuais, todos os participantes consentiram que se usasse do gravador. Para o processo de seleção

dos participantes, os pré-requisitos necessários às pesquisas que envolvem seres humanos foram adotados conforme Portaria nº 196/96 do Ministério da Saúde.

6.6 Analise dos dados e Discussão dos Resultados

Para a análise dos dados do presente estudo, inicialmente serão apresentados os resultados das análises das entrevistas, e posteriormente dos questionários. Seguindo os procedimentos de análise de conteúdo propostos por Bardin (1997), dentro do campo denominado de pré-análise, procedeu-se às leituras flutuantes com o objetivo de estabelecer um primeiro contato com os documentos a serem analisados e conhecer o texto.

A seguir, procedeu-se à recolha dos documentos, ou seja, extraiu-se do teor total das entrevistas e questionários apenas os documentos referentes a cada um dos 15 participantes, os quais se constituíram num *corpus* de análise, que foi o conjunto dos documentos submetido aos procedimentos analíticos.

6.6.1 Procedimentos analíticos

Em continuidade ao trabalho, ainda dentro da fase da pré-análise, procedeu-se à preparação do material, que no caso específico dessa pesquisa consistiu em fazer uma varredura no teor total das entrevistas dos dois grupos com o intuito de extrair e agrupar falas de participantes que estiveram em ambos os grupos em função das próprias urgências de profissionais de saúde, como chamados de emergência, que os impediram de participar integralmente do grupo ao qual pertenciam, o que ocasionou que recuperassem o conteúdo perdido posteriormente em outro grupo.

Concluída a fase de pré-análise, procedeu-se aos passos da fase de exploração do material que se efetivou mediante as seguintes tarefas:

- ✓ Identificação das falas pertinentes a cada tema trabalhado no PRORFOPS,
- ✓ Extração dos conceitos contidos nessas falas,
- ✓ Definição das categorias
- ✓ Definição das subcategorias
- ✓ Definição dos conceitos

✓ Definição dos fenômenos

Embora, de acordo com Bardin (1997), a sequência de tarefas dentro da análise de conteúdo seja partir da formulação de categorias para os conceitos, na prática, nesse estudo houve, o tempo todo, um ir e vir de categorias para conceitos e de conceitos para categorias, um dando margem a que se procedesse à construção simultânea do outro. Gostaria de ressaltar, no momento, que esse foi um longo e exaustivo trabalho que exigiu enorme esforço de concentração e abstração. Justifico-me antecipadamente por não ter elaborado a descrição detalhada de todas as categorias, subcategorias e conceitos que compuseram os fenômenos. No entanto, por ter procurado nomeá-los da maneira mais próxima à realidade que correspondem, acredito que dispensem a apresentação escrita, pois são capazes de falarem por si mesmos, também porque procurei elaborar os diagramas e quadros da maneira mais completa que pude pensá-los.

Conforme visto na fundamentação teórica da análise de conteúdo, as categorias podem ser caracterizadas como grandes enunciados que abarcam um número variável de temas, segundo seu grau de intimidade ou proximidade, e que podem mediante análise, exprimirem significados e elaborações importantes que atendam aos objetivos de estudo e criem novos conhecimentos, proporcionando uma visão diferenciada sobre os temas propostos.

Assim, do objetivo geral desse estudo “**Analizar a contribuição do PRORFOPS para a complementação de estudos intergeracionais entre os profissionais que atuam na Estratégia de Saúde da Família na cidade de Delfim Moreira**”, extraíram-se as duas grandes categorias temáticas, estabelecidas aprioristicamente:

Contribuição do PRORFOPS para a compreensão por esse profissional da família de origem e atual enquanto sistema

Contribuição do PRORFOPS para a compreensão por esse profissional das famílias por ele atendidas

Para a compreensão da família enquanto sistema ocorreu uma troca de experiências entre o pesquisador e os participantes. Essa compreensão foi além do que pude imaginar na junção da prática com a teoria e daquilo que foi construído, que visava proporcionar percepções sobre as diferenças de indivíduo para indivíduo dentro de sistemas interligados, ao mesmo tempo interagindo com os demais, sem abandonar sua individualidade. Refleti sobre os processos pelos quais as pessoas passam, descrevem, explicam, ou de alguma maneira dão conta da realidade possível de ser vivida na atualidade, assim como essa realidade existiu em períodos históricos anteriores, e que poderá vir a existir em um futuro.

Observei uma riqueza na diversidade cultural das auto-narrativas e dos relatos, fundamentais para que se extraíssem os conceitos que auxiliaram na compreensão do olhar psicológico para o sistema familiar. Em síntese, nesse capítulo apresentarei a análise das auto-narrativas que mostram a contribuição desse programa para a complementação de estudos psicológicos relacionais intergeracionais entre os profissionais que atuam no Estratégia de Saúde da Família da cidade de Delfim Moreira.

Em relação ao Primeiro Grande Tema, que em outras palavras, era a compreensão do papel da Intergeracionalidade, da Comunicação Afetiva e da Conversação na formação pessoal e na atuação profissional do participante, observei 5 fenômenos, considerando fenômeno, no contexto desse estudo, como a compreensão dos processos próprios do mundo subjetivo.

Conforme exposto anteriormente, iniciei a análise dos dados baseando-me nas entrevistas, as quais ocorreram ao longo da transmissão do conteúdo previsto no programa, as quais deram margem a que se observasse a construção dos 5 fenômenos descritos a seguir:

- 1- CONSTRUINDO SENTIDO RELACIONAL
- 2- EXPERIENCIANDO TRANSFORMAÇÕES NAS RELAÇÕES INTERNAS
- 3- CRISTALIZANDO AS CONSTRUÇÕES DA LINGUAGEM INTERGERACIONAL
- 4- A COMUNICAÇÃO INFLUENCIANDO O PENSAMENTO E O SENTIMENTO AFETANDO AS RELAÇÕES
- 5- CO-CONSTRUINDO REALIDADES COM AS PALAVRAS QUE USAMOS

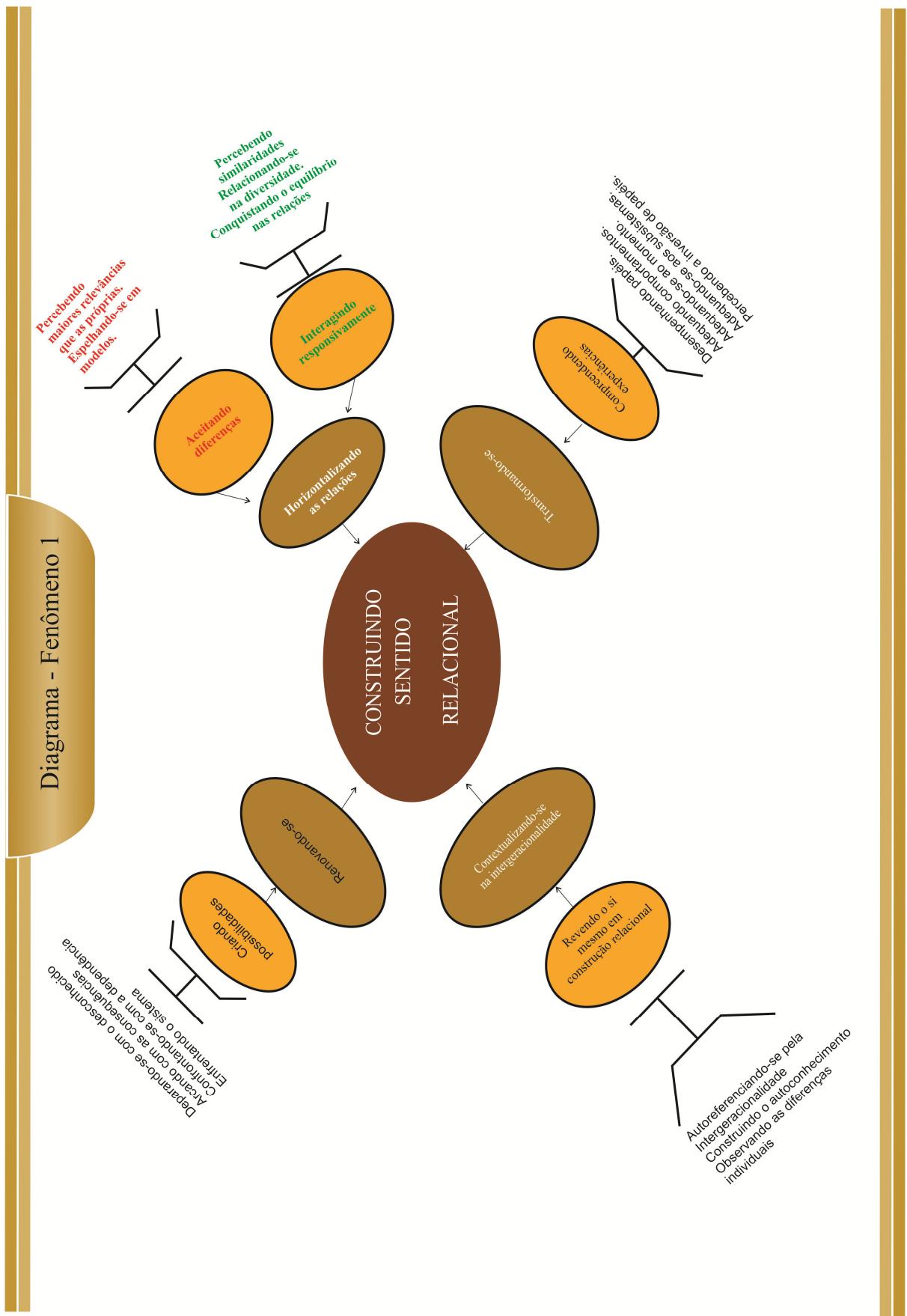
6.6.2 Construindo Sentido Relacional

Para compreender a construção do sentido relacional, iniciei com o entendimento do funcionamento de um sistema amplo, passando para um sistema intergeracional e chegando ao entendimento do sistema nuclear e seus subsistemas. A descrição desse fenômeno deveu-se à minha preocupação de mostrar ao participante as partes interligadas ao todo, ou seja, ao mesmo tempo em que a pessoa pode se ver no singular dentro de um processo de individuação, ela pode se ver construindo relações e interagindo com o sistema, co-responsabilizando-se pela construção do sentido relacional.

Quatro processos psicológicos ficaram evidenciados: RENOVANDO-SE, HORIZONTALIZANDO AS RELAÇÕES, CONTEXTUALIZANDO-SE NA INTERGERACIONALIDADE e TRANSFORMANDO-SE.

Apresento a seguir o Diagrama 1 correspondente ao Quadro 10, os quais detalham a construção desse fenômeno.

Figura 6: Diagrama - Fenômeno 1



Quadro 10: Fenômeno 1 “Construindo Sentido Relacional”

Fenômeno	Categorias	Subcategorias	Conceitos
CONSTRUINDO SENTIDO RELACIONAL	Renovando-se	Criando possibilidades	<ul style="list-style-type: none"> • Deparando-se com o desconhecido • Arcando com as consequências • Confrontando-se com a dependência • Enfrentando o sistema
	Horizontalizando as relações	Interagindo responsivamente Aceitando diferenças	<ul style="list-style-type: none"> • Percebendo similaridades • Relacionando-se na diversidade • Conquistando o equilíbrio nas relações • Percebendo maiores relevâncias que as próprias • Espelhando-se em modelos
	Contextualizando-se na intergeracionalidade	Revendo o si mesmo em construção relacional	<ul style="list-style-type: none"> • Auto-referenciando-se pela intergeracionalidade • Construindo o autoconhecimento • Observando as diferenças individuais
	Transformando-se	Compreendendo experiências	<ul style="list-style-type: none"> • Desempenhando papéis • Adequando comportamentos • Adequando-se ao momento • Adequando-se aos subsistemas • Percebendo a inversão de papéis

“RENOVANDO-SE” foi a primeira categoria construída para explicar a construção do sentido relacional. De acordo com as narrativas, essa categoria é formada por um único processo psicológico “CRIANDO POSSIBILIDADES”. Vale ressaltar que os processos psicológicos diferem de uma cultura para outra, portanto, o estudo realizado em Delfim Moreira possui peculiaridades, o que devem ser levado em consideração e convida-nos a refletir sobre:

[...] as origens sociais das concepções sobre a mente dadas por assente, tais como a bifurcação entre razão e emoção, a existência de motivações e memórias e o sistema simbólico que se crê subjacente à linguagem. Elas dirigem nossa atenção para as instituições sociais, morais, políticas e econômicas que sustentam e são apoiadas pelas premissas atuais sobre a atividade humana (GERGEN, 2009, p. 304)

Dentro dessa subcategoria, DEPARANDO-SE COM O DESCONHECIDO foi o primeiro conceito abstraído. Quando determinadas atitudes e comportamentos são insatisfatórios adotam-se posturas de renovação. Muito embora seja esse o

consenso entre os participantes sobre mudanças, observa-se em seus depoimentos o medo do desconhecido e a dificuldade em “ARCAR COM AS CONSEQUÊNCIAS”, que foi o segundo conceito evidenciado. Observa-se de maneira bastante clara a interdependência entre os membros familiares, evidenciada no conceito “CONFRONTANDO-SE COM A DEPENDÊNCIA”, de tal modo que a possibilidade de mudança chega a assustar na medida em que se acredita que é difícil diferenciar-se no sistema. Observei que os participantes foram introduzidos em uma nova perspectiva quanto ao sistema, agora diferenciado o olhar linear ou rora incorporado, aprendendo a pensar em círculos para transformar suas interações, ao invés de isolá-los das origens emocionais de seus conflitos. O que mantém as pessoas paralisadas é a grande dificuldade de se responsabilizarem pela participação dos problemas que as afligem, e enxergar padrões que as une, daí eu haver nomeado esse conceito como “ENFRENTANDO DESAFIOS”. Os conceitos que evidenciam tal construção podem ser observados nas falas que seguem:

G1/P2: *A família, pai e mãe, têm medo do filho arriscar e se machucar...*

G1/ P3: *Você já fica com medo de sair daquele padrão e depois a consequência que você vai ter que levar. Eu vou dar um passo na minha vida, como eu já tive oportunidade, mas meu pai não aceitou aquele passo que eu vou dar, a minha família não aceitou. Então eu fiquei paradinha naquele lugar... Eu não consegui romper isso. Eu não consegui dar esse passo. Porque eu tinha aquele medo de romper as tradições e os costumes da família e depois a culpa que você vai carregar.*

G1/ P3: *Eu sou muito insegura. Acho que já deu para todos perceberem. Estou tentando romper os meus limites. Eu sei disso.*

G1/ P3: *É interessante, que eu também tentei ser diferente, eu mudei até de religião..., mas devido ao meu pai que a gente sempre teve muito...*

G1/ P3: *Buscar outro caminho? Quando você não quer viver alguma coisa, você busca outro caminho. Quando a gente vai aprender a cuidar da gente? Quando a gente olhar pra gente mesmo. Quando a gente enxergar a gente mesmo.*

G1/P6: *O sistema não gosta de mudanças...*

G1/P6: *Porque é mais fácil a gente viver aquilo que já está certinho, arrumadinho do que ficar mudando.*

G1/P7: *Sei lá... eu achei interessante que apesar da gente achar que o melhor pra gente é sair, buscar outro rumo, a gente se apega muito no que os outros vão pensar, na opinião... a gente tem a da gente, mas se preocupa muito com a opinião dos outros.*

G1/P7: *É comigo. Com que os outros vão pensar de mim... sei lá. Minha família é muito religiosa... eu fui a diferente. Eu não quis casar, não casei e tenho uma filha. Só que se eu começar a sair de novo vão falar de mim...*

G1/ P3: *Mas é aquilo, eu não fugi daquele costume. Pelo menos eu fui obediente.*

G2/P13: *Se eu ficar três meses com os meus móveis no mesmo lugar, eu entro em depressão. Eu fico desesperada.*

G1/ P3: *tentei, tentei e parei no quintal. Fiz uma casa no quintal da minha mãe.*

G1/P3: *Nisso tudo aconteceu muita coisa boa: eu construí a minha casa. Hoje eu tenho a minha casa, é minha, foi eu que fiz, com o meu suor, minha família me ajudou. Tenho meu filho que é uma criança maravilhosa, um menino abençoado, um excelente aluno, mas tem um vazio. Alguma coisa está faltando, eu sinto que está faltando. Só que eu tenho um medo de tentar arriscar.*

“HORIZONTALIZANDO AS RELAÇÕES” foi a segunda categoria construída para explicar a construção do sentido relacional. Essa segunda categoria compõe-se por 2 subcategorias: “INTERAGINDO RESPONSIVAMENTE” e “ACEITANDO DIFERENÇAS” observadas na fala dos participantes, as quais dizem respeito ao consenso de que num relacionamento é preciso que haja uma troca mútua de conhecimentos, cujos acréscimos para ambas as partes devem procurar instaurar a harmonia nas relações. De acordo com o pensamento de Boszormenyi-Nagy e Spark (1973/2003) existe nas famílias uma tendência a haver reciprocidade nas relações, que leve em consideração os interesses tanto do sistema quanto de cada

um de seus membros. Este fenômeno pode ser observado nos seguintes conceitos: “PERCEBENDO SIMILARIDADES”, evidenciando que no relacionamento com os familiares é possível encontrar semelhanças com nossa própria forma de agir:

P2/G14: ... e entendi muita coisa que eu não entendia; sobre relacionamento e tal... eu vi que sou bem parecida com eles, e entendi muita coisa que eu achava um absurdo e que eu faço também.

G2/ P12: Relacionamento assim é muito complicado. Como é difícil um relacionamento de família. O entendimento entre os avós e bisavós, como o desentendimento deles podem afetar os netos, os bisnetos. Eu achei interessante isso.

“RELACIONANDO-SE NA DIVERSIDADE”, acreditando-se que é possível manter um relacionamento com uma pessoa mesmo que ela seja diferente:

P2/G14: Não. Não me incomoda e eu entendo, porque é ser humano. E eu descobri que posso entender as pessoas também. Não é porque eu sou assim e a pessoa também é que eu não vou entendê-la.

G2/ P10 A minha avó e meu avô materno são o oposto, completamente. Minha avó é um doce e meu avô é um italiano daqueles! E todos os meus tios e tias são a mesma coisa. Lá em casa, meu pai é o oposto da minha mãe. É tudo casado com o oposto.

P1/G1:... então você começa a avaliar a pessoa que vem para o seu atendimento de uma forma diferente e você vê todo o contexto de como vem e como vai.

“CONQUISTANDO O EQUILÍBRIO NAS RELAÇÕES”, onde se ressaltaque o relacionamento alcança um equilíbrio quando seus interlocutores assumem comportamentos e atitudes distintos e com coerência:

P2/G9: Modéstia parte, eu sempre me preocupo muito com o outro e se o outro teve alguma reação que não foi a que eu esperava eu procuro entender o porquê que foi assim.

“PERCEBENDO MAIORES RELEVÂNCIAS QUE AS PRÓPRIAS”, no qual se observa que no relacionamento com as famílias surgem conteúdos que revelam a existência de outros mais relevantes, sensibilizando e provocando empatia com o outro.

P2/G9:... por exemplo, eu vou cuidar do paciente, fazer um procedimento invasivo, eu vejo antes que é um ser humano.... Eu sei que é um ser humano que está ali, mas agora, quando o paciente vem com algumas queixas, eu vejo que emocionalmente tem muitas coisas atrás.

P1/G1: ... a gente amadurece... hoje eu ouço muito a minha mãe, as minhas irmãs, os meus filhos e até mesmo no meu serviço..

P2/G10: Agora eu estou conseguindo ver as reações das pessoas de maneira diferente, e estou conseguindo trabalhar bem isso... a gente está lidando com as famílias com uma visão diferente mais voltada mesmo para a parte de história, de mitos, crenças...

G1/P1: A gente começa a compreender muita coisa quando passa a pensar sistematicamente.

“ESPELHANDO-SE EM MODELOS”, do qual se infere que é sempre bom num relacionamento que as pessoas possam captar elementos positivos e se espelharem em bons modelos. As falas abaixo apontam tal construção de sentido:

G1/P5: Uma vez eu estava conversando com um padre amigo meu que fez o meu casamento. E ele estava falando que a gente não tem que andar um do lado do outro ou na frente do outro e sim juntos. Era tão bonitinho quando ele falava isso nas palestras que ele dava sobre casamento... tem que ser junto.

G1/ P5: É mais ou menos assim... tem que ter uma pessoa que faça a diferença. Tem gente que traz uma coisa bacana e tem gente que não traz uma coisa bacana também. Como a gente já se espelhou em algumas pessoas, que bom será se alguém puder se espelhar na gente também.

Ainda no interior do fenômeno “Construindo sentido relacional” uma terceira categoria pode ser observada, que denominei “CONTEXTUALIZANDO-SE NA

INTERGERACIONALIDADE", ela retrata o participante contextualizando-se de um modo geral dentro das suas heranças familiares. Na construção dessa categoria observei uma única subcategoria "REVENDO O SI MESMO EM CONSTRUÇÃO RELACIONAL", nessa subcategoria os participantes referem à diferença captada de um olhar emocional sobre a família intergeracional, reportando-se às diferentes experiências pessoais com seus ascendentes, nas quais o auto-referenciamento pode ser repensado. As conversas sobre as histórias familiares foram mobilizadas, o conhecimento ampliado, mediante a observação das diferenças de cada um tanto no contexto da família nuclear quanto no da família intergeracional. As falas que seguem apontam o caminho para essa compreensão.

No que se refere ao conceito "AUTO-REFERENCIANDO-SE PELA INTERGERACIONALIDADE" localizei os seguintes depoimentos:

G2/P9: *Eu me vi diferente sim, mas não muito diferente. Eu não tive muito contato; tipo pai e mãe foram avô e avó pra mim, ... eu to bem diferente do que eu consegui saber da família. ... Então eu achei interessante isso; conseguir visualizar isso; como a minha família, até onde eu consegui ver, como é, ou como foi e como é a minha família, meu marido e minhas filhas, que é uma história completamente diferente.*

G2/P13 *Portuguesa com certeza! Minha vó, por incrível que pareça, era filha única, e família da minha vó, da minha vó pra cá, vai aumentando, e em aniversários, ela ligava pra um e pra outro perguntando se todos já tinham ligado para o aniversariante. E os netos a mesma coisa.*

G1/ P4: *Eu consegui perceber várias coisas. Primeiro, meu vó, a minha mãe é a primeira filha mulher, mas é a segunda, eles tinham uma afinidade fantástica. Eu sou a primeira filha mulher, depois do meu irmão. A minha mãe tem uma relação de amizade íntima comigo muito grande, tanto que eu tenho conversas com a minha mãe de sexualidade, que eu não tinha antes quando eu era adolescente.*

G1/P5: *Eu vejo assim, a relação dos meus avós maternos e cada tio da minha família tem um símbolo de amor de companheirismo, de estar junto. Com a gente também é assim e eu procuro ser assim com o meu marido e com o meu filho.*

P2/G9: *Sim, sim. É claro que tem raízes, coisas que repetem de geração em geração, mas eu estou fazendo uma nova história.*

Quanto ao conceito “CONSTRUINDO O AUTO-CONHECIMENTO”:

G1/ P3: *É. Na minha família, a gente não sabe olhar pra gente... Ai ele desenhou e realmente a gente tem dificuldade de olhar pra gente.*

G1/ P3: *Isso. A gente procura agradar as outras pessoas e depois vem a gente. Isso desde a geração do meu bisavô, do meu avô, do meu pai, e eu vejo pelos meus irmãos e pela gente.*

G1/P7: *Foi legal! Achei interessante, que eu fui na minha vó perguntar umas coisas e ela me falou como muitos primos casavam com primos. Era fechadinho!*

G2/12. *E eu vi que tenho muito dos meus antepassados a partir daí dá pra entender um pouquinho...*

G2/P13: *E mais interessante é a minha mãe que não tem muita referência com a família e dizia que não sabia e não lembrava. Mas eu estava sentada com o meu pai e ela ficava dando pitaco, porque a aminha mãe gosta de dar pitacos.*

E para concluir a descrição dessa subcategoria, localizei entre as falas dos participantes elementos que justificam o conceito “OBSERVANDO DIFERENÇAS INDIVIDUAIS”

G2/P13 *E do outro lado, da minha avó, é exatamente ao contrário, veio de uma família grande que desagregou tudo e foi diminuindo, porque no final de ano, ao invés dela ficar com a família, ela juntava a mala e ia pro Piauí.*

G1/P4: *Da minha mãe, fazendo as famílias; porque são duas famílias, meu avô casou duas vezes. Eu percebi assim, a minha mãe tem muitos dos traços do meu avô em termos de condução das finanças dela, como ela conduz e tal. E da minha avó, assim, não é que ela era passiva, isso eu conversei muito com a minha mãe; ela era uma pessoa que com calma, ela conseguia pegar o meu avô.*

G1/P4: É. E o mais engraçado que eu achei nisso tudo é que tem coisas que você pega de fora e traz para a família e faz um diferencial. Por exemplo, o meu pai, com nove anos a minha avó socou o meu pai num seminário. A palavra é essa “socou”, porque ela socou mesmo. Ninguém sabe se tem um dom com nove anos e resolve seguir carreira de padre ou de médico. E esse fator externo conduziu a vida do meu pai pra ele ser esse homem que ele é e mudou as gerações pra baixo. E a busca dele pra minha mãe é a religiosidade dos dois que é muito forte! Então, é uma coisa que eu não tinha prestado a atenção e não tinha dado a importância no externo e na complementação também. Porque a família P. e a família da minha avó, P. e M. não tem religiosidade nenhuma; tudo que tem tá bom, entendeu? Então, eles não têm um segmento religioso, e meu pai é o único.

Para encerrar a construção da compreensão desse fenômeno observei uma última categoria, a qual intitulei “TRANSFORMANDO-SE”. Tal construção ocorreu mediante a subcategoria que “COMPREENDENDO EXPERIÊNCIAS”, a qual aponta para o conceito “DESEMPENHANDO PAPÉIS” que versa sobre o entendimento de que todos nós, ao longo de nossas vidas, desempenhamos diferentes papéis. “ADEQUANDO COMPORTAMENTOS” foi mais um dos conceitos abstraídos das falas, pois no exercício de cada um desses papéis, o indivíduo é levado a se comportar de maneira diversificada. “ADEQUANDO COMPORTAMENTOS”, “ADEQUANDO-SE AO MOMENTO” e “ADEQUANDO-SE AOS SUBSISTEMAS” mostram que se desenvolvem ações adequadas a cada um desses momentos e em cada um dos subsistemas familiares em que o indivíduo se insere, podendo até passar por inversões na medida em que é solicitado a exercer um papel quando na realidade ainda é protagonista de outro, daí a nomeação desse último conceito como “PERCEBENDO A INVERSÃO DE PAPÉIS”. Todos esses conceitos podem ser observados nos depoimentos que seguem:

G1/P1: A gente começa a compreender muita coisa quando passa a pensar sistematicamente.

G1/P1: A gente faz as coisas sem perceber e a sobrecarga é muito grande. Não resta dúvida, eu me sinto sobrecarregada. Em 2008 a gente passou por uma experiência com a minha mãe, ela foi operada, mas quem arcou com tudo fui eu. Eu faltéi muito no serviço, eu deixei meus filhos

porque eu tinha que acompanhar e minhas irmãs, da forma que elas podiam elas me ajudavam; uma morando muito longe, enfim.

Mas assim, durante dois meses depois da cirurgia da minha mãe, eu dei banho nela todos os dias, todos os dias...

G1/P2: *As mulheres fazem muita coisa ao mesmo tempo.*

G1/P2: *Igual você estava falando de fazer muita coisa ao mesmo tempo e não ser reconhecido.*

G1/P3: *E lá em casa não, eu tenho que ir ao supermercado, eu tenho que pagar conta... tenho dois irmãos solteiros. Se eu não for ao supermercado, ninguém come. A minha mãe me pergunta o dia que eu vou fazer compra. E todos lá de casam ficam em cima: "você não vai fazer compra pra mãe?"*

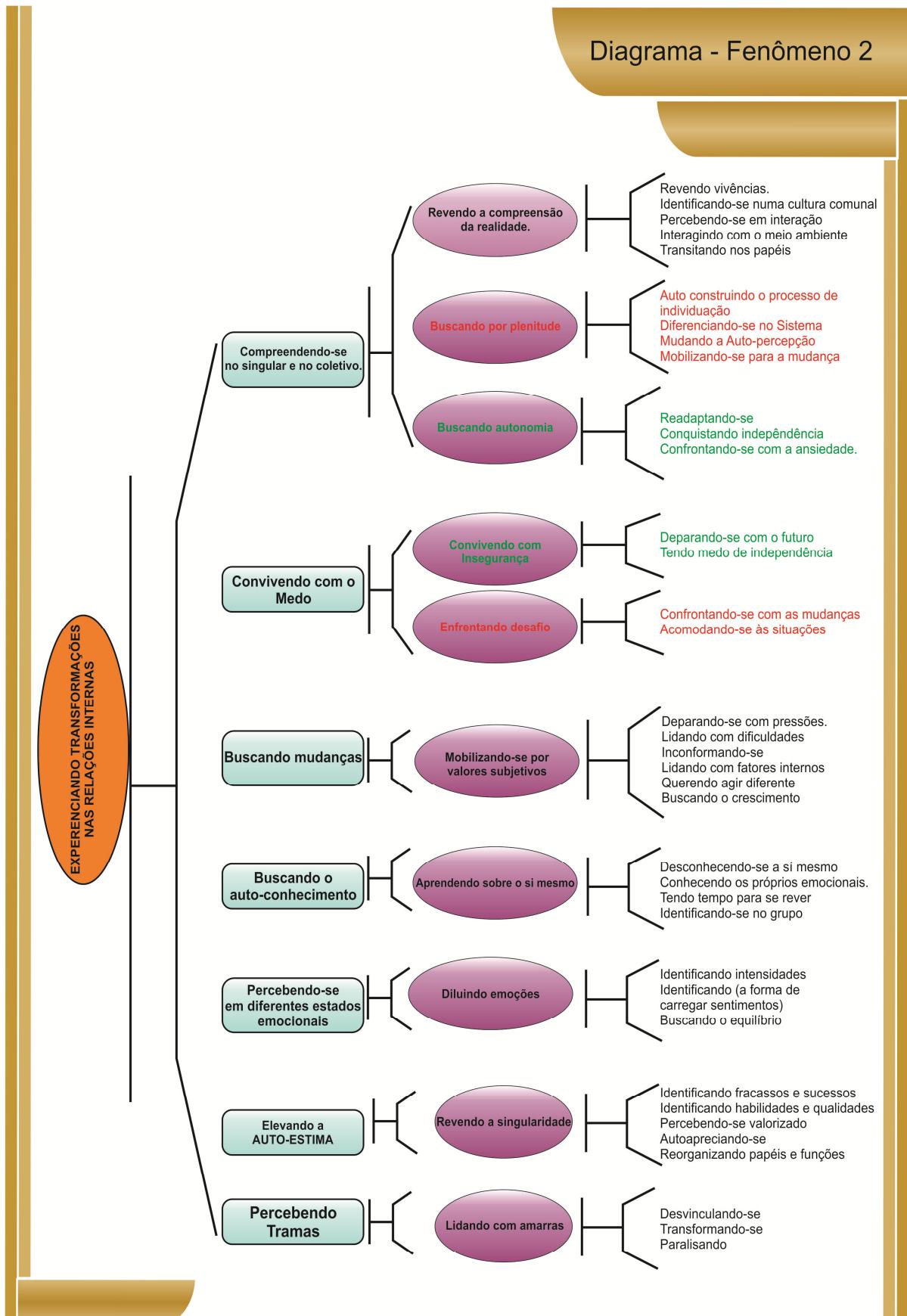
Para a compreensão da construção de um sentido relacional optei por apresentar em primeiro lugar a maneira como os participantes se percebiam de uma maneira mais globalizada, a partir dos fenômenos que descreverei a seguir haverá certo afunilamento no sentido de uma compreensão mais aprofundada sobre como foram amalgamadas determinadas compreensões.

6.6.3 Experienciando Transformações Nas Relações Internas

Um segundo fenômeno observado dentro da Primeira Grande Categoria Temática refere-se especificamente à construção do processo de individuação.

De modo similar ao primeiro fenômeno, apresento abaixo os Diagrama 2 e Quadro 11 que dão conta sobre como se processou tal construção.

Figura 7: Diagrama - Fenômeno 2



Quadro 11: Fenômeno 2 - Experienciando Transformações Nas Relações Internas

Fenômeno	Categorias	Subcategorias	Conceitos
EXPERIENCIANDO TRANSFORMAÇÕES NAS RELAÇÕES INTERNAS	Compreendendo-se no singular e no coletivo	<p>Revendo a compreensão da realidade</p> <p>Buscando por plenitude</p> <p>Buscando autonomia</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Revendo vivências • Reconhecendo influências • Identificando-se numa cultura comunal • Percebendo-se em interação • Espelhando-se em modelos • Interagindo com o meio ambiente • Transitando nos papéis • Autoconstruindo o processo de individuação • Diferenciando-se no sistema • Mudando a autopercepção • Mobilizando-se para a mudança • Readaptando-se • Conquistando independência • Confrontando-se com a ansiedade
	Convivendo com o medo	<p>Convivendo com insegurança</p> <p>Enfrentando desafio</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Deparando-se com o futuro • Tendo medo da independência • Confrontando-se com mudanças • Acomodando-se às situações
	Buscando mudanças	Mobilizando-se por valores subjetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Deparando-se com pressões • Lidando com dificuldades • Lidando com fatores internos • Incorformando-se • Querendo agir diferente • Buscando o crescimento

	Buscando o autoconhecimento	Aprendendo sobre o si mesmo	<ul style="list-style-type: none"> • Desconhecendo-se a si mesmo • Conhecendo os próprios estados emocionais • Tendo tempo para se rever • Identificando-se no grupo
	Percebendo-se em diferentes estados emocionais	Diluindo emoções	<ul style="list-style-type: none"> • Identificando intensidades • Identificando (a forma de carregar sentimentos) • Buscando o equilíbrio
	Elevando a auto-estima	Revendo a singularidade	<ul style="list-style-type: none"> • Identificando fracassos e sucessos • Identificando habilidades e qualidades • Percebendo-se valorizado • Autoapreciando-se • Reorganizando papéis e funções
	Percebendo tramas	Lidando com amarras	<ul style="list-style-type: none"> • Desvinculando-se • Transformando-se • Paralizando-se

Apenas para fins didáticos e para facilitar a visualização de cada uma das unidades que compõem o Quadro 11, fragmentei-o em suas várias células, porém para a compreensão do todo é necessário que sempre se reporte a ele para não se perder de vista a íntegra do fenômeno.

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Compreendendo-se no singular e no coletivo	Revendo a compreensão da realidade Buscando por plenitude Buscando autonomia	Revendo vivências Reconhecendo influências Identificando-se numa cultura comunal Percebendo-se em interação Espelhando-se em modelos Interagindo com o meio ambiente Transitando nos papéis Autoconstruindo o processo de individuação Diferenciando-se no sistema Mudando a autopercepção Mobilizando-se para a mudança Readaptando-se Conquistando independência Confrontando-se com a ansiedade

A primeira categoria que representa a construção desse fenômeno intitulou-se “COMPREENDENDO-SE NO SINGULAR E NO COLETIVO” a partir da qual puderam ser extraídas 3 subcategorias: “REVENDO A COMPREENSÃO DA REALIDADE”, “BUSCANDO POR PLENITUDE” e “BUSCANDO AUTONOMIA”.

Na primeira dessas subcategorias a qual nomeei de “REVENDO A COMPREENSÃO DA REALIDADE” embutiu alguns conceitos. No primeiro deles “RECONHECENDO INFLUÊNCIAS”, o participante referiu-se à sua percepção de que em maior ou menor grau todas as pessoas, em algum momento de suas vidas, sofrem influências, influências essas que poderão acelerar ou dificultar seu processo de individuação. Outro desses conceitos foi “IDENTIFICANDO-SE NUMA CULTURA COMUNAL”, pois entre os profissionais de saúde de Delfim Moreira observa-se que além de suas experiências pessoais, as próprias características da comunidade influenciam a maneira como esse cidadão enxerga o mundo que o rodeia, pois de acordo com Guanaes (2011) quando as pessoas definem o que é realidade, o fazem a partir de uma dada tradição cultural. Esse pensamento pode ser observado nas falas de participantes que comentam especialmente a dificuldade de se lidar com famílias numerosas, nas quais há o predomínio do pensamento comunal em detrimento da individualidade.

G1/ P3: Por ter sido de uma família muito grande, a gente cresceu tudo junto, a tendência é lembrar mais do que aconteceu com a irmã do que aconteceu com você. Eu consigo lembrar mais fácil do que aconteceu com as minhas irmãs do que aconteceu comigo. Então a gente cresceu tudo juntinho ali, e da minha vida mesmo não tem muita coisa não.

G1/ P3: É uma coisa interessante, a gente não consegue fazer nada, não consegue agir se toda a família não estiver por dentro. Se você não pegar a opinião de todo mundo, você não consegue fazer nada.

G1/ P3: Primeiro pergunto pra mãe, depois pergunto pra irmã mais velha, aí vai descendo. Aí liga pra outra que mora na outra cidade...

G1/ P3: Até namorado. A **G1/P4** sabe da minha vida, ela sabe eu conto pra ela. Então até isso minha família comanda. E a gente acaba deixando a pessoa comandar a vida da gente, porque eu acho, pelos costumes mesmo, você tem até a possibilidade, chance... Deus te dá chance de você escapar um pouco, conhecer novos ares, mas você prefere ficar ali, debaixo, naquela segurança ali do que você sair.

G2/ P9: Porque com 57 anos, a R. que me falou, já não é idade de pai; então ele tinha os cuidados de avô com neto. Só que tinha um sentimento de proteção... mas com isso, eu não tive muita liberdade de escolha. Aí, um fato muito interessante que aconteceu, e que conversando com a R. e tal, veio a questão do por que, que eu não sei falar não. E eu achava que eu falava não. Aí, a R. fez a prática comigo, como ela diz, ao vivo e a cores. Eu estava sentada na cadeira, e a R. debruçou em cima de mim, jogou o corpo dela; e eu estava lá, esperando. E ela tinha jogado o corpo dela em cima de mim.

P2/G9: Ah! É isso... eu já tinha comentado com a galera que era mesmo tudo a **G2/P9** e que eu estava absorvendo tudo, e eu já comecei a dar uma desvinculada nisso. Cada um tem seu papel pra não sobrecarregar e tal...

Pesquisador: Você acha que melhorou?

P2/G9: Melhorou! Até a minha postura está melhor! Comecei a fazer pilates também!

“BUSCANDO PLENITUDE” foi a segunda das subcategorias que pode ser extraída dessa forma de pensar. O participante ao acreditar que recebemos influências o tempo todo, admite o conceito “AUTOCONSTRUINDO O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO”: **G1/P4**: *Eu quebrei paradigmas, eu que fiz as primeiras mudanças...*, e que o peso dessas influências varia de indivíduo para indivíduo, daí “DIFERENCIANDO-SE NO SISTEMA” como a compreensão de que o processo de individuação passa inevitavelmente pela questão das diferenças pessoais e por um processo contínuo de reconstrução e de mudança de auto-percepção. **G1/P4**: *Meu irmão já não conseguiu fazer isso. O segundo é totalmente dependente da minha mãe / G1/P5:Cada um lida de um jeito. Cada um reage de um jeito.*

Essa subcategoria também aponta para o conceito “MUDANDO A AUTOPERCEPÇÃO” mediante a crença de que cada ser humano tem uma forma pessoal e particular de estabelecer relação com os outros, forma essa calcada nas crenças pessoais aprendidas e alimentadas ao longo da vida, o que lhe oportuniza manter-se mais ou menos (in)diferenciado dentro do sistema.

G1/P4: *Mas tem a transformação do meio também, pelo jeito que você tá falando. Porque no começo, eu quase tinha um troço, e hoje eu já acalmo. E eu percebo que o G2/T. fica branco, trêmulo, mas ele faz o procedimento normal. A coisa acontece, mas ele passa um sentimento de calma para as pessoas que estão vivendo aquela situação. Então, no começo era mais difícil; mas com o conhecimento da equipe, do trabalho e de como as coisas vão, isso gera um limite de até onde nós podemos ir. Porque o limite de um hospital é um, e de uma Unidade Básica de Saúde é outro.*

De acordo com “MOBILIZANDO-SE PARA A MUDANÇA” as experiências vividas ao longo da vida podem moldar a forma de perceber e ver o mundo mobilizando-o ou não para a mudança, dando-lhe parâmetros para seus relacionamentos, o que se pode observar nos depoimentos que seguem.

G1/ P5: *A gente tem um paciente que é assim. A gente não sabe mais o que fazer com ele. sabe aquela sensação de não saber o que mais fazer com ele? mas é assim, boa parte do que a gente podia fazer, a gente já fez, mas é assim, a gente conversa com ele e ele diz que não vai fazer mais isso, e passa três dias...*

G2/P13 *Se eu sou cuidador, eu também não sei receber cuidado, e quando eu não sei receber cuidado, mesmo que o outro tente ser cuidador de mim, eu não permito, não vejo...*

“BUSCANDO AUTONOMIA” foi o terceiro elemento de compreensão da construção do processo de individuação, que se encontra no interior da categoria “COMPREENDENDO-SE NO SINGULAR E NO COLETIVO”. Esse desdobramento de categoria refere-se à percepção de que a identidade é construída

Para Bowen (1978), o eixo central da diferenciação do ego está situado na relação primária de uma pessoa com seus pais. Com o passar dos anos, tanto pais quanto filhos movimentam-se na direção da obtenção de maior autonomia emocional. Quando nada impede a aquisição de autonomia, o filho sai de seu processo de desenvolvimento com um alto grau de diferenciação do ego, sendo que a ansiedade crônica apresentada pelos pais pode impedir a fluidez desse mesmo processo e o nível de diferenciação do indivíduo. No entanto, esse processo pode sofrer alterações ao se considerar que a identidade do indivíduo é a ideia que ele tem de si mesmo como sujeito dentro da sociedade no qual está inserido. Nesse sentido a identidade do sujeito também passa a levar em conta sua interação com o ambiente exterior, ou seja, sua relação com outras pessoas que podem levá-lo a percepções como sobrecarga de papéis e necessidade de mudança ou de mobilização. A esse fator somam-se outras identidades culturais, que indicam como a identidade é formada ao longo da construção relacional.

“READAPTANDO-SE” foi o primeiro desses conceitos que pude abstrair da fala de alguns participantes:

G1/ P3: *Os irmãos do meu pai fazem esse trabalho, mas é mais na parte religiosa, da vila vicentina; eles estão sempre ajudando nessa parte.*

G1/ P4: *Minha mãe não falou mais nada; ela me disse só que esse era o meu castigo. E eu lembro que tinha uma mulher que ela dava Eucaristia, que ela chegava, ela dava banho, ela organizava a mulher pra ela dar Eucaristia. E ela tinha uma doença, acho que era esclerose, que ela era aquela pessoa inerte na cama. E a partícula da Eucaristia era numa colher minúscula de água e a partícula da Eucaristia porque era só aquilo que ela conseguia engolir. E aquilo pra mim, eu não ame conformava, com*

aquela mulher muito seca, muito magra na cama. Eu cheguei em casa de tarde, mansa, sem falar nada. Foram sete visitas e a última foi dela. E agora eu to aqui na área da saúde.

“CONQUISTANDO INDEPENDÊNCIA” foi o conceito expresso pelas seguintes falas:

G1/P6: *Aprendi muita coisa. Primeiro a olhar pra mim mesma, depois pra ver todas as funções que a gente exerce como pessoa e tal...*

G2/ P10: *Tinha. Eu me espelho muito no meu bisavô. Como ele era eu sou igualzinho a ele.*

G2/ P10: *É o que eu falo, eu mudei e aprendi muita coisa depois que eu vim pra cá.*

“CONFRONTANDO-SE COM A ANSIEDADE” foi como denominei o último dos conceitos referentes à subcategoria “BUSCANDO AUTONOMIA”, o que pode ser visto nas falas:

G2/P13: *Então... (emocionada), eu não sei se consigo falar sobre isso não. Credo! Que pergunta você me fez! A minha relação com o meu pai sempre foi muito difícil, muito difícil... porque... meu pai contava a história da seguinte maneira. Quando a minha mãe foi dar a luz, quando eu nasci, tinha um menino lá, que era um menino muito bonitinho, do olho azul, que não tinha família, a mãe abandonou e meu pai queria trazer o menino, ele queria trazer o menino e me deixar lá. Meu pai dizia pra mim: “Você é muito difícil! Você é muito teimosa! Eu não te aguento! Ante eu tivesse te deixado lá e trazido o menino!”. Eu sempre senti meu pai muito assim comigo...*

G2/P13: *Foi. A minha lembrança é que eles falavam sempre me cobrando.*

G2/P13: *Na minha adolescência. Quando eu entrei na adolescência eu comecei a botar sentido na história que contavam pra mim.*

Para melhor clarificar o entendimento da subcategoria “BUSCANDO AUTONOMIA”, gostaria de fechá-la com o diálogo entre dois dos participantes. No

decorrer dos encontros do PRORFOPS, os discursos, as apropriações, as internalizações dos participantes puderam ser acompanhados um pouco mais de perto, o que ampliou meu repertório de interpretações. Sob meu ponto de vista, foi um período de um intenso processo de reflexão sobre a vida cotidiana, no qual alguns dilemas puderam ser superados, diluídos, mediante a socialização de eventos de histórias de vida, conquistas, etapas vividas. Conforme os estudos de Rasera, EJ; Guanaes, C. (2009), as pessoas constroem conhecimento conjuntamente, dessa forma o que se considera como verdade, não é um produto de observação acurada do mundo, e sim o resultado de processos sociais e interativos nos quais as pessoas constantemente se engajam.

Porém, ao mesmo tempo constituíram-se em potencializadores no sentido de possibilitar ao participante a descoberta de outras possibilidades. Em muitas autonarrativas, em meio a lágrimas, também se percebeu o sentimento de coragem e alegria pela possibilidade do participante redescobrir-se como protagonista de um processo, uns com maior intensidade, outros com mais discrição, na contenção de seus sentimentos e comportamentos, como foi o caso dos homens. Reconhecendo-se como um ser solidário e em construção relacional, o participante teve espaço para vivenciar alternativas. Esse auto-reconhecer em construção transformou-se, nesse estudo, em mais um dos elementos de compreensão do processo de individuação, no qual emergiram conceitos como o da readaptação a novos conceitos ou a novas maneiras de ser, a conquista de maior independência e a confrontação com a própria ansiedade inerente ao processo, que é o se apreende nos depoimentos que seguem:

G2/P13: Eu gostei muito de ver a história da G2/ P/8, e por ser uma história tão diferente da minha... na verdade eu não sei até que ponto as histórias são diferentes, eu acho que os olhares são diferentes. As histórias são muito parecidas, mas a maneira que a gente enxerga é que é diferente. Seu eu começar a contar de novo a minha história aqui, já começo completamente diferente.

G2/P13: Na verdade, a gente reconhece o modelo e depois percebe e vê que quer fazer isso comigo. Enquanto a gente não percebe, não sabe que existe outro modelo que vai ser legal pra ele, ele continua batendo na mesma tecla.

G2/P13: *Uma vez um amigo me falou uma coisa que eu não esqueci mais: o perdão vem com o entendimento. A partir do momento que você começa a entender isso, o perdão é automático. Então, quando eu comecei a entender as histórias das mulheres e dos homens, das relações e reações que as mulheres e os homens tiveram e provocaram, o perdão foi caminhando. É engraçado olhar hoje para as pessoas da minha família, daquelas que não estão aqui mais, é completamente diferente. E isso tem me feito tão bem! É impressionante como pega coisas que a gente nem imaginava; e as coisas começam a fazer sentido!*

G2/ P9 : *Então, como é o relacionamento? Lá em casa, por exemplo, é pai, mãe e oito filhos; só que assim, cinco faleceram e só tem três filhos. E os que estão vivos, nós fomos fazendo o relacionamento com eles, com pai e com a mãe. Então, eu já tinha comentado no intervalo, que na minha família, eu achava que o homem era autoritário, porque até então, nos Genogramas anteriores, foram as mulheres que fizeram a revolução; e na minha família eu achava que era o pai, porque era homem. Porque meu pai, general perdia pra ele de tão complicado que ele era. Então, eu tinha essa idéia errônea, não sei se é errônea, mas no primeiro momento, que o homem que estava dominando ali.*

G2/ P9: *Então, a relação eu com meu pai... quando eu nasci, o meu pai tinha 57 anos e a minha mãe 44. Hoje eu descobri que nessa relação não fluía sentimento de pai comigo, sentimento de carinho, primeiro porque ele era uma pessoa muito seca, muito autoritária, não tinha aquela coisa de fazer carinho; meu pai nunca me abraçou, nunca me beijou, nunca me perguntou se eu fui pra escola, se eu tinha prova, nada. Mas em compensação era assim: "Pai, posso ir na rua?", ele respondia: "Não!"; "Posso ir a missa?", "Não!". Era só não que ele respondia! Então, era um autoritarismo muito grande, e a minha mãe, a relação dos dois era boa; porque a minha mãe era submissa, pra não ter atrito com o meu pai, ela ficava na boa, na dela, e ela era submissa. E essa relação que eu descobri era uma relação de avô com neto que meu pai tinha comigo.*

G2/P9: *Dependendo do que acontece também, ao invés de diminuir a ansiedade, aumenta. Eu sou uma pessoa ansiosa! Se eu tiver um problema para resolver e conversar com uma pessoa ansiosa, a coisa aumenta! Mas se eu converso com a A., aí acalma.*

G2/P9: Até falei pra **G2/ P10** aí fora, descobri porque eu sou ansiosa, porque meu pai e minha mãe não tinham diálogo comigo, quer dizer, eu deduzi que é por isso... eles ficam pra mim: “não apavora não! Não apavora não!”

O próximo elemento de compreensão refere-se ao medo.

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Convivendo com o medo	Convivendo com insegurança Enfrentando desafio	Deparando-se com o futuro Tendo medo da independência Confrontando-se com mudanças Acomodando-se às situações

Medo todo mundo tem. Porque o medo nas devidas proporções é algo salutar e é um sentimento natural de quem está vivo. O medo tem a função de nos alertar, de avisar o organismo de um perigo ou ameaça e provocar reações de proteção, no entanto, é considerado saudável até o momento em que paralisa o indivíduo. Esse pensamento encerra a percepção dos participantes sobre mais uma das categorias que se configuraram na compreensão da construção do processo de individuação, a qual nomeei “CONVIVENDO COM O MEDO”. Essa categoria subdividiu-se em 2 subcategorias as quais descrevem alguns conceitos sobre a forma como se lidar com o medo. A primeira subcategoria denominei “CONVIVENDO COM INSEGURANÇA”, no qual o participante deixa transparecer que qualquer tipo de plano para o futuro passa pelo medo do fracasso. “DEPARANDO-SE COM O FUTURO” foi como identifiquei o primeiro de seus conceitos

G2/P9: São tantas descobertas! Eu vi que eu tenho um medo de ser mãe e eu preciso descobrir como driblar esse medo; mas ficou bem claro que toda essa situação pra mim, é medo.

Esse tipo de medo faz com que algumas pessoas se acomodem a determinadas situações independente de serem insatisfatórias, ou em outras ocasiões impedem que essa mesma pessoa mude em função de seu temor de assumir o controle da própria vida, portanto a adequação de “TENDO MEDO DE INDEPENDÊNCIA”.

G2/P10: *Mas os planos que eu faço, agora, quando eu faço, são voltados só para a minha profissão. Pra minha vida pessoal não.*

Se hoje um dos nossos maiores medos é o de fracassar, é porque uma das nossas maiores buscas é o sucesso. Passamos a vida determinados a conquistar coisas, pessoas e posições que nos levem ao sucesso, o que por sua vez está associado à ideia de felicidade e de realização. Entretanto, para ser bem-sucedido nos dias de hoje, é preciso superar níveis de exigência cada vez mais altos e complexos. O interessante é que o “ser bem sucedido” passa pela cobrança externa e não pelos significados e satisfação interna, ou mesmo pela mescla dos dois.

G2/P10: *Eu. Pra falar bem a verdade, eu não sou de programar muito as coisas não. As coisas comigo vão acontecendo. Porque as coisas que eu programei não deram certo. Então, nos primeiros anos foi mais fácil, depois eu fui repetindo... Com 35 anos eu quero terminar a minha pós, um carro, um apartamento; e se por ventura acontecer, casar...*

G2/P10: *Bom, eu tive muita dificuldade de planejar, até porque eu tenho medo de planejar, porque se não dá certo eu fico frustrada; aí eu não planejo muito... Pra mim não é fácil não. Eu tenho muito medo de perder as pessoas. Tanto perder de morte quanto perder.*

Outro dos medos observados entre os participantes desse estudo foi o de crescer, o que parece ser um mal difuso na Pós-Modernidade, dada as inúmeras vezes em que se observa que as pessoas voltam atrás preferindo o conforto de situações conhecidas. Um desses exemplos, citado por mais de uma participante é o medo do casamento ou o de ter filhos, a ponto de excluí-lo de planos futuros, ou seja, um lugar onde se espera o outro dizer o que fazer e não experienciar.

G1/P7: *Só que eu não quero casar e nem ter filho mais, quero adotar. Vai ser meu, mas vai ser adotado. Aí eu já estarei com 39 anos... Eu quero estar bem comigo mesma e bem com todo mundo... Eu estudando o que eu gosto e trabalhando no que eu gosto, eu fico bem comigo.*

G2/P10: *Isso está em quinto lugar. Se eu casar, eu vou querer ter dois filhos, vou vê-los estudar, comprar uma casa, porque apartamento para criar filho é complicado*

Assim, desenvolve-se o medo de fracassar, e quando esse medo é preponderante, paralisa a ação. A pessoa não arrisca. Quem tem medo do fracasso tem medo de se frustrar, em suma tem medo de sofrer. Esse conceito pode muito bem ser observado na fala da participante que não faz planos para sua própria vida pessoal, permanecendo na crença da impossibilidade da continuidade da vida em estados de risco ou de crise.

“ENFRENTANDO DESAFIOS” foi a última subcategoria referente ao medo a qual desdobra-se em dois conceitos, o primeiro deles “CONFRONTANDO-SE COM MUDANÇAS” referente ao medo que as pessoas sentem ao se confrontarem com mudanças, o que é muito natural desde que não aumente de proporção e impeça o indivíduo de refletir e evoluir.

G2/P13: Não. Nunca nem pensei nisso em mim e nos outros... nunca... pra mim é um dia de cada vez. Foi difícil de fazer! Eu coloquei que, já ano que vem eu faço 40 anos... e eu vou até os 85 anos, porque na minha família todo mundo morre tarde!... Isso. Meu pai tem 70 e é como se ele tivesse 40.

G1/ P5: Foi por causa desse negócio de que eu não sei fazer planos. Outra coisa que é um sonho meu e que pretendo realizar mesmo é que eu quero adotar uma criança com Síndrome de Down. Até quando eu estava grávida eu achei que o Artur teria essa doença, porque essa questão vem muito forte comigo; e isso é uma coisa que pretendo fazer.

Por mais paradoxal que pareça, num mundo cuja tônica é a velocidade das mudanças observa-se pelo depoimento dos participantes que um de seus maiores medos é o da mudança. Medo de mudança (do novo, do desconhecido, da incerteza) também é um medo saudável e compreensível, a pessoa parte de uma situação de segurança para outra de insegurança, o que pode desencadear tanto medo quanto a angústia, no entanto não há como evitar esse desconforto, só o tempo ou o modo de pensar são capazes de amenizá-lo e para isso é preciso ter coragem de aprender a vivenciá-lo muitas vezes dividindo-o em partes para experenciar a situação. Na prática o que se observa, ao menos em relação a alguns dos participantes desse estudo, é que as pessoas escolhem às vezes não mudar porque se acomodam em

determinadas situações independente de serem insatisfatórias daí eu havernomeadotado o conceito como “ACOMODANDO-SE ÀS SITUAÇÕES”.

G1/ P5: *Eu me vejo sempre com a minha família. Eu não me vejo fora disso. É uma coisa que eu coloquei pra mim, que é um sonho meu, é fazer faculdade de biologia marinha, com a idade que for, porque eu quero mergulhar em Fernando do Noronha, e ser bióloga marinha, esse é meu sonho... Eu não costumo fazer planos também e isso pode ser um pouco de trauma mesmo, depois que meu pai morreu, eu não gosto muito de planejar, porque eu não sei se estarei viva. Então eu gosto muito de realizar as coisas agora. Às vezes eu estou sábado em casa e eu e meu marido resolvemos do nada que vamos passear e nós vamos! Então eu prefiro que seja desta forma mesmo, até porque você não cria muita expectativa. Mas é sempre eu e minha família.*

G2/P13: *Eu falei tudo o que eu precisava falar já; mas assim, é sempre um crescimento; e eu vejo que eu sou muito flexível e me adapto bem, com facilidade e não tenho medo de abraçar as coisas que eu gosto e não ser julgada por isso.*

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Buscando mudanças	Mobilizando-se por valores subjetivos	Deparando-se com pressões Lidando com dificuldades Lidando com fatores internos Incorformando-se Querendo agir diferente Buscando o crescimento

“BUSCANDO MUDANÇAS” foi a terceira categoria observada no processo de construção da individuação, que se desdobrou em uma única subcategoria “MOBILIZANDO-SE POR VALORES SUBJETIVOS”. Nessa subcategoria pude observar alguns conceitos, o primeiro deles “DEPARANDO-SE COM PRESSÕES” diz respeito ao fato de que na vida pós-moderna as pessoas constantemente se veem submetidas a variados tipos de pressões, os quais acabam por afetar sua vida cotidiana. “LIDANDO COM DIFICULDADES” foi a forma de expressar o conceito que embute a ideia de que minimamente, a pessoa se vê obrigada a lidar com as dificuldades normais da vida em família, com as pessoas de sua relação, acrescida

das responsabilidades no trabalho, como é o caso dos participantes desse estudo. É bem possível que o acúmulo de situações estressantes da vida faça com que a pessoa ultrapasse seus limites adaptativos e se sinta paralisada diante dos dilemas da vida. “LIDANDO COM FATORES INTERNOS” foi a percepção dos participante que acreditam para o processo de individuação há que se considerar ainda os fatores internos, que também contribuem para a pessoa sair de seu eixo e tenha reforçada a impressão de estar em falta consigo mesma. Tudo isso se reflete no grau de frustração de cada pessoa quando não consegue colocar em prática as mudanças que pretende. “INCONFORMANDO-SE” foi o conceito que ajudou o participante a compreender que o próprio inconformismo com determinadas situações predispõe a mudanças. “QUERENDO AGIR DIFERENTE” foi o conceito pelo qual se observou que o participante compreendeu que o processo de individuação também se faz quando o indivíduo se auto-impõe mudanças. Para finalizar esse elemento de compreensão, localizei na fala dos participantes o conceito “BUSCANDO O CRESCIMENTO” mediante o qual as mudanças foram encaradas sob uma perspectiva de crescimento, muito embora tenham registrado a insegurança de optar por elas pelo menos num primeiro momento.

G1/P6: eu vejo que nem tudo está bom, que tem coisas que eu preciso mudar.

G2/P13 Então, eu acho que o mais importante é a gente olhar o ser humano com as necessidades que ele tem, as necessidades únicas que ele tem... com os desejos... mas a gente não pode esquecer que o ser humano é o sujeito ativo da história dele, ele também tem o poder de estar fazendo essa mudança. Eu não tenho a varinha mágica que vai fazer com que ele mude; é ele próprio...

G1/P5: Mas é isso mesmo. Eu lembro direitinho, um dia, a gente tava conversando sobre educação, quando a minha mãe perguntou se eu ia criar meus filhos igual nós fomos criados. Eu falei não. “Eu acho você perfeita, mas você errou. Todo mundo erra. É a evolução”. Você erra com seus filhos e eu vou errar com os meus, mas vou pegar tudo de melhor que ela fez para mim e vou aprender com os erros que ela teve, por que todo mundo erra, não é melhor nem pior, mas erra... é a evolução mesmo!

G1/P4: Por exemplo, hoje, eu vir para Delfim, eu entendo que minha família não entendem até hoje. Porque eu saí de uma situação confortável, estável, tudo tranquilo, pra vim pra Delfim Moreira. Mas eu e o R. tínhamos um propósito.

G1/ P3: Não digo um incômodo, mas essa aproximação, essa cumplicidade. Fica uma coisa querendo se achar. Às vezes eu quero me achar, é como se fosse assim, você ter a sua vida, mas tudo meio que igual, repetido.

G1/ P3: É interessante, que eu também tentei ser diferente, eu mudei até de religião! E hoje eu estou na católica de novo, e meu filho vai fazer primeira comunhão. Eu fiquei bastante tempo na religião evangélica, aprendi bastante coisa, mas devido ao meu pai que a gente sempre teve muito...

G2/P9: Muito mais que eu. Mas eu aprendi a ser mais flexível com ele também. Aí eu comecei a Biodança, porque abra a cabeça da gente. Então hoje eu consigo ser mais flexível.

G2/P9: De estudante... assim... eu comecei a estudar esse ano, estou fazendo MBA. Foi um objetivo de me resgatar porque eu fiquei 5 anos fora da enfermagem e é uma maneira que eu tive de resgatar conhecimentos e contatos e estar me atualizando na profissão.

G1/ P5: Pode ser também, porque pra ela é mais fácil, mais cômodo, assim, entendeu? No geral, se ela não tem tempo para cuidar dela, é mais fácil cuidar dos outros, porque ela não precisa pensar nela, nos problemas dela, nas percepções que ela tem que mudar...

G1/ P5: Mas é que nós não conseguimos nos imaginar sem as pessoas que fazem parte da nossa vida...

G2/P13.: Faz igual as minhas sobrinhas: uma vai para São Paulo e a outra para Argentina. Elas mudam elas, porque o sistema pai e mãe, não tem jeito. E quando vem pra cá, depois de uma semana já estão brigando, porque os pais são extremamente fechados

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Buscando o autoconhecimento	Aprendendo sobre o si mesmo	Desconhecendo-se a si mesmo Conhecendo os próprios estados emocionais Tendo tempo para se rever Identificando-se no grupo

A crença de que o autoconhecimento pode contribuir para o processo de individuação transformou-se na categoria “BUSCANDO O AUTOCONHECIMENTO”. Essa categoria desdobrou-se em apenas uma subcategoria a qual intitulei “APRENDENDO SOBRE O SI MESMO”. Pensando simplificadamente, pode-se afirmar que o autoconhecimento é a percepção direta que temos de nossos próprios estados mentais, percepção essa baseada em nossas convicções, intenções e expectativas, enfim quando a pessoa se autoconhece é capaz de fazer referência a si mesma quer seja sobre estados mentais ou corporais, conectando-se com o interno, daí a identificação de um segundo conceito “CONHECENDO OS PRÓPRIOS ESTADOS MENTAIS”. Quando questionados sobre como foi escrever sobre eles mesmos no “Livreto de Memórias”, alguns participantes responderam que não foi fácil, pois não têm o hábito de pensar sobre si mesmos, já outros alegaram que não têm boa memória, daí a dificuldade de responder às questões desse mesmo documento. Alguns ficaram emocionados e disseram que é bom lembrarem-se de alguns parentes queridos e de situações da infância, porém não falaram muito sobre si mesmos conectados a estas pessoas, como também às construções de significados com elas, pois estão sempre pensando no próximo, principalmente quando se tem uma família numerosa. “TENDO TEMPO PARA SE REVER” foi o conceito que ofereceu ao participante a real dimensão de sua falta de hábito de pensar sobre si mesmo em construção relacional. De qualquer maneira, as respostas deixaram transparecer a dificuldade do participante em entrar em contato com questões pessoais, o que o ajudaria no processo de individuação e a se perceber dentro e fora do sistema com sua singularidade e diferenciações e interligações.

Por outro lado, “IDENTIFICANDO-SE NO GRUPO” foi o conceito que auxiliou o participante a compreender que não se pode atribuir o autoconhecimento apenas ao indivíduo, o conteúdo dos estados mentais também é constituído por outro fator, ou seja, o processo de individuação ocorre também mediante as interações do sujeito com o ambiente. Sob essa perspectiva, observa-se que num maior grau tanto as interações familiares quanto as profissionais auxiliam as pessoas a auto identificar seus sentimentos, atitudes e emoções em convívio.

G1/ P4: Não foi difícil, eu não tive dificuldade. Fala de uma coisa e você lembra de outras coisas. Mas assim, a gente não tem o hábito de falar mito da gente... Porque a gente não tem o hábito de olhar dentro da gente.

G1/ P5: Pra mim não foi difícil, foi gostoso, porque eu sou muito apegada mesmo a minha família, dos dois lados, então, é sempre muito gostoso. Eu senti dificuldade de pensar em um momento, uma determinada coisa. Tem bastante coisa gostosa! Tem os momentos ruins que você lembra, mas eu procurei sempre pensar no lado bom das coisas.

G1/ P5: Tenho... Não! Não tenho o hábito de falar de mim não. Mas pra mim não é difícil falar de mim. Eu não tenho o hábito, mas não é difícil.

G1/ P2: Estar lembrando o passado, das brincadeiras, é difícil parar pra pensar nisso. Eu preciso de mais tempo pra relembrar bastante.

G1/ P7: Eu achei assim, a emoção que a gente sente é difícil passar para o papel, se expressar. É difícil. Você escreve e lê e parece que não era aquilo que você queria dizer; mas foi legal.

G1/ P6: Pra mim foi fácil, pois lembro de todo mundo junto, todo mundo alegre. De amigos também, quando a gente encontra com um amigo ou outro a gente lembra da infância, do que aconteceu... mas quando mexe... só eu... aí é difícil...

G1/ P4: Quando eu comecei através da saúde a procurar esse lado de tá me conhecendo mais, e a saúde me ajudando a enxergar muitas coisas... Porque a gente já consegue enxergar a importância do conhecimento de tudo isso, não só pra nós; porque quando você se conhece, você vai conseguir se trabalhar e se entender muito melhor e sua vida vai melhorar; e você consegue ver isso que você tem dentro de você no outro.

G1/ P6: Aprendi muita coisa. Primeiro a olhar pra mim mesma, depois pra ver todas as funções que a gente exerce como pessoa e tal...

G1/ P4: É bom conhecer a história né? Por que cada vez mais eu conheço mais de mim. Eu posso buscar cada vez mais essa descoberta, mas no sentido de como isso me ajuda a crescer e me entender como pessoa. Porque cada um tem uma missão nesse mundo e cada um tem. E

quando a gente entende o que a gente é e o que a gente faz. Isso é muito bacana!

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Percebendo-se em diferentes estados Emocionais	Diluindo emoções	<ul style="list-style-type: none"> • Identificando intensidades • Identificando (a forma de carregar sentimentos) • Buscando o equilíbrio

“PERCEBENDO-SE EM DIFERENTES ESTADOS EMOCIONAIS” constituiu-se em outra das categorias que pude observar na construção do processo de individuação. A subcategoria que deu margem à sua compreensão intitulou-se “DILUINDO EMOÇÕES”, que por sua vez desdobrou-se nos seguintes conceitos: “IDENTIFICANDO INTENSIDADES”; “IDENTIFICANDO A FORMA DE SE CARREGAR SENTIMENTOS” E “BUSCANDO O EQUILÍBRIO”.

Ao considerar a questão do autoconhecimento, há também que se levar em conta a escalada de sentimentos que pode ser vivenciada pelas pessoas quando vivenciam emoções que se transmutam uma no interior de outra. Uma das questões importantes a que toda pessoa deveria estar atenta seria sobre como deter essa escalada quando sentir sua nocividade. Sabe-se que os variados graus dos sentimentos podem ser percebidos numa escala que cresce da menor para a maior intensidade, no entanto, é possível que o que torna um sentimento maior em sua proporção seja a forma como as pessoas são movidas e impulsionadas pelos sentimentos que carregam dentro de si. Essa tomada de consciência traduziu-se pela percepção do participante de que o equilíbrio das emoções deve ser buscado a todo o momento. As falas abaixo comprovam esse tipo de percepção:

G1/P4: O que foi mais forte pra mim hoje foi esse trabalho da família de sentimentos. Essa mexida que você deu em tudo. Você tem todos os sentimentos e você tem que achar meios de um superar o outro. Você quer que um aflore mais, mas de repente, o outro aflora... o grande trunfo que eu venho buscando é como saber trabalhar... aprender a fazer esse equilíbrio dessa família de sentimentos que nós temos todas dentro da gente. E essa mixagem que é feita, porque tem hora que você tem que dar mais elevação para um do que para outro... esse é o grande segredo que eu tenho que buscar... esse equilíbrio. Isso pra mim foi muito legal!

G1/ P7: *E como é quem faz o contrário? Porque se fosse comigo eu nem abriria a boca para responder! Eu fico travada. Se o chefe da G1/ P3 falasse comigo como ele falou com ela, eu nem ia responder pra ele, eu ia ficar olhando pra ele. Não ia sair nada... Depois eu fico irritada comigo por não ter respondido. Eu não sei xingar! Falar! Isso é... Não sei... talvez eu tenha uma outra forma de ficar irritada.*

G1/ P1: *Buscar outro caminho? Quando você não quer viver alguma coisa, você busca outro caminho.*

G2/ P11: *Na maioria das vezes eu me percebo. Eu fico melancólica, muito fragilizada! Eu me acho muito frágil! Eu choro! Eu não deixo ir muito longe não. Tem a parte da solidão também, porque tem momentos que eu quero ficar sozinha, até o certo ponto que eu vejo que tenho que melhorar; aí, às vezes eu acabo procurando ajuda. Quando eu chego nesse ponto de ficar sozinha, as pessoas percebem e perguntam o que está acontecendo, aí vão me ajudando de certa forma. Às vezes eu expresso o que estou sentindo... falo o que aconteceu, às vezes não; às vezes as pessoas conseguem ver na minha cara o que aconteceu... Eu acho que depois, a partir do momento que eu fiquei sozinha e vi que preciso voltar e buscar ajuda, aí eu já converso com as pessoas e vou melhorando.*

G1/ P2: *Quando eu tive depressão, eu fiz tratamento. Como que é?*

Pesquisador: *Um dos motivos da depressão é que a gente tem raiva do mundo e da gente. Qual a raiva que é da gente?*

G1/ P2: *Da gente não reagir.*

Pesquisador: *Exatamente! Vocês estão ficando peritas! Então, eu tenho raiva da situação, da humilhação que eu passei, e de mim.*

G1/ P2: *Igual a G1/ P7 falando, que as pessoas podem xingar ela que ela não fala nada. Eu era desse jeito!*

G1/ P2.: *Às vezes eu me sinto mal por dar uma resposta que eu não queria dar. Mas eu mudei. Você percebe com o tempo que você vai mudando.*

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Elevando a auto-estima	Revendo a singularidade	Identificando fracassos e sucessos Identificando habilidades e qualidades Percebendo-se valorizado Autoapreciando-se Reorganizando papéis e funções

“ELEVANDO A AUTO-ESTIMA” foi a penúltima categoria que observei em relação à compreensão da construção do processo de individuação. Essa categoria deu margem a que os participantes construíssem a subcategoria “REVENDO A SINGULARIDADE”. No interior dessa categoria foram observados os seguintes conceitos: “IDENTIFICANDO FRACASSOS E SUCESSOS”, “IDENTIFICANDO HABILIDADES E QUALIDADES”, “PERCEBENDO-SE VALORIZADO”, “AUTOAPRECIANDO-SE” e “REORGANIZANDO PAPÉIS E FUNÇÕES”.

O sujeito que se valoriza e se vê como capaz de realizar algo significativo, com certeza refletirá isso no meio em que vive. A auto-estima é sem dúvida um importante julgamento que o ser humano faz de si mesmo, pois dependerá dele tanto o sucesso quanto o fracasso nas mais diversas áreas da vida: familiar, pessoal, profissional. Independente do acolhimento, do reconhecimento ou do amparo que a pessoa teve desde seu nascimento, ela vai desenvolvendo um vínculo de confiança básico que a leva a confiar em si mesma e nos outros. A opinião sobre si mesmo é um fator importante para criar uma predisposição da pessoa para estruturar sua auto-estima. Em relação aos participantes desse estudo, observou-se que a compreensão da construção do processo de individuação traduziu-se justamente pela função que lhe é atribuída pela família e pela habilidade de saber equilibrar o desempenho desse papel com suas reais possibilidades.

G1/ P3: Eu amei! Porque até então eu não me achava e agora eu vou começar, eu já comecei a me ver.

G1/ P3: Eu sou mesmo o bombeiro da minha família. Realmente. Até agora, eu fui almoçar, a minha irmã já chegou em casa perguntando o que eu acho... eu disse a ela que não acho nada... não acho nada... Eu já cheguei em casa e ela chegou com problemas pra eu resolver de filho, prima... família...

G1/ 6: Eu sou pessimista

G1/ P2: Eu também sou a batalhadora.

G1/ P7: Eu vou ser passiva também.

G1/ P7: Conseguí, mas me imaginei caindo algumas vezes, mas eu consegui e foi muito bom. Uma paz enorme!

G1/ P3 O P. foi junto, mas eu pedi pra ele voltar! Sério! Juro! Aí eu falei pra ele voltar, porque daqui pra frente sou eu! Eu fui, mas não fui longe não, fui aqui pertinho. Estranho é que ninguém nadou, mas eu nadei, nadei bastante! Na hora que você mandou sair da cachoeira eu não quis sair não! Foi interessante porque eu fui tirando tudo das costas: tirei a **G1/ P3** mãe, tirei a **G1/ P3**. filha, tirei a **G1/ P3**.

G1/ P3 Então, eu fui, e subi a rampa, abri os braços e senti o vento, eu pude sentir o vento. E foi uma sensação muito gostosa! Eu não queria voltar, não queria vir embora. E na hora que eu voltei e peguei a mochila, as cargas que eu tirei eu não consegui pegar, eu deixei na beira do córrego. Isso é normal? O que eu tirei mesmo eu não trouxe de volta. Eu deixei lá. Eu consegui subir e sentir a brisa. Eu nunca tinha conseguido fazer isso...

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Percebendo tramas	Lidando com amarras	Desvinculando-se Transformando-se Paralizando-se

Finalmente, fechando a compreensão do fenômeno que denominei “EXPERIENCIANDO TRANSFORMAÇÕES NAS RELAÇÕES INTERNAS” aponto a última das categorias observadas “PERCEBENDO TRAMAS”. De acordo com Rivière (1998) a formação do psiquismo é social, ou seja, nosso mundo interno é formado a partir da relação com o meio, inicialmente o meio familiar e depois o meio social mais amplo. O ser humano já nasce em meio a uma família marcado por expectativas e desejos, os quais podem se transformar em tramas vinculares. Essas fortes aproximações afetivas entre os membros familiares sustentam o processo de socialização do indivíduo. Nesse sentido, pode-se ter uma vida saudável e

equilibrada ou não a depender de como lidamos com os vínculos que nos circundam.

Falar de vínculo implica falar de interação, ou seja, de uma relação dialética entre o mundo interno e o mundo externo do indivíduo, estabelecendo-se entre eles um diálogo e a modificação permanente de um e de outro, por meio do processo de comunicação entre ambos. Nessa concepção pode-se entender o vínculo tanto como o possibilitador de transformações quanto o de aprisionador pelo apêgo do indivíduo ao sistema.

Ainda segundo o mesmo autor, o sujeito é um ser de necessidades que se satisfaz socialmente com o outro, independente dos vínculos que possa ter formado. Assim, é pertinente questionar sobre elas, se têm sido satisfeitas ou frustradas. É sempre oportuno o sujeito perceber se está preso a alguma trama imposta pelo sistema que o impede ou não facilita o processo de separação singular e de desenvolvimento, tal percepção pode ser considerada como a última subcategoria desse fenômeno de compreensão sobre o próprio processo de individuação, a qual denominei “LIDANDO COM AMARRAS”, que se desdobra nos seguintes conceitos: “DESVINCULANDO-SE”, pois às vezes as pessoas não conseguem nem se libertar da comunidade onde vivem, outras vezes as fortes aproximações afetivas familiares favorecem o aparecimento de tramas. “TRANSFORMANDO-SE” é o conceito capturado do depoimento dos participantes, no qual os mesmos apontam que uma pessoa pode ter uma vida equilibrada ou não dependendo de como lida com os vínculos que a circundam, e finalmente “PARALIZANDO-SE” que é o conceito no qual expõem que o vínculo afetivo tanto pode transformar quanto aprisionar o indivíduo aos sistemas em que convive. Nesse conceito se ressalta a forma como as pessoas lidam com o vínculo, mediante as experiências que as fazem entender o afeto nas relações construídas.

Pesquisador: Então, vamos ver porque é difícil sair da trama da família. É uma trama e a gente está no meio dessa trama e a gente não consegue sair. Não é só da família não. É do sistema, dos casamentos, do posto de saúde, da comunidade. Porque a gente não consegue sair dessa trama? É muito difícil, tem uma dor muito grande, além do comodismo. É muito difícil você ir para um lugar que você não conhece, aí a gente volta. E em Delfim Moreira, vocês acham que isso é difícil?

G1/ P6: *Aqui muito mais! Porque aqui... hum... como vou falar... o pessoal já está acostumado. A cultura daqui já é essa! É aí que ta! Tem que enfrentar tudo isso! A gente tem medo de enfrentar as coisas.*

G1/ P3: *Você já fica com medo de sair daquele padrão e depois a consequência que você vai ter que levar. Eu vou dar um passo na minha vida, como eu já tive oportunidade, mas meu pai não aceitou aquele passo que eu vou dar, a minha família não aceitou. Então eu fiquei paradinha naquele lugar.*

Pesquisador: *Vamos lá. Que trama ela ficou presa?*

G1/ P6: *Da família.*

G1/ P7: *Da dúvida, de saber se ia ou não dar certo.*

G1/ P3: *Eu sou muito insegura. Acho que já deu para todos perceberem. Estou tentando romper os meus limites. Eu sei disso. Então, quando foi para eu entrar aqui, eu não me senti capaz. Até hoje eu me julgo, será que eu sou capaz? Mas eu estou indo!*

G1/ P3: *tentei, tentei e parei no quintal. Fiz uma casa no quintal da minha mãe.*

Pesquisador: *Alguém conseguiu sair desse sistema?*

G1/ P3: *Não. Dos meus irmãos não. Nós somos em treze.*

Pesquisador: *Nenhum saiu?*

G1/ P3: *Não.*

Pesquisador: *Que leitura a gente faz disso?*

G1/ P3: *Pra não dizer que nenhum saiu, nenhum, nenhum... um mora mais retirado e não tem muito contato com a gente... a família dele, a vida dele é o caos.*

G1/ P3: *Não, não vai. Ele já falou pra mim: "mãe, eu vou estudar, vou fazer UNIFEI, aqui em Itajubá, porque eu não quero mudar de Delfim*

Moreira. Pra fora eu não vou!". E eu falei pra ele que aqui não tem nada pra ele, que ele tem que crescer. Mas ele diz que quer ficar perto de mim.

Pesquisador: *Vocês acham que vão ter tempo de cuidar de vocês?*

G1/ P3: *Não. A gente só vai cuidar do sistema. E não pode errar.*

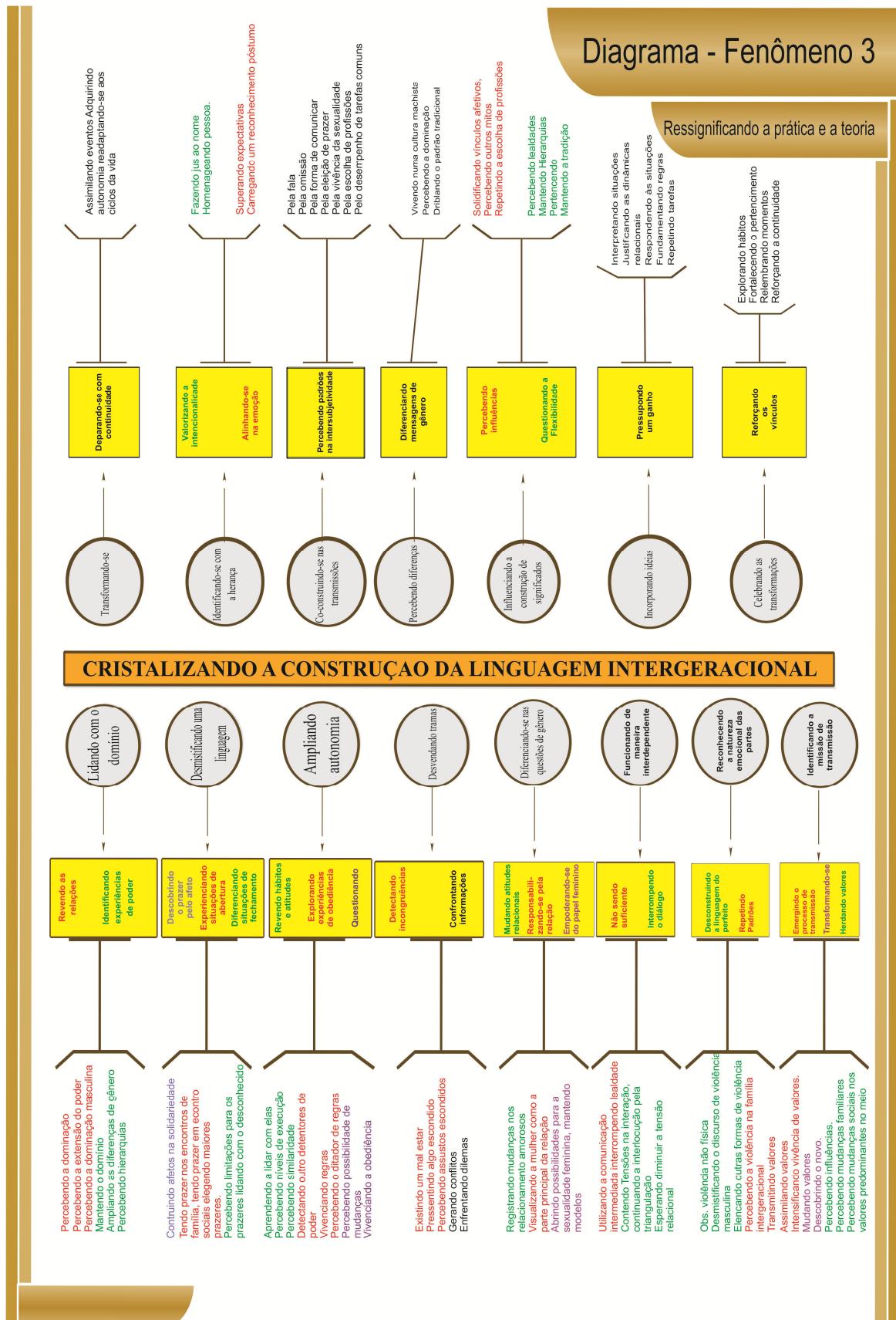
G1/ P3: *É interessante isso. A gente vai descobrindo um pouquinho da gente... é interessante. O será vai deixar um dia de ser assim, será. Mas eu já rompi muita coisa, rompi muito. Mas isso aí que você falou do meu filho é assim, minha mãe também teve isso com a minha irmã que é dois anos mais velha, e ela liberou a minha irmã.*

6.6.4 Cristalizando As Construções Da Linguagem Intergeracional

Dando continuidade ao processo de compreensão do participante da família enquanto sistema, o 3º. Fenômeno construído refere-se às influências que o indivíduo recebe das gerações anteriores. Tal construção se dá mediante a interiorização de determinadas ideias ou fatos que ocorrem entre o indivíduo e sua família intergeracional, a esse fenômeno denomimei “CRISTALIZANDO A CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM INTERGERACIONAL”, que descrevo a seguir.

Esse fenômeno pode ser observado mediante as 14 categorias extraídas das respostas dos participantes, das quais emergiram 29 subcategorias, que por sua vez, ofereceram elementos para que 80 conceitos pudessem ser extraídos.. Apresento a seguir, o Diagrama 3 que corresponde à representação gráfica de tal fenômeno, acompanhado do Quadro 3 e das respectivas falas que justificam tal processo de compreensão.

Figura 8: Diagrama - Fenômeno 3



Quadro 12: Fenômeno 3 - Cristalizando A Construção Da Linguagem Intergeracional

Fenômeno	Categorias	Subcategorias	Conceitos
CRISTALIZANDO A CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM INTERGERACIONAL	Transformando-se	Deparando-se com continuidade	<ul style="list-style-type: none"> Assimilando eventos Adquirindo autonomia Readaptando-se aos ciclos da vida
	Identificando-se com a herança	<p>Valorizando a intencionalidade</p> <p>Alinhando-se na emoção</p>	<ul style="list-style-type: none"> Fazendo juz ao nome Homenageando pessoas Superando expectativas Carregando um reconhecimento póstumo
	Co-construindo-se nas transmissões	Percebendo-se na intersubjetividade	<p>Transmitindo padrões:</p> <ul style="list-style-type: none"> pela fala pela omissão pela forma de comunicar pela eleição de prazer pela vivência da sexualidade pela escolha de profissões pelo desempenho de tarefas comuns
	Percebendo diferenças	Diferenciando mensagens de gênero	<ul style="list-style-type: none"> Vivendo numa cultura machista Percebendo a dominação Driblando o padrão tradicional
	Influenciando a construção de significados	<p>Percebendo influências</p> <p>Questionando a flexibilidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> Solidificando vínculos afetivos Percebendo outros mitos Repetindo a escolha de profissões Percebendo lealdades Mantendo hierarquias Pertencendo Mantendo a tradição

	Incorporando ideias	Pressupondo um ganho	<ul style="list-style-type: none"> • Interpretando situações • Justificando dinâmicas relacionais • Respondendo situações • Fundamentando regras • Repetindo tarefas
	Celebrando as transformações	Reforçando os vínculos	<ul style="list-style-type: none"> • Explorando hábitos • Fortalecendo o pertencimento • Relembrando momentos • Reforçando continuidade • Fortalecendo laços
	Lidando com o domínio	<p>Revendo as relações</p> <p>Identificando experiências de poder</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Percebendo a dominação • Percebendo a extensão do poder • Percebendo a dominação masculina • Mantendo o domínio • Ampliando as diferenças de gênero • Percebendo hierarquias
	Desmistificando uma linguagem	<p>Descobrindo o prazer pelo afeto</p> <p>Experienciando situações de abertura</p> <p>Diferenciando situações de fechamento</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Construindo afetos na solidariedade • Tendo prazer nos encontros de família • Tendo prazer em encontros sociais • Elegendo maiores prazeres • Percebendo limitações para os prazeres • Lidando com o desconhecido
	Ampliando autonomia	<p>Revendo hábitos e atitudes</p> <p>Explorando experiências de obediência</p> <p>Questionando hierarquias</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Aprendendo a lidar com elas • Percebendo níveis de execução • Percebendo similaridade • Detectando outros detentores de poder • Vivenciando regras • Percebendo o ditador de regras • Percebendo possibilidade de mudanças • Vivenciando a obediência

	<p>Desvendando tramas</p>	<p>Detectando incongruências</p> <p>Confrontando informações</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Existindo um mal estar • Pressentindo algo escondido • Percebendo assuntos escondidos • Gerando conflitos • Enfrentando dilemas
	<p>Diferenciando-se nas questões de gênero</p>	<p>Mudando atitudes relacionais</p> <p>Responsabilizando-se pela relação</p> <p>Empoderando-se do papel feminino</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Registrando mudanças nos relacionamentos amorosos • Visualizando a mulher como a parte principal da relação • Abrindo possibilidades para a sexualidade feminina • Mantendo modelos
	<p>Funcionando de maneira interdependente</p>	<p>Não sendo suficiente</p> <p>Interrompendo o diálogo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Utilizando a comunicação intermediada • Interrompendo lealdades • Contendo tensões na interação • Continuando a interlocução pela triangulação • Esperando diminuir a tensão relacional
	<p>Reconhecendo a natureza emocional das partes</p> <p>Reconhecendo a natureza emocional das partes</p>	<p>Desconstruindo a linguagem do perfeito</p> <p>Repetindo padrões</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Observando a violência não física • Desmistificando o discurso de violência masculina • Elencando outras formas de violência • Percebendo a violência na família intergeracional • Transmitindo valores

	<p>Identificando a missão de transmissão</p>	<p>Emergindo o processo de transmissão</p> <p>Transformando-se</p> <p>Herdando valores</p>	<ul style="list-style-type: none"> Assimilando valores Intensificando a vivência de valores Mudando valores Descobrindo o novo Percebendo influências Percebendo mudanças familiares Percebendo mudanças sociais valores predominantes no meio
--	--	--	--

Assim como para a maior elucidação do fenômeno anterior, mantive a estratégia de fragmentar o Quadro 12, em função de seu tamanho.

Categoria	Subcategoria	Conceitos
Transformando-se	Deparando-se com a continuidade	Assimilando eventos Adquirindo autonomia Readaptando-se aos ciclos da vida

Para a compreensão das implicações do Ciclo Vital, observei que os participantes compreenderam que cada pessoa tem uma maneira peculiar de perceber os fenômenos e os acontecimentos que ocorrem ao longo da vida, e em consequência disso, as maneiras de lidar com as implicações de cada uma de suas fases também são particulares. Porém, alguns conceitos como “ASSIMILANDO EVENTOS”, “ADQUIRINDO AUTONOMIA” E “READAPTANDO-SE AOS CICLOS DA VIDA” deixaram transparecer o impacto sofrido com tais eventos, o que possibilitou agrupar essas falas na categoria “TRANSFORMANDO-SE”, e posteriormente na subcategoria “DEPARANDO-SE COM A CONTINUIDADE”, processo psicológico no qual o essencial foi compreender o que vem a ser essa sucessão de eventos da vida e como isso afeta os sistemas em que o indivíduo está inserido. Essa compreensão pode ser observada nas falas que seguem:

G1/P4: *E uma coisa também que vejo em minha casa. Eu tive lá agora. Minhas irmãs têm uma vida hiper ativa. Então elas estão na mesma cidade que meu pai e minha mãe, mas às vezes assim, é por telefone, nunca deixam de ligar. Aí meu pai fala assim: “Tua irmã, faz quatro dias que ela não aparece aqui, que ela não vem aqui em casa. Ela não ta nem aí!”*

G1/P4: *Eu digo ela ligou, ela ta dando aula, ta fazendo curso. Tipo assim, tinha que passar todos os dias em casa...*

G1/P5: *Eu acho também que tem casal que quando tem filho perde a vida de casal e começa a viver só em função do filho; depois que o filho vai embora aí não volta mais.*

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Identificando-se com a herança	Valorizando a intencionalidade Alinhando-se na emoção	Fazendo juz ao nome Homenageando pessoas Superando expectativas Carregando um reconhecimento póstumo

A escolha de um nome pode embutir ou não uma intenção intrínseca. Ao nomear uma criança, se o nome escolhido ocorrer devido ao fato de ser forte, a expectativa é que essa pessoa seja parecida ou supere as demais em boas qualidades, dessa percepção decorre a subcategoria “VALORIZANDO A INTENCIONALIDADE”, se a escolha recair sobre um nome religioso, a expectativa é que essa pessoa supere as demais em comportamentos solidários e bondosos ou tenha proteção, essa percepção sugeriu que se estabelecesse a subcategoria “ALINHANDO-SE NA EMOÇÃO”. Sob a perspectiva do olhar emocional e intergeracional, ser portador de determinados nomes pode influenciar na vida do sujeito, viabilizando uma leitura que pode, inclusive, justificar suas atitudes. Honrar o nome recebido pode significar, muitas vezes, modificar formas de agir, de pensar e até mesmo de sentir, estar sob uma missão. No contexto dessa possível intencionalidade de escolha de nomes, no presente estudo, evidenciaram-se as duas subcategorias acima mencionadas, a primeira que reúne nomes que foram dados a título de homenagem, e outra que reúne nomes que visaram a oferecer proteção. Ao pensar sob esse ponto de vista, os participantes compreenderam que, às vezes, as pessoas já nascem com uma missão e ficam presas em uma trama de significados de intenções, de fazer juz ao nome que lhes foi dado tanto no que se refere a carregar vida afora um reconhecimento póstumo, modelo, ou reproduzir qualidades de pessoas cuja vida foi exemplo de santidade, o que justifica o estabelecimento de uma categoria mais abrangente “IDENTIFICANDO-SE COM A

HERANÇA". Esse processo de compreensão pode ser observado nas falas que selecionei abaixo:

G1/P5: *Eu tenho uma coisa legal pra falar! Meu marido escolheu o nome do meu filho de Artur, depois de um tempo descobri que o Zico chamava Artur e foi um grande jogador do Flamengo e eu sou Fluminense roxa e detesto o Flamengo, mas eu achei o nome Artur bonito. Eu falei para o meu marido que se fosse um nome ridículo eu não ia colocar no meu filho por causa do Zico. Mas como você estava falando que tomara que a pessoa pareça; eu queria que meu filho se parecesse com o Zico. Eu acho que seria bacana.*

G2/ P8: *Foi. Eu falei pra minha mãe. Quando eu estava grávida da M., minha mãe estava doente. Aí eu falei pra ela que eu não ia fazer ultrasson, porque eu já tinha dois homens e o meu maior desejo era ter uma menina; eu falei pra ela que se fosse mulher iria se chamar M. E minha mãe disse que a coisa que ela mais tinha vontade era ter uma neta com o nome da mãe dela. Ela já tinha várias, mas nenhuma com o nome da mãe dela. E ela disse que ia ficar muito feliz se isso acontecesse. A M. nasceu e quando ela estava com dois anos a minha mãe morreu. E a minha vó é minha madrinha de batismo.*

G1/ P4: *A história da santa é linda. Meu pai sempre falava que meu nome é G1/ P4 com dois "t's" e "i". Eu acho bacana, a história da santa é muito bonita é dos jovens e assim, eu gostei da intenção, quando eles me contaram. Desde pequena eu sei do meu nome, porque a minha mãe sempre me contava como ela escolheu o nome de cada um. (filhos)*

G1/P5: *Não. A mãe da minha avó, faleceu no parto da minha avó. Então quem criou a minha vó, foi a irmã mais velha dela, que eu chamo de bisa. E aí eu ia chamar M. e na última hora, eles conversando, acharam melhor fazer uma homenagem a avó da minha vó; porque perdeu um pouco isso, porque a minha avó era a caçula e aí quis fazer uma homenagem.*

G2/ P13: *me ocorreu uma coisa agora, será que a vida inteira a G2/ P8 achava que o nome dela era homenagem a falecida. Será que na verdade o nome dela não é para protegê-la em função da morte do filho anterior?*

G2/ P13: Porque o povo tinha umas crenças; e de repente será que colocando o nome da falecida ele estaria protegendo a vida da **G2/ P8**?

G2/ P10: Eu me impressionei com o significado do meu nome, não deu pra esquecer. Foi... nossa! Eu fiquei olhando e lendo e pensando: sou eu! E o que a **G2/ P13.** falou é verdade, vou dar nome aos bois agora e entender o porquê do meu temperamento, da pressão. Às vezes eu sou cobrada e comparada com a minha irmã que é completamente diferente de mim, mas agora a gente descobriu de onde está vindo. Eu comecei a me descobrir agora, porque sou assim.

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Co-construindo-se nas transmissões	Percebendo-se na intersubjetividade	Transmitindo padrões: pela fala pela omissão pela forma de comunicar pela eleição de prazer pela vivência da sexualidade pela escolha de profissões pelo desempenho de tarefas comuns

Padrões de repetição intergeracionais são aqueles comportamentos de gerações anteriores que são reproduzidos em nosso modo atual de ver e agir no mundo e na maioria das vezes sem percepção, por esse motivo julguei apropriado categorizá-los no processo de cristalização da linguagem intergeracional como “CO-CONSTRUINDO-SE NAS TRANSMISSÕES”. Para a maioria das pessoas é muito natural repetir comportamentos e atitudes aprendidas com a família de origem, especialmente com os pais e estas não serem investigadas como um conhecimento sobre o si mesmo. Essa forma repetitiva que o sistema familiar estabelece para agir e reagir às situações da vida e às situações relacionais caracteriza-se como um estilo de funcionamento, também por isso subcategorizei esse processo como “PERCEBENDO-SE NA INTERSUBJETIVIDADE”. Esse padrão ou estilo pode ser repetitivo e se mantém mediante o que é transmitido aos membros familiares por tudo aquilo que é falado, pelos assuntos que são evitados de se comentar e por aqueles que são intencionalmente escondidos. Outros padrões ou estilos repetem-se de uma geração para outra, e podem ser observados na forma como a família se comunica, naquilo que elege como lazer, na forma como vivencia o prazer ou até a sexualidade, na escolha de profissões, no desempenho de tarefas comuns, entre

outros. A percepção desses conceitos configurou-se no terceiro elemento de compreensão do terceiro fenômeno que se evidencia especialmente quando são analisadas as falas sobre modelos de relacionamento ou até mesmo sobre a escolha de profissões, conforme se observa a seguir:

Repetição de profissões - Cuidadores

G1/ P4: *É legal, porque você está falando e ele tinha um tio e ia fazer visita na zona rural. Hoje ele ta no PSF, indo em casa, fazendo visita, acolhendo as pessoas, orientando, cuidando...*

G1/P5: *Meu pai era cuidador da família dele, e minha mãe da nossa. Ele cuidava dos pai dele, da mãe dele, dos irmãos dele. Bem, é... Mesmo depois de casado com a minha mãe, o meu pai era o cuidador da família dele, mas lá em casa minha mãe que cuida da gente.*

G2/ P8: *A minha mãe. Porque quando ela casou, ela procurou trazer todos para dentro de casa. O caçula tinha quatorze anos. Então a faixa de idade, antigamente era muito próxima uma da outra. Ela casou, praticamente, com três adolescentes pra trazer pra dentro de casa. Ela os trouxe pra dentro, viviam bem. Às vezes fazia vista grossa pra muita coisa, porque com três filhos órfãos, às vezes a convivência não dava, mas ela fingia que não escutava pra seguir em frente.*

G2/ P8: *Com o pai era aquele negócio de sete anos, agora com a mãe foi mais assim, eu já estava casada, eu já tinha filhos, então a gente tem uma outra visão. Principalmente porque ela ficou doente e eu cuidei bastante dela.*

G2/P13 *Eu estou lembrando do que ela falou ontem, na questão do aspecto cuidador da família; ela falou muito da mãe cuidadora e do avô cuidador; mas o pai dela foi protetor o tempo inteiro, eu enxergo esse homem como protetor. E ontem ela não colocou isso...*

G2/P15: *Então, eu não lembro dos meus bisavós, então não teve como contar histórias lá de trás. Mas deu pra perceber a minha parte cuidadora, de quem eu herdei; foi da minha tia.*

Professoras

G1/P5: Todas as mulheres da minha família são professoras e eu sou formada em enfermagem. Aí uma época eu resolvi dar aulas. Então todos da minha casa falaram: “Não podia fugir ao sangue de professora!”

G1/P5: Assim, eu nunca tive essa cobrança em ser professora, mas a minha avó era professora, todas as minhas tias eram professoras. Os homens, cada um foi fazer alguma coisa. E as mulheres todas foram ser professoras. E aí quando eu fui dar aulas disseram que não ia fugir ao sanguinho; mas assim, eu nunca tive essa cobrança de ter que ser professora.

Desempenho de tarefas comuns

G1/P5: Eu vou ao supermercado e compro os produtos de marca que minha mãe compra... sabão em pó...

Pesquisador: Aí te perguntam: Porque você compra esse sabão em pó?

G1/P5: Não sei, minha mãe sempre usou e eu uso também...

G1/P5: Eu não entendo essas coisas de rendimento; se funciona, se não funciona. Minha mãe compra e eu compro também. Pronto.

Pesquisador: Tem uma coisa, se sua mãe faz é bom? Então se ela faz e é bom, eu faço também.

G1/ E.: Exemplo da mãe né?

G1/P5: É...Coisas que ela não tem costume de comprar, eu mudo a marca. Mas as coisas que ela compra, é aquilo e pronto, acabou.

Salgadeiras

G1/P6: Faço das palavras da G1/ R., as minhas. Porque eu vi da onde vem as coisas que eu gosto. Eu gosto muito de mexer na cozinha, e as minhas tias são todas salgadeiras e minha vó também fazia salgado, aí

fui vendo da onde que vem esse monte de coisas que a família inteira gosta de fazer e fui me encaixando.

Pessoas afetivas, caridosas, cuidadoras

G2/ P8: *Eu acho que tudo o que a gente herda... o que eu herdei, o que eu recebi foi o caráter, porque você aprende e nunca mais esquece; e isso é bom.*

G2/ P8: *Eu tento fazer tudo o que eu recebi: acolhimento, caridade...*

Acolhedores

G2/ P8: *O pai tinha muita responsabilidade com o serviço. Sempre levantou cedo, sempre foi para o serviço. E a mãe, o que ele carregou bastante da mãe dele, era o que meu pai fazia, que era catar todo mundo e por dentro de casa. Tem dia que eu chego em casa e tem dez jantando. Ele chega, ele chama a turma, ele tem bastantes amizades. Ele traz a turma! As pessoas gostam de ficar perto dele!*

G2/ P8: *Não, eu gosto, porque a partir do momento que ele está dentro da minha casa com os amigos, ele está no lugar certo.*

G2/ P8: *Não, do pai, ele trouxe a responsabilidade; e da mãe é isso que eu estou falando. Ele paga todo mundo, arruma cesta básica e dá pra todo mundo; e minha sogra é assim. Às vezes ele fala assim: "Ah! G2/ P8 que dó de você! quanta gente na sua casa e você cansada!". Aí eu falo pra ela: "Dona Helena, é igualzinho a senhora!".*

Uma vez compreendido que em todas as famílias observam-se repetições, a compreensão de que determinados formas de interagir acabam por formar padrões interacionais que se repetem de geração em geração e, entre outros aspectos, podem se manifestar nas questões de gênero, em seus mitos, crenças e rituais, no poder, no prazer, nas regras, nos segredos, na sexualidade, nas triangulações, nas variadas formas de violência familiar e na transmissão de valores, passarei a explorar o conteúdo dessa terceira categoria. No presente estudo, a compreensão da existência desses padrões ou estilos interacionais ocorreu mediante a percepção pelos participantes dos próximos elementos identificados.

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Percebendo diferenças	Diferenciando mensagens de gênero	Vivendo numa cultura machista Percebendo a dominação Driblando o padrão tradicional

Quanto aos padrões interacionais de gênero observou-se entre os participantes, tanto quanto entre os brasileiros em geral, que os papéis de gênero ainda são interpretados tradicionalmente por uma cultura machista. No decorrer do PRORFOPS, em meio às discussões, observei que esta cultura já estava sendo questionada, o que me levou a estabelecer a categoria “PERCEBENDO DIFERENÇAS”. Essa percepção de diferenças se deu à medida em que o participante ia “DIFERENCIANDO MENSAGENS DE GÊNERO”, sendo possível então extrair de suas falas os conceitos que apresento no quadro acima. Usualmente, o machismo é descrito em termos de dominação em relação às mulheres. Apesar de ter havido mudanças no meio sócio-familiar e cultural brasileiro, o aspecto do homem dominador ainda esteve muito presente no relato dos participantes, porém, emergiu um dado novo: o fato de, entre algumas participantes, mesmo que em uma cultura interiorana, as mulheres possuírem voz ativa e terem conseguido mudar esse legado intergeracional muitas vezes de submissão, como se pode observar em seus depoimentos.

G1/P1: Eu consigo enxergar isso agora. Depois que eu to vendo o Genograma, mas assim, eu estou passando isso para os meus filhos, mas quem mais ta pegando é a L., porque é ela que vai dar conta do recado.

G1/P.1: Não sei, mas a gente não deixa os homens tomarem espaço não. Eu vejo isso claramente, porque eu tenho um casal de filhos e eu os crio igual, mas ela manda nele; desde pequeno. Eles têm muito pouca diferença de idade. Eles brincavam de escola, ela era professora e ele o aluno, e ela o colocava de castigo sendo que era o único aluno que ela tinha.

G1/P5: Eu procurei comparar assim mesmo. Porque a minha educação foi muito diferente da dela, em relação a conversa com a família, as mulheres trabalham fora também. Tem esse lado de escolher o poder, por exemplo, mas é muito dividido; assim, eu via na casa da minha avó por

exemplo, era diferente da minha avó por parte de mãe e por parte de pai. Por parte de pai, as mulheres trabalhavam fora também, mas a relação era diferente com os maridos. Na parte da minha mãe eram mais companheiros, conversavam juntos, decidiam juntos. Por parte de pai era os homens que decidiam.

Pesquisador: *Então você está numa cultura mais machista?*

G1/P5: *Não. Porque meu pai acabou indo pelo lado da família da minha mãe; de dividir tudo de conversar. Meu pai era paizão de pegar no colo, conversar, e minha mãe meio que exigia as coisas.*

G1/P5: *Assim, eu vejo mesmo pela diferença, assim. Por exemplo, meu avô e minha avó, até antes de morrer, eles davam beijinho na boca e falava que um amava o outro. Eu achava isso a coisa mais linda! Então, pensando no jeito deles e no meu jeito. É igual eu falo lá em casa. Eu fui educada para eu trabalhar, pra eu não depender das pessoas. Então tem coisas que eles falam que mulheres não fazem, como trocar galão de água, por exemplo; eu faço, eu morei sozinha. A minha mãe foi morar sozinha com dez anos de idade. Porque ela mora na Barra e lá não tinha escola, então ela foi estudar em Itajubá sozinha. Ela quis me educar assim, para ser independente mesmo e isso foi bacana pra mim, diferente do que aconteceu com eles.*

G2/ P10: *Eu vejo isso pela minha idade. Eu tenho 28 anos e agora que estou vendo a minha mãe e minha vó fazer isso. E vejo o pessoal da zona rural fazendo isso agora.*

G2/P13: *Eu estou lembrando da minha avó batendo no meu avô. Ela pegou ele com a empregada na cozinha!*

G2/P13: *Imagina eu casada com um homem querendo mandar em mim!*

G2/P13: *Eu tenho trabalhado muito isso nas reuniões de oficina e a gente percebe essa distância entre o reconhecimento do marido é muito grande. E na verdade, a maioria das mulheres da zona rural já se colocou numa posição de que é assim que tem que ser mesmo.*

Então, a primeira vez que nós levantamos uma discussão a respeito do quanto à mulher precisa de espaço e de um momento na semana. A

mulher precisa de um espaço pra cuidar dela, porque ela já cuida de marido, filho, casa, do sogro, do tio, do papagaio...

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Influenciando a construção de significados	Percebendo influências Questionando a flexibilidade	Solidificando vínculos afetivos Percebendo outros mitos Repetindo a escolha de profissões Percebendo lealdades Mantendo hierarquias Pertencendo Mantendo a tradição

O próximo elemento de compreensão quanto aos padrões interacionais refere-se à percepção dos participantes de que se criam mitos familiares no compartilhamento de crenças a respeito de assuntos que se evidenciam no convívio tais como certas qualidades do grupo. Por meio dessas crenças que ao longo das gerações se transformam em mitos, são estabelecidas as regras de comportamento para os membros familiares que mediante seu cumprimento se encarregam de perpetuá-los, daí a construção da categoria “INFLUENCIANDO A CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS”. Dessa categoria puderam ser extraídas duas subcategorias: “PERCEBENDO INFLUÊNCIAS” e “QUESTIONANDO A FLEXIBILIDADE”, que justificam os conceitos que foram levantados sobre a questão do mito. Entre os participantes observou-se especialmente o Mito da União, no qual investem com a intenção de solidificar os vínculos afetivos existentes entre seus membros. Outros mitos também apareceram como o “Felizes para sempre”, porém numa proporção bem menor que o mito da união.

Para encerrar a análise da questão dos mitos presentes no sistema familiar dos participantes, acredito que seja também interessante pensar na influência de mitos que contribuíram para a escolha de seu papel profissional de cuidador, se essa escolha esteve relacionada aos mitos difundidos entre seus familiares, pois de acordo com Krom (1992/1994) os mitos podem originar os significados atribuídos às experiências, determinando hierarquias de valores, influenciando a maneira como a família percebe o mundo e o sentido que as pessoas atribuem às suas vidas. Entre outras falas sobre a presença de mitos, gostaria de enfatizar o peso dessa influência que pode ser observado no diálogo entre o pesquisador e um dos participantes:

G1/ P5: A minha família, nós todos passamos o Natal juntos, porque a gente reza pra chegar o natal logo e estar todo mundo junto. Então é uma coisa por prazer e não porque você tem que fazer, porque é um ritual. Acaba sendo um ritual prazeroso! Essa é a diferença.

G1/ P5: Eu concordo. Porque daí, um dia que minha tia não quis passar o natal com a gente, a gente falou: “pô... onde já se viu a pessoa não querer passar o natal com a família inteira, a gente tudo junto e ela não quer...”. Isso não entrou na nossa cabeça, entendeu?

Mas é um direito dela...Mas eu vou porque eu quero.

G1/P5: Pra mim não foi difícil, foi gostoso, porque eu sou muito apegada mesmo a minha família, dos dois lados, então, é sempre muito gostoso. Eu senti dificuldade de pensar em um momento, uma determinada coisa. Tem bastante coisa gostosa! Tem os momentos ruins que você lembra, mas eu procurei sempre pensar no lado bom das coisas.

G2/P13 A maioria das histórias infantis... e a história que repete o “Feliz para sempre”, que é a do Sherek, ele fala que isso está num mundo tão, tão distante. Quer dizer, essa história, além de reverter todo o conceito que a gente tem de beleza, de felizes para sempre, isso pra eles está no tão, tão, tão distante.

A escolha da profissão

G2/ P8: Eu acho que tudo o que a gente herda... o que eu herdei, o que eu recebi foi o caráter, porque você aprende e nunca mais esquece; e isso é bom.

Pesquisador: A pergunta é: Pra onde esse aprendizado te levou?

G2/ P8: No que eu sou hoje.

Pesquisador: Isso que você é hoje... o que você faz no que você é hoje?

G2/ P8: Eu tento fazer tudo o que eu recebi: acolhimento, caridade...

Pesquisador: Você acha que você está no lugar certo, na profissão certa?

G2/ P8: Eu acho que eu estou no lugar certo, na profissão certa.

Pesquisador: Você gosta disso?

G2/ P8: Gosto. Com certeza!

Pesquisador: Vocês conseguem ver isso? Quem trabalha aqui com ela, é assim mesmo?

G2/ P5: Agora dá pra gente saber porque ela é super protetora dos filhos.

G2/ P8: A gente corre atrás...

Pesquisador: Isso é uma repetição. Porque recebeu e repassou isso. E ela já falou ontem que tem um filho que liga pra ela pra proteger a irmã. Quer dizer...

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Incorporando ideias	Pressupondo um ganho	Interpretando situações Justificando as dinâmicas relacionais Respondendo às situações Fundamentando regras Repetindo tarefas

Ainda quanto ao aspecto dos padrões ou estilos interacionais encontram-se as crenças. De acordo com os participantes desse estudo, as crenças foram compreendidas como as percepções consideradas como verdadeiras pela pessoa, motivo pelo qual nomeei sua única categoria como “INCORPORANDO IDEIAS”. No contexto desse estudo, essas crenças formam-se a partir da própria visão da pessoa sobre a vida e o mundo, ou seja, as crenças têm como pressuposto básico a interpretação que um sujeito faz de uma determinada situação, sendo que essas interpretações irão definir qual a resposta emocional a serem dadas em determinadas situações, estando implícita a expectativa de um benefício. “PRESSUPONDO UM GANHO” foi como subcategorizei a questão das crenças, pois o que se observou nesse estudo foi que algumas das crenças entre os familiares dos

participantes tinham a função de fundamentar regras que eram impostas, ou ainda justificar tarefas muito árduas, o que pode claramente ser capturado de suas falas:

G2/ P8: *Eu trabalhei em cima dele, porque ele não era viciado na pinga, mas ele gostava e a família inteira gostava de uma pinguinha. E a M., às vezes, pedia as coisas pro pai dela e ele não deixava e ficava bravo, ela me pedia pra largar dele, porque ela não agüentava mais! Eu falava pra ela que eu não estou à toa na vida dele, que eu não entrei por acaso na vida dele. Se ele é assim e eu estou com ele é pra fazer dele uma pessoa melhor. Tem quatro anos que ele parou de beber e dois anos que ele parou de fumar. Então, melhorou. Às vezes ela está bem, como ela está com ele agora lá em Cristina, aí eu falo: "você quer que eu me separe do seu pai ainda?"; ela diz que não, que está gostoso! Então a gente tem que mostrar pra eles que nada na vida da gente acontece por acaso, e se você sofre ou tem alguma provação, é porque Deus te colocou ali pra fazer dele uma pessoa melhor. Eu penso assim: eu não estou à toa...*

G2/ P15: *Eu tenho uma irmã que só me ouve gritando... Não, ela que fala que pra ficar mais calma e relaxada eu tenho que gritar. Mas ela me ouve, ela fala que só tem a mim, ela me ouve bastante. Sim, e ela me ouve bastante, ao invés de ela ouvir os outros irmãos, ela só me ouve.*

G1/P1: *Meu pai dizia que a mulher é igual um vaso, não precisa quebrar para perder o valor. Bastou trincar.*

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Celebrando as transformações	Reforçando os vínculos	Explorando hábitos Fortalecendo o pertencimento Relembrando momentos Reforçando continuidade Fortalecendo laços

Os participantes desse estudo consideraram rituais como sendo todos os gestos ou comportamentos repetidos cotidianamente, que muitas vezes são realizados inconscientemente, porém acabam por conectar as pessoas, ampliando-lhes a noção de pertencimento ao grupo, daí julguei ser apropriado reunir as falas que de uma ou outra maneira falavam sobre esse pensamento na categoria “CELEBRANDO AS TRANSFORMAÇÕES”. “REFORÇANDO OS VÍNCULOS” foi

como compreendi que poderia subcategorizar esse assunto, pois toda vez que se realiza um ritual agrega-se um componente afetivo, sendo que uma vez que o ato é completado o indivíduo poderá reproduzi-lo na memória para recapturar um pouco dessa mesma experiência. A manutenção de rituais familiares asseguram que será assim que a família continuará a ser, por outro lado, quando interrompidos podem ameaçar a coesão do grupo. O aspecto da interrupção de rituais não chegou a ser aprofundada pelos participantes que se ativeram mais em seu aspecto de fortalecedor dos laços entre os membros familiares. Esse elemento de compreensão foi expresso nas seguintes falas:

G1/ P4: *Eles não estudam no mesmo horário que eu, mas eles sempre tem atividades. Então eu acordo, desejo bom dia, Deus te abençoe, ta na hora de levantar. Eles levantam pra tomar café, aí eu saio pra trabalhar e falo fica com Deus, se precisar liga pra mamãe. Mas sempre tem “Deus te abençoe”, “Vai com Deus”. Se vai pra escola eu falo pra ter atenção. Falo pro D. ficar quieto na escola, pra G. prestar a atenção. Dou um beijo e passo a mão na cabeça. Tem um ritual muito engraçado que eu achava que era mania e hoje eu vejo que é ritual. Eu acordo primeiro, passo no quarto do D., vejo se ele está coberto... Todos os dias do mesmo jeito. Primeiro é o quarto do D., vejo se ele está coberto. Eu só dou uma olhadinha assim... se está meio descoberto eu vou lá e organizo assim a coberta dele. Tem dia que ele até dá uma mexidinha. Vou no quarto da G. e da P., olho a mesma coisa ajeito a coberta.*

Pesquisador: *Porque ele primeiro?*

G1/ P4: *Porque do meu quarto, o primeiro quarto próximo é o dele pra depois vir o das meninas, então na descida para a cozinha o primeiro quarto que eu passo é o dele.*

G1/ P4: *Você falou e eu lembrei... Meu pai fazia isso comigo. Quando pequena a minha mãe, mas depois na minha adolescência, minha mãe ficava dormindo até mais tarde e eu levantava para ir a escola e meu pai que estava preparando o café, então ele fazia isso... uma coisa legal que eu lembrei agora é que eu adorava café espumado, aí tinha uma empregada lá em casa que pegava a caneca e ficava passando o café de uma caneca para a outra pra esfriar e fazia muita espuma; e a G. adora espuma. Às vezes o café dela ta no ponto e ela fica me olhando com aquele*

olhinho e eu falo, o que você quer, G.? “Não tem espuma hoje?” Aí eu vou esfriar café pra ela... é bem mais morninho, a P. gosta bem quente. E eu tenho que aguardar o café dela e fazer a espuma; é o café com leite e espuma.

G1/ P4: *Engraçado que a gente não percebe que isso é um ritual e tem importância. Mas porque a gente ta estudando isso, ontem à noite eu cheguei em casa e fiquei pensando na importância da família, porque eu fiquei pensando em certas coisas, e hoje muito de equilíbrio que a gente tem, que a gente passa por situações que a gente não consegue se equilibrar, conseguir ficar inteira, como é que não estou louca com tudo o que acontece, com tudo o que eu vivo, com tanta coisa; mas eu acho que vem muito disso que a gente tem aqui atrás, dessa bagagem do meu pai e da minha mãe, dessa família, desse equilíbrio. Aí eu fiquei pensando na minha mãe. Eu coloquei no meu caderno da nossa mudança radical aos nove anos. Minha mãe foi a única filha que fez esse corte. Minha mãe, ela foi pedir pro meu avô, quando meu pai foi transferido, se ela podia mudar daqui. Se meu avô falasse não, ele ia e ela ia ficar. Olha pra você ver a dependência, minha mãe tinha mais de cinqüenta anos, e meu avô falou que ela tinha que acompanhar o marido dela.*

G1/ P4: *Pra mim é assim a importância da família, mas os valores, os mitos, as crenças, os rituais. Eu nunca tinha parado pra pensar na rotina; você faz, mas não sabe a importância disso. Eu nunca tinha parado pra pensar na importância de tudo isso dentro do equilíbrio, e de onde vem essa co-relação. Tudo isso é muito importante pra mim.*

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Lidando com o domínio	<p>Revendo as relações</p> <p>Identificando experiências de poder</p>	<p>Percebendo a dominação</p> <p>Percebendo a extensão do poder</p> <p>Percebendo a dominação masculina</p> <p>Mantendo o domínio</p> <p>Ampliando as diferenças de gênero</p> <p>Percebendo hierarquias</p>

“LIDANDO COM O DOMÍNIO” foi a categoria que estabeleci para identificar outro dos elementos de compreensão do legado intergeracional, o qual se deu mediante a percepção dos participantes de que existem pessoas que detêm o poder familiar, considerando que na família existem alguns membros que assumem o

controle, impondo-se por questões de gênero, dinheiro, entre outros. De acordo com a percepção desses mesmos participantes, pude observar duas subcategorias: “REVENDO RELAÇÕES” e “IDENTIFICANDO EXPERIÊNCIAS DE PODER”. De acordo com o depoimento dos participantes a questão do poder na família passa por uma relação de força que se estabelece na família nuclear entre pai, mãe e filhos e se estende até a família intergeracional (avôs e avós). Existe um jogo que não é só de palavras e sim no sentido de ascender ao poder, ou seja galgar degraus na hierarquia familiar, o que não pode ser confundido com o jogo do poder pelo poder quando a hierarquia desqualifica as pessoas. O que se torna bastante evidente entre os participantes ainda é o predomínio da forma tradicional de poder, na qual a autoridade paterna passa pela questão do provimento da família e sequer é discutida.

G2/P9: *Mas em compensação era assim: “pai, posso ir na rua?”, ele respondia: “não!”; “posso ir a missa?”, “não!”. Era só não que ele respondia! Então, era um autoritarismo muito grande, e a minha mãe, a relação dos dois era boa; porque a minha mãe era submissa, pra não ter atrito com o meu pai, ela ficava na boa, na dela, e ela era submissa.*

G2/P13 *Eu falei uma coisa agora a pouco e vi que as mulheres da minha família são muito bravas e são elas que determinam a situação; e as coisas são muito repetitivas por parte dos homens. Como elas podem ser bravas e ao mesmo tempo não enxergar o que está acontecendo com os homens?*

G2/ P11: *Então, como ele não queria o casamento do meu pai com a minha mãe, ele falou que não ia querer bem essa criança. Porque só depois de dois meses de casada que minha mãe falou que tava grávida. Aí meu avô falou que não ia querer essa criança; no entanto, quando ele estava com câncer, quem cuidou dele foi eu. Eu fui a pessoa que cuidou dele, que não tinha nojo de mexer com ele.*

Então, quem foi que respondeu foi a G1/P7. O provedor é o pai, mas todos na casa trabalham e ajudam como podem. E a gente entrou também em como eram os avós paternos dela. Ela colocou que eram seguros, que tinham bens, que guardavam, mas que os outros de fora achavam que ele era bonzinho e meio que... exploravam a família. A avó

era submissa a toda essa situação. Os avós maternos eram comerciantes e na casa tinha fartura.

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Desmistificando uma linguagem	<p>Descobrindo o prazer pelo afeto</p> <p>Experienciando situações de abertura</p> <p>Diferenciando situações de fechamento</p>	<p>Construindo afetos na solidariedade</p> <p>Tendo prazer nos encontros de família</p> <p>Tendo prazer em encontros sociais</p> <p>Elegendo maiores prazeres</p> <p>Percebendo limitações para os prazeres</p> <p>Lidando com o desconhecido</p>

Quanto ao que se considerou como sendo o nono elemento de compreensão do terceiro fenômeno: os padrões ou estilos interacionais relacionados ao prazer observou-se que os participantes assimilaram a ideia de que o prazer refere-se à satisfação temporária de determinado desejo ligado a fatores externos, levando-se em consideração os padrões ou estilos de cada família, em decorrência dessa percepção pode-se pensar na categoria “DESMISTIFICANDO UMA LINGUAGEM”. Essa categoria subdividiu-se em 3 subcategorias: “DESCOBRINDO O PRAZER PELO AFETO” foi a primeira delas. De um modo geral, as pessoas buscam por experiências boas, que lhe deem satisfação, alegria. Embora seja possível sentir prazer sozinho, com um parceiro, por um objetivo, no trabalho, por uma viagem, enfim, por “n” fatores, os participantes desse estudo referem-se especialmente aos encontros de família como fonte de prazer. A segunda subcategoria “EXPERIENCIANDO SITUAÇÕES DE ABERTURA” justifica-se ao considerar que a sensação de prazer é algo extremamente subjetivo, podendo-se afirmar que esses participantes apontam os socioprazeres como sendo o que mais os realiza. Mencionam que o maior de seus prazeres é estar em família em momentos de confraternização, portanto, referem-se ao prazer que o indivíduo sente quando está em contato com as outras pessoas, como o estar em família. Embora, o prazer de estar em família seja praticamente generalizado entre os seres humanos, as pessoas geralmente buscam também o convívio de outros membros que não sejam exclusivamente os familiares, no entanto, o contexto em que o indivíduo estiver inserido interferirá na forma sobre como ele lida com essas questões, dando margem a que ele abra ou se feche para situações que envolvam o prazer, daí a terceira dessas subcategorias “DIFERENCIANDO SITUAÇÕES DE FECHAMENTO”.

No caso específico desses participantes, cidadãos de uma cidade interiorana do sul de Minas Gerais, fica clara a valorização da união dos membros familiares. A solidariedade, o prazer de estar com o outro, no entre, no eu e no nós., muito embora outros temas referentes ao prazer não tenham sido mencionados em função da própria pessoa desconhecê-los.

G1/ P3: A gente vai falar sobre o prazer. O prazer de estar junto com a família, da união. A G1/ A. perguntou pra G1/ P. o que é o prazer pra ela. A reunião de família, Natal, aniversário. Ela estava comentando que a família do pai dela é muito unida, coisa que a família da mãe dela não é, mas a família do pai é bem unida. Agora vai ter o aniversário de 50 anos de uma prima, aí vai reunir toda família. Qual é o maior prazer da vida dela? O maior prazer da vida dela é estar junto com a filha e com o pai, união com a família mesmo. O prazer da vida dela é a família, e a filha que é o bem mais precioso que ela tem. Perguntou também qual é o prazer que ela lutou para ter e manter nos dias hoje. É a filha! Tudo na vida dela se resume na filha dela; no trabalho dela; na dedicação que ela tem hoje com essa oportunidade que surgiu na vida dela. Como e com quem ela conversa sobre esses prazeres da vida dela. Ela conversa muito com o pai.

G1/P6: Mas tem, em relação a minha família, o prazer da família do meu pai é quando a gente se reúne, sempre tem aquela comilança, bebedeira.

G2/ P10 A família do meu pai é assim. só reúne quando morre alguém. Agora a da minha mãe, se reúne umas duas vezes por ano para festa da família.

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Ampliando autonomia	<p>Revendo hábitos e atitudes</p> <p>Explorando experiências de obediência</p> <p>Questionando hierarquias</p>	<p>Aprendendo a lidar com elas</p> <p>Percebendo níveis de execução</p> <p>Percebendo similaridade</p> <p>Detectando outros detentores de poder</p> <p>Vivenciando regras</p> <p>Percebendo o ditador de regras</p> <p>Percebendo possibilidade de mudanças</p> <p>Vivenciando a obediência</p>

Toda família tem regras, em algumas essas regras são mais rígidas, em outras mais maleáveis. As regras estruturam a convivência numa família, sendo que as pessoas nesse convívio aprendem a lidar com elas. Às vezes, seu cumprimento é difícil, especialmente para adolescentes que não gostam de se submeter a elas, porém como existe uma hierarquia de poder na família é preciso cumpri-las mesmo que a contragosto, enfim, todo o material dos participantes que foi analisado em torno dessa compreensão girou em torno de um único tema que nomeei como “AMPLIANDO A AUTONOMIA”. “REVENDO HÁBITOS E ATITUDES” foi a primeira subcategoria que pude extrair das falas dos participantes quando apontam sobre as regras existentes em suas famílias. As regras de horário de chegada em casa são um típico exemplo de norma de conduta estabelecida pela grande maioria das famílias, embora também tenham mencionado regras tidas como comuns a todo tipo de família como horário pra chegar, não sair de casa sem telefone ou sem avisar. “EXPLORANDO EXPERIÊNCIAS DE OBEDIÊNCIA” foi a subcategoria estabelecida diante da percepção pelo participante que de acordo com o momento que a família esteja vivendo, as regras são estipuladas. No papel de filhos, as pessoas têm que obedecer, no papel de pais, a função já é outra: colocar as regras. E no papel de avós, dependendo da família, é hora das pessoas serem mais cúmplices do que fiscais, porque é a hora em que se pode ser mais afetivo. À última dessas subcategorias nomeei “QUESTIONANDO HIERARQUIAS”, na qual algumas regras tanto podem ser questionadas quanto flexibilizadas. Usualmente, a família que se encontra na Fase Adolescente se defronta com a divergência de pensamentos e sentimentos de filhos ainda não amadurecidos.

Especificamente em relação aos participantes desse estudo, oriundos de uma cidadela interiorana do sul de Minas Gerais, pude observar que, no geral, diversamente dos grandes centros urbanos, as regras são claras e se estendem para a toda vida da pessoa, sendo que o sistema tradicional dificilmente a deixa quebrá-las.

G1/ P4 [...] ela ficou uma semana lá e permitiu que ela saísse e voltasse uma hora da manhã. Ela teve essa liberdade. E meu irmão chegou e ficou bravo com a minha mãe. E minha mãe dando uma dura no meu irmão. Eu sentei, e que engraçado! Eu não podia! Eu com 27 anos, chegava da rua, e ela ia dar um beijo em mim e quase beijava a minha boca; ela queria sentir se eu tinha bebido álcool. Meu irmão não bebia, não

fazia nada. Então, era assim aquele abraço e aquele beijo. Eu não tinha a chave; meu pai ou minha mãe abria a porta. Mas eu entendo isso, eu consegui trabalhar isso. Eles foram criados de uma forma muito enérgica... Avó é bem diferente.... tanto que ela evoluiu com a minha sobrinha... Então tem que dar liberdade, tem que dar educação e tem que deixar a pessoa viver; porque jovem é uma vez só na vida. Não vai ter outra oportunidade.

G1/P5: *Isso aconteceu com a gente também. Por ter saído daqui e ter ido morar em Volta Redonda. Então na minha rua tinha um monte de casais na idade dos meus pais e todos eles com dois filhos, igual meus pais. E a gente foi criado tudo junto. E aí quando chegou nessa faixa etária da adolescência, às vezes as mães permitiam que eles fizessem alguma coisa que meus pais não permitiam que eu e meu irmão fizéssemos; então a gente questionava essas coisas de adolescentes, porque eles podem e eu não posso? Qual é a diferença?*

G1/P5: *Minha mãe disse: hoje vocês não entende, mas um dia vão entender. Aí depois de um tempo a gente foi ver, porque infelizmente, um virou traficante, sabe umas coisas assim... foi mexer com droga. E hoje realmente a gente entende. E lá em casa a gente sempre questionou; não era não porque eu não quero. Era não por algum motivo. Meu pai e minha mãe sempre passaram isso para gente.*

G1/P5: *Nunca houve falta de respeito! Sempre foi conversa mesmo, amizade. Igual já aconteceu uma vez: eu queria ir num lugar e minha mãe disse que não porque meu irmão já tinha ido lá e não gostou. E eu falei: mãe, a senhora não acha que eu tenho o direito de ir e ter a minha opinião? Não é porque meu irmão foi e não gostou que eu tenho necessariamente que não gostar. Aí ela falou: tá bom, então você vai. Eu fui e não gostei e nunca mais voltei! Pelo menos ela me deu o direito de ir e ver como é que é.*

G1/P5: *Mas isso facilita muito a criação em geral, porque você começa a saber que tem coisa que você tem que aceitar porque é norma e tem coisa que você pode modificar.*

G1/P4: *É interessante o que você está falando, porque eu tive uma educação muito enérgica, rígida; na minha adolescência minha mãe pegava muito no meu pé, e eu nunca fui de fazer estrepolia, arte, ela era muito rígida!*

G1/P4: Avó é bem diferente.... tanto que ela evoluiu com a minha sobrinha; e o tanto que a gente tem que pensar nos filhos, por que o mundo ta cada vez mais em cima, mas você não pode ficar assim, porque é uma fase que vai passar e não vai mais voltar. Então tem que dar liberdade, tem que dar educação e tem que deixar a pessoa viver; porque jovem é uma vez só na vida. Não vai ter outra oportunidade. Hoje eu consigo enxergar, mas na época da minha adolescência, eu ficava muito irritada com as coisas que ela me fazia, mas hoje eu consigo ver, por tudo o que ela tinha. Ela não ia me dar o que ela não teve. E o medo que ela tinha, porque estávamos num contexto de uma cidade diferente e poderia ser uma história diferente.

G1/P1: E meu pai que a gente podia namorar, mas a minha obrigação era estudar, e tinha que namorar dentro de casa e não podia me atrapalhar nos estudos. E disse ainda que ele não podia ir me namorar de short e nem de bermuda, e que eu não podia andar na garupa da moto dele e nem de carro.

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Desvendando tramas	Detetando incongruências Confrontando informações	Existindo um mal estar Pressentindo algo escondido Percebendo assuntos escondidos Gerando conflitos Enfrentando dilemas

Nas relações familiares o tema “segredos” se detecta mediante assuntos que nunca são comentados. Segundo Imber-Black (1991/1994), os segredos também podem estar presentes no contexto familiar, podendo mistificar e distorcer os processos de comunicação, moldar diádes, formar triangulações, estabelecer alianças encobertas, divisões ou rompimentos e determinar a intimidade ou o distanciamento, incompreensões nas relações. De acordo com o que pude observar pela fala dos participante, sobre o tema “segredo” foi possível estabelecer uma categoria, a qual nomeei “DESVENDANDO TRAMAS” e extraír dela duas subcategorias: “DETECTANDO INCONGRUÊNCIAS” e “CONFRONTANDO INFORMAÇÕES”. No interior da primeira subcategoria foram extraídos os conceitos “EXISTINDO UM MAL ESTAR” que deixa transparecer que por ser o segredo um assunto proibido, ele gera sentimentos de poder, culpa para quem sabe e angústia, mal estar entre as pessoas, que pode afetar as relações com sentimentos como a

desconfiança. Ao esconder certas coisas, a família cria dilemas, como é o caso de um dos participantes que menciona ter curiosidade por saber de suas origens. “PRESSENTINDO ALGO ESCONDIDO” é o segundo dos conceitos embutidos dentro dessa primeira subcategoria, pois usualmente, a pessoa que é vítima de segredos pressente sua existência, mas não fala sobre isso e vive em meio a dilemas, num estado de incertezas e confusão. “PERCEBENDO ASSUNTOS ESCONDIDOS” refere-se a mais um dos conceitos presentes dentro da mesma subcategoria quando apresenta relatos sobre segredos encontrados entre a fala dos participantes, expondo questões de racismo, adultério e adoção, segredos estes que em alguns casos conseguiram perpassar gerações, evidenciando o caráter intergeracional desse padrão interacional. Sobre o tema segredo também é possível analisá-lo sobre outra perspectiva como a lealdade, vínculos de segurança, confiança, para com a questão do sistema protetor de uma família ou comunidade.

A segunda subcategoria “CONFRONTANDO INFORMAÇÕES” embute conceitos como “GERANDO CONFLITOS” o qual de acordo com a percepção dos participantes desse estudo, o tema sexualidade é tratado diferentemente em cada família, considerando que envolve o papel social de gênero, a afetividade, emoções e sentimentos que criam laços entre as pessoas e manifestam-se de variadas formas, podendo estar presente na vida da pessoa independente de sua idade.

Com todas as transformações do comportamento sexual dos últimos tempos, desde o simples namoro até o matrimônio, consequentemente também alterou a forma de se relacionar sexualmente. Houve uma grande evolução de papéis tanto da mulher quanto do homem nas interações sociais e consecutivamente em seu papel nos relacionamentos amorosos. Nesse sentido, acredito que deva ser bastante apropriado o conceito “ENFRENTANDO DILEMAS”. Como é característica do ser humano estar sempre em busca de sentimentos prazerosos sempre haverá diversidades comportamentais na sexualidade e em relação ao relacionamento amoroso, como a repressão com que esse tema era tratado na família dos participantes. A compreensão desse elemento foi observada nos seguintes depoimentos:

G1/P6: *Então, porque na família do meu pai, eu tenho três primos adotivos e só uma sabe que é adotada, os outros não.*

G1/P6: A gente percebe que ela é diferente. Ela tem 34 anos e não sabe que é adotiva, só que ela sabe que é diferente... Porque minha tia é morena e não tem nada a ver com ela.

G2/ P12:: Alemão com índia, e negro com português. Meu avô era português. E o mais interessante é que eu não consigo saber nada da minha bisavó, porque minha família era toda racista, e cada vez que a gente perguntava, ela mudava de assunto.

G2/Z..: Bom, eu descobri umas coisas assim que minha bisavó, igual eu falei aquele dia, que eu achei muito legal, minha bisavó era negra e escrava e casou com um português. Eu achei legal essa mistura e eu queria saber o porquê na família tem uns mais clarinhos, outros com o cabelo mais ruinzinho, uns mais carregadinhos; eu achei legal essa mistura. Só que era um tabu. Pra eu descobrir essas coisas, não foi fácil não. A minha tia que morreu com 96 anos, ano passado; eu morei 4 anos com essa mulher e eu perguntava da bisavó, eu meio que sabia, mas eu queria que ela me falasse o nome e me contasse a história, mas ela desconversava, porque na verdade, ela era racista. Mas ela não falava e eu queria que ela falasse.

G2/ P11: Tem uma coisa assim que o meu avô não aceitava no casamento, porque a minha mãe é prima de primeiro grau do meu pai. Só que ela engravidou antes de casar e meu avô não queria o casamento de maneira alguma, porque os dois são primos. Agora ficou claro o motivo pelo qual o meu avô só ficou sabendo do casamento no dia, porque ele não queria o casamento.

G2/P13 Tem o que eu já contei aqui e que não é mais segredo. Não é mais segredo desde que o rapaz apareceu, o mocinho de 50 anos. Ele aparece do nada, se apresentando como filho do meu tio, foi um auê na família!

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Diferenciando-se nas questões de gênero	Mudando atitudes relacionais Responsabilizando-se pela relação Empoderando-se do papel feminino	Registrando mudanças nos relacionamentos amorosos Visualizando a mulher como a parte principal da relação Abrindo possibilidades para a sexualidade feminina Mantendo modelos

O tema sexualidade é tratado diferentemente em cada família, considerando que envolve o papel social de gênero, a afetividade, emoções e sentimentos que criam laços entre as pessoas e manifestam-se de várias formas nas diferentes faixas etárias. Em função desse pensamento que observei em meio à fala dos participantes pude estabelecer a categoria “DIFERENCIANDO-SE NAS QUESTÕES DE GÊNERO”. Do interior dessa categoria, extraí 3 subcategorias que clarificam ainda mais a percepção dos participantes a respeito desse tema. A subcategoria “MUDANDO ATITUDES RELACIONAIS” dá conta da percepção do participante de que houve grande mudança nos relacionamentos amorosos nas últimas décadas. Embora tenha havido grandes mudanças na forma de se viver os relacionamentos amorosos, em Delfim Moreira, esse tema ainda é tratado com restrições. A satisfação do homem ainda é vista como um dos deveres da mulher para com o marido. Porém, observa-se em algumas das falas que está havendo uma incipiente abertura para essa questão, o que me induziu a estabelecer as subcategorias “RESPONSABILIZANDO-SE PELA RELAÇÃO” e “EMPODERANDO-SE DO PAPEL FEMININO”, tais subcategorias apontam para a mulher como assumindo a parte principal da relação amorosa, abrindo-se cada vez mais possibilidades para a vivência da sexualidade feminina sem restrições.

G1/P1: *Eu lembro uma vez que eu estava no alpendre lá de casa com o meu ex-marido que na época era meu namorado. E a gente conversando. Eu no degrau de cima e ele no de baixo. Em frente, assim, conversando, e ele segurando na lapelinha da minha calça, assim, atrás. Papai veio da rua. Não tinha ninguém lá dentro de casa, por isso estávamos no alpendre. Eu lembro quando papai chegou, com uma cara brava dele. Ele chegou, contornou a gente, olhou bem por trás, onde ele estava segurando na lapelinha da calça; e puxou o meu cabelo, e entrou, não falou mais nada. Aí eu falei pro meu namorado que meu pai ia matar hoje. Ele me disse que eu tava louca, que a gente não tava fazendo nada. Eu falei pra ele que ele tava segurando na minha calça e que hoje ia ter falatório. Então assim, coisas absurdas! Eu lembro que ele foi pedir pra namorar e meu pai disse que podia porque ele conhecia o pai dele, a mãe, desenterrou tudo quanto era defunto pra saber quem era...*

G1/P1: *Eu lembro da minha mãe. Ela sempre foi muito mais seca do que o meu pai. E eu me lembro que eu deveria ter uns 6 ou 7 anos e minha irmã mais velha já tinha 8, a gente é muito próxima uma da outra; e ela*

comprou um livrinho: “Como nascem os bebês”, e ela chamou nós duas e disse que ia explicar como era. Tinha a galinha, o pintinho, o cachorrinho, até no marido e na mulher. Então é assim que acontece. Nunca mais falou nada. Depois que eu me casei, eu já tinha as minhas crianças, trabalhava em dois empregos, minha semana era corrida. Aí um dia minha mãe me falou: olha minha filha, você pode trabalhar 23 horas e meia do dia fora ou dentro de casa, cuida de filho, limpa casa; mas se você não tiver meia hora para o seu marido você não vale nada. Você pode estar arrebatada de cansada, mas é meia hora você tem que dedicar pra ele, porque homem gosta.

G1/ P4: *Ela não tinha carinho. E do lado da minha mãe, era muito amoroso. Tanto que meu pai migrou para esse lado da família da minha mãe e também essa coisa de sexualidade nunca foi conversada. Mesmo hoje com a gente. Quando nós mudamos para Monte Alto, com a vida que nós tínhamos lá, nós saímos daqui muito novos e lá era uma cidade maior, tinha meninas já ficando grávidas. Aí meu pai e minha mãe começaram a conversar com a gente, mas assim, em alguns assuntos misturados. Hoje é muito mais aberto. Eu com eles e com os meus filhos também. Tem muito dessa energia de como namorava, o que podia ter, o que não podia, minha mãe era muito enérgica quanto a isso.*

G2/P13 *Pensando nas gerações, por exemplo, na década de oitenta, mudou a posição da década de setenta que era tudo paz e amor, e a de oitenta era mais rígida e cobrava dos pais um comportamento mais conservador. E aí chega na década de noventa e descamba de novo!*

G1/ P4: *A minha mãe tem uma relação de amizade íntima comigo muito grande, tanto que eu tenho conversas com a minha mãe de sexualidade, que eu não tinha antes quando eu era adolescente. Hoje eu estou casada e minha mãe tem cinqüenta anos de casado, converso várias coisas bem aberta com ela e também tem várias coisas do meu pai.*

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Funcionando de maneira interdependente	<p>Não sendo suficiente</p> <p>Interrompendo o diálogo</p>	<p>Utilizando a comunicação intermediada</p> <p>Interrompendo lealdades</p> <p>Contendo tensões na interação</p> <p>Continuando a interlocução pela triangulação</p> <p>Esperando diminuir a tensão relacional</p>

Estudiosos que se aprofundam em padrões interacionais percebem o fenômeno da triangulação sob variados ângulos, porém aquele que melhor se adéqua às exemplificações descritas pelos participantes desse estudo é o conceito apresentado por Whitacker no qual afirma que:

[...] em circunstâncias particulares, ou em períodos críticos da evolução familiar, cada membro da tríade pode assumir a função de modelo na contenção e mediação de tensões existentes entre os outros dois. Em tal perspectiva, a presença do 'terceiro' facilita a construção, manutenção e evolução da ligação, fornecendo o suporte necessário ao desenvolvimento e à integração de sentimentos recíprocos. (WHITACKER, 1998, p. 137).

Sob essa perspectiva, enquadram-se os depoimentos dos participantes desse estudo sobre triangulação no sentido de existirem triangulações familiares quando não se conversa diretamente com algum membro da família podendo haver coalizão entre dois outros e a presença de um terceiro, que se torna, mediador, facilitador da comunicação, daí eu haver identificado sua categoria como “**FUNCIONANDO DE MANEIRA INTERDEPENDENTE**”, a qual embute duas subcategorias “**NÃO SENDO SUFICIENTE**” e “**INTERROMPENDO O DIÁLOGO**”. A primeira dando conta que em determinados momentos a relação pode ocorrer utilizando-se do recurso da triangulação que serve para conter a tensão existente entre dois membros familiares mediante a comunicação intermediada, e a segunda “**INTERROMPENDO O DIÁLOGO**” dá conta de que a presença do terceiro facilita a continuidade da comunicação sem que haja interrupção da interlocução, enquanto não diminuem as tensões. Esses elementos de compreensão podem ser encontrado nos seguintes registros:

G1/P5: *É verdade. Isso acontece comigo e com o meu irmão. Minha mãe me fala: “filha, seu irmão fez isso, isso e aquilo”. E eu falo: “mãe, a senhora tem que falar isso pra ele e não pra mim!”. Aí na frente dele ta tudo lindo. Eu já falei que ela tem que falar com o meu irmão. Esses dias ela disse: “ah! Seu irmão não me conta as coisas... se ele te contar, depois você fala pra mim”. E eu disse: “não... mãe, se ele vai te contar alguma coisa, ele que conte. Se ele conta pra mim, eu não posso contar pra você”.*

G2/P13 *Eu acho que eu já fiz isso em algum momento da minha vida, mas hoje eu não faço isso não.*

P1/G1: Eu lembro, até que dei um exemplo que na minha casa a gente pedia as coisas pra minha mãe e ela mandava a gente ir falar com o nosso pai...

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Reconhecendo a natureza emocional das partes	Desconstruindo a linguagem do perfeito Repetindo padrões	Observando a violência não física Desmistificando o discurso de violência masculina Elencando outras formas de violência Percebendo a violência na família intergeracional Transmitindo valores

A violência entre membros familiares só começou a ser denunciada a partir das décadas de 60 e 70 do século passado por movimentos feministas. O surpreendente é que ao pesquisar a violência doméstica observa-se relatos apenas de agressões físicas, quando na realidade entende-se por violência qualquer ato, conduta ou omissão que sirva para infligir qualquer tipo de sofrimento em outra pessoa.

Nesse sentido, a violência familiar não se traduz apenas pela agressão física, e sim por uma reação com impulsividade de determinado membro, sem que a pessoa consiga separar os conteúdos de determinada situação, controlando sua raiva. Em função dessa percepção dos participantes, atribui a essa categoria o nome de “RECONHECENDO A NATUREZA EMOCIONAL DAS PARTES”, que por sua vez subdividiu-se em “DESCONSTRUINDO A LINGUAGEM DO PERFEITO” e “REPETINDO PADRÕES”, ambas as subcategorias dão conta respectivamente que embora tradicionalmente a mulher tenha sido a principal vítima de violência doméstica, há relatos entre os participantes de mulheres que são bravas e batem em homens. Por outro lado, ameaças, enganos, a coerção também são formas de violência muito utilizadas nos meios familiares dos participantes, cujos relatos de agressões físicas vêm se repetindo como padrão de interação intergeracional.

G2/ P8: Que apesar de toda a violência, ela conseguiu criar amor e as mulheres são guerreiras! Pega lá de cima da avó, da Dona I. e conseguem reverter a situação. Não deixam cair. Viram o disco!

G2/P13: *Meu pai hoje é outra pessoa. Ele era um homem muito bruto, muito bronco; então eu acho que ele ficou parado na emoção. E ele não lida bem com as mulheres da família; também tem a ver com o gênero, porque as minhas sobrinhas, elas falam muito disso... meu irmão tem uma filha, e é diferente a maneira que ele trata o meu filho e a maneira que ele trata a filha do meu irmão.*

Pesquisador: *E como ele tratou a sua mãe?*

G2/P13: *Mal. Muito mal. Ele batia nela. Meu pai tratava a minha mãe muito mal.*

Pesquisador: *Então, depois de dez anos de casada, ela já devia estar de “saco cheio”, ferveu o caldeirão e ela botou pra correr!*

G2/P13: *Ela era uma pessoa muito impulsiva. Eu estava pensando, sabe aquela coisa do olhar, que um olha e o outro já sabe o que é. Hoje meu pai é assim com a minha mãe. Ele fala alguma coisa, ela olha pra ele, e ele abaixa a cabeça.*

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Identificando a missão de transmissão	Emergindo o processo de transmissão Transformando-se Herdando valores	Assimilando valores Intensificando a vivência de valores Mudando valores Descobrindo o novo Percebendo influências Percebendo mudanças familiares Percebendo mudanças sociais valores predominantes no meio

A percepção de que alguns valores familiares são preservados pelo sistema e transmitidos ao longo das gerações e que também podem ocorrer mudanças desses mesmos valores de uma geração para outra foi o último dos elementos localizados entre a fala dos participantes sobre a compreensão do fenômeno “CRISTALIZANDO A LINGUAGEM INTERGERACIONAL”.

Para a compreensão tanto do processo de transmissão intergeracional quanto da mudança de valores considerei a categoria “IDENTIFICANDO A MISSÃO DA TRANSMISSÃO. Segmentei ainda essa categoria em 3 subcategorias. A primeira

“EMERGINDO O PROCESSO DE TRANSMISSÃO” emerge quando a pessoa se dá conta do peso de alguns tipos de influência. “TRANSFORMANDO-SE é a subcategoria que dá conta de que mudanças acontecem com o indivíduo ao longo do tempo, inclusive, com ele, o próprio participante. Por fim, a subcategoria “HERDANDO VALORES” dá conta da percepção de que mudanças acontecem tanto com seus familiares quanto com a sociedade e ainda com as normas e valores culturais que predominam em seu meio. Nesse sentido, a continuidade de valores entre gerações pode ser atribuída tanto à forma como o indivíduo assimila os conteúdos que lhe são transmitidos, associada à intensidade com que esses valores são preservados por seus pais e familiares.

G1/ P4: Honestidade, respeito e religiosidade. Minha mãe é muito amorosa, acolhe todo mundo, pato, galinha, marreco. Ela põe tudo dentro de casa.

G1/M.G: Eu vejo assim, pessoas e atitudes. Os valores são algo que na minha família são fortíssimos... e é muito gostoso quando vocês está numa situação embaraçosa ou de risco que você percebe que seus valores afloram e você toma uma atitude correta dentro daquilo que você acredita que é. Mas assim, tem muito rompimento que é um rompimento diário, que você traz da família e que o meio cria, que são de atitudes que você viveu, que você presenciou e que você traz. Isso é no lado profissional, no lado afetivo. De repente você não queria tomar aquela atitude e você tomou aquela atitude. Na verdade tem todo um contexto que te faz tomar aquela atitude, mas assim, se você falou que não, porque alguém tomou essa atitude com você e você repete, e essa é uma dificuldade de conseguir romper isso. Eu não quero, mas eu faço; e você faz.

G1/P6: Sei lá... acho que na minha é religião.

G1/P7: Honestidade e caráter.

G2/ P8: Ele era muito comunicativo. Na época de política ele gostava de conversar, ficava até nervoso em casa. Ele participava bastante da vida política da comunidade. Ele também era religioso, participava da Congregação Mariana. Ele era trabalhador, tinha bastante fartura dentro de casa, tinha carne, tinha leite, tinha fartura dentro de casa. Eu me lembro da infância com bastante fartura dentro de casa. Sim. Ele era bem família.

G2/ P8: *Minha mãe era bastante acolhedora, tanto que trouxe os filhos do primeiro casamento pra perto; ela era bem amorosa, tanto que quando nasceu o primeiro neto legítimo, que é o filho da M. J., ele brigava com os netos dos filhos do primeiro casamento do meu pai para ser o primeiro neto. Temos um relacionamento muito bom, e isso foi ela que conseguiu trazer.*

G2/ P8: *Batalhadora. Ficou viúva com sete filhos, a mais velha com doze anos e o caçula com onze meses. Ela se virou sozinha. Já o meu irmão, do primeiro casamento, assumiu os negócios de leite de tal. Isso até o meu irmão Paulo completar quatorze anos. Depois que ele completou quatorze anos ele assumiu. E ela era assim, ela costurava pra fora; na época ela vendia goiaba para as fábricas; e ia com a gente... ela colocava as mulas lá pra puxar e a gente ajudava a apanhar goiaba; então ela se virou e deu conta. Ela abria a mão das coisas para ver o outro feliz.*

Mudança de valores com o tempo

G1/ P4: *Quando eu tinha essa idade eu não fazia isso e minha mãe não permitia que eu respondia nada. E agora você tá me perguntando? Que desacato é esse?*

G1/ P4: *E uma coisa também que vejo em minha casa. Eu tive lá agora. Minhas irmãs têm uma vida hiper ativa. Então elas estão na mesma cidade que meu pai e minha mãe, mas às vezes assim, é por telefone, nunca deixam de ligar. Aí meu pai fala assim: "Tua irmã, faz quatro dias que ela não aparece aqui, que ela não vem aqui em casa. Ela não ta nem aí!"*

G1/P1: *Eu lembro desse negócio de transformação, de mudanças de pensamento, quando a minha menina era bem pequena, ela chorando um dia lá em casa; então minha mãe pegou e sentou ela bem de frente e falou assim pra ela: Não chora não minha filha, porque você ta chorando desse jeito? - E ela chorando, e ela chorando - Você ainda vai passar por tanta coisa nessa vida, e você ainda vai chorar por tanta coisa, não chora não, você é muito pequeninha. Não chora não, sabe porque, chorar, deixa a gente velho, enrugado, não chora não... A menina encostou no banco e falou assim: Vó, a senhora chorou muito?*

G1/P4: Eu quero contar os valores que essa família me trouxe; os traços que são bons vão ficar e quero transformar aqueles que não são bons pra mim, e não cabem para a geração do meu filho, porque se não ele vai sofrer como eu sofri ou até mais; e o segredo pra mim hoje é enxergar o que eu tenho que transformar e a dificuldade também. Porque o que eu trago de bom... inclusive, tem valores que são bons e que mesmo assim eu tenho que mostrar para os meus filhos diferente porque eu aprendi esse valor de uma forma, a essência dele é uma só; mas o contexto dele pra mim é outro e para os meus filhos serão completamente diferente, e eu não sei como eu vou fazer para que eles entendam. Eu acho que, isso pra mim, é o "x" da questão.

G2/P13: Da forma que ele me tratou sempre. Eu consegui perdoar meu pai na terapia comunitária. Eu entendi algumas coisas, sabe? Porque hoje ele faz absolutamente tudo para o meu filho e pra mim também. Algumas coisas aconteceram. Primeiro que os dois voltaram a estudar; meu pai e minha mãe.

G2/P13 O meu avô era rico. Mas eu não acho que era revolta. Eu acho que era padrão.

G2/P13 Mas meu pai hoje é completamente outra pessoa. E eu percebo essa diferença do meu pai com relação a mim também. Mas na minha percepção aconteceu depois que meu filho nasceu.

G2/P13: Não, é o quinto neto. Mas eu morava junto com o meu pai. Quando eu fiquei grávida, a minha mãe foi comigo ver o resultado do exame e deu positivo, e a nossa preocupação era como contar isso pro meu pai. E o meu pai tem um cuidado com o meu filho. Se eu falo mais alto com ele, meu pai já vem... Mas na terapia comunitária eu vim descobrir que o nome do meu filho, André, significa aquele que reconcilia.

6.6.5 A Comunicação Influenciando o Pensamento e o Sentimento Afetando as Relações

Existem divergências entre definir o que venha a ser exatamente o processo de comunicação. Entretanto há consenso de que comunicação é um processo interpessoal complexo, que envolve a transmissão de vários tipos de comunicação,

como por exemplo as emoções, as intenções, entre outros tipos, que variam de um indivíduo para outro.

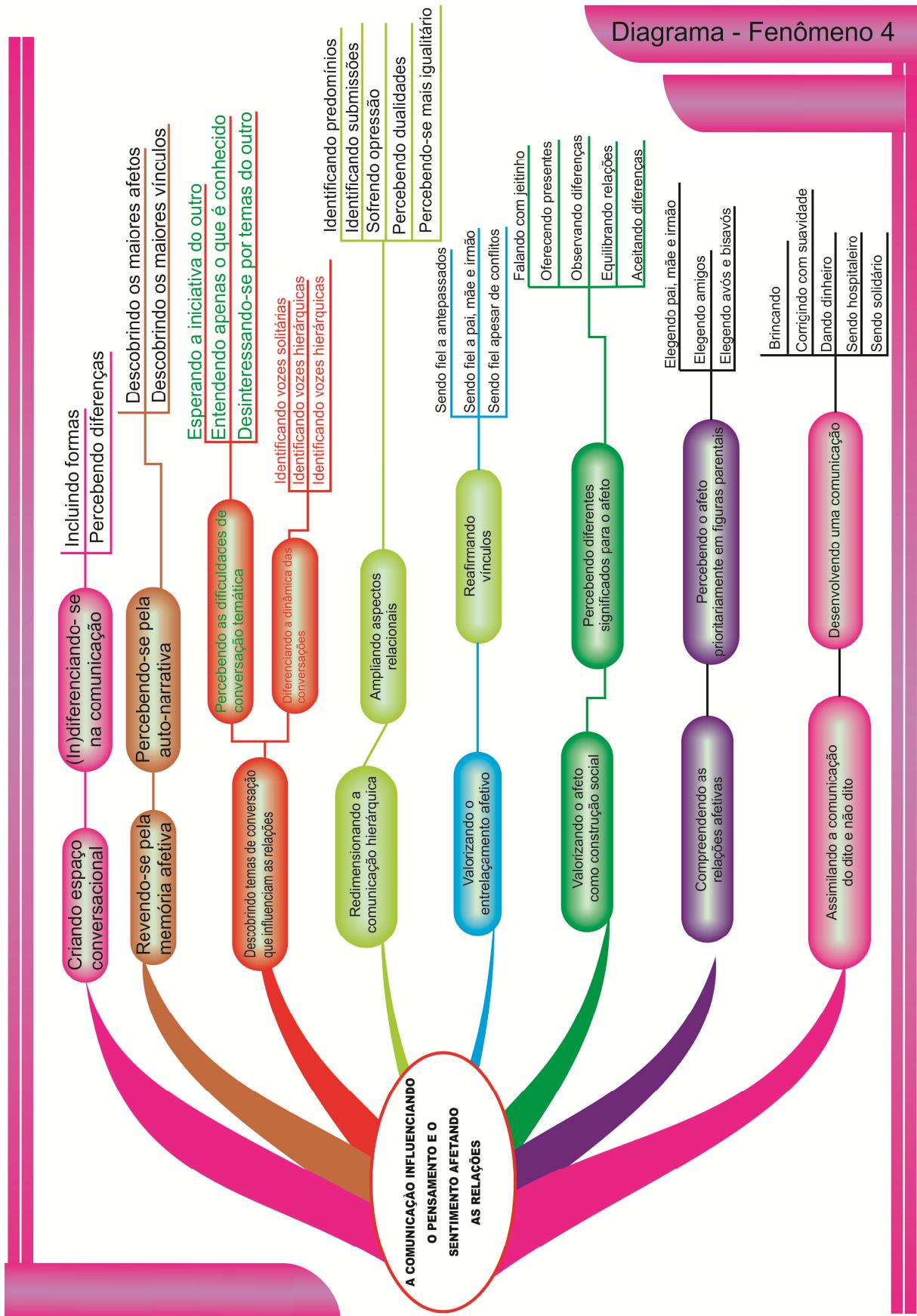
Watzlawick et al (1966) salienta:

Por muito que o indivíduo se esforce, é-lhe impossível não comunicar. Atividade ou inatividade, palavras ou silêncio, tudo possui um valor de mensagem; influenciam outros e estes outros, por sua vez, não podem não responder a essas comunicações e, portanto também estão comunicando (WATZLAWICK et al. (1966, p.45).

Sob essa perspectiva, enquanto o emissor codifica uma mensagem em sinais que serão recebidos pelos receptores, os receptores atribuem um significado para esses sinais percebidos. A informação transmitida por um indivíduo influencia o outro de tal maneira que faz com que esse outro altere ou mantenha seu comportamento.

Para a descrição desse fenômeno apresento a seguir o Diagrama 4 e o Quadro 13, que mostram como se deu tal construção. Em sua redação utilizarei a mesma estratégia usada na descrição do fenômeno anterior, no sentido de desmembrar as unidades que compuseram esse último quadro, mantendo a intenção de oferecer ao leitor melhores condições para sua visualização, uma vez que tal fenômeno é composto por 8 categorias que se subdividem em 9 subcategorias e inúmeros conceitos. Vale ressaltar que para a compreensão do todo sempre é recomendável que se retome esse quadro em sua íntegra.

Figura 9: Diagrama - Fenômeno 4



Quadro 13: Fenômeno 4 - A Comunicação Influenciando o Pensamento e o Sentimento Afetando as Relações

A COMUNICAÇÃO INFLUENCIANDO O PENSAMENTO E O SENTIMENTO AFETANDO AS RELAÇÕES	Categorias	Subcategorias	Conceitos
	Criando espaço conversacional	(In)diferenciando- se na comunicação	<ul style="list-style-type: none"> • Incluindo formas • Percebendo diferenças
	Revendo-se pela memória afetiva	Percebendo-se pela auto-narrativa	<ul style="list-style-type: none"> • Descobrindo os maiores afetos • Descobrindo os maiores vínculos
	Descobrindo temas de conversação que influenciam as relações	<p>Percebendo as dificuldades de conversação temática</p> <p>Diferenciando a dinâmica das conversações</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Esperando a iniciativa do outro • Entendendo apenas o que é conhecido • Desinteressando-se por temas do outro • Identificando vozes solitárias • Identificando vozes hierárquicas • Identificando vozes de poder
	Redimensionando a comunicação hierárquica	Ampliando aspectos relacionais	<ul style="list-style-type: none"> • Identificando predomínios • Identificando submissões • Sofrendo opressão • Percebendo dualidades • Percebendo-se mais igualitário
	Valorizando a entrelaçamento afetivo	Reafirmando vínculos	<ul style="list-style-type: none"> • Sendo fiel a antepassados • Sendo fiel a pai, mãe e irmão • Sendo fiel apesar de conflitos
	Valorizando o afeto como construção social	Percebendo diferentes significados para o afeto	<ul style="list-style-type: none"> • Falando com jeitinho • Oferecendo presentes • Observando diferenças • Equilibrando relações • Aceitando diferenças
	Compreendendo as relações afetivas	Percebendo o afeto prioritariamente em figuras parentais	<ul style="list-style-type: none"> • Elegendo pai, mãe e irmão • Elegendo amigos • Elegendo avós e bisavós

	Assimilando a comunicação do dito e não dito	Desenvolvendo uma comunicação afetiva	<ul style="list-style-type: none"> • Brincando • Corrigindo com suavidade • Dando dinheiro • Sendo hospitalar • Sendo solidário
--	--	---------------------------------------	--

Naquilo que se refere à compreensão do 4º fenômeno que identifiquei como “A COMUNICAÇÃO INFLUENCIANDO O PENSAMENTO E O SENTIMENTO AFETANDO AS RELAÇÕES”, inicialmente procurei extrair os elementos que davam margem a que o participante compreendesse algumas características gerais da comunicação. Entre o depoimento dos participantes observou-se os seguintes elementos de compreensão e seus desdobramentos:

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Criando espaço conversacional	(In)diferenciando- comunicação	Incluindo formas Percebendo diferenças

Antes de iniciar a análise propriamente desse elemento de compreensão, gostaria de fazer uma ressalva sobre o que para alguns foi uma descoberta, ou seja, a existência de uma comunicação que não seja verbal, para a compreensão dessa categoria foi fundamental que eles tivessem assimilado essa questão., ou seja, que as pessoas também se comunicam utilizando da comunicação não verbal, como se pode observar nas falas que seguem.

G1/P1: A gente aprende muito isso na graduação de enfermagem. E tem o professor que fala muito disso, que a gente tem que aprender a ler os sinais que o doente te dá.

G1/P5: Tem gente que senta e coloca uma almofada no colo e fica o tempo inteiro com uma almofada no colo.

G1/P5: É verdade, o pessoal fala que o braço cruzado é quando você está negando alguma coisa. E às vezes eu cruzo o braço, não que eu esteja negando, mas eu cruzo para apoiar, não sei ficar com o braço parado. Aí eu cruzo e vejo que não estou negando, aí eu descruzo o braço de novo.

Uma vez compreendida essa variância nas formas de comunicação, os participantes puderam ampliar sua percepção sobre possibilidades conversacionais. Por esse motivo nomeei essa categoria de “CRIANDO ESPAÇO CONVERSACIONAL.

G2/ P12: *Porque eu queria ter a estrutura e o saco que a mãe dela teve pra agüentar esses anos todos; porque é difícil. É um pé no saco, desculpe a expressão. E outra, a história dela, parece que eu estou vendo a minha família; desde a história dela com a gestação e tudo... é assim entre tapas e beijos, só que na minha casa era mais tapa do que beijos. Eu me identifiquei muito com a história dela; meio triste, mas a mãe dela tirou de letra!*

G2/P13 *Talvez seja por isso que dão tanto trabalho pra nós que não fomos acostumados com perguntas.*

G2/P15: *A gente não podia perguntar nada que já levava um pito!*

Nesse processo de compreensão de formas de comunicação, os participantes perceberam que tudo é passível de leitura, gestos, sons, ou até mesmo o surgimento de dificuldades orgânicas. Segundo eles, é possível, inclusive, que dificuldades de natureza orgânica possam ser indício de uma comunicação não satisfatória, daí a subcategoria que emergiu dessa categoria tenha sido nomeado como “(IN)DIFERENCIANDO-SE NA COMUNICAÇÃO”. Os conceitos “INCLUINDO FORMAS” e “PERCEBENDO DIFERENÇAS” emergiram em decorrência da percepção de que dentro das formas de comunicação sempre é possível incorporar novas formas ou perceber outras antes desconhecidas.

G1/P1: *Outra coisa também R. é que quando a gente entra na casa de uma família, por exemplo mais os agentes comunitários, que estão com uma equipe em fase de cadastramento. Geralmente pega uma família pra fazer o cadastro, mas estão todo mundo dentro de casa numa consulta ou*

numa visita domiciliar, enfim, só o fato de você chegar e falar que quer ter uma conversa e entra na casa, só o fato de quem senta perto de quem você já vê a proximidade dentro de casa. A filha no colo do pai, ou próxima do pai, o filho da mãe... tudo é leitura.

G1/P1: *Mas é aquilo que eu falei pra você, a gagueira é o que? É aquilo que não pode ser dito. E ela queria dizer: "oh! Eu também sou gente! Eu acabei de nascer e já vem outra pentelha aqui tomar o meu lugar." E aí, gaguejava.*

G1/P7: *E como é quem faz o contrário? Porque se fosse comigo eu nem abriria a boca para responder! Eu fico travada. Se o chefe da G1/P3 falasse comigo como ele falou com ela, eu nem ia responder pra ele, eu ia ficar olhando pra ele. Não ia sair nada... Não. Depois eu fico irritada comigo por não ter respondido. Eu não sei xingar! Falar! Isso é... Não sei... talvez eu tenha uma outra forma de ficar irritada.*

G2/P15: *Eu tenho uma irmã que só me ouve gritando. Eu não sei, ela acorda e eu acho que ela me ouve melhor [...] ela que fala que pra ficar mais calma e relaxada eu tenho que gritar. Mas ela me ouve, ela fala que só tem a mim, ela me ouve bastante. Sim, e ela me ouve bastante, ao invés de ela ouvir os outros irmãos, ela só me ouve. Eu acho que sou eu que estrapolo e grito.*

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Revendo-se pela memória afetiva	Percebendo-se pela auto-narrativa	Descobrindo os maiores afetos Descobrindo os maiores vínculos

“REVENDO-SE PELA MEMÓRIA AFETIVA” foi o processo psicológico vivido pelos participantes de retomar pela memória afetiva individual e familiar lembranças de que a família é muito correta, de que o pai falava sobre a importância da família educar os filhos, da mãe ser uma pessoa firme em seus propósitos. Tais lembranças vieram à tona mediante as conversações ao longo do PRORFOPS, daí a nomeação da subcategoria “PERCEBENDO-SE PELA AUTO-NARRATIVA”, que por sua vez subdividiu-se nos seguintes conceitos: “DESCOBRINDO OS MAIORES AFETOS” mediante o qual os participantes reafirmaram que as pessoas das quais se têm as maiores lembranças afetivas se encontram na família de origem, e “DESCOBRINDO

OS MAIORES VÍNCULOS", por meio do qual houve a percepção de que os vínculos mais fortes ocorrem com pessoas com as quais temos maior proximidade.

G2/ P8: *Não, mas o pouco tempo que eu vivi, eu tenho boas recordações. Tanto que eu vivia trás dele. Ele ia tirar leite e eu ia na garupa da mula. Ralava a perna toda, de machucar naquela palha seca, fazia ferida, e eu escondia da minha mãe, não deixava ela ver, pra eu ir de novo no outro dia. É. Eu era a que mais andava atrás dele, mais ficava com ele, e à noite na hora que acendia aquele fogão grande, com aquelas lamparinas todas, sentava lá a criançada toda! Mas meu lugar era no colo dele. Olha, um pouco eu acho que eu impunha o meu limite também. Se alguém chegasse na minha frente, eu mandava sair, porque o lugar é meu. Então não adiantava porque eu tirava. Talvez pela ligação que eu tinha de ficar mais tempo com ele. A nossa ligação era muito forte. Então ele passou o dia todo fora e à noite a gente ia ficar junto, conversar... os outros ficavam muito em casa.*

G2/P10: ... *Mas questão de família mesmo, eu trago muito dos meus pais, dos meus avós... eu não consigo ficar longe não!*

G2/P10: *É isso que eu carrego muito comigo, os conselhos, a parte de exemplos mesmo, que eu aprendo até hoje. A cada final de semana, a cada conversa é uma coisa nova que eu consigo aprender.*

G2/P10 *e eu dou mais valor também ao relacionamento meu com eles agora, da família em geral, não só a nuclear, agora. Eu não dava muito valor a eles não. Eu dou mais valor agora porque eu tenho muito medo de perder.*

G2/ P8: *Eu acho que tudo o que a gente herda... o que eu herdei, o que eu recebi foi o caráter, porque você aprende e nunca mais esquece; e isso é bom.*

G2/P15: *Eu escutava muito o meu pai falando que tudo vem do berço, e falava da estrutura da família... e hoje, todo mundo tem a sua vida corrida, e as famílias estão se perdendo.*

G2/P13: *Apesar de todo mundo ter falado muito da M., minha mãe, mas essa força, essa vitalidade, sempre foi consciente isso em mim. Desde a barriga, eu sempre soube disso. Eu nasci foi porque ela quis, porque ela*

brigou pra isso; se eu fui para a faculdade foi porque ela quis, porque meu pai também não queria que eu fosse. Então toda a minha vida foi ela que defendeu.

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Descobrindo temas de conversação que influenciam as relações	Percebendo as dificuldades de conversação temática Diferenciando a dinâmica das conversações	Esperando a iniciativa do outro Entendendo apenas o que é conhecido Desinteressando-se por temas do outro Identificando vozes solitárias Identificando vozes hierárquicas Identificando vozes de poder

A compreensão desse novo elemento que compõe o 4º. Fenômeno, sob meu ponto de vista, efetivou-se mediante falas que se referiam a dois aspectos embutidos dentro de uma mesma categoria. O primeiro desses aspectos refere-se à ausência de conversações temáticas entre as famílias, e o segundo referente ao desenvolvimento de conversações sobre emoções. A categoria extraída das falas dos participantes que lhes descortinam tais aspectos denominei “DESCOBRINDO TEMAS DE CONVERSAÇÃO QUE INFLUENCIAM AS RELAÇÕES”. Sob a questão de temas de conversação familiar, os participantes depararam-se como uma realidade comum à maioria das famílias brasileiras, ou seja, não foram localizados entre suas falas “o” ou “os” tema(s) de preferência de conversação entre as famílias porque usualmente isso não ocorre. Dessa percepção puderam ser abstraídas duas subcategorias. A primeira “PERCEBENDO A DIFICULDADE DA CONVERSAÇÃO TEMÁTICA” desvendou para os participantes alguns dos fatores que justificam o fato de temas de interesse familiar não serem abordados, um deles é a expectativa de que o outro inicie o diálogo, “ESPERANDO A INICIATIVA DO OUTRO” é o conceito que melhor define esse conceito. Os outros dois conceitos se incumbiram de oferecer ao participante a noção de que um dos impedimentos para que conversas temáticas ocorram deve-se ao fato de que, usualmente, a comunicação em sua família de origem era mais verticalizada, na qual os pais tinham a maior voz.

G2/ P12: *Porque eu queria ter a estrutura e o saco que a mãe dela teve pra agüentar esses anos todos; porque é difícil. É um pé no saco, desculpe a expressão. E outra, a história dela, parece que eu estou vendo a minha família; desde a história dela com a gestação e tudo... é assim entre tapas e beijos, só que na minha casa era mais tapa do que beijos. Eu me identifiquei muito com a história dela; meio triste, mas a mãe dela tirou de letra!*

G2/P13 *Talvez seja por isso que dão tanto trabalho pra nós que não fomos acostumados com perguntas.*

G2/P15: *A gente não podia perguntar nada que já levava um pito!*

O segundo dos aspectos que diz mais respeito à 2^a. subcategoria “DIFERENCIANDO A DINÂMICA DAS CONVERSASÇÕES” refere-se mais ao desenvolvimento de conversações sobre emoções, as quais são possíveis em quaisquer contextos. Os conceitos embutidos no interior dessa subcategoria são “IDENTIFICANDO VOZES SOLITÁRIAS”, conceitos estes que auxiliaram o participante a compreender que para que algumas conversações dêm certo é preciso que se crie um espaço conversacional, coletivo ou não, no qual as pessoas se sintam identificadas com as mesmas dificuldades do outro, porque às vezes as pessoas são fechadas demais para falarem sobre si mesmas, e para que isso ocorra é preciso sensibilizá-las, com assuntos familiarizados. Os outros dois conceitos falam por si mesmos à medida que clarificam o porquê de não se praticar a conversação temática familiar “IDENTIFICANDO VOZES HIERÁRQUICAS” e “IDENTIFICANDO VOZES DE PODER”, ambos contribuíram nas construções de linguagem com percepções de injustiças e desigualdades.

P2/G11: *Aham. E tem outro caso também, porque meu irmão é muito nervoso, mas muito mesmo. E ele tem uma menininha de 1 ano e 4 meses. E eu chamei ele pra sentar e conversar. Eu sentei e conversei com ele; porque a gente é parecidíssimo. Quando acontece alguma coisa eu fico revoltada, revoltada mesmo e chocada... e eu vi que eu pareço muito com ele. E isso vem do meu pai, que vem do meu avô. E por isso, hoje eu entendo muito os porquês da minha vida. E aquele bilhetinho que a gente escreveu de dizer adeus, eu dei adeus pra duas coisas que eu não quero falar aqui, mas que não voltaram.*

G1/ P4: Eu vejo assim, o meu pai queria falar com o meu irmão e me pediu pra falar. Aí eu perguntei a ele: “porque o senhor não fala?”. Ele me disse assim: “você tem jeito pra dar dura que não é pai, você tem jeito pra falar...”. É bacana e é pensado, porque eu tenho que trabalhar isso em mim pra saber como fazer, mas eu vejo a confiança dos meus irmãos.

G1/P5: Mas é isso mesmo. Eu lembro direitinho, um dia, a gente tava conversando sobre educação, quando a minha mãe perguntou se eu ia criar meus filhos igual nós fomos criados. Eu falei não. Ela falou: não?! Eu falei não. “Eu acho você perfeita, mas você errou. Todo mundo erra. É a evolução”. Você erra com seus filhos e eu vou errar com os meus, mas vou pegar tudo de melhor que ela fez para mim e vou aprender com os erros que ela teve, por que todo mundo erra, não é melhor nem pior, mas erra... é a evolução mesmo!

Pesquisador: Mesmo querendo acertar, a gente esta errando.

G2/P13Hoje eu dei nome aos bois. Eu cresci ouvindo meu pai, meus tios, falando que tal coisa eu herdei da minha bisavó e tal... a vida inteira eu ouvi isso, essas relações...

Pesquisador: Essa fala...

G2/P13 Essa fala o tempo todo!

Pesquisador: É uma fala de família que fala sobre família.

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Redimensionando a comunicação hierárquica	Ampliando aspectos relacionais	Identificando predomínios Identificando submissões Sofrendo opressão Percebendo dualidades Percebendo-se mais igualitário

A questão da graduação do poder de voz dentro da família dos participantes foi compreendida também mediante alguns processos psicológicos que puderam ser categorizados como “REDIMENSIONANDO A COMUNICAÇÃO HIERÁRQUICA”. Essa compreensão deu-se devido ao entendimento de que existem hierarquias na

família, expressas por meio daqueles membros que detêm o poder e que têm autoridade para tomarem decisões sobre assuntos familiares. Uma vez tendo o participante compreendido a existência de tal graduação, emergiu uma subcategorias de percepções que pude denominá-la de “AMPLIANDO ASPECTOS RELACIONAIS”. Da ampliação de tais aspectos, pode-se extrair os seguintes conceitos “IDENTIFICANDO PREDOMÍNIOS”, no qual o participante reconheceu o predomínio da autoridade paterna tanto em sua família de origem quanto na atual; “IDENTIFICANDO SUBMISSÕES” pelo reconhecimento da submissão feminina diante da autoridade paterna; “SOFRENDO OPRESSÃO” conceito por meio do qual o participante reconheceu que a autoridade paterna, às vezes, se sustenta pela opressão; “PERCEBENDO DUALIDADES” porque em algumas famílias a autoridade é dividida entre pai e mãe e, “PERCEBENDO-SE MAIS IGUALITÁRIO” isso porque em algumas famílias as relações de autoridade começam a ser mais horizontalizadas quando os filhos se tornam adultos e tem suas opiniões e podem trocá-las.

G1/P4: *Aí eu fiquei pensando na minha mãe. Eu coloquei no meu caderno da nossa mudança radical aos nove anos. Minha mãe foi a única filha que fez esse corte. Minha mãe, ela foi pedir pro meu avô, quando meu pai foi transferido, se ela podia mudar daqui. Se meu avô falasse não, ele ia e ela ia ficar. Olha pra você ver a dependência, minha mãe tinha mais de cinqüenta anos, e meu avô falou que ela tinha que acompanhar o marido dela.*

G1/P4: *Você me fez lembrar de um exemplo. Quando a minha irmã engravidou, ela me contou e depois o namorado dela me contou. Eles já estavam noivos. Aí eu contei pro meu marido que me falou que eles tinham que contar para o meu pai e para a minha mãe.*

G1/P4: *Aí eu contei pro meu marido que me falou que eles tinham que contar para o meu pai e para a minha mãe.*

G2/ P13: *Eu tenho trabalhado muito isso nas reuniões de oficina e a gente percebe essa distância entre o reconhecimento do marido é muito grande. E na verdade, a maioria das mulheres da zona rural já se colocou numa posição de que é assim que tem que ser mesmo.*

G1/P1: *Ontem eu pensei nisso, em casa. Eu estava cortando a unha do meu marido e desde que a gente casou, só eu que cortei a unha dele, ele estava me esperando. Eu cortei a unha dele, eu cortei a unha do A., só não cortei a da Letícia, porque agora ela ta fazendo a dela sozinha. Aí ontem a hora que ele me pediu pra cortar a unha dele, eu disse que cortava, aí eu comecei a pensar: "meu Deus, porque até isso eu tenho que fazer?".*

G2/ P8: *Eu trabalhei em cima dele, porque ele não era viciado na pinga, mas ele gostava e a família inteira gostava de uma pinguinha. E a M. às vezes, pedia as coisas pro pai dela e ele não deixava e ficava bravo, ela me pedia pra largar dele, porque ela não agüentava mais!*

G1/P4: *Eu vejo assim, o meu pai queria falar com o meu irmão e me pediu pra falar. Aí eu perguntei a ele: "porque o senhor não fala?". Ele me disse assim: "você tem jeito pra dar dura que não é pai, você tem jeito pra falar...".*

G1/P4: *Aí passou a sexta, passou o sábado... e meu pai falou pra mim: "quem está acontecendo? Sua irmã está meio angustiada, você sabe de alguma coisa?". Eu disse: "eu sei, mas não vou falar, pergunta pra ela". Ele disse assim: "é algo muito grave?". Eu falei: "quem já passou por isso uma vez, não vai ser grave não". Porque minha outra irmã já tinha casado grávida. Aí ele pediu pra eu contar e eu disse que não, que ela deveria contar. Aí meu pai disse que ia apertar ela, mas não conseguiu.*

G1/P4: *Aí eu olhei pra minha irmã e falei pra ela contar. Minha mãe olhou pra ela e olhou pra mim. E meu pai disse: "já sei, o que foi filha." Aí ela começou a chorar desesperada, ela estava agoniada. Ela disse: "pai, estou grávida!" E meu pai disse: "fazer o que, uma começou e a outra está terminando..." A minha mãe levantou, abraçou minha irmã. Mas eu vi o pânico da minha irmã desde o dia que ela me contou até o dia que ela falou para os meus pais. O choro dela era maior por causa da reação da minha mãe.*

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Valorizando a entrelaçamento afetivo	Reafirmando vínculos	Sendo leal a antepassados Sendo leal a pai, mãe e irmão Sendo leal apesar de conflitos Contribuindo para o pertencimento

Na família existem lealdades no sentido de preservar valores e pessoas, essa percepção se tornou mais um dos elementos de compreensão dos mecanismos de comunicação na família. De tal percepção extraída da fala dos participantes pude capturar a categoria “VALORIZANDO O ENTRELAÇAMENTO AFETIVO” da qual emergiu a subcategoria “REAFIRMANDO VÍNCULOS” que por sua vez subdividiu-se nos seguintes conceitos “SENDO LEAL A ANTEPASSADOS” por meio do qual os participantes puderam perceber lealdades podem emergir em relação à preservação da família intergeracional, como também em relação à família nuclear, daí eu ter nomeado esse conceito como “SENDO LEAL A PAI, MÃE E IRMÃO”. Outro conceito observado ainda em relação a essa subcategoria foi “SENDO LEAL APESAR DE CONFLITOS” por meio do qual o participante compreendeu que lealdades emergem mesmo quando há conflitos entre os familiares.

G2/ P10: Esse final de semana eu conversei sobre isso com a minha mãe. É que na minha família materna, a gente respeita muito o que a avó e o avô fala pra gente. E é assim até hoje. Eu própria tinha que tomar uma decisão até uns dias atrás, que eu sabia que meus avós não iam ficar felizes com a decisão que eu ia tomar, eles iam aceitar, mas não iam concordar.

Iam aceitar pelo fato de eu ser a primeira neta, mas não iam concordar, e eu mudei a minha opinião. Eu não queria afetar a minha avó.

G2/P13: Foi a vida inteira de conflito, mas que não é hoje. Meus irmãos morrem de ciúmes, porque é R. e A. pra todos os lados. Mas não é um ciúmes doloroso não. Então eu entendo hoje que meu pai não poderia ser diferente sendo filho da M. e do A., sendo neto do padrinho.

G2/P13: E assim, o padrão que ele teve a vida inteira, e ser a pessoa que ele é hoje, a transformação desse homem é uma coisa assim, muito grande pra mim; eu enxergo isso de uma forma muito grande. É claro que ele mudou diante da atitude dela, mas ele poderia não ter mudado.

Outro aspecto que também chamou minha atenção em relação à subcategoria “REAFIRMANDO VÍNCULOS” foi outra expressão da comunicação afetiva no que se refere aos comportamentos e atitudes que podem ser assumidos em relação àquele que quer pertencer. No contexto desse estudo, tais comportamentos foram observados tanto em relação a familiares quanto a

companheiros de trabalho em função de tarefas assumidas em comum, daí ser possível extrair mais um conceito, o qual identifiquei como “CONTRIBUINDO PARA O PERTENCIMENTO” uma vez que no contexto familiar, às vezes, com o casamento as pessoas acabam por incorporar a cultura familiar ao se agregam ao sistema. No contexto profissional, a noção de pertencimento no trabalho oportuniza a camaradagem entre colegas, criando laços de amizade que ajudam no processo de pertencimento ao grupo, à instituição ou à empresa.

G1/ P4: *Aí a Lili foi abrindo todas as gavetas e falou: “mamãe, tá na minha gaveta as roupas da Lolô”. E minha mãe disse: “tá vendo... é porque você vai ajudar a mamãe a cuidar da sua irmã; ela veio pra brincar com você...” E foi falando, falando, dividindo a gaveta das duas e a gagueira da Lili foi diminuindo. Ela mostrou pra Lili, num ato simples...*

G1/P1: *Aí quando ela tava fazendo cinco anos de formada, a turma fez um encontro. E ela veio e falou: “ai G1/P1, o que eu faço? Eu vou levar o Ricardo? Ele não conhece ninguém, é a minha turma.” Eu falei pra ela levar ele, apesar de que ele ia ficar deslocado. Quando chegaram em Alfenas, aquilo tudo lotado, o hotel reservado, e ele entrou na onda do povo, que na hora de tirar foto, ele abraçava e gritava pra minha irmã ir tirar foto com a nossa turma. Ele saiu na foto da turma, de todo mundo; e ele não conhecia ninguém. Quando chegou lá é que ela foi apresentando, e ele deu uma enturmada geral. E eu vejo assim, como é que agrupa, né?! Quando combina.*

G1/P5: *Eu morei três anos em São Paulo. Bom dia, boa tarde e boa noite era dentro do elevador e só. Aí eu mudei pra Taubaté; depois de três meses morando lá, os vizinhos já estavam jantando na minha casa e já fazia churrasco junto com eles.*

G1/ P4: *Então, é muito bacana o que você tá falando sobre pertencimento, porque no ambiente de trabalho, todos nós somos pertencentes ao sistema saúde e temos que fazer tudo pra dar certo e o que tiver errado ajudar a corrigir, mas no sentido daquela correção amiga e fraterna, tipo assim: “olha isso aqui não tá bom, vamos corrigir.” Entendeu? Então é importante esse pertencer e dividir.*

Em continuidade à análise dos elementos que compuseram o 4º. fenômeno procurei levantar aqueles que davam margem a que o participante compreendesse como a afetividade familiar pode ser expressa. Em suas falas observaram-se os seguintes elementos de compreensão e seus desdobramentos:

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Valorizando o afeto como construção social	Percebendo diferentes significados para o afeto	Falando com jeitinho Oferecendo presentes Observando diferenças Equilibrando relações Aceitando diferenças

Outro elemento de compreensão da comunicação afetiva foi a percepção dos participantes sobre como a afetividade familiar pode ser transmitida, em função disso nomeei sua categoria como “VALORIZANDO O AFETO COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL”. A partir dessa percepção observada entre os participantes pude abstrair a subcategoria “PERCEBENDO DIFERENTES SIGNIFICADOS PARA O AFETO”, a qual ramificou-se nos seguintes conceitos “FALANDO COM JEITINHO” por meio do qual os participantes perceberam que uma das mais usadas expressões de afetividade é por meio da fala mansa, carinhosa, que ao invés de desqualificar, eleva ou incentiva.

G1/P1: Eu tenho uma tia, irmã da minha mãe. Ela não casou por opção e é a segunda mãe que a gente tem. E ela é extremamente afetiva. Se a gente encontra com ela de manhã, parece que faz muito tempo que a gente não se vê. Ela diz assim: “Ah! Amor da minha vida!”. Vem, dá um beijo e um abraço; e se de tarde nós formos na casa dela de novo, ela faz do mesmo jeito. E ela deu um quadro pra minha mãe, bordadinho de ponto cruz escrito assim: “Na casa da vovó pode tudo!”

Outra forma de se expressar afetividade pode ser observada no presentear, ou seja, “OFERECENDO PRESENTES” é o conceito por meio do qual o participante percebeu que o afeto aparece embutido no oferecimento de presentes.

G2/ P13: *Ele era um homem muito rico, naquela época, e tinha muitas terras, e ele fazia tudo para os netos, e os netos dele não tinham juízo nenhum, tanto que perderam tudo, inclusive meu pai. Meu pai já plantou batata, já foi motorista de caminhão, tudo pra eles era de mão beijada; o avô dele dava tudo pra ele e passava um tempo e ele perdia. Ele dava dinheiro para os netos.*

“OBSERVANDO DIFERENÇAS” foi outro dos conceitos capturados pelos participantes, por meio do qual puderam compreender que a afetividade pode ser expressa mesmo que haja diferença na forma de agir entre os casais e as famílias.

G2/ P10: *A minha avó e meu avô materno são o oposto, completamente. Minha avó é um doce e meu avô é um italiano daqueles! E todos os meus tios e tias são a mesma coisa. Lá em casa, meu pai é o oposto da minha mãe. É tudo casado com o oposto.*

Entre a fala dos participante encontrei um excelente exemplo de expressão de afetividade na área pessoal como o depoimento de uma catequista, muito bem enquadrado dentro da subcategoria “PERCEBENDO DIFERENTES SIGNIFICADOS PARA O AFETO”. “EQUILIBRANDO RELAÇÕES” foi como nomeei esse conceito que daí foi abstraído.

P2/G11: *Então, eu dou aula de catecismo, e meus alunos não estavam concentrando naquilo que eu estava falando. Foi até engraçado. Porque eu pensei assim, que no último dia eu poderia dar essa aula... aí no último dia eu peguei um livro de auto ajuda e fui fazendo o Genograma de todo mundo lá!*

P2/G11: *Eu achei legal, porque eu tenho muitos alunos que são pessoas revoltadas com a vida e queria fazer eles entender que por serem adolescentes... e eu fui explicando pra eles... e era o último dia da catequese.*

P2/G11: *É... aí eu não ia dar mais... porque eu estava cansada daquilo, de ir lá e dar matéria e não estava mais conseguindo. Aí eu resolvi dar uma aula diferente. Falei pra eles que eu tinha aprendido isso e comecei a falar dos avós... e procurei o nome deles na internet e levei tudo pra eles lerem. E eles gostaram, nós conversamos, eles choraram... teve uma*

pessoa lá que chorou bastante a falta do pai. No entanto, nós levantamos a vida dele e tem dois processos pra ele responder e foi melhorando. A partir do momento que eu fui falando com eles...

P2/G11: *Foi! Isso! Ele estava compartilhando aquilo que ele não conseguia se abrir! Ele era uma pessoa fechada...E foi esse processo todo. Depois eu chamei as mães. Aí ninguém mais queria que eu saísse, fizeram até abaixo assinado pra eu ficar. E eu continuei, só que eu chamei as mães para uma reunião; só que a reunião era pra falar de crisma e eu fui falar sobre afetividade, as mães falaram dos filhos. Eles vão carregar isso para o resto da vida deles... esse conhecimento vai com eles pra sempre... e foi tão bom, porque tinha mãe que não conseguia abraçar o filho, que antes só batia no filho...*

Para encerrar a análise desse componente do fenômeno, pude observar mais um conceito entre as falas dos participantes “ACEITANDO DIFERENÇAS” por meio do qual ocorreu a percepção de que a afetividade pode ser expressa mesmo quando existem conflitos em função de algum comportamento insatisfatório de algum membro familiar.

GP/P9: *Eu acho que é uma família de bastante conflito naquele momento; e tem a força da mulher. E eu acho que quem mudou essa história foi a mãe da G2/ P13 que bateu de frente com seu pai e o fez entender que estava errado e que não era assim que ele deveria agir. Porque se ela aceitasse, a história estaria assim até hoje, do mesmo jeito.*

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Compreendendo as relações afetivas mais importantes	Percebendo o afeto prioritariamente em figuras parentais	<ul style="list-style-type: none"> • Elegendo pai, mãe e irmão • Elegendo amigos • Elegendo avós e bisavós

“COMPREENDENDO AS RELAÇÕES AFETIVAS MAIS IMPORTANTES” ofereceu ao participante uma visão mais real daquilo que nos parece ser o óbvio do óbvio: as pessoas que nos querem mais bem são pai e mãe, no entanto, nem sempre essa percepção corresponde à verdade. “PERCEBENDO O AFETO PRIORITARIAMENTE EM FIGURAS PARENTAIS” foi a subcategoria que consegui abstrair da fala dos participantes no que se refere às pessoas que mais os estimam.

Entre os conceitos extraídos do interior dessa subcategoria encontram-se “ELEGENDO PAI E MÃE” como observação das pessoas mais afetivas no sistema familiar cuja expressão de afeto transcende a comunicação falada, num segundo plano surgem as pessoas de relações mais próximas à família, daí o conceito “ELEGENDO AMIGOS” e finalmente “ELEGENDO AVÓS E BISAVÓS” ordenados em teceiro lugar como pessoas mais afetivas, o que nos desnuda o fato da comunicação afetiva prescindir de laços consanguíneos ou de sofrer restrições em função da distância entre as gerações.

G1/ P4: *Mas o meu pai conhecia esse lado da minha mãe e é um pai super amoroso, e eu acho que ele conseguiu perceber que fez falta pra ele; e esse lado amoroso pra ele foi muito importante. E ele é amoroso e mais compreensivo que minha mãe. Ela é amorosa, mas é mais enérgica.*

G2/P13: *Eu tenho um carinho muito grande por uma pessoa que cuidou de mim, não sei porque ela não foi minha madrinha, na verdade ela cuidou de todo mundo lá em casa. Ela era uma pessoa muito querida.*

G2/P12: *Eu achei que eu herdei um pouco da minha bisavó que era negra, não que eu seja boazinha como ela; mas eu sei que herdei um pouco dela e um pouco do meu bisavô, por ser certinho assim com as coisas.*

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Assimilando a comunicação do dito e não dito	Desenvolvendo uma comunicação afetiva	Brincando Corrigindo com suavidade Dando dinheiro Sendo hospitaleiro Sendo solidário

Encerrando a compreensão dos elementos que compuseram o 4º. Fenômeno, descrevo a seguir o que pude agrupar na categoria chamada “ASSIMILANDO A COMUNICAÇÃO DO DITO E DO NÃO DITO”. Sob meu ponto de vista essa categoria abarca a subcategoria “DESENVOLVENDO UMA COMUNICAÇÃO AFETIVA” cujos conceitos podem se definir como “BRINCANDO” no qual os participantes observaram a cultura do não por meio de pessoas que ensinavam as crianças a brincar.

G2/P13: *Ela me ensinou a brincar de elástico! Foi uma descoberta quando ela chegou em casa com o elástico e nos ensinou a brincar com ele.*

“CORRIGINDO COM SUAVIDADE” que é o conceito que mostra ao participante que a severidade pode estar presente na observância dos princípios e valores, porém o cumprimento de tal observância pode ser exigido com suavidade.

G1/ P4: *Ele era amoroso, mas bem paizão mesmo; ele concordava com as coisas, as atitudes da minha mãe e as correções, mas ele vinha e arrumava aquele jeitinho de dar um carinho a mais, aquele colo a mais. A família do meu pai não era assim amorosa; a minha avó não era, eu sentia o amor dela, mas ela não era de mostrar. Ela chegava e dava o dinheiro de cada um; parecia que o amor dela tava ali.*

Outra forma de se assimilar o afeto por meio do não dito é observar as pessoas que dão dinheiro aos entes queridos, auxiliando diretamente a pessoa a atender suas necessidades, daí eu haver identificado esse conceito como “DANDO DINHEIRO”

G1/ P4: *Teve sim. A família da minha mãe sempre foi muito amorosa; já a do meu pai não. Meu pai foi filho único e perdeu o pai muito cedo, veio de Portugal; então, a família do meu pai não era assim amorosa; a minha avó não era, eu sentia o amor dela, mas ela não era de mostrar. Ela chegava e dava o dinheiro de cada um; parecia que o amor dela tava ali.*

“SENDO HOSPITALEIRO” conceito por meio do qual o participante assimilou que manter o hábito de trazer pessoas da rua para fazer as refeições em casa é mais uma forma de expressar afetividade por meio do não dito.

G2/ P8: *Meu pai era uma pessoa muito certa, correta; batalhadora, ele trabalhava bastante. Ele era muito acolhedor. A minha mãe falava: “Zezé, até andante que passa na rua você traz tudo para almoçar aqui dentro!”.*

G2/ P8: O pai tinha muita responsabilidade com o serviço (referência ao pai do marido). Sempre levantou cedo, sempre foi para o serviço. E a mãe, o que ele carregou bastante da mãe dele, era o que meu pai fazia, que era catar todo mundo e por dentro de casa.

G2/ P8: Não, do pai, ele trouxe a responsabilidade; e da mãe é isso que eu estou falando. Ele paga todo mundo, arruma cesta básica e dá pra todo mundo; e minha sogra é assim. Às vezes ele fala assim: “Ah! **G2/ P8** que dó de você! quanta gente na sua casa e você cansada!”. Aí eu falo pra ela: “Dona Helena, é igualzinho a senhora!”.

G2/ P12: Bom, eu sou meio suspeita para falar, porque a minha família se identifica muito com a da **G2/P8** porque nós somos primas, mas o meu pai é exatamente igual ao dela. A personalidade dele era assim, religioso, acolhedor, protetor...

Um dos elementos que, em minha opinião, encaixa-se perfeitamente no campo da comunicação afetiva não dita é a questão do luto, principalmente quando se expressam comportamentos quando alguém vive um luto quer seja por perdas materiais ou psicológicas, daí eu ter podido abstrair da fala dos participantes o conceito “SENDO SOLIDÁRIO” que descrevo a seguir. Entre outras situações em que se pode viver o luto é quando ocorre a migração de uma cidade para outra, sendo que na percepção dos participantes o trabalho profissional ou os afazeres de mãe ou pai acabam por ajudar a sair do luto.

G2/P9: Aham. Senti muito! Pra mim foi tudo automático. Sinceramente, eu nunca parei pra sentir isso, na época que eu mudei de São Paulo pra cá, eu lembro que eu chorei muito, porque eu estava deixando tudo... Eu nasci e me criei em São Paulo, eu fui mocinha pra Itajubá. Eu larguei aquela agitação, tem tudo lá e na época eu achava que ia morrer em Itajubá, porque aqui não tinha nada. Achei muito grande essa perda.

Pesquisador: E você parou para viver essas outras perdas?

G2/P9: Não. Porque o dia a dia, e as outras ocupações, a vida não pára e você vai levando e tocando o barco e não pára pra chorar, por quem você deixou para trás, as amizades... Eu acho que tudo aconteceu até pela

globalização que estava lá no nosso dia a dia de São Paulo, por exemplo, quando eu mudei de São Paulo pra cá, ou quando eu já morava em Itajubá, e eu tive que morar fora de novo e depois voltei; então, perda daqui, perda dali, perdas financeiras, então perda de família, pai. E você tá trabalhando e vai se distraindo no serviço, ou se não você tá em casa com seus filhos e acaba se distraindo com a educação, com o dia a dia e serviço de casa.

G1/P5: *Eu sinto isso. Eu nasci em Volta Redonda e morei lá até os dezessete anos e depois a gente mudou pra Itajubá. Que saudades de desejar bom dia para os outros na rua. Porque eu morava na minha casa desde quando eu nasci e mudei para uma rua que eu não conhecia ninguém, nem meus vizinhos, que eu conheci a vida inteira, que eram os mesmos vizinhos... dava uma vontade de ter vizinho pra conversar, ter essa relação de vizinho...*

No interior desse mesmo conceito, encontrei entre o depoimento dos participantes outro aspecto: o luto vivido diante de uma morte esperada é mais fácil de aceitar do que aquele de mortes inesperadas. Segundo os mesmos a aceitação de uma morte inesperada é muito mais difícil, sendo que o apoio da equipe de trabalho em caso de perdas pessoais é muito importante, até porque, às vezes, as pessoas preferem não falar sobre o assunto na vivência do luto, daí a importância de uma comunicação que precisa da verbalização.

G2/ P10: *Eu enfrentei o luto quando muito criança, e quando a gente é muito criança, a gente não tem muita noção das coisas, e as pessoas que faleceram na época, quando eu era criança, eram pessoas que já tinham uma certa idade avançada... como se diz: já tava na hora né?... Não tem hora, mas a gente aceita melhor. Mas depois que eu perdi o meu cunhado e um primo no começo do ano, foi muito difícil porque eram jovens, 21 e 20 anos e foram acidentes trágicos da gente não poder maisvê-los, um morreu carbonizado e o outro foi mutilação. A gente não os viu mortos, não dá pra acreditar que eles morreram... simplesmente acabou...*

G2/ P10: *Não, mas assim, eu percebi que quando aconteceu a primeira vez, há três anos atrás, ninguém estava preparado, nem os meus pais. Porque eles viveram e sofreram junto com a gente, porque era o namorado dela, no caso, só que o relacionamento meu com ele era de bastante amizade, ele passou pouco tempo na vida da gente, mas foi intenso, a gente era muito amigo, e os meus pais também; a gente se*

envolveu demais. Ele chegou na vida da gente, ficou pouco tempo, mas contribuiu para uma mudança sem explicação. Nossa vida mudou muito depois da morte dele, e ele era uma pessoa muito alegre e de bem com a vida e ensinou muita coisa pra gente, mesmo pelo pouco tempo de convivência e pela idade também porque ele morreu com 21 anos, mas ele era uma pessoa de uma experiência... e eu acho que isso... eu não estava preparada, meus pais sofreram muito vendo o sofrimento da gente. É aquele negócio que o G2/ Ti. falou, passa um filme. E o luto da minha família que aconteceu agora no começo do ano com a morte do meu primo é um filme que passa na cabeça da gente, tudo de novo...

G2/ P10: *Até quando aconteceu isso comigo há três anos, eu lembro de alguns “flashes”, de algumas coisas, eu meio que apaguei da memória, eu não lembro o lugar que eu estava. Eu só lembro da L. me ligando, e eu cheguei aqui e o G2/ T. já me recebeu com um copo com água e açúcar porque eu estava desnorteada. Ela me pegou e me colocou aqui dentro. Eu lembro que eu pedia muito a minha mãe...*

Um último aspecto dentro do campo dos conceitos referentes à subcategoria “DESENVOLVENDO UMA COMUNICAÇÃO AFETIVA” refere-se ao fato do sistema familiar ou o do trabalho auxiliarem a pessoa a se fortalecer diante de determinados sofrimentos tornando-a resiliente. De acordo com o entendimento dos participantes, presenciar o sofrimento das famílias atendidas torna o profissional de saúde mais resiliente, que por sua vez se auto-ajuda procurando algo de bom em qualquer acontecimento que o auxilie na superação do luto.

G2/P15: *Eu acho que a gente fortalece muito quando a gente vê uma pessoa sofrendo, porque eu perdi uma tia, como é o caso da entrevistada, mas a gente fortalece muito de ver uma pessoa nos dias, aguardando, como o G2/ T. presenciou, sem reclamar, sem xingar em algum momento, a aceitação dela foi muito grande, o sofrimento da gente, e eu acho que a gente só tem que crescer.*

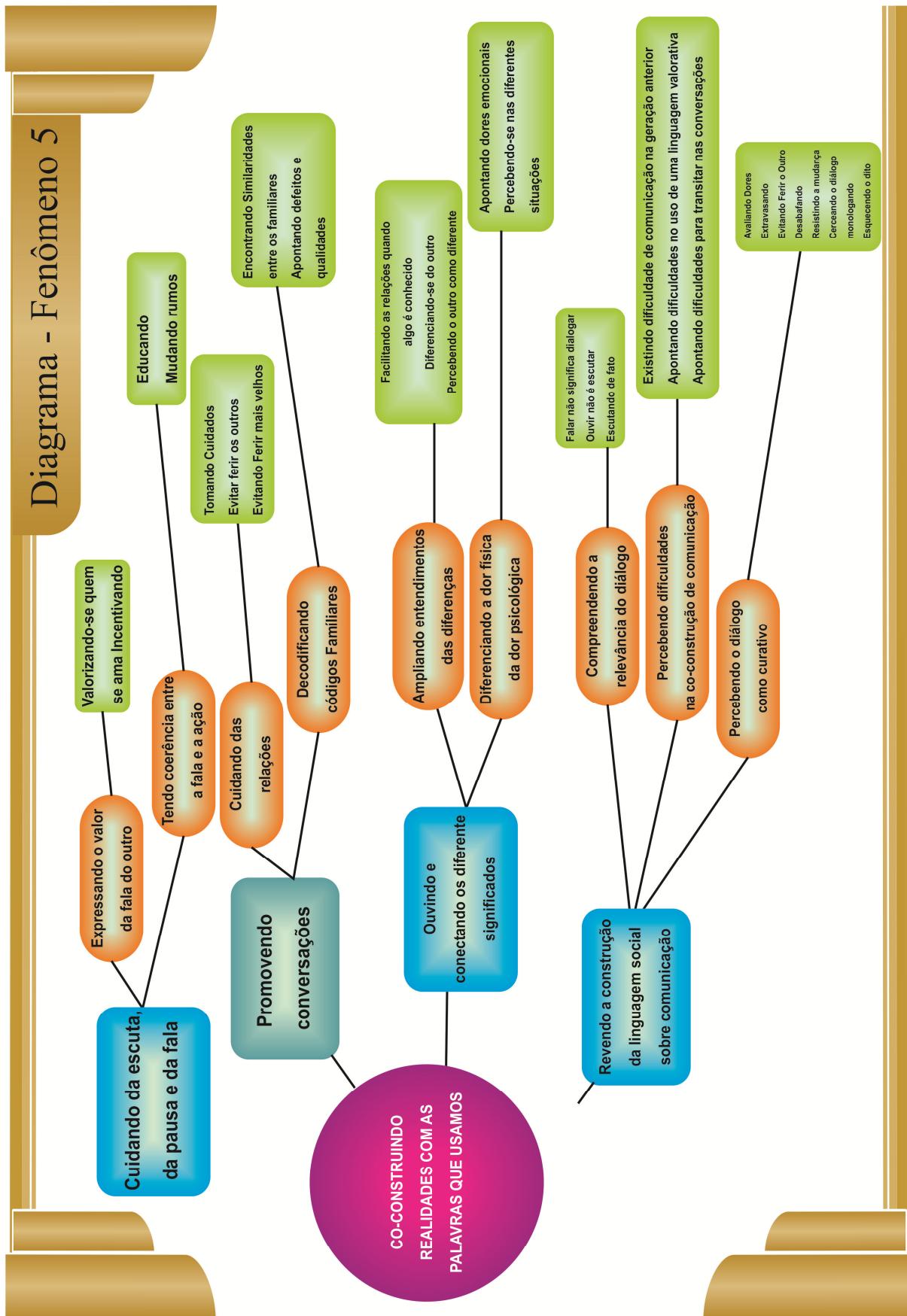
G2/P9: *Eu penso isso comigo, mesmo que as coisas não sejam boas, que acontecem comigo, eu ainda tiro uma coisa de bom pra estar me fortalecendo.*

6.6.6 Co-Construindo Realidades com as Palavras que Usamos

O quinto e último fenômeno que pode ser observado nas entrevistas dos participantes foi o que denominei “CO-CONSTRUINDO REALIDADES COM AS PALAVRAS QUE USAMOS”. De acordo com o que foi assimilado pelos participantes, uma possibilidade é entender os moldes conversacionais da família como um estar juntos, no qual as pessoas podem se aproximar e renovar os vínculos. No interior dessa compreensão peculiar de conversação foram pontuados alguns outros pontos de vista sobre como as mesmas ocorrem ou sobre as influências que sofrem.

Para sua maior explicitação também apresento um diagrama, que sintetiza graficamente suas principais ideias e um quadro que contém as principais categorias, subcategorias e conceitos que o compõem.

Figura 10: Diagrama - Fenômeno 5



Quadro 14: Co-Construindo Realidades com as Palavras que Usamos

CONSTRUINDO REALIDADES COM AS PALAVRAS QUE USAMOS	Categorias	Subcategorias	Conceitos
	Cuidando da escuta, da pausa e da fala	Expressando o valor da fala do outro Tendo coerência entre a fala e ação	<ul style="list-style-type: none"> • Valorizando-se quem se ama • Incentivando • Educando • Mudando rumos
	Promovendo conversações	Cuidando das relações Decodificando códigos familiares	<ul style="list-style-type: none"> • Tomando cuidados • Evitando ferir os outros • Evitando ferir mais velhos • Encontrando similaridades entre os familiares • Apontando defeitos e qualidades
	Ouvindo e conectando com os diferentes significados	Ampliando o entendimento das diferenças Diferenciando a dor física da dor psicológica	<ul style="list-style-type: none"> • Facilitando as relações quando algo é conhecido • Diferenciando-se do outro • Percebendo o outro como diferente • Apontando dores emocionais • Percebendo-se nas diferentes situações
	Revendo a construção da linguagem social sobre comunicação	Compreendendo a relevância do diálogo Percebendo dificuldades na co-construção da comunicação Percebendo o diálogo como curativo	<ul style="list-style-type: none"> • Falar não significa dialogar • Ouvir não é escutar • Escutando de fato • Existindo dificuldade de comunicação na geração anterior • Apontando dificuldades no uso de uma linguagem valorativa • Apontando dificuldades para transitar nas conversações • Resistindo à mudança • Cerceando o diálogo • Monologando • Esquecendo o dito • Aliviando dores • Extravasando • Evitando ferir o outro • Desabafando

Assim como foi feito nos fenômenos anteriores, aqui também optei por desmembrar o quadro principal em suas células para a melhor visualização dos elementos constitutivos de cada uma das categorias, subcategorias e conceitos.

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Cuidando da escuta, da pausa e da fala	Expressando o valor da fala do outro Tendo coerência entre a fala e ação	Valorizando-se quem se ama Incentivando Educando Mudando rumos

“CUIDANDO DA ESCUTA, DA PAUSA E DA FALA” foi o elemento de compreensão assimilado pelos participantes que talvez não tenham se dado conta de que se reportavam à conversa apreciativa, na qual as pessoas verbalizam sentimentos e emoções em relação ao outro sem depreciá-la. O depreciamento costuma ser empregado cotidianamente nas relações como se pode observar na fala de alguns dos participantes:

G1/ P4: *E a gente faz isso com a gente mesmo. A gente faz um elogio: “Nossa! Como você está bonita!” “Ah! Paguei baratinho nisso, e isso aqui não foi nada...” A gente mesmo se deprecia.*

Pesquisador: *A gente é mais depreciativo, a gente faz isso com a gente mesmo. Você quer um exemplo disso? Porque nós temos uma cultura desqualificadora no Brasil, a gente é muito crítico. É sempre assim: “Porque você não fez?”, é só cobrando e falando que você tá errado, errado, e você é uma pessoa que tenta fazer tudo certinho, o melhor possível, e você não se sente assim, porque a cultura não deixa que você se sinta assim. Eu não sei, vocês que visitam as casas, tem alguém que vocês visitam que se sente assim?*

G2/ P10 *Eu mesma. Tem dia que eu me sinto assim.*

G2/P9: *A gente faz, faz, faz e nunca tá bom!*

Após esse breve comentário, retomo essa categoria que desdobrou-se em duas subcategorias: “EXPRESSANDO O VALOR DA FALA DO OUTRO” por meio

da qual os participantes compreendem que as pessoas que nos amam costumam supervalorizar nossas qualidades nas conversações e que, às vezes, nossas atitudes são valorizadas porque querem nos incentivar. A segunda subcategoria “TENDO COERÊNCIA ENTRE A FALA E A AÇÃO” refere-se à percepção desses mesmos participantes de quando a família está mais voltada para a ação educativa, é mais difícil usar uma linguagem apreciativa, mas ao mesmo tempo também perceberam que às vezes uma palavra ou uma frase tem o poder de mudar a história de uma pessoa para melhor.

G1/P2 :*Pra vó e pra mãe da gente, tudo o que você faz elas acham perfeito...*

Pesquisador: *E como é que ela fala. Lembra da fala...*

G1/P2 :*Na escola, tudo que faz ela diz que tá lindo.*

Pesquisador: *Na escola. Porque ela te elogia que é lindo?*

G1/P2 :*Não, eu estou falando o modo que ela fala que acha bonito.*

G1/P3: *Pra incentivar.*

G1/P2 :*Mas tem a crítica construtiva e a destrutiva.*

G1/ P3: *Mas a gente que tem adolescente em casa, é mais fácil a gente criticar do que elogiar.*

G2/ P8: *A L., no primeiro dia de serviço dela. Eu fazia uma idéia totalmente diferente dela, achava que ela era escura do cabelo pichaim, mas depois que eu a conheci. Eu não gostava de trabalhar na parte de lesão, e eu estava na sala de curativo e ela chegou e entrou e perguntou se eu era a G2/ P8 que adora fazer curativo. Mudou. Ela falou que eu gostava de fazer curativo e eu passei a gostar e fiquei praticamente 10 anos trabalhando só com lesão. Eu gostava e não percebia que gostava e ela me faz enxergar isso.*

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Promovendo conversações	Cuidando das relações Decodificando códigos familiares	Tomando cuidados Evitando ferir os outros Evitando ferir mais velhos Encontrando similaridades entre os familiares Apontando defeitos e qualidades

O entendimento das construções conversacionais na família na percepção dos participantes embute alguns processos de investimento e manutenção dos quais pode ser extraída a categoria “PROMOVENDO CONVERSASÇÕES”. Do interior dessa categoria puderam ser extraídas duas subcategorias: “CUIDANDO DAS RELAÇÕES” e “DECODIFICANDO CÓDIGOS FAMILIARES”. Da primeira dessas subcategorias puderam ser astraídos os seguintes conceitos: “TOMANDO CUIDADO”, no qual os participantes perceberam que existe na família o cuidado em encontrar a pessoa certa para fazer determinadas mediações; “EVITANDO FERIR OS OUTROS” “EVITANDO FERIR OS MAIS VELHOS”, os quais embutem a crença de que existe na família a preocupação em não magoar tanto pessoas queridas quanto as pessoas mais velhas.

Em relação à segunda subcategoria, nos conceitos “ENCONTRANDO SIMILARIDADES ENTRE OS FAMILIARES” e “APONTANDO DEFEITOS E QUALIDADES” os participantes se dão conta que na família ocorrem conversas sobre ela mesma, nas quais são encontradas as similaridades entre seus membros, e também que na família ocorrem conversações nas quais são apontados tantos os eventos bons quanto os ruins.

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Ouvindo e conectando com os diferentes significados	Ampliando o entendimento das diferenças Diferenciando a dor física da dor psicológica	Facilitando as relações quando algo é conhecido Diferenciando-se do outro Percebendo o outro como diferente Apontando dores emocionais Percebendo-se nas diferentes situações

O próximo elemento de compreensão do fenômeno “CO-CONSTRUINDO REALIDADES COM AS PALAVRAS QUE USAMOS” trata dos processos psicológicos vivenciados pelos participantes no que se refere à interconexão com significados. Desse processo de compreensão, pude abstrair a seguinte categoria “OUVINDO E CONECTANDO COM OS DIFERENTES SIGNIFICADOS”. Em meio a essa conexão, emergiram dois elementos de compreensão “AMPLIANDO O ENTENDIMENTO DAS DIFERENÇAS” e “DIFERENCIANDO A DOR FÍSICA DA DOR PSICOLÓGICA”. Em relação à primeira delas, o participante percebeu que fica mais fácil entender os significados quando se olha o outro e localiza nele elementos encontrados em nós mesmos, por essa razão nomeei esse conceito como “FACILITANDO AS RELAÇÕES QUANDO ALGO É CONHECIDO”. Compreendeu ainda que quando se enxerga o próximo com outro olhar é possível ajudá-lo a perceber coisas que ele nem se quer havia se dado conta, daí então “DIFERENCIANDO-SE DO OUTRO” e “PERCEBENDO O OUTRO COMO DIFERENTE”.

No que diz respeito aos conceitos correspondentes à segunda subcategoria “DIFERENCIANDO A DOR FÍSICA DA DOR PSICOLÓGICA”, os participantes observaram que, às vezes, a doença encobre dores psicológicas que não são consideradas e para que essas dores sejam evidenciadas é preciso que a pessoa comece a entender o significado do contexto, em primeiro lugar ela precisa perceber a situação e, finalmente para entender os significados, é preciso considerar as motivações de cada um.

G2/P13 *Fala o tempo todo sobre a família. Fala das coisas boas e das coisas ruins também, fala tudo! Conta os segredos que não são segredos pra ninguém, mas é segredo.*

G1/ P4: *Porque a gente já consegue enxergar a importância do conhecimento de tudo isso, não só pra nós; porque quando você se conhece, você vai conseguir se trabalhar e se entender muito melhor e sua vida vai melhorar; e você consegue ver isso que você tem dentro de você no outro. Vocês estão, nós estamos diante de famílias, mas quando você passa a enxergar e ver que atrás daquela família, daquela fala melancólica, daquela impertinência, daquela pressão em cima da gente, você tem que enxergar um pouco atrás, tem coisas escondidas que elas não dão conta e que a gente pode ajudar e que a visão sua perante esse usuário vai mudar*

muito, porque ela traz coisas que... poxa o tanto que a gente ta aprendendo hoje, imagina se a gente conseguisse ter um pouquinho disso na fotografia que a gente faz na mente nossa daquela que tá chegando pra gente atender. E às vezes a rotina, a metodologia, o dia a dia faz a gente bloquear um pouco nisso, e faz a gente enxergar só o usuário chato e a doença. Mas o que tem atrás daquela “falsa” patologia que às vezes ela traz. É esse olhar que é importante a gente ver.

G1/P5: *Eu digo eu como enfermeira, o que eu posso fazer para ajudar nesses casos?*

G1/P5: *Eu acho que fazer a pessoa perceber a situação. É igual eu falo pra eles assim, o exemplo que eu tive lá no Fleury, eu trabalhava com medicina preventiva também; então assim, a pessoa queria para de fumar, mas queria para de fumar porque o cigarro é ruim; todo mundo sabe e continua fumando, entendeu? Mas o que o cigarro tava afetando a vida dele? Ele tinha um netinho e não estava mais conseguindo jogar bola com ele, porque ele fumava muito e ficava cansado; então o objetivo de cada um era diferente, mas o final do negócio era o mesmo e a gente trabalhava em cima disso.*

G1/P5: *A gente sempre fazia baseado no objetivo de cada um. O nosso objetivo era o mesmo, mas a pessoa tinha um objetivo diferente pra ela, e a gente tinha resultados muito mais favoráveis do que só chegar e falar que tem que para de fumar.*

G1/P5: *Consegui pensar muito em tudo que todo mundo ta falando. Mas o tratamento da depressão eu achei muito bacana. Esse jeito novo de olhar. Achei muito bacana mesmo.*

Categorias	Subcategorias	Conceitos
Revendo a construção da linguagem social sobre comunicação	Compreendendo a relevância do diálogo Percebendo dificuldades na co-construção da comunicação Percebendo o diálogo como curativo	Falar não significa dialogar Ouvir não é escutar Escutando de fato Existindo dificuldade de comunicação na geração anterior Apontando dificuldades no uso de uma linguagem valorativa Apontando dificuldades para transitar nas conversações Resistindo à mudança Cerceando o diálogo Monologando Esquecendo o dito Aliviando dores Extravasando Evitando ferir o outro Desabafando

Para o entendimento do diálogo na família, o participante também passou por outros processos de compreensão os quais puderam ser reunidos numa categoria mais abrangente “REVENDO A CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM SOCIAL SOBRE COMUNICAÇÃO”. Tal elemento de compreensão foi composto por 3 outros processos psicológicos, os quais se incumbiram de oferecer ao participante subsídios para sua compreensão do todo. Denominei a esses processos de “COMPREENDENDO A RELEVÂNCIA DO DIÁLOGO, o qual por sua vez subdividiu-se em alguns conceitos “FALAR NÃO SIGNIFICA DIALOGAR”, “OUVIR NÃO É ESCUTAR” e “ESCUTANDO DE FATO” que dão conta de mostrar ao participante que o simples ato de falar ou de escutar não significa que se esteja praticando o diálogo. Para que haja um diálogo profícuo é fundamental ouvir e não simplesmente escutar o que o outro está falando, como também proferir um conjunto de frases e pensamentos desprovidos da real intenção de interconectar-se com o outro. A subcategoria PERCEBENDO DIFÍCULDADES NA CO-CONSTRUÇÃO DA COMUNICAÇÃO, por sua vez se incumbe de mostrar ao participante que, às vezes, o diálogo na família não flui porque as pessoas repetem o padrão das gerações anteriores e resistem à mudança, e também porque, às vezes a dificuldade não está na interlocução, e sim na compreensão daquilo que está sendo falado, o que se torna um grande motivo para a interrupção do diálogo. Por fim, ainda no campo da segunda subcategoria, às vezes, o diálogo na família é atravessado por algum interlocutor que é autorizado por ela, porém sua fala vem mais atrapalhar do que propriamente ajudar, o que pode deixar as pessoas monologando ou esquecendo

daquilo que foi dito, até porque quando predomina o monólogo na família, a tendência é a de que seja esquecido o que foi falado.

A terceira e última subcategoria construída para a compreensão do diálogo na família foi, por mim, nomeada como “PERCEBENDO O DIÁLOGO COMO CURATIVO” a qual leva o participante a perceber que dialogar é bom para que as pessoas se aliviem e não guardem coisas só para si, daí a definição de seu respectivo conceito como “ALIVIANDO DORES”. Por sua vez, outro conceito dá conta ao participante de que as pessoas até sabem conversar, mas não sabem usar de uma linguagem que qualifique o outro, usando o diálogo para extravasar suas necessidades, a esse conceito identifiquei como “EXTRAVASANDO”. “EVITANDO FERIR O OUTRO” se transformou em mais um dos conceitos, o qual se incumbe de apontar para o participante que dialogar não significa somente falar com o outro, ou falar muito e sim usar de uma comunicação que podem elindrar ou constranger o outro. Para terminar esse processo de compreensão, pude abstrair da fala dos participantes um último conceito “DESABAFAFANDO” quando os participantes puderam perceber que o diálogo é importante quando as pessoas precisam desabafar sobre algum assunto, pois isso as alivia. Vale ressaltar que, ainda dentro desse campo, às vezes, as pessoas em sua função educativa, a família não abre espaço para o diálogo. E em especial com adolescentes.

G1/P1: *Além de contar o que está sentindo ainda fala o que o outro sentiu.*

G1/ P4: *Por não conhecer a depreciativa. A partir do momento que você passa a olhar com esse olhar que a gente ta vendo agora, a gente consegue ir mudando paradoxos que já vinham dentro da gente. “Seu pai foi assim, seu avô foi assim e nós somos todos assim e não vamos mudar!”*

G2/ P8: *Acho que dialogar não é difícil, o difícil é fazer a pessoa entender.*

G2/ P8: *A diferença da minha caçula pro irmão mais velho é de 11 anos. O meu filho mais velho mora em São Paulo e vigia a minha filha caçula pelo Orkut e depois me liga e mete o pau. “Ela tá namorando escondido e vocês mão tão vendo? Será que eu vou ter que ir aí? Vou ter*

que ligar pro pai também?". Coisas, às vezes, que não tem nada a ver, coisas que eu sei, ele não entende.

Pesquisador: *Não comprehende? Ele fala outra língua.*

G2/ P8: *Gera a maior briga!*

G2/ P10 *Eu acho que eu falo de mais, né? Eu sinto necessidade de falar. Eu acho que se a gente guarda as coisas não é legal, por isso que eu falo muito, que eu dou muito exemplos...*

Pesquisador: *Você que escolheu falar sobre o tema do seu grupo?*

G2/ P10 *Foi.*

G2/ P13: *Engraçado a G2/ P10 falar isso, porque ela fala bastante e eu falo bastante e a gente se dá super bem.*

G2/ P11: *Eu gostei foi da conversação... a gente sabe conversar, mas não tem o jeito pra conversar. Eu acho que eu aprendi bastante e eu acho que vou mudar um pouco o meu conceito.*

G2/ P11: *Eu achei muito interessante assim, eu e minha mãe somos muito carinhosas e sabemos conversar; meu pai e meu irmão não sabem de maneira alguma, e eu fiquei observando isso né? E eu vejo o jeito que meu irmão lida com a minha mãe; agora ele casou, mas ele é explosivo e meu pai é explosivo. O que tem eu e minha mãe de meiga, calma, sabe conversar, dialogar... e eu casei com uma pessoa que não sabe dialogar.*

Pesquisador: *Vamos pensar no caso do irmão do G2/T.. Vamos ver como cada um reage na tristeza.*

G2/ P11: *Eu tenho que conversar, que falar pra alguém. Eu falo pra uma pessoa que me ouve...*

Pesquisador: *Que te ajuda a elaborar...*

G2/ P11: *Isso.*

G2/P13 *Eu acho assim, eu tenho treinado isso, e é um negócio difícil demais. Eu tenho treinado isso, porque meu filho é extremamente perguntador, essa é a palavra. E o que eu tenho conseguido é fazendo perguntar para ele. Fazendo ele entender. Porque se eu chegar pra ele e falar que ele não pode brincar na rua, porque o carro é perigoso, ele jamais vai compreender o que eu estou falando, porque a própria frase em si só já é um discurso. Agora se eu perguntar pra ele, o que ele acha, se ele acha que é seguro e tal. E normalmente a resposta tem vindo melhor que a encomenda.*

Pesquisador: *Então a história é assim, você só faz perguntas e não tem diálogo.*

G2/ Si.: *É... não tem diálogo.*

G2/P13 *Talvez seja por isso que dão tanto trabalho pra nós que não fomos acostumados com perguntas.*

G2/P15: *A gente fala e a pessoa dorme e no dia seguinte repete tudo de novo e esquece o que a gente falou.*

Análise dos questionários

Os dados que deram margem a que se analisasse a 2^a. Grande Categoria Temática “CONTRIBUIÇÃO DO PRORFOPS PARA A COMPREENSÃO POR ESSE PROFISSIONAL DAS FAMÍLIAS POR ELE ATENDIDAS” foram extraídos dos questionários. As mesmas questões foram reaplicadas após um intervalo de 3 meses, sendo que as primeiras respostas foram organizadas num novo documento que continha as respostas dadas na primeira vez. Essa estratégia foi pensada tendo em vista que o participante tivesse em mãos um documento que o auxiliasse a confrontar sua situação anterior com a atual.

No que concerne a essa segunda grande categoria temática, também mediante um trabalho de análise de conteúdo, foram observados a construção de alguns processos. Porém, ao se considerar que o foco dessa análise era quais os processos construídos para que esse mesmo profissional compreendesse as famílias por ele atendidas, vale ressaltar que quando se consegue confrontar e experenciar os significados da vida real com a própria história pessoal pode-se

identificar sentimentos e reorganizar emoções dentro do momento atual e, inclusive ir além, ao observar que se pode ter atitudes de compreensões e domínio sobre a forma de pensar e de agir, o que pode culminar com a soberania, sabedoria, da própria vida. Quando se muda a forma de ver eventos, e em especial os doloridos, pode-se sentir alívio e, posteriormente uma diluição desses mesmos eventos da história, assim acrecido que o participante desse estudo tenha passado por essa mesmo processo, o que possibilitou que o mesmo compreendesse que tinha força e que poderia contar sua própria história de forma diferente. Dessa forma, creio que assim percebeu que poderia conferir outro sentido à sua própria vida, quer seja pela compreensão de tais eventos sob outra perspectiva ou até mesmo instrumentando-se para modificá-los, vislumbrou que também poderia propiciar isso ao aoutro, mediante a crença de que as pessoas podem melhorar sua qualidade psicológica de vida.

Pelas respostas dada aos questionários, observei a construção de 3 processos distintos:

FENÔMENO 6 - DESCOBRINDO O SENTIDO DAS RELAÇÕES

FENÔMENO 7 - INTERCONECTANDO-SE COM O EU E COM O SISTEMA

FENÔMENO 8 - O CONHECIMENTO SUSTENTANDO A MUDANÇA

6.6.7 Descobrindo o Sentido das Relações

A observação desse fenômeno deu-se mediante o agrupamento das seguintes questões:

Questão 1 - Qual foi sua percepção sobre essa complementação de estudos sobre a família intergeracional?

Questão 3 - O que você leva de experiências do PRORFOPS?

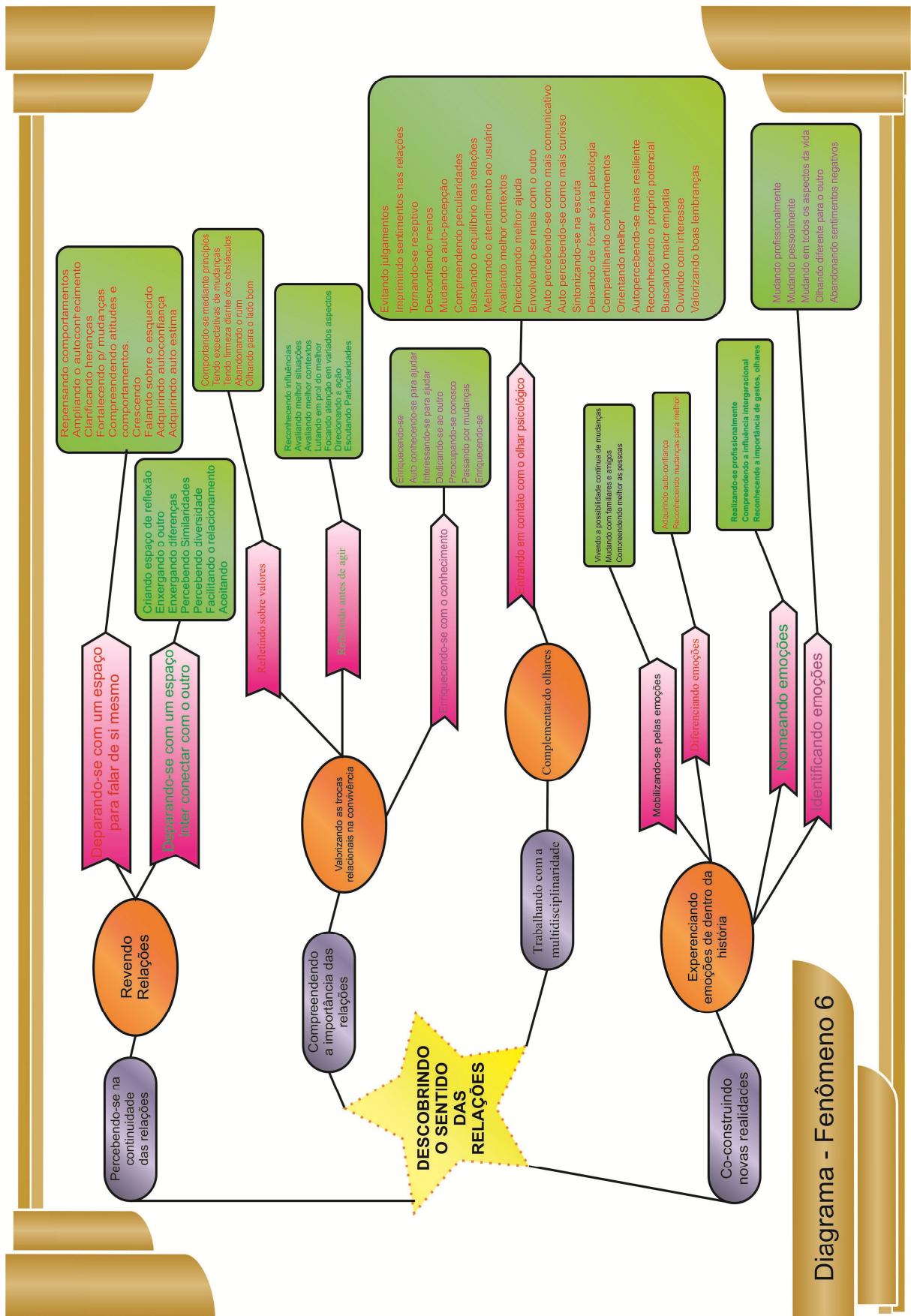
Questão 5 - Em qual (is) aspecto(s) essa complementação de estudos poderá beneficiar sua vida profissional?

Questão 8 - Alguma mudança de atitude já foi auto detectada após o PRORFOPS?

Para melhor compreensão de tal fenômeno, apresento a seguir o Diagrama 6, o Quadro 15, e as respostas que deram margem a que se efetuasse o processo de raciocínio que culminou num primeiro aspecto do fenômeno mencionado. Vale ressaltar que para a descrição desse fenômeno, o próprio conteúdo deu margem a

que estabelecesse um degrau intermediário de compreensão entre os patamares das subcategorias e dos conceitos, o qual nomeei “elementos”.

Figura 11: Diagrama - Fenômeno 6



Quadro 15: Descobrindo o Sentido das Relações

Questão 1 – Qual foi sua percepção sobre essa complementação de estudos sobre a família intergeracional?			
Categorias	Subcategorias	Elementos	Conceitos
Percebendo-se na continuidade das relações	Revendo relações	<p>Deparando-se com um espaço para falar de si mesmo</p> <p>Deparando-se com um espaço para interconectar com o outro</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Repensando comportamentos • Ampliando o autoconhecimento • Clarificando heranças • Fortalecendo p/ mudanças • Compreendendo atitudes e comportamentos • Crescendo • Falando sobre o esquecido • Adquirindo autoconfiança • Adquirindo auto-estima <ul style="list-style-type: none"> • Criando espaço de reflexão • Enxergando o outro • Enxergando diferenças • Percebendo similaridades • Percebendo diversidade • Facilitando o relacionamento • Aceitando

G1/P1 - Gratificante por poder parar, refletir e saber mais algo sobre mim mesma.

G1/P3- Foi ótimo, estou me encantando a cada dia mais. Hoje consigo ter sensatez para resolver os problemas.

G1/P4 - Importíssimo. Um presente em minha caminhada pessoal, familiar, profissional.

G1/P5 - Foi ótimo, aprendi muito a identificar as características do outro. Saber perceber.

G1/P6 - *Foi muito bom, pois consegui ver o quanto que tenho de minha família.*

G1/P7 - *Compreender minha família, meus sentimentos, foi muito bom, pois consigo agora ver como eu realmente sou e assumir e mudar o que precisa.*

G2/P8 - *Muito bom*

G2/P9 - *Maravilhosa. Excelente*

G2/P10 - *Me tornei parte integrante da minha família de origem. Não me vejo mais como se fosse diferente.*

G2/P11 - *Essa capacitação para mim foi e é algo que me mudou muito a minha vida. Porque pude me enxergar na minha família. Foi e é uma auto-ajuda para minha família, e dos outros.*

G2/P12 - *Serviu para eu entender muitas atitudes que até então não entendia, nem aceitava.*

G2/P13 - *Foi absolutamente esclarecedor e me proporcionou muito crescimento pessoal e também profissional.*

G2/P14 - *Foi bom, pois como já relatei descobri muitas coisas em mim que estavam guardadas.*

G2/P15 - *Adoro minha família de origem. Só que depois do aviso me sinto leve e segura; muito capaz de cuidar mais de mim e preocupar menos com os outros.*

A captura do primeiro aspecto desse fenômeno deu-se mediante a observação de alguns processos psicológicos dos quais se denota em primeiro plano a categoria “PERCEBENDO-SE NA CONTINUIDADE DAS RELAÇÕES”. Nesse momento, o participante se dá conta da importância das relações em sua vida, e especialmente, o que pode advir em decorrência. Uma vez vislumbrada tal importância, o participante começou a repensá-las. “REVENDO AS RELAÇÕES” foi a subcategoria extraída em meio a esse processo, a qual pode, ainda, ser subdividida em dois elementos. De acordo com esses dois elementos, os

participantes reputam como necessários tanto a criação ou o surgimento de um espaço para que a pessoa possa interconectar-se consigo mesma quanto um espaço para que possa interconectar-se com o outro. Esses dois elementos nomeados como “DEPARANDO-SE COM UM ESPAÇO PARA FALAR DE SI MESMO” e “DEPARANDO-SE COM UM ESPAÇO PARA INTERCONECTAR COM O OUTRO” deixam transparecer tal visão. Sobre a urgência de espaço para falarem sobre si mesmos, alguns conceitos puderam ser levantados nas respostas que foram dadas, as quais reforçaram ainda mais essa visão à medida que acreditam que com o surgimento de tal possibilidade comportamentos possam ser repensados, novos elementos de autoconhecimento possam ser incorporados, heranças possam ser clarificadas, atitudes e comportamentos possam ser compreendidos, o que pode vir a fortalecê-los para mudanças, e, em última instância, o próprio amadurecimento psicológico pode ser conquistado. Sobre a mesma urgência de espaço para falar do outro, foram observados conceitos como a importância de se refletir sobre as necessidades do outro. Tal reflexão criaria condições para que o outro fosse olhado sob nova perspectiva. Nesse sentido, diferenças seriam enxergadas, similaridades e diversidades seriam percebidas, facilitando, assim, o relacionamento, e em última instância, entrando-se em um processo psicológico de aceitação uma vez compreendidos alguns fatores que poderiam vir a agravar ou a atenuar as tensões do relacionamento.

Ainda para a composição do fenômeno “DESCOBRINDO O SENTIDO DAS RELAÇÕES” considerei o conteúdo das respostas da terceira pergunta do questionário: “**O que você leva de experiências do PRORFOPS?**”

Da mesma forma que analisei a questão anterior, gostaria de explorar nesse segundo aspecto, alguns de seus elementos constitutivos, antes porém introduzo o Quadro 16 e, em seguidas as respostas que facilitaram tal compreensão.

Quadro 16: Compreendendo a Importância das Relações

Questão 3 – O que você leva de experiências do PRORFOPS?			
Categorias	Subcategorias	Elementos	Conceitos
Compreendendo a importância das relações	Valorizando as trocas relacionais na convivência	<p>Refletindo sobre valores</p> <p>Refletindo antes de agir</p> <p>Enriquecendo-se com o conhecimento</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Comportando-se mediante princípios • Tendo expectativas de mudanças • Tendo firmeza diante de obstáculos • Abandonando o ruim • Olhando para o lado bom <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecendo influências • Avaliando melhor situações • Avaliando melhor contextos • Lutando em prol do melhor • Focando atenção em variados aspectos • Direcionando a ação • Escutando particularidades <ul style="list-style-type: none"> • Enriquecendo-se • Autoconhecendo-se para ajudar • Interessando-se para ajudar • Dedicando-se ao outro • Preocupando-se conosco • Passando por mudanças • Enriquecendo-se

G1/P1 - Que todos têm os seus valores

G1/P3 - Acho que essa resposta está acontecendo hoje, e espero que não mude, apesar de tudo que ainda vou enfrentar

G1/P4 - Importância das histórias de vida de cada um. O contexto social nas gerações. O quanto podemos mudar.

G1/P5 - Olhar mais para mim, analisar melhor os fatos, ponderar meus pensamentos e indagações.

G1/P6 - Que estamos em mudança continuamente, e que temos que fazer dessas mudanças o melhor.

G1/P7 - As histórias, o outro lado de cada experiência, como agir diferente.

G2/P8 - -----

G2/P9 - -----

G2/P10 - Particularidades de cada colega.

G2/P11 - Histórias, crenças, mitos, um “tchau” nas coisas que não quero mais para mim.

G2/P12 - Que tudo o que aconteceu de ruim na minha vida, eu procurei enxergar o lado bom, acho que foi assim que conseguir superar tantos problemas.

G2/P13 - Muito crescimento.

G2/P14 - Saber entender mais as pessoas antes de julgá-las e ainda a pensar mais em mim.

G2/P15 - Continuo amando a minha família, só que tenho cuidado mais de mim.

A terceira questão proposta: **O que você leva de experiências do PRORFOPS?** auxiliou-me a ampliar o raciocínio que vinha fazendo em direção à compreensão do sentido das relações. Talvez tenha sido essa, no conjunto das 4 questões selecionadas para explicar o fenômeno, a que mais tenha se aproximado de seu cerne, oferecendo-nos um segundo aspecto a ser considerado na composição do fenômeno “DESCOBRINDO O SENTIDO DAS RELAÇÕES”. “COMPREENDENDO A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES” foi como nomeei sua única categoria, da qual puderam ser extraídas uma subcategoria e três elementos. De acordo com as respostas dos participantes, para que se atinja a compreensão do propósito das relações, passa-se anteriormente por um processo psicológico que denominei “VALORIZANDO AS TROCAS RELACIONAIS NA CONVIVÊNCIA”, nesse momento amplia-se a percepção da pessoa sobre o mérito das relações. Ainda no processo de reconhecimento dessa importância passa-se por outros três elementos de compreensão: REFLETINDO SOBRE VALORES, REFLETINDO ANTES DE AGIR E ENRIQUECENDO-SE COM O CONHECIMENTO. O primeiro desses 3 elementos “Refletindo sobre Valores” constrói-se à medida que se

orienta o comportamento por princípios, usualmente nobres, quando se tem uma boa disposição para mudar algo na relação que não é considerado satisfatório, quando se mantém firme nos propósitos estabelecidos e, finalmente quando se assume uma postura positiva em relação à vida. Em relação ao segundo desses elementos “**Refletindo antes de agir**” observou-se que o participante menciona que a valorização das trocas relacionais ocorre a partir do momento em que a pessoa abandona comportamentos como o de tomar atitudes impensadas, pois se torna capacitado para identificar as influências que recebe, avaliando melhor situações e contextos, e direcionando seus esforços em prol de uma melhor relação ao considerar seus variados aspectos. Para finalizar a análise dessa terceira questão, reporto-me ao terceiro desses elementos “**Enriquecendo-se com o conhecimento**”, por meio do qual o participante reconheceu que o cultivo das relações pode enriquecê-lo à medida que possibilita a ampliação do autoconhecimento, que nos enriquecem na proporção em que somos alvo da preocupação do outro e que nos possibilitam mudanças. Por outro lado, também nos acrescentam algo quando oportunizam tanto que nos interessemos quanto nos dediquemos ao outro.

Em qual (is) aspecto(s) essa complementação de estudos poderá beneficiar sua vida?, 5^a. pergunta do questionário, foi uma questão que também possibilitou a compreensão do fenômeno “DESCOBRINDO O SENTIDO DAS RELAÇÕES”.

Quadro 17: Trabalhando com a Multidisciplinaridade

Questão 5 - Em qual (is) aspecto(s) essa complementação de estudos poderá beneficiar sua vida?			
Categorias	Subcategorias	Elementos	Conceitos
Trabalhando com a multidisciplinaridade	Complementando olhares	Entrando em contato com o olhar psicológico	<ul style="list-style-type: none"> • Evitando julgamentos • Imprimindo sentimentos na relações • Tornando-se receptivo • Desconfiando menos • Mudando a auto-percepção • Compreendendo peculiaridades • Buscando o equilíbrio nas relações • Melhorando o atendimento ao usuário • Avaliando melhor contextos • Direccionando melhor a ajuda • Envolvendo-se mais com o outro • Autopercebendo-se como mais comunicativo • Autopercebendo-se como mais curioso • Sintonizando-se na escuta • Deixando de focar só na patologia • Compartilhando conhecimentos • Orientando melhor • Autopercebendo-se mais resiliente • Reconhecendo o próprio potencial • Buscando maior empatia • Ouvindo com interesse • Valorizando boas lembranças

G1/P1 - Vida pessoal – repensar minhas atitudes / Profissional – ouvir meus colegas e pacientes / família nuclear – amar mais.

G1/P2 -----

G1/P3 - É! Essa resposta é certa eu estando bem, as coisas ficam mais fáceis de ser resolvidas.

G1/P4 - A ser uma pessoa melhor comigo mesma e com todos com quem convivo.

G1/P5 - *A compreender as pessoas, tentar ajudá-las com o que eu tenho de melhor para oferecer.*

G1/P6 - *Vai me ajudar na convivência tanto familiar como profissional.*

G1/P7 - *Eu percebendo e reconhecendo como eu sou, eu tenho oportunidade de mudar na vida pessoal, profissional e nuclear, ser mais feliz e abandonar o luto.*

G2/P8 - -----

G2/P9 - *Foi maravilhoso compreender um pouco mais o meu “eu”*

G2/P10 - *Trabalhar meus medos e rancores. Tratar os pacientes sempre considerando suas histórias de vida e aproveitar mais os ensinamentos familiares*

G2/P11 - *Na minha vida pessoal me fez enxergar melhor.*

G2/P12 - *A ser mais tolerante, mais util, menos crítica e menos preconceituosa com certos fatos e atitudes.*

G2/13 - *Na vida pessoal, já tem me ajudado muito principalmente nas relações com meus pais e meu filho. Passei a rever meus conceitos e níveis de tolerância com o outro. Na vida profissional, me facilita na busca de entendimento do outro e suas estratégias.*

G2/P14 - *Já está me ajudando a entender as pessoas, a ouvi-las, e menos impulsiva.*

G2/P15 - *Continuo sendo cuidadora. Aprendi a cuidar da minha família, dos meus pacientes e de mim; um de cada vez e não esquecendo de mim.*

Essa questão deu margem a que se extraísse um terceiro aspecto para a composição do fenômeno “DESCOBRINDO O SENTIDO DAS RELAÇÕES”. Sobre tal aspecto, foi possível extraír-se das respostas a seguinte categoria “TRABALHANDO COM A MULTIDISCIPLINARIDADE” na qual ficou explícita a

posição dos participantes quanto à crença de que na área da saúde se faz necessário a presença de profissionais afins para oferecer ao usuário o atendimento pleno. Dessa categoria extraiu-se a subcategoria “COMPLEMENTANDO OLHARES”, que enfatizou a importância de se agregarem olhares complementares ao já consagrado olhar biomédico para o atendimento em saúde. “ENTRANDO EM CONTATO COM O OLHAR PSICOLÓGICO” deu conta de oferecer ao participante a importância da visão psicológica para uma compreensão um pouco mais aprofundada das queixas que são trazidas para a área da saúde. Reproduzir aqui os conceitos extraídos das respostas dos 15 participantes, em minha opinião seria redundante, pois já se encontram muito claros e sintetizados no Quadro 17, que reafirmam a importância de se agregar ao olhar biomédico o olhar psicológico. Porém, gostaria de descrever aqui o que pude abstrair do campo “elementos”, que se encontra no interior do fenômeno “TRABALHANDO COM A MULTIDISCIPLINARIDADE”, ou seja, a ênfase do acréscimo do olhar psicológico para as relações. Sobre esse aspecto, evidenciam-se nas respostas dos participantes as mudanças para melhor nas relações entre os próprios familiares e as famílias atendidas, a melhora tanto na atuação profissional quanto na vida pessoal em função do autoconhecimento, o bem-estar psicológico alcançado que contribuiu e continuará a contribuir para que se lide melhor com as questões que possam surgir, a maior complacência para consigo mesmos, a impressão de maior humanização das relações, a melhora nas relações com familiares, colegas de trabalho e demais pessoas, e finalmente, a melhora na vida pessoal, na atuação profissional e nas relações familiares mediante o bem-estar psicológico.

Gostaria de destacar aqui um dos conceitos extraídos da fala do participante **G2/P10** - “*Trabalhar meus medos e rancores. Tratar os pacientes sempre considerando suas histórias de vida e aproveitar mais os ensinamentos familiares*”, no qual fica muito clara sua posição de não considerar apenas o patologia no atendimento ao usuário de saúde.

Para encerrar a compreensão do fenômeno “Descobrindo o sentido das relações” utilizei a Questão 8 - **Alguma mudança de atitude já foi auto detectada após o PRORFOPS?** como representante de um quarto e último aspecto que observei na composição desse fenômeno.

Questão 8 - Alguma mudança de atitude já foi auto detectada após o PRORFOPS?			
Categorias	Subcategorias	Elementos	Conceitos
Co-construindo novas realidades	Experienciando emoções de dentro de sua história	Mobilizando-se pelas emoções Diferenciando emoções Nomeando emoções Identificando emoções	<ul style="list-style-type: none"> • Vivendo a possibilidade contínua de mudanças • Mudando com familiares e amigos • Compreendendo melhor as pessoas • Adquirindo autoconfiança • Reconhecendo mudanças para melhor • Realizando-se profissionalmente • Compreendendo a influência intergeracional • Reconhecendo a importância de gestos, olhares • Mudando profissionalmente • Mudando pessoalmente • Mudando em todos os aspectos da vida • Olhando diferente para o outro • Abandonando sentimentos negativos

G1/P1 - Todos principalmente profissional.

G1/P2 - -----

G1/P3 - Pessoal, a cada dia está mudando, mas estou mais confiante e no profissional mais realizada.

G1/P4 - Muito, muito, mas muito mesmo. Minha vida como um todo mudou e vem mudando. É um processo dinâmico.

G1/P5 - Sim, no campo profissional. Acho que mudar o nosso foco de analisar as situações e as pessoas.

G1/P6 - -----

G1/P7 - Pessoal, ser mais comunicativa, sair mais, me interar com as pessoas, sair um pouco da minha vida pacata.

G2/P8 - -----

G2/P9 - Mesma resposta.

G2/P10 - No meu campo familiar eu mudei meu modo de lidar com as pessoas do meu convívio familiar.

G2/P11 - Sim, no campo profissional me fez compartilhar tudo que aprendi. Pessoal, me entender o porquê do meu temperamento.

G2/P12 - No profissional, estou enxergando as pessoas principalmente as que tentaram me prejudicar no meu trabalho. Com outros olhos, hoje entendo melhor os motivos que os levaram a fazer o que fizeram comigo, Graças a Deus!!!

G2/P13 - Certamente que sim. Em todos os campos.

G2/P14 - Já houve sim, principalmente no campo familiar, deixei de lado o rancor com um membro da minha família e to comprendendo melhor suas atitudes e aceitando.

G2/P15 - Um sorriso, um olhar, às vezes dizem mais que uma palavra.

Essa pergunta deu margem a que desse a compreensão sobre as possibilidades advindas com o PRORFOPS. Estabeleceu-se assim, a categoria “CO-CONSTRUINDO NOVAS REALIDADES” da qual pode ser abstraída a subcategoria “EXPERIENCIANDO EMOÇÕES DENTRO DE SUA HISTÓRIA” na qual se evidenciou o papel das emoções nas relações. Essa subcategoria subdividiu-se em 4 elementos: “MOBILIZANDO-SE PELAS EMOÇÕES”, nesse momento o participante reconhece que houve melhora em seus aspectos pessoal, profissional e familiar de acordo com sua percepção de mudança nas relações. Por meio do processo psicológico que identifiquei como “DIFERENCIANDO EMOÇÕES”, o participante se deu conta de que adquiriu maior auto-confiança, o que lhe conferiu maior realização, em especial no aspecto profissional. “NOMEANDO EMOÇÕES” foi o processo que possibilitou ao participante desse estudo nomear emoções vividas especialmente em sua área profissional, o que possibilitou a diminuição do estresse

causado no desempenho da profissão, mediante o novo olhar adquirido, e finalmente “IDENTIFICANDO EMOÇÕES” foi o processo que favoreceu a alteração de sua autopercepção, em função do novo olhar para si mesmo e para o outro, e em especial o olhar intergeracional, com possibilidade de abandono de posturas negativas anteriores.

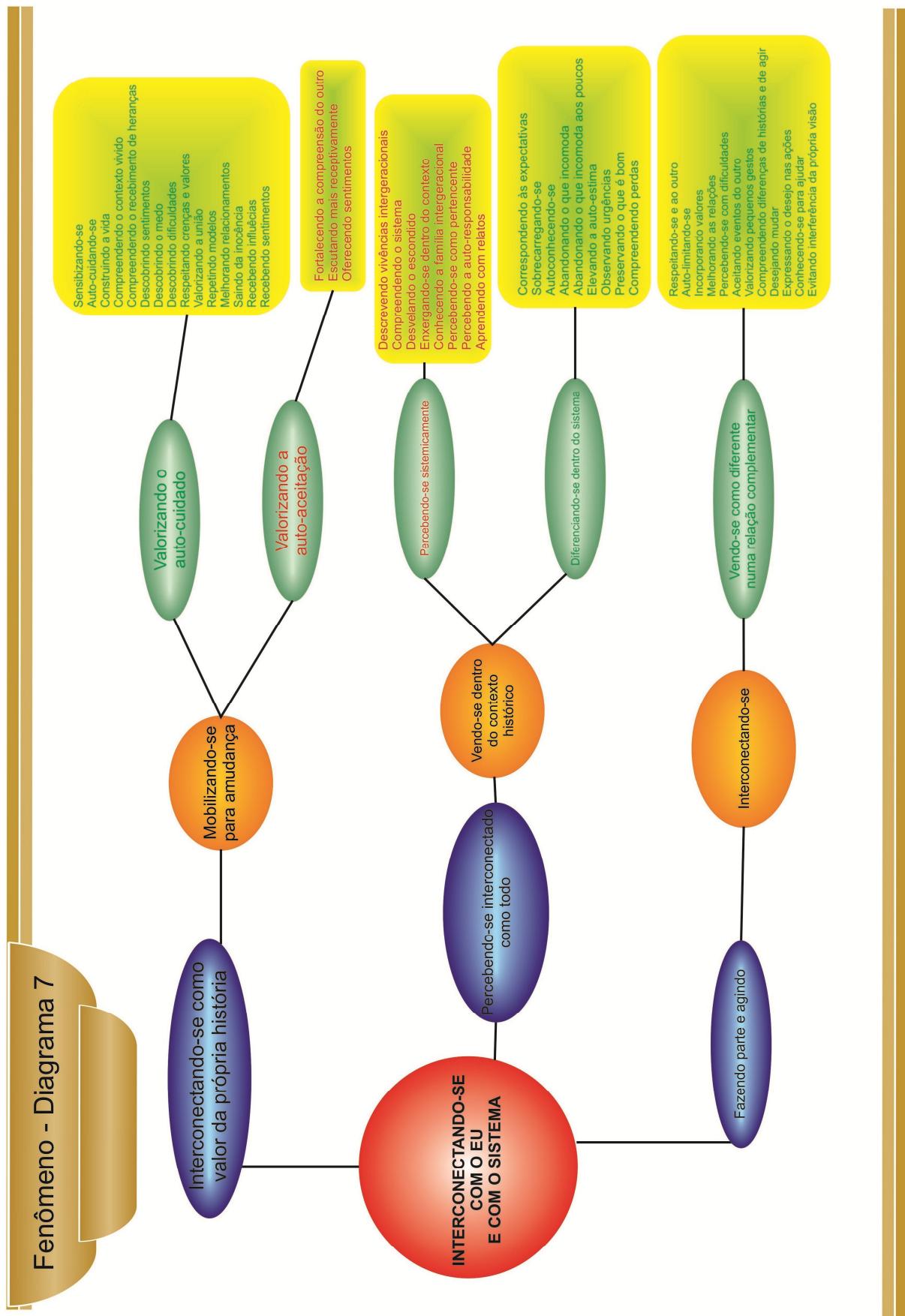
6.6.8 Interconectando-se com o Eu e com o Sistema

O segundo fenômeno que observei na análise da 2^a. Grande Categoria Temática: “CONTRIBUIÇÃO DO PRORFOPS PARA A COMPREENSÃO POR ESSE PROFISSIONAL DAS FAMÍLIAS POR ELE ATENDIDAS” sempre baseada nas respostas dadas ao questionário, denominei “INTERCONECTANDO-SE COM O EU E COM O SISTEMA”. Para a percepção de tal fenômeno utilizei as questões de número 2, 4 e 6, respectivamente:

- O que você apreendeu sobre a família intergeracional no PRORFOPS?**
- Para você, qual foi o momento mais reflexivo?**
- Como esse aprendizado poderá ajudar nas interações com os outros?**

A análise do conteúdo dessas 3 questões possibilitou que se estabeleçam o Diagrama 7 e os Quadros que apresento em seguida. Ainda para uma maior explicitação desse fenômeno entremeio entre esses quadros suas respectivas falas.

Figura 12: Diagrama - Fenômeno 7



Quadro 18: Interconectando-se com o Valor da Própria História

Questão 2 - O que você apreendeu sobre a família intergeracional no PRORFOPS?			
Categorias	Subcategorias	Elementos	Conceitos
Interconectando-se com o valor da própria história	Mobilizando-se para a mudança	<p>Valorizando auto-cuidado</p> <p>Valorizando a auto-aceitação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Sensibilizando-se • Auto-cuidando-se • Construindo a vida • Compreendendo o contexto vivido • Compreendendo o recebimento de heranças • Descobrindo sentimentos • Descobrindo o medo • Descobrindo dificuldades • Respeitando crenças e valores • Valorizando a união • Repetindo modelos • Melhorando relacionamentos • Saindo da inocência • Recebendo influências • Recebendo sentimentos • Fortalecendo a compreensão do outro • Escutando mais receptivamente • Oferecendo sentimentos

G1/P1 - Maior sensibilidade da participante em relação às pessoa.

G1/P2 - -----

G1/P3 - Compreensão de que para ajudar aos outros é preciso que antes a própria pessoa cuide de si mesma

G1/P4 - Aprendizagem de que o conhecimento intergeracional auxilia na compreensão sobre como cada pessoa constrói sua vida

G1/P5 - Fortalecimento da compreensão de um membro familiar de uma forma ampliada considerando-se o contexto vivido e as heranças recebidas

G1/P6 - *Descoberta que o amor é o sentimento que caracteriza sua família*

G1/P7 - *Descoberta de que quando a união respalda as relações é possível que haja reciprocidade nos mais nobres sentimentos.*

G2/P8 - *O medo continua muito forte em mim, apesar de não querer tê-lo.*

G2/P9 - *Ele é muito forte, mais forte que eu.*

G2/P10 - *Aprendi a compreender e a respeitar os mitos.*

G2/P11 - *Aprendi que nada é por acaso que tudo tem o porquê. Me fez mais humana com todo mundo.*

G2/P12 - *A entender melhor as pessoas e avaliar melhor suas reações e atitudes e a perceber que nem sempre elas são o que parecem e que não devo confiar muito nas pessoas em geral.*

G2/P13 - *Aprendi que muitas das características que supunha minhas, positivas ou negativas, na verdade vêm de um processo intergeracional. Mas também aprendi que “eu estou onde me coloco”.*

G2/P14 - *Aprendi a compreender e ouvir mais minha família.*

G2/P15 - *Só quero amor e ser amada. Ser muito feliz.*

Assim como para a análise do primeiro, para a análise do segundo fenômeno, cada uma das 3 questões utilizadas nos oferece um dos aspectos de sua composição. O primeiro desses aspectos refere-se ao novo olhar que o participante agora direciona para sua história de vida. Para tanto, extraí das respostas a categoria “INTERCONECTANDO-SE COM O VALOR DA PRÓPRIA HISTÓRIA”. Uma vez tornado conhecedor do valor de sua própria história, resgatando uma compreensão sobre o si mesmo em interações e processo evolução e mudanças, o participante percebeu a necessidade de mudanças. Assim, essa categoria segmentou-se em uma subcategoria a qual denominei “MOBILIZANDO-SE PARA A MUDANÇA”, que por sua vez subdividiu-se em dois elementos.

O primeiro desses elementos, “VALORIZANDO O AUTOCUIDADO” do qual posteriormente foram extraídos os conceitos que podem ser observados no Quadro 19, pode ser melhor explicitado pela crença do participante em uma maior humanização nas relações ao considerar tanto seu lado emocional quanto o das outras pessoas e aparecendo a diferenciação pela experiência no autoconhecimento. Tal humanização pode estender-se ainda à forma de lidar com as pessoas considerando que as mesmas sofrem influências intergeracionais que interferem em seu comportamento, mas que também ao serem identificadas, visualizadas e verbalizadas são passíveis de alteração. Novas escolhas acrescem-se a esses fatores a crença do participante que ao elevar a própria auto-estima poderá cuidar melhor do outro, uma vez que valoriza o próprio auto-cuidado.

Por sua vez, o elemento “VALORIZANDO A AUTO-ACEITAÇÃO” deixa transparecer a importância que o participante atribui à ampliação do conhecimento anterior mediante a aprendizagem de que o conhecimento das origens e suas transformações, é fundamental para a compreensão da história de vida de cada um. Portanto, expandindo-se o autoconhecimento criam-se condições para que o contexto, e as convivências familiares e que estes sejam mais bem compreendidos, inclusive pela aprendizagem de que existem alguns padrões familiares, tais como o da união que propiciam o fortalecimento de vínculos e lealdades e favorecem inclusive a auto-aceitação.

Um segundo aspecto que observei na composição desse fenômeno refere-se à percepção do participante sobre sua interconexão com o todo, quer seja consigo mesmo, com o sistema, com a relação ou com o contexto, a esse aspecto categorizei e denominei “PERCEBENDO-SE INTERCONECTADO COM O TODO”. Para tanto utilizei as respostas dadas à 4^a. questão: **Para você, qual foi o momento mais reflexivo?** e apresento-as no quadro a seguir:

Quadro 19: Percebendo-se Interconectado com o Todo

Questão 4 – Para você, qual foi o momento mais reflexivo?			
Categorias	Subcategorias	Elementos	Conceitos
Percebendo-se interconectado com o todo	Vendo-se dentro do contexto histórico	<p>Percebendo-se sistematicamente</p> <p>Diferenciando-se dentro do sistema</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Descrevendo vivências intergeracionais • Compreendendo o sistema • Desvelando o escondido Enxergando-se dentro do contexto • Conhecendo a família intergeracional • Percebendo-se como pertencente • Percebendo a autoresponsabilidade • Aprendendo com relatos • Correspondendo às expectativas • Sobrecregando-se • Autoconhecendo-se • Abandonando o que incomoda • Abandonando o que incomoda aos poucos • Elevando a auto-estima • Observando urgências • Preservando o que é bom • Compreendendo perdas

G1/P1 - Depois conversando com minha mãe, Tia N. e J. (irmã).

G1/P2 - -----

G1/P3 - O encontro entre eu e eu mesma. Até hoje tem sido uma vitória e uma batalha na minha vida.

G1/P4 - Qual é minha função e qual é o “papel” em minha família. Tudo que sou tem um porquê e muito pode ser mudado ou mantido, depende de mim.

G1/P5 - Falar sobre a perda do meu pai.

G1/P6 - Quando expressamos nossas mudanças e o que aprendemos.

G1/P7 - O luto, a tristeza.

G2/P8 - -----

G2/P9 - No momento de atitudes de fala e gestos e quando se formou o Genograma.

G2/P10- Dinâmica dos papéis

G2/P11 - Todo o momento foi reflexivo, foi um momento que vou levar para minha vida.

G2/P12 - Quando tentei fazer o Genograma, como foi difícil encontrar respostas tão bem guardadas, ou melhor, escondidas.

G2/P13- O momento em que percebo quem sou e onde estou dentro desse contexto.

G2/P14- Foi o de dizer adeus para as coisas que me incomodavam.

G2/P15- Falar “tchau” é muito difícil. Só que hoje o meu “tchau” é como se fosse um até breve, logo nos veremos

Em minha observação da composição desse fenômeno,o ponto que talvez tenha impactado o participante em maior escala foi a percepção de sua interconexão com o contexto históricoem movimento, essa subcategoria identifiquei como “VENDO-SE DENTRO DO CONTEXTO HISTÓRICO”. Essa subcategoria, por sua vez subdivide-se em 2 elementos: “PERCEBENDO-SE SISTEMICAMENTE” e “DIFERENCIANDO-SE DENTRO DO SISTEMA”. Quanto ao primeiro desses elementos, observa-se que ao se perceber sistematicamente, o participante refere-se a um aprofundamento do conhecimento sobre suas origens, sobre as relações que daí decorrem e o próprio autoconhecimento. Quanto ao elemento “DIFERENCIANDO-SE DENTRO DO SISTEMA” observa-se a percepção dos

participantes no sentido de que o auto-conhecimento, acrescido de sua interconexão com o outro e com o sistema podem alavancar mudanças positivas. A auto-percepção sobre a sobrecarga de papéis assumidos, por sua vez, também é mencionada como propulsora para mudanças, o que acarreta numa predisposição para a diferenciação dentro do sistema.

Para finalizar a composição desse fenômeno, utilizei a questão de número 6: **Como esse aprendizado poderá ajudar nas interações com os outros?** por acreditar que a análise dessa questão possa nos oferecer um último aspecto para a compreensão do fenômeno “INTERCONECTANDO-SE COM O EU E COM O SISTEMA”. A seguir apresento o quadro construído a partir das respostas que foram dadas a essa questão e as próprias falas dos participantes.

Quadro 20: Fazendo Parte e Agindo

Questão 6 – Como esse aprendizado poderá ajudar nas interações com os outros?			
Categorias	Subcategorias	Elementos	Conceitos
Fazendo parte e agindo	Interconectando-se	Vendo-se como diferente e numa relação complementar	<ul style="list-style-type: none"> - Respeitando-se e ao outro - Autolimitando-se - Incorporando valores - Melhorando as relações - Percebendo-se com dificuldades - Aceitando eventos do outro - Valorizando pequenos gestos - Compreendendo diferenças de histórias e de agir - Desejando mudar - Expressando o desejo nas ações - Conhecendo-se para ajudar - Evitando interferências da própria visão

G1/P1 - Ser mais tolerante.

G1/P2 - -----

G1/P3 - Agora percebo que cada um é de um jeito, e tem seus limites, basta respeitar.

G1/P4 - Que podemos mudar e melhorar tudo o que queremos: basta querer com atitudes.

G1/P5 - A descobrir o meu melhor para poder oferecer para o outro.

G1/P6 - Me aproximou mais das pessoas e fazendo com que eu me apegue mais aos problemas delas, e faço o máximo para ajudar.

G1/P7 - Respeitar mais, saber que o problema é meu e não do outro, que eu não posso deixar isso influenciar meus relacionamentos.

G2/P8 - ----

G2/P9 - Mesma resposta

G2/P10 - Aprender a ouvir mais e falar menos.

G2/P11 - Tudo, pode me ajudar em tudo, como conversar, como si colocar.

G2/P12 - A entender melhor as pessoas e quem sabe poder ajudá-las a resolver seus problemas apesar dos meus.

G2/P13 - Me ajuda à medida em que me possibilita perceber minhas próprias limitações e potenciais. Assim, melhora minha tolerância, minha ótica do outro.

G2/P14 - Já está me ajudando, estou aceitando mais as coisas.

G2/P15 - Que muitas vezes um gesto ou uma palavra pode mudar toda uma história.

Como esse último aspecto está associado à própria questão da ação, daí sua única categoria ter sido nomeada “FAZENDO PARTE E AGINDO”. Uma vez tendo o participante compreendido que faz parte de um todo que ao mesmo tempo o integra e o transcende, o que lhe resta é a mobilização para se manter integrado, ou se integrar cada vez mais, portanto agindo para continuar a fazer parte. De acordo com as respostas obtidas uma das alternativas para continuar a fazer parte é “INTERCONECTANDO-SE”, e para tal é preciso que a pessoa se entenda em uma relação complementar. Esse processo psicológico foi percebido como o que ocorreu

com os participantes desse estudo quando mencionam sua percepção sobre o estar continuamente em relação. Em função desse raciocínio, nomeei esse elemento de “VENDO-SE NUMA RELAÇÃO COMPLEMENTAR”. Observei a boa disposição dos participantes para que aceitassem as pessoas com todas as suas características, respeitando seus limites mesmo que com desagrado, para agirem de forma repensada tanto em relação a si quanto aos outros, para mudarem quando se impõem o firme propósito de assumir mudanças, fazer novas escolhas, para melhorarem as relações com o outro a partir de uma ampliação do autoconhecimento, para uma maior aproximação com o outro mediante a compreensão de seu eu, para diferenciarem os próprios conteúdos dos conteúdos alheios, evitando que os mesmos interfiram no relacionamento.

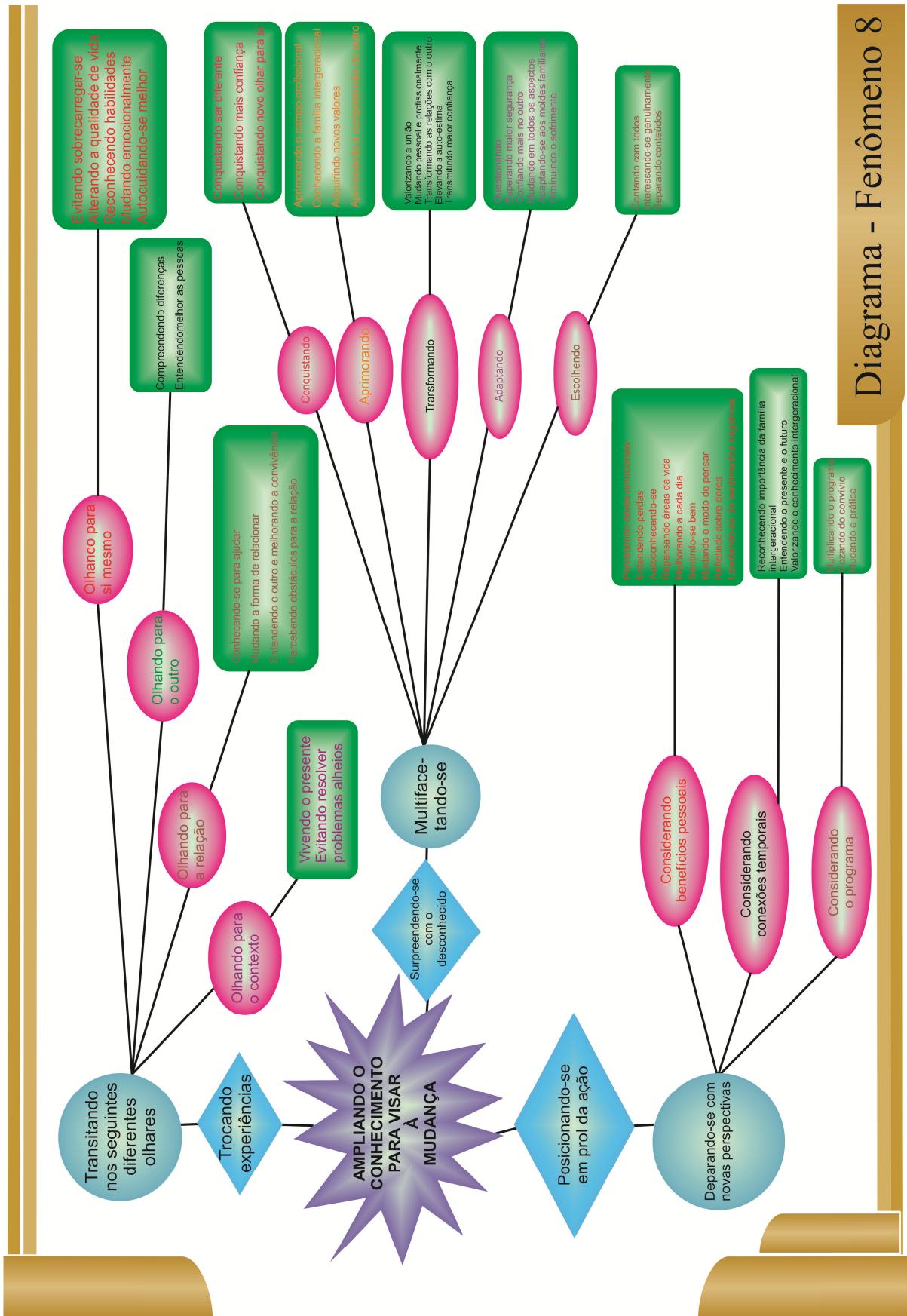
6.6.9 Ampliando o Conhecimento para Visar à Mudança

Para concluir a análise dos questionários descrevo um 3º. fenômeno, o qual denominei “AMPLIANDO O CONHECIMENTO PARA VISAR À MUDANÇA”. As questões que deram margem à sua composição foram a 7ª., a 9ª. e a 10ª.:

- Em que a aprendizagem do PRORFOPS poderá afetar nas convivências?
- Qual o nível de mudança observado após o PRORFOPS?
- Por que você indicaria ou não esse programa de complementação de estudos?

Da mesma maneira que os fenômenos anteriores, apresento a seguir o Diagrama 8, e os Quadros 19, 20 e 21 construídos para melhor explicitá-lo. Cada um desses quadros também está associado às respostas que foram dadas pelos participantes a cada uma dessas questões. Na composição desse fenômeno, pude observar 3 aspectos que me pareceram sequenciais e complementares. “Trocando experiências”, “Surpreendendo-se com o desconhecido” e “Posicionando-se em prol da ação”

Figura 13: Diagrama - Fenômeno 8



Quadro 21: Trocando Experiências

Questão 7 - Em que a aprendizagem do PRORFOPS poderá afetar nas convivências?			
Categorias	Subcategorias	Elementos	Conceitos
Trocando experiências	Transitando por diferentes olhares	Olhando para si mesmo Olhando para o outro Olhando para a relação Olhando para o contexto	<ul style="list-style-type: none"> - Evitando sobrecarregar-se - Alterando a qualidade de vida - Reconhecendo habilidades - Mudando emocionalmente - Autocuidando-se melhor - Compreendendo diferenças - Entendendo melhor as pessoas - Conhecendo-se para ajudar - Mudando a forma de relacionar - Entendendo o outro e melhorando a convivência - Percebendo obstáculos para a relação - Vivendo o presente - Evitando resolver problemas alheios

G1/P1 - Tolerância

G1/P2 - -----

G1/P3 - *Hoje aprendi o valor do limite, não fico mais me culpando, por não ter sempre que dizer sim, às vezes o não é importante.*

G1/P4 - *A estar mais tranquila entendendo que para o dia basta somente ele, viver o presente com equilíbrio.*

G1/P5 - *Tudo! Preciso me conhecer para aprender a conhecer o outro.*

G1/P6 - *Agora sou mais participativa e atuante na vida das minhas famílias.*

G1/P7 - *A qualidade de vida e de relacionamento que agora eu posso ter.*

G2/P8 - -----

G2/P9 - A entender melhor com as pessoas.

G2/P10 - Apurei minha atenção.

G2/P11 - Me afetou no relacionamento com meu irmão, mas afetou muito no meu emocional.

G2/P12 - Nas minhas amizades, pois sou muito crítica, vou tentar melhorar isto, se Deus quiser.

G2/P13 - Se eu percebo melhor o outro, a convivência é inevitavelmente melhor.

G2/P14 - A minha impulsividade.

G2/P15 - Não quero mais resolver os problemas dos outros. Cuidar dos meus e de mim.

O primeiro dos aspectos observados nesse fenômeno foi categorizado como “TROCANDO EXPERIÊNCIAS”. Dessa categoria extraiu-se a subcategoria “TRANSITANDO POR DIFERENTES OLHARES”, a qual segmentou-se em 4 elementos que se referem aos diferentes olhares apropriados pelos participantes após o PRORFOPS. “OLHANDO PARA SI” ocorreu no momento em que o participante se deu conta de que para que haja uma melhora nas relações é preciso que se goze também de bem-estar psicologico, e reconheceu a necessidade de uma ampliação do autoconhecimento. “OLHANDO PARA O OUTRO” refere-se às respostas em que os participantes demonstraram boa disposição para aceitar as pessoas com todas as suas características, e para melhorar as relações com o outro a partir do reconhecimento de uma alteração para melhor em sua própria qualidade de vida. “OLHANDO PARA A RELAÇÃO” refere-se à percepção do participante quanto à melhora das interrelações quando se muda a forma relacionar, o que altera, inclusive, a convivência na medida em que se percebe os obstáculos que surgem na relação, como por exemplo, a diminuição de expectativas com o reconhecimento de que as pessoas não conseguem dar conta de tudo que se propõem a fazer ou o que lhes é pedido. “OLHANDO PARA O CONTEXTO” refere-se à percepção do

participante quanto à melhora nas relações na medida em que pessoa se foca no presente, libertando-se do passado ou se desvincilhando das preocupações exageradas com o futuro. Sob outro prisma, ainda dentro do elemento “OLHANDO PARA O CONTEXTO”, a ampliação do autoconhecimento pode possibilitar uma intensificação do nível de atuação do profissional em relação às famílias atendidas.

O 2º. aspecto observado na composição desse fenômeno refere-se ao nível de mudança observado após a participação do PRORFOPS. Nomeei esse aspecto como “SURPREENDENDO-SE COM O DESCONHECIDO” sintetizado no Quadro 22 que segue, acrescido de suas respectivas respostas.

Quadro 22: Surpreendendo-se com o Desconhecido

Questão 9 - Qual o nível de mudança observado após o PRORFOPS?			
Categorias	Subcategorias	Elementos	Conceitos
Surpreendendo-se com o desconhecido	Multifacetando-se	Conquistando Aprimorando Transformando Adaptando Escolhendo	Conquistando ser diferente Conquistando mais confiança Conquistando novo olhar para si Aprimorando o campo profissional Conhecendo a família intergeracional Adquirindo novos valores Aprimorando compreensão do outro Valorizando a união Mudando pessoal e profissionalmente Transformando as relações com o outro Elevando a auto-estima Transmitindo maior confiança Questionando Tendo expectativas de maior segurança Confiando mais no outro Mudando em todos os aspectos Adaptando-se aos moldes familiares Diminuindo o sofrimento Contando com todos Interessando-se genuinamente Separando conteúdos

G1/P1 - Todos principalmente profissional.

G1/P2 - -----

G1/P3 - Pessoal, a cada dia está mudando, mas estou mais confiante e no profissional mais realizada.

G1/P4 - Muito, muito, mas muito mesmo. Minha vida como um todo mudou e vem mudando. É um processo dinâmico.

G1/P5 - Sim, no campo profissional. Acho que mudar o nosso foco de analisar as situações e as pessoas.

G1/P6 - -----

G1/P7 - Pessoal, ser mais comunicativa, sair mais, me interar com as pessoas, sair um pouco da minha vida pacata.

G2/P8 - -----

G2/P9 - Mesma resposta.

G2/P10 - No meu campo familiar eu mudei meu modo de lidar com as pessoas do meu convívio familiar.

G2/P11 - Sim, no campo profissional me fez compartilhar tudo que aprendi. Pessoal, me entender o porquê do meu temperamento.

G2/P12 - No profissional, estou enxergando as pessoas principalmente as que tentaram me prejudicar no meu trabalho. Com outros olhos, hoje entendo melhor os motivos que os levaram a fazer o que fizeram comigo, Graças a Deus!!!

G2/P13 - Certamente que sim. Em todos os campos.

G2/P14 - Já houve sim, principalmente no campo familiar, deixei de lado o rancor com um membro da minha família e to comprendendo melhor suas atitudes e aceitando.

G2/P15 - *Um sorriso, um olhar, às vezes dizem mais que uma palavra.*

Mediante a análise da categoria “SURPREENDENDO-SE COM O DESCONHECIDO”, o participante se deu conta de que nem sempre lidamos com o previsível. No que tange à mudanças, os mesmos após o PRORFOPS sentiram-se fortalecidos para ousarem mudanças, especialmente por terem adquirido um novo olhar para as relações presentes em transformações em todos os aspectos de sua vida. “MULTIFACETANDO-SE” é um termo que mais se aproxima do processo psicológico vivido pelo participante quando se pensa nas novas possibilidades que se abriram para ele. “CONQUISTANDO”, “APRIMORANDO”, “TRANSFORMANDO”, “ADAPTANDO” e “ESCOLHENDO” foram os cinco elementos que emergiram das respostas dos participantes denotando alguns patamares galgados no campo do conhecimento. Na prática, os participantes referiam-se à melhora observada em suas relações tanto no âmbito pessoal, quanto profissional e familiar. Referiam-se igualmente à maior aquisição de auto-confiança, o que lhes conferiu maior realização, em especial no campo profissional. E por fim, referiam-se à diminuição do estresse causado no desempenho da profissão mediante o abandono de posturas anteriores.

Para encerrar a análise desse fenômeno, utilizei-me da 10^a. questão proposta no questionário que deixou: **Por que você indicaria ou não esse programa de complementação de estudos?** Essa questão foi a única que explicitamente tentou obter um parâmetro sobre a participação nesse programa. Apresento a seguir, o Quadro 23, e as respostas que possibilitaram sua construção.

Quadro 23: Posicionando-se em Prol da Ação

Questão 10 – Por que você indicaria ou não esse programa de complementação de estudos?			
Categorias	Subcategorias	Elementos	Conceitos
Posicionando-se em prol da ação	Deparando-se com novas perspectivas	<p>Considerando benefícios pessoais</p> <p>Considerando conexões temporais</p> <p>Considerando o programa</p>	<p>Percebendo dores emocionais Entendendo perdas Autoconhecendo-se Repensando áreas da vida Melhorando a cada dia Sentindo-se bem Mudando o modo de pensar Refletindo sobre dores Liberando-se de sentimentos negativos</p> <p>Reconhecendo importância da família intergeracional Entendendo presente e o futuro Valorizando o conhecimento intergeracional</p> <p>Multiplicando o programa Gozando do convívio Mudando a prática</p>

G1/P1 - Indicaria essa capacitação a todos os “doentes” do coração...Para que saibam tratar e entender suas carências e dores.

G1/P2 - -----

G1/P3 - Como é bom saber suportar perdas, com fé me Deus; saber que os problemas por maiores que sejam podem ser resolvidos, não apavorara por maior que seja a vontade, mas saber ter controle em todos os momentos.

G1/P4 - Indicaria a todos e a todas, pois o importante da vida é entender seu valor e a missão que cada um tem quanto à vida. Sem conhecer quem somos, de onde viemos e onde queremos ir, não conseguimos viver o prazer, a alegria, o servir etc. Conhecer nossa família como um todo é algo necessário no caminhar.

G1/P5 - Indicaria para possibilitar o auto-conhecimento para as pessoas. Acho que todos deveriam ter a capacidade de olhar para si mesmo e a oportunidade de fazer isso.

G1/P6 - *Para que as pessoas possam se conhecer e se aprimorar em todos os aspectos, fazendo com que as pessoas melhorem cada dia mais.*

G1/P7 - *Eu indicaria porque essa capacitação nos faz reconhecer a nós mesmos, melhorar, nos faz falar sobre sentimentos guardados, que nos ferem. Nos alivia como pessoa.*

G2/P8 - -----

G2/P9 - *Porque lidamos com seres humanos e cada um tem uma história. Temos que entender as ações e reações das pessoas para melhor atendê-las.*

G2/P10 - *Eu indicaria esta capacitação pois só poderemos compreender o outro à medida que nos compreendermos*

G2/P11 - *Eu indicaria essa capacitação para as pessoas que querem mudar o modo de pensar.*

G2/P12 - *Indicaria sim, com certeza porque foi muito bom para mim, me ajudou muito e tenho certeza que ajudará outras pessoas também que devem passar pelos mesmos problemas que eu. Adorei esse curso, OBRIGADA.*

G2/P13 - *Porque possibilita que as pessoas olhem pra si próprias com se estivessem do lado de fora, sem culpa nem ressentimentos antigos.*

G2/P14 - *Porque é muito bom saber da história da nossa família, de onde viemos, entender o que somos hoje e se há ligações.*

G2/P15 - *Aprendi muito. Uma palavra, um gesto pode mudar uma história. Como seria bom que outras pessoas tivessem oportunidade de fazer um acompanhamento psicológico.*

“**POSICIONANDO-SE EM PROL DA AÇÃO**” foi o último dos aspectos observado na composição do fenômeno “**AMPLIANDO O CONHECIMENTO PARA VISAR À MUDANÇA**”. Esse foi o aspecto de maior facilidade na análise, e no entanto, para mim, o mais gratificante, não por se tratar de um retorno positivo

quanto a uma proposta de trabalho, por mim, apresentada, e sim pela ressonância que ele poderá atingir no atendimento aos usuários de saúde da cidade de Delfim Moreira, que indiretamente poderão ser beneficiados por esse programa. “DEPARANDO-SE COM NOVAS PERSPECTIVAS” foi o processo psicológico que descreve corretamente a subcategoria extraída do pensamento de alguém que se posiciona em prol da ação. Essa subcategoria subdividiu-se em 3 elementos: “CONSIDERANDO OS BENEFÍCIOS PESSOAIS”, “CONSIDERANDO CONEXÕES TEMPORAIS” e “CONSIDERANDO O PROGRAMA” dão conta de posicionar o participante em relação à sua visão sobre os aspectos positivos desse programa. Em suas respostas estão implícitas suas razões para que esse programa seja multiplicado entre os profissionais de saúde, em primeiro lugar porque ele contribui para o entendimento de questões emocionais presentes nas patologias, porque fortalece a pessoa em suas fragilidades e a orienta a agir com equilíbrio, porque contribui para a autocompreensão dos próprios valores mediante o conhecimento da família intergeracional, clarificando o porquê das escolhas de cada um, enfim, melhorando vários aspectos da própria vida.

Ao final dessa análise de dados, procurei apresentar em um único diagrama uma compreensão globalizada de todos os fenômenos observados tanto na Primeira quanto na Segunda Grande Categoria Temática. Para me auxiliar nessa compreensão resolvi retomá-las no momento.

Ao se levar em consideração que o foco dessas duas grandes categorias era a compreensão pelo participante tanto de sua família de origem e atual quanto sistema quanto das famílias por ele atendidas, o que ficou para mim, após toda essa tarefa de análise, resume-se da maneira que descrevo abaixo.

Todos nós, incluindo nesse universo os participantes desse estudo, possuímos certos pilares, que nos sustentam ao longo da vida. Esses alicerces são nossas crenças, mitos, rituais, valores, padrões interacionais, heranças relacionais. Ao longo de nossas vidas tudo isso se entrelaça em um emaranhado de fios, como em uma sinapse, constituindo-se em um caminho que ao mesmo tempo que nos limita, dá o norte para nossa experiência de conhecer a vida. A esse guia chamei de caminho interacional relacional. Tal caminho nos dá as bases para que possamos construir a nós mesmos interagindo o tempo todo com o sistema, num ininterrupto movimento de trocas relacionais. Nesse processo de trocas, vários fenômenos são

observados sem que obedeçam necessariamente a uma ordem, pois podem acontecer concomitantemente, ou em sequências diferenciadas.

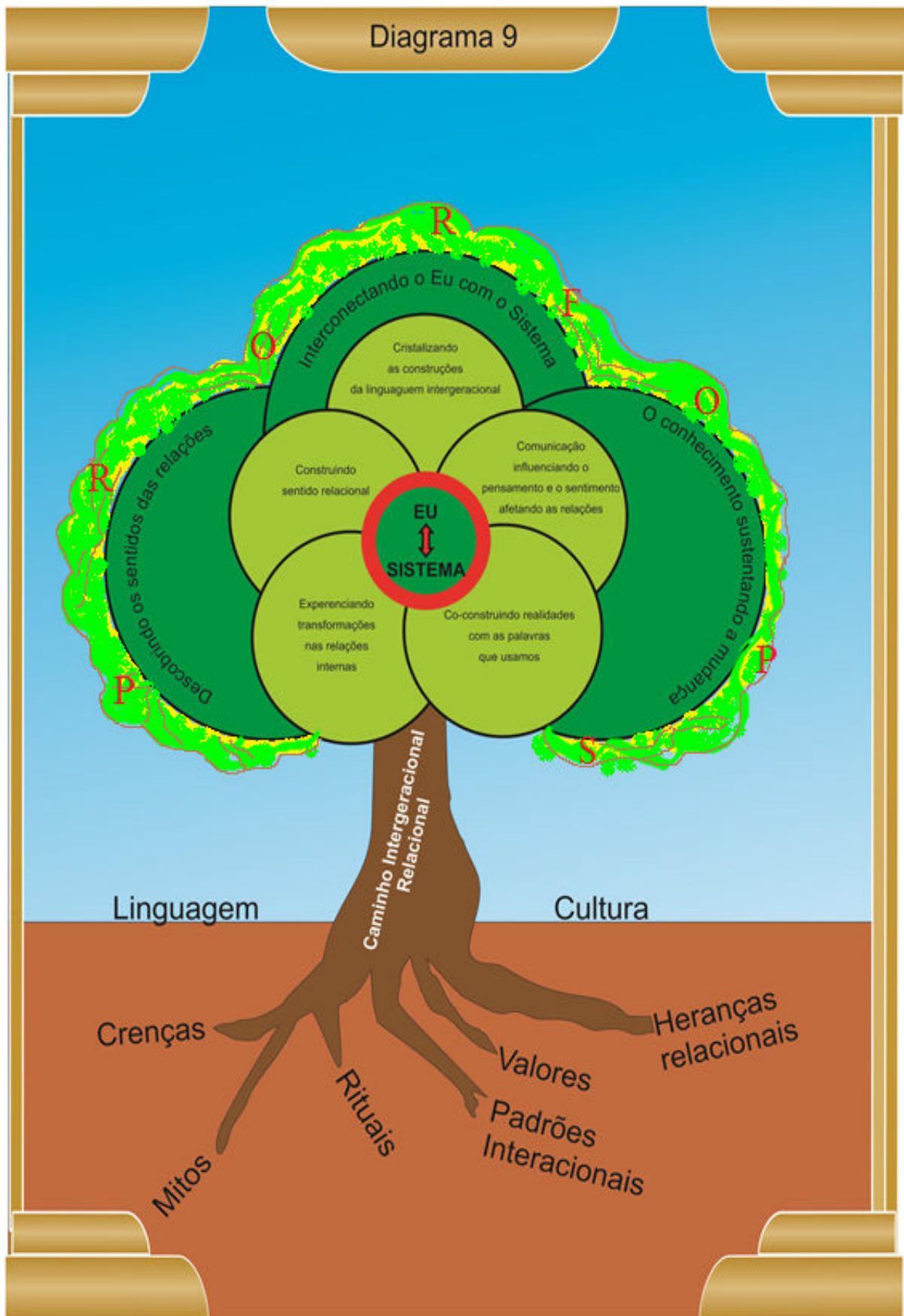
Nesse movimento, em dado momento busca-se por sentidos que só podem ser construídos mediante as relações e experiências. Num processo de ampliação de percepção evidenciam e cristalizam-se as construções advindas das influências externas, incluindo-se nelas os aspectos intergeracionais. Considerando-se a fluidez desse processo, pode-se passar para outro espaço de interação com o sistema que é a experiência de transformações internas, sendo que tais transformações se consolidam à medida que a comunicação e a linguagem influenciam nosso pensamento e os sentimentos passam a afetar nossas relações. Em outro momento, ou até mesmo ao mesmo tempo, passa-se a co-construir realidades a partir de um uso mais consciente das palavras que são usadas nas relações.

O mesmo percurso é repetido quando se pensa a 2ª. Grande Categoria Temática, pois se relaciona à mesma compreensão de família, agora, porém sob a ótica do profissional que a atende. Deparamo-nos com os mesmos alicerces, com as mesmas balizas do caminho e com os mesmos processos de construção do si mesmo em relação. O que acrescenta para o participante é que na medida em que ele interconecta-se com o sistema, abre-se a possibilidade para que ele descubra no social o sentido das relações. No caso específico desse estudo, considera-se o PRORFOPS como elemento que trouxe aos participantes novos conhecimentos, os quais criaram condições para sustentar as transformações por ele suscitadas.

Esse programa constituiu-se em um caminho que esteve e estará sempre em aberto para as compreensões sobre as relações e o eu em estado relacional, sejam elas refletidas no diálogo do passado, estando em diálogo no presente ou em caminho para o futuro, do “eu” do “nós” do “entre” no “com” porém interconectadas com as experiências de nosso convívio.

Em meio a esse raciocínio sobre como faria para representar em uma só figura a síntese de todo o processo de análise, a melhor imagem que me ocorreu foi a de uma árvore em função de toda uma simbologia de sustentação e nutrição relacionada a ela. A seguir apresento o resultado a que cheguei.

Figura 14: Diagrama 9



6.7 Discussão de Resultados

Discutir resultados, sob meu ponto de vista, envolve mais que refletir sobre os dados que foram analisados.

Em meu caso, talvez, iniciar essa discussão de outro lugar se justifique por minha mudança de percepção que ocorreu ao longo do processo. Sinto necessidade de fazer, pós-método, uma justificativa para minha tese e seus capítulos, de início pensados intuitivamente, e que foramclareados ao longo do processo, e ratificaram minha escolha.

Quando planejei os capítulos da tese não pensei que o método viria também a embasar minha temática, agora percebo que o tempo todo ele estava ali, fundamentando a escolha deste tema. Melhor esclarecendo, a escolha do primeiro capítulo fundamentou a metodologia, o método qualitativo e as categorizações reforçaram minha crença na ressignificação, e na releitura das experiências vividas, narradas pelos próprios donos da história em seu ambiente cultural, natural. Nesse sentido, imprimir maior proximidade entre pesquisador e participantes seria impossível, pois o programa previsto no método foi executado na própria Unidade Básica de Saúde da cidade de Delfim Moreira, em meio às suas urgências do cotidiano.

Quanto à escolha do segundo capítulo, a Intergeracionalidade, o Genograma como instrumento de pesquisa, e o Livreto de Memórias como abertura de conversações para uma introspecção sobre seu processo de individuação foram muito importantes para ajudar na ressignificação dos eventos, dos fatos vivenciados pelos participantes e pela memória de pessoas importantes na formação de seus vínculos. Novamente, o método justificou esta minha atitude na construção de práticas do saber em conjunto, em diferentes comunidades linguísticas e contextos de pertencimento. Tal justificativa não tem nada a ver com juntar pedaços, como numa reconstrução arqueológica. Assume agora maior relevância, ajudando a compreender significados, o sentido de vida, dar ou reconhecer autonomia, com menos violência e maior afetividade, revendo a comunicação e linguagem co-construídas no encontro de conversações que podem ser transformadoras. Portanto, algo mais humano como é proposto pela Psicologia.

E foi isso que aconteceu na transmissão do PRORFOPS, no Genograma ou nas experiências de vidas, narradas por ninguém melhor que o próprio participante,

porém interpretadas pelo olhar do pesquisador que ao mesmo tempo se encontra dentro e fora do processo, agora em processo de análise.

O que apresento em um caráter de novidade, só pode ser compreendido a partir de um enlace circular que reforça a ideia de que temos maior facilidade para compreender aquilo que nos é familiar. Aqui, o significado não é visto como verdadeiro ou correto, e sim como um processo de busca de resultados, de sentidos, reformulando, criando e recriando algo de novo pelo intérprete, que dialoga com o texto em análise, e que se encontra expandindo o horizonte de compreensões, e de sentidos, em um campo sempre aberto de conversações consideradas textos, que emergindo das experiências vividas, são interpretadas em significados que transcendem a situação original, inscrevendo essas ações em tempo social.

Concluindo essa breve narrativa sobre o movimento circular de minha escolha de capítulos, gostaria de reafirmar que o método também aponta para o sentido exposto anteriormente, visto que ao abordar as conversações, ampliei-as com compreensões da linguagem, de vínculos, de comunicação, de construção social com o olhar do Construcionismo Social.

Voltando agora ao foco de uma discussão de resultados, gostaria de iniciá-la separando a análise do PRORFOPS do conteúdo de cada um dos participantes, isto porque quando falo do programa refiro-me aos conteúdos que foram apresentados e quando me refiro aos participantes evidencio suas falas sobre esse mesmo conteúdo.

Percebo essa visão como sendo interconectada, e de grande complexidade sendo que às vezes é necessário falar dela linearmente para uma melhor compreensão.

Embora esse trabalho tenha sido focado no olhar de um pesquisador que atua na área clínica, não se pode desconsiderar dois pontos: o primeiro relacionado a um olhar clínico presente o tempo todo, e o segundo relacionado ao fato de eu pertencer a uma cultura interiorana, comunal, mineira, próxima à realidade estudada. Isso foi um dos diferenciais nessa pesquisa, o que facilitou a compreensão de certas peculiaridades de Delfim Moreira, como a dificuldade de alguns conhecimentos chegarem até lá.

Essa pesquisa tendo sido respaldada pelo Construcionismo Social buscou compreender o processo de produção de sentido. Baseando-me em Rasera e Guanaes (2010) pude entender que a produção de sentidos está associada ao

entendimento sobre o modo de conversar e se relacionar, relevante para a aquisição de novos modos de ação e relacionamento familiar, que se estendem a outros contextos de suas vidas.

A mudança esteve implícita nesses novos modos de ação e relacionamento que foram suscitados pelo PRORFOPS, e também pelas narrativas dos participantes. Nessa nova visão, a mudança ocorreu a partir dos encontros relacionais, nos quais foram percebidas 3 construções:

1^a - O PRORFOPS se propôs a mobilizar o participante para uma ressignificação do olhar de si mesmo em processo de individuação interagindo com o sistema. Nesse processo, o indivíduo deveria olhar para dentro e fazer conexões com eventos significativos de sua história de vida, com padrões e temas estudados sobre relações na família.

2^a. - O participante foi convidado a olhar para si mesmo como uma pessoa em processo conversacional, em conversação, diálogo, escuta e reflexão sobre as relações.

3^a. - Ao final do processo surgiu uma nova percepção não compartilhada com o grupo de participantes, porém evidenciada agora. Uma mudança de olhar para o novo e para a solução de problemas, criada no encontro conversacional pensando na construção de conhecimentos. O melhor exemplo que posso citar dessa nova percepção surgiu a partir do encontro relacional de minha qualificação, que possibilitou um novo olhar para a tese, e trouxe mudanças. Esse terceiro momento não foi observado no PRORFOPS, deixando como fruto uma possibilidade, que talvez seja concretizada numa nova proposta de encontro.

Quanto aos participantes observei que as mudanças ocorridas no 1º e 2º momentos ocorreram mediante o deslocamento de suas falas, inicialmente voltadas para si mesmos, e depois para o grupo. Perguntas, questionamentos, reflexões, escutas, curiosidades, observações marcaram esse processo de conversação transformadora. Nesse processo, as histórias presentes e passadas foram rememoradas, relidas e recontextualizadas a partir de diferentes ângulos, e também pensadas em termos do presente e possibilidades para o futuro.

Quanto ao PRORFOPS o processo de mudança de sentido foi marcado de início por um espaço de conversação, que oportunou um encontro relacional respaldado pela visão sistêmica, intergeracional e pós-moderna. Isso favoreceu uma conversação temática, que provocou o aflorar de emoções, complementado o olhar biomédico, agora acrescido do olhar psicológico para os participantes sobre afamília. Tais emoções surgiram a partir da vivência de dinâmicas, dos relatos, permeados com a aplicação de instrumentos, especialmente o Genograma e o Livreto de Memórias. Criou-se dessa maneira um cenário dialógico, não corrompido por julgamentos, fundamental para essa construção relacional com o sentido de mudança.

Ao se rever a posição de diagnóstico do problema centrado no indivíduo e a de que o conhecimento é possuído apenas pelo especialista, desloca-se esse entendimento para a construção local de um conhecimento significativo, no qual particularmente estão envolvidos todos os participante do processo, quer sejam os profissionais de saúde, a própria instituição com suas políticas públicas, o pesquisador e a própria cultura da comunidade a quem os participantes deram voz. A partir disso pode-se pensar numa construção relacional de necessidades compartilhada socialmente, uma vez que esse conhecimento atingirá a comunidade com uma comunicação e ações entre os sistemas envolvidos.

Para entender uma construção relacional social parte-se do pressuposto que mesmo que a pessoa esteja envolvida numa posição hierárquica tanto na família quanto na instituição, quando ela acredita que a solução de um problema possa encontrar novas perspectivas a partir de uma comunicação e de um encontro relacional compartilhado, o poder e o conhecimento deixam de ser centrados hierarquicamente e passam a ser compartilhados também na horizontalidade.

Acredito que para o participante, a percepção desse deslocamento de eixo de poder centrado na figura dos profissionais gerentes do sistema de saúde, criou oportunidade para que pudesse falar igualitariamente com os demais participantes sobre suas dificuldades pessoais, estresses, medos, dores, lutos, saindo da posição de cuidadores para receber o mesmo olhar de cuidado para si, o que lhes possibilitou ter maior empatia ao olhar para o outro, mediante o falar de medos e de sonhos, o que possibilitou uma abertura de conversação para uma mesma e a nova realidade.

Sob essa perspectiva, o pesquisador utilizando-se também de uma conversação igualitária contribuiu com uma ação e com sua sensibilidade nessa construção de sentidos e novos significados especialmente por sua crença nos efeitos desse encontro relacional entre profissionais cujo fazer se complementam.

Entre as observações que fiz ao longo do desenvolvimento do PRORFOPS está a de que o poder em determinadas circunstâncias é legitimado pelo conhecimento. Por exemplo, entre a classe médica existe um olhar diferenciado para os problemas de saúde, no qual a medicalização encontra-se atualmente em prioridade, não percebendo a importância do olhar complementar emocional, mediante as narrativas feitas pelos próprios donos da história. A prática tem demonstrado que a dor psicológica influencia as dores físicas, e que também podem vir, segundo Gergen (2010), de um encontro relacional. Acredito que precisam ser revistas algumas posturas no sentido de se considerar também as questões psicológicas que se encontram por trás dos problemas de saúde, incluindo, inclusive a nós profissionais nesses encontros. Também observei que há a necessidade de se abrir um espaço horizontal de conversação entre a própria equipe multidisciplinar para conversar sobre si mesma, ao mesmo tempo que se mobiliza para a busca de alternativas em sua história de trocas e construções de experiências em prol do usuário de saúde.

No PRORFOPS deparei-me com essa dificuldade mediante a postura de ausência dos médicos aos encontros para os quais foram convidados, ou pela participação apenas em parte dos que compareceram, o que revela ainda essa verticalidade na transmissão do conhecimento e cuidados com a saúde, tanto para com os usuários quanto para o próprio profissional de saúde.

Nesse contexto, o papel do psicólogo ainda é pouco vinculado a essa nova visão de cuidar de si e do outro em processo conversacional. Se essa realidade fosse mudada, será que diminuiriam as fronteiras entre as especialidades? Acredito que sim, porém ainda são incipientes as ações nessa direção. Retomando o pensamento sistêmico, acredito que ao pensar nesse acréscimo ao papel do psicólogo posso falar em uma integração entre as partes e o todo, reconstruindo as práticas do saber vigentes. Gostaria de acrescentar ainda que vejo na conduta dos médicos ao se ausentarem de encontros dessa natureza como uma repetição de padrão, na qual os detentores do saber podem autorizar-se a prescindir de determinados contextos e convívios. Isso nos faz pensar mais ainda na importância

do olhar complementar que o PRORFOPS poderia contribuir quando em suas ações embute o conceito de relações mais horizontalizadas e igualitárias para novas possibilidades nos sistemas atuantes.

Para finalizar, gostaria de apontar a alguns indícios de transformação que fui observando no desenrolar desse programa.

Os participantes do sexo feminino puderam entrar em contato com visões diferenciadas a cerca de seus múltiplos papéis na sociedade e na família. Algumas mulheres referiram-se à sobrecarga de papéis assumida, justificada simplesmente por sua condição de pertencer ao sexo feminino e ao estresse que daí decorre, evidenciando-se mais ainda no papel de cuidadora de saúde.

Muitos foram os questionamentos em torno do assunto, o que acredito que as tenha sensibilizado e mobilizado para uma postura de mudança.

Quanto aos participantes do sexo masculino, observei sua reação ao se verem incluídos num espaço de conversação e encontro relacional, no qual puderam ser detectadas algumas dificuldades, tais como falar em grupo, expressar os próprios sentimentos, e abordarem temas referentes à sua singularidade ou até mesmo assuntos familiares, porém isso só pode acontecer no eco das histórias compartilhadas pelo gênero feminino.

Quanto ao grupo de participantes, já ao final do programa observei mobilização e conversações nos encontros relacionais entre esses mesmos cuidadores, os usuários de saúde e seus próprios familiares.

Quanto à instituição em si e, em particular à gestora de saúde faço algumas colocações. Embora essa mesma gestora se encontrasse em uma posição hierárquica, participou do programa, o que trouxe certa horizontalidade às relações no sistema de saúde de Delfim Moreira e do PRORFOPS. Outro ponto que se ressaltou foi sua sensibilidade para os estresses a que estão submetidos os cuidadores de saúde, oferecendo-lhes o PRORFOPS num olhar de cuidadora para os profissionais que se encontravam sobre sua supervisão. Reputo-a como uma pessoa de visão, pensando na ressonância desse conhecimento na comunidade, o que beneficia a instituição como um todo em função de sua ação.

O que ficou marcado foram as experiências ao longo do programa, a forma de conversar, a emoção, o choro, as pausas, as escutas, as falas, o som, o tom, o não dito, a postura nas cadeiras, o lugar de se aconchegar no grupo, as parcerias, a individualidade, as diferença de postura, vínculos, enfim a visão do grupo como um

todo. As individualidades puderam ser observadas, sendo assim acredito que eles levam a experiências de um grupo que se encontrou e se percebeu, se ouviu na singularidade. E como vão utilizar isto no grupo maior da comunidade, ou em suas famílias de origem ou até mesmo com futuras gerações, sistematicamente pensando fica em aberto.

O mais significativo foi fazer e rever o próprio processo do PRORFOPS no processo da tese feita! O tempo todo era um ir e vir de releituras e nada ficava pronto, tudo tinha significado e fazia sentido, tudo estava interligado. Angustiava acabar o capítulo e ter que refazê-lo, porque as novas percepções, aprendizados, aconteciam em tempo real e com aberturas, possibilidades. A aplicação da prática sobre a temática já era história assim como os relatos significativos dos participantes que só teve sentido naquele momento de co-construção e como informações, elaboração, validação por todos, mas a tese continuava seu processo dinâmico e rico de trocas de experiências, o tempo todo em tempo real de novos aprendizados. Isto foi algo difícil de fechar só para entregar dentro de um prazo, uma regra. Pois estas conexões não se fecham na mente e continuam a agir, e causar emoções, cada vez mais encontrando novos significados sejam eles de existência, de relações, de organização de pensamentos e sentimentos, singulares ou sistêmicos, comunal ou individual. Trata-se de uma nova ferramenta para se olhar para o mundo em convívio e para as pessoas em aprendizado sobre o si mesmo e sobre o simesmo em relações. Estamos pensando de dentro da Pós-Modernidade, como donos da história, revisando e reconhecendo como é e como pode ser nossa forma de nos conhecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Influenciando a construção de significados

G1/ P5: A minha família, nós todos porque eu quero.

passamos o Natal juntos, porque a **G1/P5:** Pra mim não foi difícil, foi gente reza pra chegar o natal logo e gostoso, porque eu sou muito ape- de felizes para sempre, isso pra eles estar todo mundo junto. Então é gada mesmo a minha família, dos está no tão, tão, tão distante. uma coisa por prazer e não porque dois lados, então, é sempre muito **G2/ P8:** Eu acho que tudo o que a você tem que fazer, porque é um gostoso. Eu senti dificuldade de gente herda... o que eu herdei, o que ritual. Acaba sendo um ritual praze- pensar em um momento, uma deter- eu recebi foi o caráter, porque você roso! Essa é a diferença.

G1/ P5: Eu concordo. Porque daí, gostosa! Tem os momentos ruins isso é bom.

um dia que minha tia não quis pas- que você lembra, mas eu procurei **Pesquisador:** A pergunta é: Pra sar o natal com a gente, a gente sempre pensar no lado bom das onde esse aprendizado te levou? falou: “pô... onde já se viu a pessoa coisas.

G2/ P8: No que eu sou hoje.

não querer passar o natal com a **G2/P13** A maioria das histórias **Pesquisador:** Isso que você é ho- família inteira, a gente tudo junto e infantis... e a história que repete o “ je... o que você faz no que você é ela não quer...”. Isso não entrou na **Feliz para sempre”, que é a do She-** hoje?

nossa cabeça, entendeu?

rek, ele fala que isso está num mun-

G2/ P8: Eu tento fazer tudo o que

Mas é um direito dela..Mas eu vou do tão, tão distante. Quer dizer, essa eu recebi: acolhimento, caridade...

Incorporando ideias

G2/ P8: Eu trabalhei em cima dele, na vida dele, que eu não entrei por separe do seu pai ainda?"; ela diz porque ele não era viciado na pinga, acaso na vida dele. Se ele é assim e que não, que está gostoso! Então a mas ele gostava e a família inteira eu estou com ele é pra fazer dele gente tem que mostrar pra eles que gostava de uma pinguinha. E a M., uma pessoa melhor. Tem quatro nada na vida da gente acontece por às vezes, pedia as coisas pro pai anos que ele parou de beber e dois acaso, e se você sofre ou tem alguma dela e ele não deixava e ficava bra- anos que ele parou de fumar. Então, ma provação, é porque Deus te co- vo, ela me pedia pra largar dele, melhorou. Às vezes ela está bem, locou ali pra fazer dele uma pessoa porque ela não agüentava mais! Eu como ela está com ele agora lá em melhor. Eu penso assim: eu não falava pra ela que eu não estou à toa C., aí eu falo: “você quer que eu me estou à toa...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões que foram suscitadas nesse trabalho auxiliaram-me a perceber que o programa que elaborei para dar conta dos objetivos de minha tese visa a ajudar na compreensão de temas intergeracionais para se trabalhar com as relações familiares em direção a um processo de humanização, no qual o campo da Psicologia está inserido.

Para compreender a construção das duas grandes categorias temáticas desse estudo a “Contribuição do PRORFOPS para a compreensão por esse profissional da família de origem e atual enquanto sistema” e a “Contribuição do PRORFOPS para a compreensão das famílias por ele atendidas” planejei esse programa, cuja hipótese de temas passou mais por meu lado intuitivo, acrescido dos conhecimentos adquiridos em meus estudos intergeracionais na área de família. Para mim, foi um grande desafio viabilizar essa unificação e interconexão de temas.

Ao longo da implementação desse programa observei narrativas sobre ele mesmo e outras sobre as interações, as transformações e sentimentos que foram revistos ao longo do processo, abrangendo tanto a singularidade quanto o eu relacional dos participantes. Acredito que isso tenha ocorrido em função de meu olhar clínico ir ao encontro das necessidades dos mesmos.

Para introduzir as conversações sobre relações familiares imaginei os cuidados que deveriam ser tomados como prevenção para não invadir o outro em sua zona de conforto e de segurança. Se minha intenção era a de complementar conhecimentos, eu também deveria ter um cuidado para não ser invasiva nas relações com o outro. Falar de sentimentos e emoções mexe com nossos medos, um deles o do desconhecido, colocando o participante num lugar de insegurança, do não saber. Nessa preocupação estava implícita a informação de cuidados que se deve ter para com o outro, inclusive com o cuidador.

Acredito que quando se abre espaço para conversar, começando por um tema familiar, exista uma boa chance do novo poder ser conhecido e útil e o antigo ser reorganizado.

Ao final do programa, mediante a análise dos dados, acredito que tenha havido um processo de compreensão reorganizado e elaborado de forma a não ser mais o mesmo entendimento, mesmo que tenha sido sobre o mesmo tema.

Utilizando de uma metáfora, eu diria que sempre esteve ali presente o mesmo rio, porém não a mesma água, pois os participantes foram se reorganizando e se transformando continuamente. Então, em minha visão o sair do conhecido fez com que os conhecimentos complementares entrassem de forma convidativa e a co-construção de uma realidade se instaurasse nessa nova linguagem relacional com ênfase nos aspectos intergeracionais.

Nessa hora não tem como não ver o outro em seu lugar de ser humano íntegro, pensando, sentindo, expressando, portanto agindo, conectando-se com seu eu relacional interior. Ao pedir que o participante relembrasse de algo familiar relacionado a suas experiências relacionais e compartilhasse no grupo, tinha em mente que ele buscasse essa experiência dentro de si, conectando-se com o interno, portanto o afeto, e com a comunicação afetiva experienciando-a com o outro.

Embora meu olhar de pesquisadora estivesse direcionado para a problemática e para os objetivos da tese, não posso deixar de apontar que para se falar ou compreender a estrutura e dinâmica da família, ou das relações familiares intergeracionais com um olhar emocional foi preciso pensar em vivências para que o programa desse conta de fazer vínculos reais, criar um espaço de comunicação afetiva, antes de introduzir os novos temas pensados.

Acredito que esse conjunto de fatores no qual os participantes reviam seus significados contribuiu para que se criasse um novo sentido, o que deixaram transparecer em suas vozes na pesquisa. O tempo todo se olhava para o externo em contextos relacionais familiares, para o grupo, para os usuários do sistema de saúde, e depois um outro olhar para dentro de si e suas conexões com o eu relacional, nas relações internas, assim as conexões foram sendo feitas nesse movimento de idas e vindas do interno para o externo e vice-versa, propiciando assim um pensar circular e de movimento.

As conversas fluíam das relações da família de origem, para a família nuclear, do passado para o presente, para as fases do ciclo vital, para questões pessoais de como o participante se percebia e do que não conhecia. Enfim, percebia-se o tempo inteiro como a temática usada dentro da Intergeracionalidade contribuia para a assimilação desses novos conhecimentos, ao mesmo tempo em que ajudava a melhorar a compreensão das dinâmicas da família, mobilizando os participantes para uma nova posição.

Os temas agiam mobilizando-os, ou pelos diálogos, ou conversações inovadoras, ou ainda pela comunicação afetiva, que entravam como questionamentos sobre como era o “antes” e como é o “agora”, marcando as diferenças da pessoa em sua singularidade, quer seja pelas famílias com suas migrações, por questões temporais e atemporais, pela maneira de se relacionar, ou mesmo apontando as diferenças nas pessoas e o respeito necessário quando se adquire o conceito de uma co-responsabilidade na relações.

Algo que chamou minha atenção foi o fato de na busca de compreensão das famílias da comunidade, poucos dados foram explorados, aparecendo mais conteúdos pessoais entrelaçados com os dos temas, faltando uma percepção da continuidade histórica da família. Porém, observei que foi ampliada a comunicação com os usuários do sistema de saúde, a exploração de novos temas, uma comunicação mais aberta, uma mudança de linguagem para a questão da saúde biomédica e saúde psicológica, as duas sendo integradas na Unidade Básica de Saúde da cidade de Delfim Moreira. Independente de tudo isso, nas conversas extra sala, apareciam as falas sobre acolhimento e novas conversações sobre aspectos pessoais, nas quais os participantes apontavam para ter mais o que perguntar e ouvir. Por exemplo, lidar com o Genograma dentro da Abordagem Integeracional foi uma novidade, embora a indicação do uso desse instrumento apareça em publicações, sendo seu uso aconselhado nas políticas públicas da área da saúde. Porém, os participantes apontaram que nunca o tinham feito, mesmo que a temática fosse herança genética ou o histórico de doenças que as famílias trazem.

A identificação com as histórias das famílias numerosas contribuiu para que se percebessem também em igualdade de cultura, de linguagem e de emoções, na proporção em que percebiam as diferenças e semelhanças que as famílias trazem na forma de funcionar. Os desdobramentos apareciam no tamanho do Genograma, no “Livreto de Memórias” apareciam as famílias e suas peculiaridades, inclusive, a do indivíduo e suas memórias sobre o si mesmo.

Outro aspecto que chamou minha atenção foi o fato de, apesar de Delfim Moreira ser uma comunidade pequena e possuir uma cultura interiorana com aspectos tradicionais mineiros, eles encontraram dificuldades para nomear, colocar datas, em alguns momentos até mesmo sobre familiares mais próximos. Enfim, mostraram-se desabituados a lidar com dados mais específicos sobre a família, entretanto sabiam de fatos importantes que ocorreram com alguns membros da

família, como passagens difíceis ou alegres, o que denota o tipo de memória que valorizam.

Independente dos fatores que facilitaram ou dificultaram a conexão do participante com seu passado, observei que todos estavam envolvidos num processo de construção de uma nova linguagem que partiu do relacional como algo novo e do intergeracional como algo conhecido.

Nessa construção de sentido, as trocas de experiências foram incentivadas como algo complementar, como um aprendizado que respeita as diferenças, que resgata a auto-estima pela confiança em si, em suas experiências, em sonhos futuros nas interações. Nesse ponto me pergunto: Seria este um dos papéis do PRORFOPS? Será que ele deu conta de resgatar a inteligibilidade relacional nas trocas ocorridas pelas conversações transformadoras e pela comunicação afetiva? Será que deu conta de contribuir para a co-construção de linguagens que capacitam, que criam e resgatam o ser humano nas interações?

A resposta a todas essas questões constituiu-se em uma de minhas maiores surpresas. Na condição de pesquisadora apenas intui que os resultados do programa pudessem ir além daqueles que imaginei ao planejar o PRORFOPS. Hoje, porém, acredito que o pesquisador possa apenas criar oportunidades para que o outro transforme sua auto-identidade e tenha acesso à sua ação. Ao longo do desenvolvimento desse programa pude observar que tanto para se instaurar quanto para restaurar a autocompetência é preciso ressignificar e transformar a auto-história. Acredito também que todos nós nascemos com capacidade para darmos sentido às nossas próprias vidas, e agora, após esse programa creio que tal construção de sentidos passa pelo resgate de nossas raízes e de nossa cultura. Em outras palavras eu diria que a autocompetência, o autogerenciamento não são frutos de algo que nos é dado por alguém, nem mesmo pelas figuras do terapeuta ou do pesquisador. A única coisa que podem fazer é participar de um processo que crie condições para que tais habilidades surjam, e isso creio que esse programa tenha ajudado a construir.

No processo de análise dos dados e discussão dos resultados constatei que todos os objetivos propostos foram atingidos, porém não com essa amplitude, clareza e com os conhecimentos evidenciados no âmbito das trocas relacionais.

Em minha opinião isso ocorreu em função de todo um processo, do distanciamento ocorrido entre a aplicação do programa e de sua análise

propriamente dita. Nesse hiato de tempo pude refletir sobre todas as falas dos participantes, interconectando-as com as teorias e minha experiência clínica, o que fez com que meus horizontes tanto prático quanto teórico se ampliassem no olhar da pesquisadora.

Quanto a algo inesperado, poderia dizer que isso ocorreu em relação à quantidade de interconexões que puderam ser efetuadas. No momento em que o PRORFOPS estava sendo aplicado, várias vezes foi perguntado ao participante se ele tinha dúvidas. A resposta quase sempre era negativa, isso porque acredito que ele aprendia ao mesmo tempo com a fala do grupo, com o conteúdo apresentado, e ainda mediante a percepção de semelhanças e diferenças entre suas próprias interações familiares e a dos demais participantes.

Para encerrar essas reflexões gostaria de registrar mais uma percepção a de que houve um deslocamento do discurso pessoal para o coletivo. Se a visão anterior era a de que a pessoa possui um problema, hoje com o acréscimo da visão de que as relações também podem ser a causa dos problemas, o lado emocional e o relacional foram levados em conta. Com essa alteração do discurso do problema, houve também um deslocamento de discurso para a busca de soluções, agora não mais individual e sim coletiva. Acredito que, hoje, os participantes desse estudo não mais veem os problemas como sendo especificamente de alguém, e sim como sendo também de responsabilidade de pai, mãe, avô, avó, filho, filha, comunidade, enfim de todos os sistemas interconectados.

Ao refletir sobre esse conhecimento, fui tomada por mais uma compreensão a de que para que as trocas relacionais transformadoras ocorram é preciso que se inicie de um olhar que transite entre o macrocosmo e o microcosmo. Torna-se importante que esse olhar transite entre o todo e o singular, cujo equilíbrio é atingido quando o indivíduo se conhece e é respeitado em sua singularidade dentro de um sistema familiar intergeracional e outros sistemas amplos. Minha resposta sobre como se chega a isso não pode ser outra senão a de se fazer perguntas reflexivas: Qual é a relação disso com minha vida? Como este conhecimento interfere em mim, no outro e nos outros? Aí se entra em um estado de alerta tanto para conosco mesmo quanto para com os outros no ininterrupto movimento relacional da vida e das diferenças em constantes transformações.

Após essa tese, eu até ouso afirmar que não é preciso desconstruir narrativas para construir o novo, talvez, fosse interessante “religar” ou “reinterpretar” fatos sob

uma outra visão. Hoje, acredito na força de outro processo que é o de reorganizar para que se chegue a um novo lugar de percepção. Talvez, a maior contribuição que possa ser oferecida pelo PRORFOPS esteja relacionada à compreensão de que um encontro relacional pode abrir o espaço necessário para uma reorganização de como se pensa, daquilo que se percebe, respeitando a visão de um contexto e de uma cultura. Ao pensar em construção e desconstrução refiro-me a uma construção linguística, já em nossa cultura que é tida como mais afetiva, julgo que um processo de reorganização emocional das experiências de vida possa fazer mais sentido quando abordado pela conversação do eu relacional iniciando pelo olhar intergeracional.

Pensando em termos de propostas de capacitação ou de complementação de estudos, em minha opinião, num primeiro momento, nesse processo de reorganização deve-se olhar para o antigo, ou seja, olhar para as experiências passadas de um outro lugar, mais como possibilidade de se abrir um espaço para se ver no hoje, refletindo sobre o eu relacional do amanhã, uma conexão sem dicotomia temporal para que as pessoas possam, num segundo momento, ressignificar os olhares sobre si mesmas em questões relacionais, interligando-se com suas raízes e sua cultura, o que culminaria num terceiro momento em que a pessoa estaria mais livre para fazer novas escolhas, fazer novos projetos.

Após o desenvolvimento de minha tese, no caso específico do PRORFOPS associado à área de saúde, vislumbro-o agora em 3 módulos: um de reorganização das experiências de histórias de vida, um segundo módulo de tomada de consciência de si mesmo dentro da história, e num terceiro e último módulo eu o penso como um espaço de conversações no sentido de propiciar ao participante momentos de reflexão que o ajudem a contribuir enquanto profissional para as questões humanas e de cidadão.

Para encerrar essas considerações, gostaria de reafirmar que embora tenha havido uma gama enorme de interconexões possibilitadas ao longo do PRORFOPS, tais resultados não conseguiram abranger toda a riqueza, a profundidade, a pluralidade, a comunicação e a transmissão aí existentes, mas creio que possam servir como base de orientação para se pensar em trabalhos relacionais com profissionais na área da saúde, que escolheram cuidar do outro, mas que possam adquirir um olhar mais integrado para si e para o outro.

REFERÊNCIAS

Celebrando as transformações

G1/ P4: Eles não estudam no mesmo horário que eu, mas eles sempre tem atividades. Então eu acordo, quarto do D. vejo se ele está coberto... Todos os dias do mesmo jeito. Primeiro é o desejo bom dia, Deus te abençoe, ta to. Eu só dou uma olhadinha na hora de levantar. Eles levantam sim... se está meio descoberto eu pra tomar café, ai eu saio pra trabalhar e falo fica com Deus, se preciso. Mas sempre mexidinha. Vou no quarto da G. e tem "Deus te abençoe", "Vai com da P. olho a mesma coisa ajeito a Deus". Se vai pra escola eu falo pra coberta.

Pesquisador: Porque ele primeiro na escola, pra G. prestar a atenção. Falo pro D. ficar quieto

G1/ P4: Porque do meu quarto, o Dou um beijo e passo a mão na cabeça. Tem um ritual muito engraçado que eu achava que era mania e hoje eu vejo que é ritual. Eu acordo

G1/ P4: Vocês falaram que é o quarto que eu passo é o dele.

G1/ P4: Meu pai fazia isso comigo. Quando na minha adolescência, minha mãe ficava dormindo até mais tarde e eu levantava para ir a escola e meu pai que estava preparando o café, então ele fazia isso... uma coisa legal que eu lembrei agora é que eu adorava café espumado, aí tinha uma empregada lá em casa que pegava a caneca e ficava passando o café de uma para a outra pra esfriar e fazia muita espuma; e a G. adora espuma. Às vezes o café dela ta no ponto e ela fica me olhando com aquele olhinho e eu falo, o que você quer, G.? "Não tem espuma hoje?"

Lidando com o domínio

G2/P9: Mas em compensação era boa, na dela, e ela era submissa. com os homens?
assim: "pai, posso ir na rua?", ele **G2/P13** Eu falei uma coisa agora a **G2/P11:** Então, como ele não queria o casamento do meu pai com a
respondia: "não!"; "posso ir a mis- pouco e vi que as mulheres da mi- ria a
ria?", "não!". Era só não que ele nha família são muito bravas e são minha mãe, ele falou que não ia
respondia! Então, era um autorita- elas que determinam a situação; e as querer bem essa criança. Porque só
rismo muito grande, e a minha mãe, coisas são muito repetitivas por depois de dois meses de casada que
a relação dos dois era boa; porque a parte dos homens. Como elas po- minha mãe falou que tava grávida.
minha mãe era submissa, pra não ter dem ser bravas e ao mesmo tem não Áí meu avô falou que não ia querer
atrito com o meu pai, ela ficava na enxergar o que está acontecendo essa criança...

REFERÊNCIAS

- ANDERSEN, T. **A linguagem não é inocente.** Rio de Janeiro. Revista Nova Perspectiva, 1997, n° 7, p.5-11
- _____. **Processos Reflexivos** / Tom Andersen: Tradução: Rosa Maria Bergallo. Rio de Janeiro: Instituto NOOS, ITF, 1999, 1^a reimpressão.
- _____. **Processos Reflexivos** / Tom Andersen: Tradução: Rosa Maria Bergallo. Rio de Janeiro: Instituto NOOS, ITF, 1999, 1^a reimpressão.
- ANDERSON, H. **Conversação, Linguagem e Possibilidade: Um enfoque pos-moderno da terapia** / Harlene Anderson; [tradução o Mônica Giglio Armando; revisão científica Claudia Bruscagin]. – São Paulo: Roca, 2009, prefácio, p.X, XIX ,XXII, XXIII, 24, 25.
- _____. (2007). **The heart and spirit of collaborative therapy: The philosophical stance –“A way of being” in relationship and conversation.** In H. Anderson; D. Gerhart (eds.), *Collaborative therapy –Relationships and conversations that make a difference* (pp. 43-59). New York: Routledge
- ANDOLFI, M; ÂNGELO, C. **Tempo e mito em psicoterapia familiar** (F. Desidério, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1988, p.33.
- _____. MENGHI, P.; NICOLI-CORIGLIANO, AM **Por trás da máscara familiar Um novo enfoque em terapia da família** (3. ed., M. C. R. Goulart, Trad.) Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1984.
- ASSIS, WRL. **O caminho intergeracional dos sentimentos: estudo dos padrões afetivos transmitidos pela família.** Psicologia Clínica, Mestrado (Dis.) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.
- _____. “**Especula de Rodinha**” : **Memórias, Releituras, Ressignificações na Ação de uma Curiosa.** In *Intergeracionalidade: heranças na produção de conhecimento* / organizadora Ceneide Maria de Oliveira Cerveny. – São Paulo: Roca 2011 capítulo 11, p.101.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.1992 p.403.

BALLONE GJ - **Síndrome de Burnout** - in PsiqWeb, Internet, disponível em Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br>> revisto em 2009. Acesso em: 28/01/2010.

BATESON, G. **Steps to an ecology of mind**. New York: Ballantine, 1972, p.453.

BARNETT PEARCE,W. **Making Social Worlds: A Communication Perspective**. USA/MA: Blackwell Publishing: 2010, p.50,52,53, 54,55

BARDIN, L **Analise de conteúdo**.[s.l.] Edições 70, 1997.

BÖING, E. et al. **A Epistemologia Sistêmica como Substrato à Atuação do Psicólogo na Atenção Básica**. PSICOLOGIA, CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2009, 29 (4), 828-845

_____. CREPALDI, MC; MORÉ, C. **A Epistemologia Sistêmica como Substrato à Atuação do Psicólogo na Atenção Básica**. PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2009, 29 (4), p.387.388.

BOSCOLO, L; BERTRANDO,P. **Terapia Sistêmica e Linguagem do Interesse pela Organização do Sistema à Centralidade da Linguagem**. Rev. "Pensando Famílias" Porto Alegre: Editora Domus, ano 6, n.7, novembro 2004 (p.18)

BOSZORMENYI-NAGY, I. SPARK, G. M. **Invisible Loyalties: Reciprocity in Intergenerational Family Therapy**. Buenos Aires: Amorrortu, 1973.

BOWEN M. **Family Therapy in Clinical Practice**. New York: Aronson,1978, p. 134, 535.

_____. **De la familia al individuo: la diferenciación del si mesmo em ele sistema familiar**. Tradução Beatriz Anastasi de Lonné. Buenos Aires, Paidós, 1991

_____. **Theory and practice in psychoterapy**. In P.J.Guerin (Ed.), **Family Therapy: theory and practice**, New York, Gardner Press,1976,

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI Nº 3.807, DE 26 DE AGOSTO DE 1960. Dispõe sobre a Lei Orgânica da Previdência Social. Disponível em:<<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/1950-1969/L3807.htm>>. Acesso em: 6/01/2011.

_____. Lei Orgânica do SUS - 8 080 de 19/9/1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8080.htm>. Acesso em 08/11/2010.

_____. Lei 8.142 de 28/12/1990. Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/legislacao/lei8142_281290.htm>. Acesso em: 08/01/2011.

_____. Portaria Nº 648, de 28 de Março de 2006. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes e normas para a organização da Atenção Básica para o Programa Saúde da Família (PSF) e o Programa Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Disponível em: <<http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2006/GM/GM-648.htm>> Acesso em: 08/01/2011

_____. Ministério da Saúde. Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. Série B. Textos Básicos de Saúde. Série Pactos pela Saúde 2006, v. 9 Brasília - DF, DAVINI, MC. **Enfoques, Problemas e Perspectivas na Educação Permanente dos Recursos Humanos de Saúde**, 2009, 39,40, 43,44, 57. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_educacao_permanente_e_saude.pdf>. Acesso em: 23/01/2011.

_____. **Ministério da Saúde. Emenda Constitucional 29/2000.** Garante financiamento da saúde. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2005/ec29.htm>. Acesso em: 23/01/2011

_____. **Ministério da Saúde. Portaria nº 373, DE 27 de fevereiro de 2002** Aprova, na forma do Anexo desta Portaria, a Norma Operacional da Assistência à Saúde - NOAS-SUS 01/2002. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0373_27_02_2002.html> Acesso em: 23/01/2011.

_____. **Ministério da Saúde. Resolução nº196/96.** Dispõe sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos. Disponível em: <<http://www.bioetica.ufrgs.br/res19696.htm>> Acesso em 28/12/2011

BRAUN,K.; BOCK,J. **Cicatrizes da infância.** Rev.Mente e Cérebro, Ed.especial, nº 9 (p.41)

BREUNLIN, DB; SCHWARTZ, RC; MAC CUNE-KARRER, B. **Metaconceitos.** São Paulo: Artmed, 2000, p.243

BRUNER, J. **Actual Minds, Possible Worlds.** Cambridge, MA: Harvard University Press. 1986.

CALIL, V. L. L. **O modelo sistêmico.** In Calil, V. L. L. **Terapia familiar e de casal: introdução às abordagens sistêmica e psicanalítica.** São Paulo: Summus.,1987, p.103.

CANAVARRO, MCS. **Relações afectivas e saúde mental: uma abordagem ao longo do ciclo de vida.** Coimbra: Quarteto, 1999, p.27,28.

CARTER; McGOLDRICK **The Expanded Family Life Cycle: Individual, Family, and Social Perspectives (An Allyn & Bacon Classics Edition) (Book Alone) (3rd Edition) (Allyn and Bacon Classics in Education),** 2007, p.135

_____. et al. **As mudanças do ciclo de vida familiar - uma estrutura para a terapia familiar.** Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CERVENY, C. M. de O. **A Família como um Modelo: Desconstruindo a Patologia.** São Paulo: Artes Médicas, 1994, p.26, 112

_____. **Histórias familiares: conversando sobre mitos, crenças, segredos e profecias.** Em D. Natrilli (Org.), **Século XX e XXI: o que permanece e o que se transforma.** (Vol.8, pp. 59-64). São Paulo: Lemos, 1996, p.112.

_____. (Org.) **Família e ciclo vital: Nossa pesquisa em realidade.** São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 1997, p.50

_____. KUBLIKOWSKI,I. **O eu e o elo: a história de uma herança.** Rev. ABPAG, vol.7, 1998, p.11

_____. **Visitando a família ao longo do ciclo vital /** Ceneide Maria de Oliveira Cerveny, Cristina Mercadante Esper Berthoud. - São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p.21, 22,23, 25, 26, 27

_____. **A família como modelo -** desconstruindo a patologia. Campinas: Editorial Livro Pleno, 2001, p.50.

COSTA, GD et al. **Saúde da família: desafios no processo de reorientação do modelo assistencial.** Rev. bras. enferm., Brasília, v. 62, n. 1, Feb. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672009000100017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 Jan. 2011.

DAVIES, B; HARRÉ, R. **Positioning – the discursive production of selves.** Journal for the Theory of Social Behaviour. Vol. 20(1):44-63

DAMATTA, R. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social.** São Paulo:Rocco, 1987.

ELKAÏM, M. **Terapia Familiar em transformação.** São Paulo: Editora Summus, 2000, p.155

_____. **Como sobreviver à própria família.** [tradução de Maria Alice S. Doria] São Paulo: Integrare Editora, 2008, p.20

FALICOV, JC **Transiciones de la familia: continuidad y cambio en el ciclo de vida.** Buenos Aires, Amorrortu (1991)

FRANCO TB, BUENO WS, MERHY EE. **O acolhimento e os processos de trabalho em saúde: o caso de Betim, Minas Gerais, Brasil.** Cad Saúde Pública 1999; 15(2): 345-353.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** Biblioteca digital. Disponível em: <<http://www.paulofreire.ce.ufpb.br/paulofreire/principal.jsp>> Acesso em: 29/01/2011.

FOLEY, V. D. **Introdução à terapia familiar.** (J. O. A. Abreu, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/csp/v15n2/0319.pdf>> Acesso em: 22/01/2011.

GARFINKEL, H. **Studies in Ethnomethodology.** USA/MA: Blackwell Publishing: 1967, p.41

GERGEN, JK. **El yo saturado dilemas de identidad en el mundo contemporâneo.** BARCELONA, PAIDÓS 2006, p.19, 330.

_____. **Relational being: Beyond self and community.** Oxford: Oxford University Press, 2009, pp.26,44

_____. GERGEN, M. **Construcionismo Social: um convite ao diálogo.** Editora do Instituto Noos, 2010, p.37

GOLDSMID, R.; FÉRES-CARNEIRO, T **A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão** Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 293-308, dez. 2007, p.305,306. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n1/v12n1a06.pdf>> Acesso em: 29/12/2010.

GRANDESSO, MA. **Família e narrativas: histórias, histórias e mais histórias.** In Cerveny, C.M. de O. (Org.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006b, p.26.

_____. **Desenvolvimentos em terapia familiar: das teorias às práticas das práticas às teorias.** Publicado em L. C. Osório e M. e. P. Do Valle (org.). Manual de Terapia Familiar, Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 1, 3, 10, 12, 14, 18. Disponível em:<<http://www.dialogosproductivos.net/upload/publications/04092009174325.pdf>> Acesso em: 02/01/2011.

_____. **Terapia Comunitária: Uma Prática Pós-moderna Crítica - Considerações Teórico-epistemológicas.** Nova Perspectiva Sistêmica, v. 1, 2009, p. 3,4,12,13.

_____. Workshop do INTERFACI Instituto de Terapia: Família, Comunidade, Casal e Indivíduo, junho/julho, 2009

GUANAES, C; JAPUR, M.. **Contribuições da poética social à pesquisa em psicoterapia de grupo.** Estud. psicol. (Natal) v. 13, n. 2, Aug. 2008. Available from<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2008000200003&lng=en&nrm=iso>. access on 15 Jan. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2008000200003>

HALEY, J. **Problem solving therapy.** San Francisco: Jossey-Bass. 1978. Disponível em:<<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=>

google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=520668&indexSearch=1D>. Acesso em: 5/01/2011.
Parte inferior do formulário

HINTZ, HC. **Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade.** Pensando Famílias, 3, 2001; (8-19).

IBGE - **Síntese dos Indicadores Sociais/2010.** Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsociais2010/default.shtml>> Acesso em 23/12/2010.

_____. - **XX Censo Demográfico Brasileiro/ 2010.** Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/censo2010/index.php>> Acesso em 27/12/2010

_____. - **Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios/2006,** Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/default.shtml>> Acesso em 27/12/2010

IMBER-BLACK, E.;ROBERTS, J **Ritual for our times.** Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, Inc. 1998, p.143/191.

KERR, M. E; BOWEN, M. **Family evolution: An approach based on Bowen theory.** New York: W. W. Norton & Company, 1988, p.135, 139,

KROM, M. **Família e mitos, prevenção e terapia: resgatando histórias.** São Paulo: Summus, 2000, p.11.

LONDON, S. **Client's Voices: A Collection of Clients' Accounts.** Journal of Systemic Therapies, 1998, Vol 17 (4).

MARTINS E; RABINOVICH E; SILVA C. **Família e o processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: um estudo de caso.** Psicologia USP, São Paulo, abril/junho, 2008, 19(2), p.183, 184. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/icse/v9n16/v9n16a02.pdf>> Acesso em: 22/01/2011.

MATUMOTO, S. ET AL. **Supervisão de equipes no Programa de Saúde da Família: reflexões acerca da produção de cuidados,** Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.9, n.16, p.9-24, set.2004/fev.2005, p.12.

MCGOLDRICK, M. **Novas abordagens da terapia familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica.** São Paulo: Roca, 2003, p.475

____ ; GERSON, R. **Genetogramas e o Ciclo de Vida Familiar.** In CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. e COLS **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma estrutura para a terapia familiar.** Porto Alegre: Artmed, 2001, 145.

MACEDO, RMS. **AÇÃO FAMILIA / VIVER EM COMUNIDADE. Metodologia inovadora de trabalho com famílias, comunidades e redes.** Prefeitura da cidade de São Paulo - Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social, 2008, p.XIV, XV, XIX.

____ **Macho, Fêmea Homem, Mulher, Feminilidade, Masculinidade... Questão de gênero.** Nós Mulheres, vol. 3 / [Silvia Bruno Securato, organizadora]. São Paulo: Oficina do Livro 2004, p.39-50.

____ **A trajetória da mulher** Nós Mulheres, [Silvia Bruno Securato, organizadora]. São Paulo: Oficina do Livro 2002, p.28-29.

____ **Diversidade Cultural: Desafio para o terapeuta familiar,** aula ministrada no Curso Práticas Colaborativas – Certificado por Houston Galveston Institute / Taos Institute e Interfaci - Agosto

MCNAMEE, S.; GRANDESSO,M. - Workshop “**Conversações Transformadoras**” - Anexa (Associação de Alunos e Ex-Alunos do Núcleo de Família e Comunidade) – PUC/SP – 31 de agosto a 01 de setembro de 2.007

MIERMONT, J. **Dicionário de terapias familiares: Teorias e práticas.** Tradução de Carlos Arturo-Molina-Loza. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p.

MINUCHIN, S. **Família, Funcionamento e Tratamento.** J. A. Cunha. (Trad.). Porto Alegre: Artmed, 2ª ed.,1982, p.63

____. FISHMAN, H. C. **Técnicas de terapia familiar.** Porto Alegre: Artes Médicas,1990.

____. **Famílias, Funcionamento e Tratamento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MONETA, M E. et al. **El apego - Aspectos clínicos y psicobiológicos de la díada madre - hijo.** Santiago de Chile, Editorial Cuatro Vientos, 2003, 21, 23, 33.

NEGRI,B. Assitênciá básica de saúde: menos doença, mais vida [on line] Disponível em: <http://www.saude.gov.br/apresenta/acoes/assistencia.htm>> Acesso em 05/11/2010

NICHOLS, MP. **Terapia familiar: conceitos e métodos** / Michael P. Nichols, Richard C. Schuartz; tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. – 7^a. Ed.- Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 312.

OLIVEIRA, A. L. de. **Irmãos, meio-irmãos e co-irmãos: a dinâmica das relações fraternas no recasamento**. Tese de Doutorado. PUC, São Paulo, 2005, p.163.

PAPER, D. V. **A teoria sobre os sistemas familiares de Bowen**. In M Elkaim (Org.), Panorama das terapias familiares (E. C. Mellen, trad., Vol. 1, São Paulo: Summus, 1998, p.87

_____. Bowen Family Systems Theory. Harcourt, 1989

PAULA, KA; PALHA, PF; PROTTI, ST. **Intersetorialidade uma vivencia prática ou um desafio a ser conquistado? O discurso do sujeito coletivo dos enfermeiros nos núcleos de saúde da família do distrito oeste- Ribeirão Preto**. Rev Interface-Comunic Saúde Educ; 2004; 8(15): 331-48.

PROGRAMA AÇÃO FAMÍLIA – VIVER EM COMUNIDADE. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/Programa_Acao_Familia_Viver_em_Comunidade_1260969736.pdf Acesso em 25/02/2011

RASERA, EF.; GUANAES, C. **Momentos marcantes na construção da mudança em terapia familiar**. Psicologia: Teoria e Pesquisa (UnB. Impresso) v. 26, p. 315-322, 2010.

RABINOVICH, E. P. **Contextos coletivistas de desenvolvimento: uma análise comparativa intercultural**. In E. R. Lordelo, A. M. A. Carvalho; S. H. Koller (Orgs.), Infância brasileira e contextos de desenvolvimento (pp. 165-204). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

RIVIÈRE, P. **A teoria do vínculo**, Martins Fontes, 1998.

ROSA, WAG; LABATE, RC. **Programa Saúde da Família: a construção de um novo modelo de assistência** Rev Latino-am Enfermagem 2005 novembro-dezembro; 13(6):1027-34, p.1030. Disponível em:<<http://www.eerp.usp.br/rlae>> Acesso em: 10/01/2011.

ROSCHE, M.A.; BRITO, P.; PALACIOS, M.A. **Gestão de projetos de educação permanente nos serviços de saúde: manual do educador**. Washington: OPS/OMS, 2002. (Série Paltex, n. 44).

SANTANA, Milena Lopes; CARMAGNANI, Maria Isabel. **Programa saúde da família no Brasil: um enfoque sobre seus pressupostos básicos, operacionalização e vantagens**. Saúde soc., São Paulo, v. 10, n. 1, July 2001, p.48. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902001000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 Jan. 2011.

SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE DO ESTADO DE MINAS GERAIS – **Plano Estadual de Saúde**. Disponível em: <http://www.saude.mg.gov.br/publicacoes/planejamento-gestao-em-saude/sistema-de-gestao-do-sus/Plano%20Estadual%20de%20Saude.pdf> (Acesso em 10/01/2011)

SHOTTER, J. **Conversational realities: constructing life through language**. Londres: Sage. (2000).

_____. **Construcción de las realidades conversacionales: claves que utilizamos en la selección de nuestros caminos**. Seminário promovido pela FUNDACIÓN INTERFAS, Buenos Aires, 29-30/10/ 2009

_____. **"Momentos de vida" em trocas dialógicas**. Departamento de Comunicação, University of New Hampshire, Durham, NH, U.S.A. e Arlene M. Katz Departamento de Medicina Social, Harvard Medical School, Boston, MA, U.S.A, 1993 p. 32,74,85,86,87.

SILVA, IZQJ. **O trabalho em equipe no PSF: investigando a articulação técnica e a interação entre os profissionais**. Rev Interface-Comun Saúde Educ. v. 9(16): 28. p.25-38, set.2004/fev.2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v9n16/v9n16a03.pdf>>. Acesso em: 22/01/2011.

SLUZKI, CE. **Transformations: A blueprint for narrative changes in therapy**. Family Process, 31(3): 217-230, 1992.

SPINK, MJP. **A ética na pesquisa social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica.** Revista Semestral da Faculdade de Psicologia da PUCRS. 2000, v. 31, n. 1, jan./jul., p. 7-22

TALAVERA, DA. **Prácticas Socioconstrucciónistas y colaborativas.** Psicoterapia, Educación y Comunidad. Editora Unasletras, Primeira edição, 2010.

TOMM, K. **Reflexive questioning: a generative mode of inquiry.** Unpublished manuscript, 1985.

TRACHTENBERG, ARC; KOPITTKE, CC; PEREIRA, DZT; CHEM, VDM.; MELLO, VMHP. **Transgeracionalidade: de escravo a herdeiro: um destino entre gerações.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

WALDEGRAVE, C. **Novas Abordagens da Terapia familiar (raça cultura e gênero na prática clínica).** Novas abordagens da terapia familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica / [editado por] Mônica McGoldrick; [tradução Magda Lopes; revisão científica Rosemarie Rizkallah Nahas]. – São Paulo: Roca, 2003, p.465, 466,

WATZLAWICK, P. ET AL. **Pragmática da Comunicação Humana**, 10^a ed. São Paulo: Cultrix, 1966, p.45.